



# esporte e sociedade

*um olhar a partir  
da globalização*

organizadores

*Marco Bettine*

*Gustavo Luis Gutierrez*

ie|



Instituto de  
Estudos  
Avançados da  
Universidade de  
São Paulo



# esporte e sociedade

*um olhar a partir  
da globalização*

**organizadores**

*Marco Bettine*

*Gustavo Luis Gutierrez*

ie]  Instituto de  
Estudos  
Avançados da  
Universidade de  
São Paulo

DOI: 10.11606/9788563007131

Esporte e sociedade: um olhar a partir da globalização / organização Marco  
Betinne e Gustavo Luiz Gutierrez. São Paulo: IEA-USP, 2019.

272 p. Il.

Textos em português e inglês.

Bibliografia.

ISBN: 978-85-63007-13-1

DOI: 10.11606/9788563007131

1.Esporte - Globalização 2. Esportes – Aspectos antropológicos 3. Esportes –  
Aspectos sociais I.Betinne, Marco, org. II.Gutierrez, Gustavo Luiz, org.

CDD -796.07

*É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que  
citada a fonte e autoria. Proibido qualquer uso para fins comerciais*

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO



Reitor

Vahan Agopyan

Vice-reitor

Antonio Carlos Hernandez

INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS



Diretor

Paulo Saldiva

Vice-diretor

Guilherme Ary Plonski



# Apresentação

A produção de conhecimento é dinâmica, transforma-se no tempo, com os pesquisadores procurando acompanhar as mudanças e expectativas da sociedade. O fim do século XX, com a queda do muro de Berlim e a crise de paradigma, impactou fortemente em todos os aspectos da vida social e política.

Nesse leque de grandes mudanças o estudo do esporte, principalmente a partir do olhar sociológico, constitui uma das áreas que mais se expandiu. Se na maior parte do século XX o esporte aparece como objeto acanhado e secundário, a partir do final do século passado ele vai se constituir num elemento que perpassa diferentes camadas sociais, movimenta somas importantes na economia e se apresenta muito mais rico e multifacetado.

Temos assim dois movimentos distintos, que convergem e se complementam. Assistimos a uma forte transformação do papel do esporte na sociedade e da sua apropriação a partir de diferentes canais, partindo da questão midiática, passando pela dimensão econômica e chegando à própria construção da subjetividade do sujeito social. Hoje, em um jornal, vamos encontrar referências ao campo esportivo tanto na seção de saúde como nas páginas policiais, tanto no caderno de economia como no de moda. É de se esperar que esta exposição do objeto esporte venha a impactar na produção do pensamento acadêmico, procurando melhor compreendê-lo e interpretá-lo.

O texto a seguir vai buscar ilustrar, pelo menos em parte, esta riqueza temática, que desafia o pesquisador com sua complexidade e seus rápidos processos de mudança. Manifestações sociais que, num determinado momento, parecem ocupar um espaço importante nas interações pessoais, podem desaparecer em pouco tempo ou então serem relegadas à paradoxal obsolescência de um passado recente.

Mas, mesmo cientes destes riscos, os autores presentes nesta coletânea buscam decifrar o contemporâneo e abraçar sua diversidade, trazendo ao leitor um panorama amplo do campo esportivo e das diferentes formas de pensá-lo.

Outro aspecto a ser destacado é a globalização do debate. Vamos ver, nas páginas a seguir, que os principais temas sobre esporte se manifestam integrando os mais diversos países e culturas, num processo de interações que, apesar não se apresentar de forma muito clara, é sem dúvida parte das manifestações da globalização. Neste sentido, vamos encontrar aqui autores de importantes universidades brasileiras participando de um diálogo internacional ao lado de pesquisadores de países como Inglaterra, Alemanha, Austrália, República Checa, Fiji e Coréia do Sul.

Procuramos assim disponibilizar aos leitores uma coletânea ampla e diversificada que ilustre, pelo menos em parte, a complexidade da reflexão sobre as diferentes manifestações contemporâneas do esporte, no âmbito de uma sociedade cada vez mais integrada em função da rápida evolução dos meios de comunicações.

Boa leitura!





# Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>EIXO 1 – ESPORTE, PODER E IDENTIDADE</b> .....	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>15</b>
Esporte, Geopolítica e Relações Internacionais <i>César Teixeira Castilho e Wanderley Marchi Júnior</i>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>33</b>
Strategic Cooptation of Brics by Fifa: Analysis of South Africa, Brazil and Russia <i>Marco Bettine</i>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>50</b>
Pelé, Romário And Ronaldo: The Social Trajectories of Celebrity Politicians and the 2014 Fifa World Cup in Brazil <i>Billy Graeff and Renan Petersen-Wagner</i>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>71</b>
João Havelange e o Homem Cordial <i>Gustavo Luis Gutierrez</i>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>93</b>
Representations of Rio Olympic Games in South Korean Media <i>Myung. S Lee</i>	
<b>EIXO 2 – PRÁTICA ESPORTIVA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA</b>	<b>107</b>
<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>109</b>
The Adaptation Of Masters Sports: The Case of Golden Oldies Rugby <i>Diego Monteiro Gutierrez and Roberto Rodrigues Paes</i>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>124</b>
Alternative Features of a Swimming Club <i>Arnošt Svoboda</i>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>140</b>
Esportes de Aventura para Pessoas com Deficiência <i>José Roberto Herrera Cantorani, Leandro Martinez Vargas, Thaianie     Moleta Vargas e Bruno Pedroso</i>	

CAPÍTULO 4 .....	152
Relative Age Effect on Sport: Sociological Reflection on the Reproduction of Inequality on Opportunities for Practice <i>Renato Francisco Rodrigues Marques</i>	
CAPÍTULO 5 .....	169
Esporte Adaptado: Viés de Uma Organização Facilitadora ao Contexto Inclusivo <i>Paulo Ferreira de Araújo, Camila Lopes de Carvalho e Marina Brasiliano Salerno</i>	
<b>EIXO 3: NARRATIVAS E ETNOGRAFIAS DO ESPORTE .....</b>	<b>183</b>
CAPÍTULO 1 .....	185
Com as Mãos Nuas: Teatro, Boxe e Masculinidades no Século XIX <i>Jorge Knijnik</i>	
CAPÍTULO 2 .....	203
The Dumbbell vs The Rolling Pin <i>Rohini Balram</i>	
CAPÍTULO 3 .....	213
In The Land of “Football-Art” Brazilian Football Books, National Identity and The Building of Imagined Communities in Modern Brazil <i>Bernardo Borges Buarque de Hollanda</i>	
CAPÍTULO 4 .....	234
Football and the Ruhr Region Since 1990: Between Regional Identities and Global Players <i>Jano Sobottka and Fernando Toledo</i>	
CAPÍTULO 5 .....	254
Esporte Contemporâneo e os Novos Desafios à Pedagogia do Esporte <i>Thiago José Leonardi, Artur Goulart Berger e Riller Silva Reverdito</i>	
CAPÍTULO 6 .....	270
O Que é o Desporto Para o Desenvolvimento e a Paz? <i>Tegwen Gadais e Ceu Baptista</i>	
<b>SOBRE OS AUTORES .....</b>	<b>290</b>

# Introdução

Os textos que compõem este livro foram pensados a partir de três grandes eixos, ou discussões, esta forma de apresentar seguiu um pouco a lógica das temáticas mais importantes de cada capítulo, podendo o leitor escolher seu caminho de leitura, pois cada capítulo compreende uma totalidade do pensamento do pesquisador que colocou as suas ideias para se debater no campo.

Deste modo apresentamos os eixos que são: Esporte, Política e Globalização; Práticas esportivas na sociedade contemporânea; Narrativas e etnografias do esporte.

O primeiro eixo pretende apresentar ao leitor as relações de poder e da globalização no esporte, discutindo como entidades, sujeitos e grupos políticos apropriam-se ou tornam-se figuras públicas com poder, e que a economia global integra o esporte dentro da sua dinâmica, e os conflitos que decorrem deste processo.

O segundo eixo aponta como uma enormidade de práticas se dispoem na sociedade a partir da própria globalização, a questão de diminuição dos espaços, contato com o diferente e busca por identidades, onde o esporte é um elemento agregador por excelência destes grupos e de suas demandas.

O terceiro eixo permite narrativas e estudos etnográficos sobre o esporte, neste eixo os capítulos que o compõem demonstram empiricamente os desafios da sociedade contemporânea, sua pluralidade, espaços de resistência e histórias de vida.





# EIXO I

## **esporte, poder e identidade**

1. **Esporte, Geopolítica e Relações Internacionais**
2. **Strategic Cooptation of Brics by Fifa: Analysis of South Africa, Brazil and Russia**
3. **Pelé, Romário and Ronaldo: The Social Trajectories of Celebrity Politicians And the 2014 Fifa World Cup in Brazil**
4. **João Havelange e o Homem Cordial**
5. **Representations of Rio Olympic Games in South Korean Media**



## CAPÍTULO 1

# Esporte, Geopolítica e Relações Internacionais

*César Teixeira Castilho  
Wanderley Marchi Júnior*

A ideia olímpica da Era Moderna simboliza uma guerra mundial, que não demonstra abertamente seu caráter militar, mas que oferece – para aqueles que sabem ler as estatísticas esportivas – um panorama suficiente da hierarquia das Nações<sup>1</sup> (citação retirada de um jornal esportivo alemão de 1913) (Gillon, 2011, p. 1).

Os exercícios, as atividades e as competições esportivas são tão diversos e tão ricos que não podem ser reduzidos ou apresentados somente pelos detalhes. Certos esportes são individuais, outros coletivos. Alguns são limitados por uma região, um país, um continente, um espaço cultural, enquanto outros são quase universais. Existem práticas esportivas populares, facilmente e largamente praticadas, e outras ainda marcadamente aristocráticas, servindo como identidades sociais, ou elementos de distinção (Bourdieu, 2006). Neste contexto, temos os Jogos Olímpicos (JO) apresentando o suprassumo mais complexo e universal, não obstante, o esporte não pode se reduzir às disciplinas que o compõem. Outrora, “o esporte era por definição uma atividade de proximidade, na medida em que poderíamos fazer uma analogia com a ironia expressa por Napoleão: o

---

1 Tradução dos autores.

amor e a guerra só são possíveis pela presença do adversário” (Guégan, 2017, p. 77). Atualmente, a distância não representa um empecilho, contemplamos o esporte de qualquer local e, a bem da verdade, poderíamos dizer que invariavelmente o contemplamos mais que o praticamos. O esporte tornou-se um fenômeno internacional, componente das relações internacionais. De um lado, sociedade transnacional, por outro lado, instrumento de paz e “guerra” entre Nações.

Espontaneamente, a associação entre o esporte e a geopolítica não nos parece tão evidente. O primeiro, nos remete a um objeto popular e frequentemente vinculado a uma certa frivolidade, enquanto o segundo termo, evoca uma correlação com a leitura e a compreensão da complexidade do mundo e as inúmeras relações entre seus atores, seus protagonistas. Deste modo, é preciso se inscrever na linha de pensamento de Pierre Milza, autor do livro *Sport et Relations Internationales*, para que possamos pensar no esporte contemporâneo (Milza, 1984). Para o autor, o esporte é bem mais que um jogo, vai além de uma vitória ou de uma derrota. O esporte, enquanto campo, é o mundo em miniatura, ele possui suas especificidades, suas crises e seus sucessos. Ele está inserido no meio social e é seu reflexo.

Fenômeno de massa, presente atualmente em todas as partes do planeta, atravessado por todas as ideologias do século, indicador de soberania e declínio das Nações, ora revelador, ora manipulador do sentimento público, substituto da guerra e instrumento de diplomacia, o esporte é o centro da vida internacional. Mas é igualmente seu constituinte, um reflexo da vida internacional e um meio de política de relações exteriores (MILZA, 1984, p.152).<sup>2</sup>

No mesmo sentido interpretativo do esporte na contemporaneidade, encontramos uma leitura polissêmica a qual favorece uma melhor contextualização desse fenômeno social e suas possíveis interconexões funcionais:

O esporte é compreendido como um fenômeno processual físico, social, econômico e cultural, construído dinâmica e historicamente, presente na maioria dos povos e culturas intercontinentais, independentemente da nacionalidade, língua, cor, credo, posição social, gênero ou idade, e que na contemporaneidade tem se

---

2 Tradução dos autores.



popularizado globalmente e redimensionado seu sentido pelas lógicas contextuais dos processos de mercantilização, profissionalização e espetacularização (Marchi Jr, 2015, p. 59).

Diante disso, neste capítulo, pretendemos expor os diálogos já construídos e aqueles que ainda despontarão entre o campo esportivo, a geopolítica e as relações internacionais. Como exemplo dessa possível inter-relação, já nos Jogos Antigos, 776 a.C., era possível perceber o poder do esporte nas relações entre as cidades gregas. Segundo pesquisadores do tema, existem evidências de “compras” de atletas entre regiões gregas como forma de publicidade de uma localidade em detrimento de outra. Estes atletas, tal qual observamos nos dias de hoje, eram tidos como traidores e desleais (Goldblatt, 2016).

### **ESPORTE, HISTÓRIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS: GUERRAS E RIVALIDADES POR OUTROS MEIOS**

O esporte pode revelar as relações internacionais. Nele encontramos as oposições, as composições, suas estruturas e seus atores principais. Por meio dele, as Nações se mostram para o mundo, através das suas convergências e/ou divergências. Quer seja, por exemplo, pelos boicotes dos JO de Moscou (1980), ou aqueles dos JO de Los Angeles (1984), ou ainda pensando na disputa pelas medalhas douradas durante a Guerra Fria a qual representa o maior sinal de oposição irreductível entre as duas grandes potências globais e seus modelos antagonistas no contexto de confrontação em escala mundial perdurando mais de quarenta anos (Guégan, 2017; Gygax, 2005).

A história está pejada de utilizações, de recuperação e de difusão do esporte com fins geopolíticos com uma multiplicidade de exemplos remarcáveis (Guerra Fria, Primavera Árabe, a questão da Palestina, Ilhas Malvinas, entre outros). Que seja um detentor de uma unidade nacional nos estádios (Bolz, 2008)<sup>3</sup> ou um orgulho ferido de populações ameaçadas, o esporte possui uma ligação direta com os povos, com suas histórias e, evidentemente, com as relações entre os Estados-Nações.

---

3 Sobre este assunto, sugerimos a leitura do livro *Les arènes totalitaires: Hitler, Mussolini et les jeux du stade* (Bolz, 2008), no qual a autora discute a arquitetura dos estádios e suas apropriações na gênese da “religião fascista” na primeira metade do século XX.

O campo esportivo porta uma historicidade e memórias próprias que revelam seus homens, suas histórias e seus poderes que o organizam e o dirigem. Ao se constituir desta forma, o esporte oferece espaço para que diferentes partes do mundo utilizem do seu território – ou tabuleiro mundial – para manipular ou jogar suas relações internacionais, suas relações exteriores. Tal situação é tanto mais verdadeira que, nas modalidades esportivas de confronto direto entre os oponentes, a disputa é representada frequentemente como um simulacro militar ou como um substituto da guerra, ou seja, uma maneira de prolongar a diplomacia e as rivalidades entre seus protagonistas por outros meios.

### **ESPORTE, ENTRE DESENVOLVIMENTO E PODER: UM REVELADOR GEOPOLÍTICO**

Graças ao seu prestígio econômico enquanto setor de atividade e sua importância nas diversas sociedades globais, em termos de empregos, atores econômicos e empresas especializadas, o esporte é um indicador da potência econômica e financeira de um Estado. Ele posiciona igualmente seu nível de maturação e de integração na mundialização das trocas comerciais. As tabelas de classificação de diferentes modalidades mundiais saltam aos olhos, salvo certas exceções, como a Índia, a hierarquia econômica das potências globalizadas.

A China investe no esporte e, através disto, se distingue desde sua emergência e seus frutos gerados pelas reformas de modernização e sua política de abertura internacional presidida por Deng Xiaoping<sup>4</sup> em 1979. A África do Sul conhece a mesma situação. Suas vitórias esportivas a posicionaram numa posição de destaque no cenário internacional. Marcando sua nova dimensão econômica e com o fim do apartheid, os triunfos esportivos no rúgbi, e em outras modalidades, contribuíram para que a Nação “Arco-Íris” se transformasse em um Estado mais turístico e capaz de financiar suas palmas no esporte através do seu crescimento concomitante. Sua situação financeira atual, caracterizada pela recessão econômica, também reflete na performance da sua

---

4 Deng Xiaoping (1904 – 1997), foi líder supremo da República Popular da China entre 1978 e 1992. Neste período, introduziu diversas medidas que caracterizaram a reforma econômica, conhecida como a “segunda revolução”, responsável por um transformação completa do país (Lacoste, 1999).

equipe fetiche, os Springboks<sup>5</sup>. Já há algum tempo, a equipe nacional de rúgbi parece “patinar” no cenário mundial.

O esporte demonstra a capacidade de uma sociedade e de seus atores no investimento financeiro, institucional e social, gerando possíveis benefícios. Ele sinaliza qual o grau de maturidade econômica e política de uma Nação, mas igualmente seu nível de progresso e de organização, por ser capaz de mobilizar recursos que vão além dos interesses inerentes ao esporte. Neste aspecto, o esporte é um revelador estratégico do desenvolvimento social e político dos seus protagonistas. Em todas as etapas, e no curto e longo termos, a performance esportiva não é obtida somente pelo talento dos atletas ou pelo campeão por exceção que surge, quando muito, ao longo de uma geração. O campo esportivo é um sistema institucionalizado, financiado e dirigido que pressupõe a capacidade de um país em selecionar, formar, educar e treinar sua juventude para que seja competitiva, localmente ou mundialmente.

Tendo como referência Raymond Aron, o esporte expõe como um ator (instituição) e valoriza o fator população, para que se possa transformá-lo em um fator decisivo (Aron, 1983). Por exemplo, o número de jogadores presentes entre os cem melhores no ranking da Associação Mundial de Tênis (ATP) demonstra a força das federações locais e possíveis imbricações em instituições privadas internacionais, tal qual academias de renome mundial, presença de técnicos estrangeiros, entre outros. Estes dados revelam igualmente uma relativa modernidade em uma determinada modalidade. O esporte ilustra a capacidade dos seus atores, notadamente oriundos do setor público, em organizar, difundir e institucionalizar o esporte em todas as camadas sociais. A reorganização do futebol alemão após o Mundial de 2002 e seus triunfos recentes oferecem um outro exemplo, bem como a exportação do modelo de formação do futebol espanhol em direção à Ásia<sup>6,7</sup>. Neste mesmo sentido, a política voluntarista chinesa de investimento e de formação no rúgbi e futebol é um exemplo notável. Implementado por Xi Jinping, presidente chinês, e subvencionado pelos

---

5 Apelido dado à equipe de rúgbi sul-africana.

6 Diferentemente do Brasil que exporta seus jogadores ainda jovens e não um modelo de formação dos atletas.

7 O Catar e a equipe catalã do FC Barcelona, através do futebol, estabeleceram parcerias importantes (patrocínio, troca de expertises, etc). Com este intercâmbio, o Catar visava melhorar a qualidade do seu futebol – a equipe foi campeã da Copa da Ásia em 2019 de forma inédita –, enquanto a equipe espanhola se beneficiava através dos investimentos milionários (Ginesta & Eugenio, 2013).

oligarcas do país, este projeto constitui uma ação eloquente nos campos do esporte, desenvolvimento científico e geopolítica (Guégan, 2017).

Nesta perspectiva, um outro constato se impõe: o esporte, através da sua pesquisa em performance, revela a capacidade científica e técnica de um país ao mesmo tempo que sua atratividade e seu alcance internacional. Ao permitir, facilitar e melhorar a performance dos atores esportivos (atletas e instituições), o que se evidencia é o poderio tecnológico e científico de um Estado. A capacidade de inovação e de invenção integrada ao aporte científico de ponta revela-se como um fator de distinção entre as grandes potências permitindo catalisar recursos e estabelecer parcerias exteriores. A título de exemplo, podemos citar como o Emirado do Qatar vem investindo neste setor nos últimos anos, para além dos megaeventos esportivos (Figura 1). O Aspire Complex, originalmente projetado para os Jogos Asiáticos de 2006, foi readaptado como um centro de treinamento de futebol (Football Dreams Program), além de ser o único centro médico credenciado pela FIFA no Oriente Médio. Incorporando dois hotéis cinco estrelas, um estádio com capacidade para 50.000 pessoas, uma piscina olímpica, e laboratórios com alta qualidade tecnológica, o Complexo Esportivo incarna o desejo do Catar de “crescer como um ator mundial no mundo esportivo, misturando criatividade e desenvolvimento ao talento individual dos atletas” (Campbell, 2010, p. 50).

**Tabela 1:** Torneios Esportivos organizados pelo Catar recentemente - Fonte: Brannagan; Giulianotti (2014)

<b>Torneios</b>	<b>Ano</b>
Jogos Do Oeste Da Ásia (West Asian Games)	2005
Jogos Asiáticos (Asian Games)	2006
Campeonato Asiático De Atletismo Indoor	2008
Campeonato Internacional Interclubes De Voleibol (Fivb)	2009
Campeonato Mundial De Atletismo Indoor (Iaaf)	2010
Copa Da Ásia De Futebol	2011
Jogos Árabes	2011
Copa Do Mundo De Handebol (Ihf)	2015
Campeonato Mundial De Ciclismo De Estrada (Uci)	2016
Campeonato Mundial De Ginástica Artística (Fig)	2018

Jogos Olímpicos De Verão (Coi) – *Candidatura Não Vitoriosa	2020
Copa Do Mundo De Futebol Fifa	2022

Por outro lado, o desenvolvimento do doping institucionalizado na Rússia é um exemplo de malversação flagrante no campo esportivo, como demonstrado nos documentos produzidos pelo relatório McLaren de 2016 (McLaren, 2016). A descoberta da ação e a compreensão de como o Estado liderado pelo presidente Vladimir Putin procedeu é eloquente. Este caso se inscreve em uma linhagem de outros eventos que ocorreram nos grandes regimes hegemônicos e totalitários do século XX – Alemanha nazista, República Democrática Alemã (RDA), URSS, China comunista, Itália fascista, entre outros – na utilização do esporte como propaganda nacional (Gygax, 2005). O sistema de doping institucionalizado é o exemplo mais radical do que se pode produzir através da instrumentalização do esporte e da ciência: a obtenção de resultados esportivos utilizando de todos os meios possíveis – lícitos e ilícitos – tendo como objetivo único a vitrine política e geopolítica, não importando suas feridas e suas consequências futuras (Gillon, 2011).

Outro tema atual, embora a problemática seja milenar, diz respeito à relação entre o esporte como bom indicador de fluxo de migração, de políticas de imigração nacional e de trâmites e procedimentos de acesso à nacionalidade. Durante muito tempo, a Alemanha se privou de seus jogadores de origem estrangeira, notadamente aqueles de origem turca, até o momento no qual a legislação foi alterada, permitindo o recrutamento de atletas renomados como Masut Özil e Sami Khedira, peças fundamentais na Mannschaft. Neste mesmo contexto, percebemos inúmeros fluxos de imigração ao longo do século XX, especialmente entre o norte da África em direção à França, viabilizando o surgimento de gerações Kopa, Platini, Zidane e Progba<sup>8</sup>.

Outro fator essencial é a atração de determinadas Nações por atletas renomados, em outras palavras, a política de naturalização de talentos esportivos. Como exemplo máximo, podemos citar o caso do Catar no contexto do handebol. Aos 27 dias de janeiro de 2011 a Federação Internacional de Handball conferiu ao Catar a organização do Campeonato Mundial de Handball Masculino 2015. Tendo em vista a grande possibilidade de projeção/visibilidade

8 Para maiores informações sobre este tema no contexto francês, sugerimos o documentário *Les Bleus: une autre histoire de France 1996-2016*, dirigido por Sonia Dauger, Pascal Blanchard e David Dietz, lançado em 2016.

internacional, o Catar constituiu uma equipe formada essencialmente por jogadores naturalizados às pressas. Dos 19 atletas convocados, somente dois eram nativos do país. Com essa equipe, o Catar foi o primeiro país não-europeu a disputar uma final do campeonato, sendo vencido pela França. Esse fato foi amplamente divulgado nos jornais internacionais como exemplo de uso dos megaeventos como *soft-power*. Segundo especialistas, o discreto emir Tamim bin al-Thani é um entusiasta do *soft-power*, que permite “influenciar as relações internacionais de maneira mais branda” (Djamshidi, 2016, p. 1).

### **ESPORTE COMO INDICADOR GEOPOLÍTICO DE PODER DE UMA NAÇÃO: DO SEU PAPEL À SUA INFLUÊNCIA INTERNACIONAL**

O esporte, para além do que já foi discutido, aparece como um importante revelador da capacidade de expansão de uma Nação, da sua habilidade de atrair novos investimento e da sua posição estratégica no mundo globalizado. Nos dias de hoje, o esporte permite aos países uma situação afora da existência, ele outorga um posicionamento planejado e uma habilidade de abertura do raio de ação. O Azerbaijão<sup>9</sup> e o Cazaquistão, à semelhança da China e Catar, têm conduzido políticas de influência e de expansão territorial via esporte de maneira refletida e estratégica. Neste aspecto, vale lembrar que a última edição da final da Liga Europa, temporada 2018/2019, opondo Arsenal e Chelsea, ocorreu em Baku<sup>10</sup>, capital do Azerbaijão, comprometendo a escalação do jogador armênio, Mkhitarjan, pela não garantia de sua segurança em território azerbaijano (Pérez, 2019). Mais uma vez, tocamos em uma das novas dimensões da geopolítica contemporânea, aquela do *soft-power* esportivo no seu sentido *lato*, ou seja, no uso do esporte de maneira pensada como uma alavanca de poder suplementar na esteira de uma política externa clássica.

9 Há uma década que o país de 10 milhões de habitantes no Cáucaso vem aproveitando dos seus recursos naturais (petróleo) para se destacar através do esporte. É também uma maneira do país, governado desde a queda da União Soviética pela família Aliev, de maquiagem as violações de direitos humanos das quais é continuamente acusado (Lobo, 2019).

10 Baku, capital do Azerbaijão, candidatou-se duas vezes para sediar os Jogos Olímpicos de 2016 e 2020, perdendo respectivamente para a cidade do Rio de Janeiro e Tóquio. No entanto, sediou os Jogos Europeus de 2015, no estádio Olímpico de Baku construído nesta ocasião, além da organização de uma das etapas da Fórmula 1. Para a Eurocopa de 2020, que não terá um país fixo, a capital sediará três partidas da fase de classificação e um jogo das quartas de final (Lobo, 2019).

Além da influência que o esporte oferece à abertura de um raio de ação de uma Nação, ele se impõe como um elemento identitário forte. O fato esportivo é um elemento essencial de afirmação dos atores mundiais pela sua capacidade de representar um território qualquer e por reencarnar atributos nacionalistas, em outras palavras, identidades locais. Portador de representação, fator de unidade interna, seja em plano local ou internacional, o fenômeno esportivo revela a construção e a difusão de uma identidade sobre um território apropriado, preparado e valorizado. Isso dito, o esporte se inscreve como uma chave na construção nacional dos Estados-nações. O Afeganistão, por exemplo, encontrou uma nova posição no cenário mundial por meio do esporte, especialmente o críquete. A Palestina, que não é reconhecida como um Estado-membro da ONU, é integrante da FIFA e utiliza-se do esporte para realçar sua unidade, malgrado sua relação complexa e turbulenta com o Estado de Israel.

Neste contexto, o esporte pode servir como vitrine de uma maestria de valorização e organização de um determinado país. Considerando que o esporte predispõe uma relação particular junto ao espaço urbano que ele ocupa, ele é um marcador e uma medida da capacidade e do poderio de um Estado quanto à utilização proveitosa de implementação de serviços no campo esportivo. Quer tenhamos como exemplo o Estádio de Wembley, em Londres, o Maracanã no Rio de Janeiro, ou a ampliação do complexo esportivo de Roland Garros, em Paris, toda construção de uma infraestrutura esportiva responde à lógica de planificação e à uma estratégia de ordenamento de territórios que demonstram a habilidade de diversos atores e instituições esportivas na organização conjunta de uma proeza esportiva. Com efeito, trata-se de um novo vestígio da relação estreita entre esporte e geopolítica em escala local alcançando conseqüentemente dimensões mundiais.

Ilustremos através do caso dos JO de Inverno de Turim organizado no ano de 2006. A aproximação dos jogos foi pensada estrategicamente e de maneira manifesta em termos geopolíticos. Preconizado como “um processo dotado de uma organização precisa cuja dimensões espaciais e temporais interagiriam intensamente [...] o espaço afetado pelo megaevento foi utilizado como catalizador de investimentos e sofrendo alterações constantes para se adaptar aos objetivos do projeto” (Dansero & Mela, 2007, p. 11). Tudo isto mostrou a capacidade do Estado italiano, bem como da cidade de Turim, de transfor-

mar um território em uma força política. A organização do megaevento proporcionou um aumento da atratividade internacional da cidade, ampliou seu raio de ação em termos comerciais, estrategicamente locado no pensamento de uma perenidade do território<sup>11</sup>.

O contraexemplo deste sucesso pode ser visto na organização megalomaniaca dos JO de Inverno de Sóchi em 2014. Projeto vasto vislumbrando a valorização do território caucasiano em diversos aspectos, os JO de Inverno russo visavam tanto objetivos geopolíticos, quanto econômicos, utilizando de meios colossais (mais de 45 bilhões de euros). No entanto, a vigésima segunda olimpíada de inverno foi uma decepção e ficou aquém de deixar uma marca na reorganização do território no longo prazo. Os JO de Sóchi atestaram a vontade incomensurável da Rússia de se fazer resplandecer no curto prazo, não obstante, no transcorrer do tempo, a organização dos jogos se transformou em uma estratégia impotente no âmbito da política esportiva.

Da maneira similar, o fato de atrair os maiores eventos esportivos mundiais para o seu território se impõe como uma demonstração de poder dos Estados e demonstra sua capacidade de pensar e refletir, a seu próprio benefício, das grandes decisões que permeiam o campo esportivo. Estando diretamente relacionado à valorização do território, mas não somente isto, a escolha de um país, ou cidade, em detrimento de outro, escancara mais uma vez aspectos geopolíticos. A FIFA e o COI não podem negar que suas escolhas foram e são orientadas estrategicamente pelo viés político e/ou geográfico. Efetivamente, quando analisamos os mecanismos de designação, percebemos que aspectos econômicos, políticos, ambientais, sociais, entre outros, são analisados de maneira similar às análises dos dossiês de candidaturas. A escolha da África do Sul em 2010 para a organização da CM de futebol, ou em 1995, para a CM de rúgbi, ilustra plenamente a ideia de um país emergente em termos econômicos e o retorno pós-*apartheid* do país na cena internacional. Certamente, estes dois fatores pesaram de forma justa junto à qualidade do dossiê local.

Eventos geopolíticos mundiais influenciam sobremaneira as decisões sustentadas pelo COI desde a escolha da primeira sede dos JO, em 1896, na cidade de Atenas, Grécia. Embora o COI sustente a ideia de imparcialidade e não influência política no que concerne suas deliberações, sabe-se que o contexto

---

11 Neste aspecto, os JO de Barcelona são igualmente notórios e reconhecido, pelos especialistas, como modelo de transformação urbana via megaevento, embora problemas de gentrificação e expropriação tenham sido frequentes (Castilho, 2016).



mundial – guerras, tratados, aspectos sociais e econômicos, disputas políticas, entre outros – dita as suas relações, predileções e resoluções finais. A título de exemplo, pode-se citar a escolha da cidade de Berlim em 1936, de Tóquio em 1964, da cidade do México em 1968, de Moscou em 1980, de Seul em 1988, de Barcelona em 1992, de Atlanta em 1996, de Pequim em 2008 e do Rio de Janeiro em 2016. Estudos demonstram como fatores geopolíticos mundiais foram preponderantes nestas decisões (BONIFACE, 2016; GOLDBLATT, 2016), sobrepondo quaisquer aspectos técnico ou racional. O COI, contrariamente ao discurso dos seus diretores, vincula sua decisão ao contexto político em detrimento de uma candidatura de qualidade, na qual gastos, legados e transparência deveriam servir como critérios primários.

Atualmente, percebemos uma mudança de postura dos órgãos responsáveis pelos megaeventos uma vez que o número de candidatas a cidades-sede vem diminuindo e que os legados desses eventos veem sendo questionados por pesquisadores. Este é o caso dos JO, tanto os de verão, quanto os de inverno. De maneira inédita, o COI votou pela dupla atribuição dos JO de 2024, Paris, e 2028, Los Angeles, visto que quatro candidaturas prévias – Boston (EUA), Hamburgo (ALE), Roma (ITA), Budapeste (HUN) – foram retiradas anteriormente ao 131º Congresso do COI, realizado no dia 13 de Setembro 2017, na cidade de Lima (Peru), momento durante o qual a instituição máxima dos JO decidiria pela cidade-sede dos JO 2024.

O esporte desvela dessa forma as diferentes facetas do poder tradicional dos Estados-nações e suas hierarquias, bem como suas relações e rivalidades, no momento presente e ao longo do tempo. Ele permite simplesmente a captura – ou a percepção – da articulação de diferentes componentes relacionados às políticas de poder de um país. Por isto, o esporte pode e deve ser considerado como um objeto geopolítico. Sobretudo porque ele é um revelador de poder político e um fator de criação, de apropriação e/ou reconstrução de representações geopolíticas *vis-à-vis* dos fatores internos e que são destinados a outros elementos externos.

O objeto esportivo torna-se então legítimo na abordagem geopolítica, pois ele faz jus a exatamente aquilo que ele se propõe e aquilo que ele permite compreender. Para além de um simples elemento circunscrito no *soft-power*, nós poderíamos atualmente nomeá-lo como *sport power* puramente (Guégan, 2017).

## À GUIA DE CONCLUSÃO: ESPORTE UM INSTRUMENTO DE ANÁLISE GEOPOLÍTICA A RELATIVIZAR

O esporte é um termômetro das relações internacionais. É preciso que as condições estejam reunidas a montante, e que os Estados tenham de antemão desejo de fazer evoluir suas políticas externas. Não foi o ping-pong que levou à reaproximação entre os Estados Unidos e a China, pois esta política já vinha sendo imaginada e estruturada desde os anos 1960. Estes eventos servem no melhor dos cenários como símbolos importantes, e no pior como pretexto para algo (Goldbaum, 2011, p. 3).<sup>12</sup>

A despeito de todo o interesse que gostaríamos de lhe associar e toda importância que desejaríamos lhe conceder, o esporte, como critério de relações de poder contemporâneo, não possui nem o mesmo peso, nem o mesmo valor, que os aspectos militares ou nucleares, por exemplo. Dessa forma, ao falarmos de esporte, sempre precisamos relativizar. Estas reservas, notadamente sublinhadas pelo geopolítico Frédéric Encel, se devem ao fato do esporte ser frequentemente o resultado de outros elementos componentes do poderio de um Estado.

O fato de um país ter uma economia pulsante e globalizada viabiliza e permite o desenvolvimento do esporte, não obstante, o contrário não é factível. Idem, o esporte, através do seu aspecto sistemático e plural, é tributário de diversos fatores de poder combinados. Mais facilmente apreendido pelo mundo, o esporte tem o mérito de ser mais claro e acessível que outras formas de poder, tal qual o poder nuclear. O esporte atinge e impressiona com mais afeição o imaginário coletivo, sem a necessidade de coagir, comportando igualmente uma carga simbólica compreendida e considerada no seu devido momento.

O esporte, na política contemporânea, desempenha o seguinte papel: reforçar o poder impressionando os espíritos. Pequenas e grandes Nações aventuram-se neste jogo. Nada mais importante, aos olhos da China, do que se passar por uma grande potência esportiva e, se possível, ultrapassar os Estados Unidos no quadro de

---

12 Entrevista com Paul Dietschy, pesquisador associado do Centro de Pesquisas em História da Sciences-Po e professor da disciplina História do Esporte (Sciences-Po, Paris, França).

medalhas olímpicas! A frontline da Guerra Fria, entre a URSS e os EUA, passava necessariamente pelo esporte. E não acreditemos que, com a extinção da URSS, e o novo sistema capitalista dominante no mundo, o jogo esportivo em termos de poder tenha desaparecido. Os Estados sabem muito bem que o esporte é a chave do imaginário do homem contemporâneo. Enfim, o esporte é utilizado para aumentar o poder imaginário de um determinado Estado (Redeker, 2002, pp. 34-35).

Por si mesmo, a partir da linha de pensamento de Robert Redeker, o esporte acompanha a história do poder global. Ele reflete este poder e possibilita igualmente a sua apreensão. Podemos considerá-lo como um marcador, um indicador, um fator, mas não como uma alavanca que, através das suas consequências, promoveria mudanças geopolíticas eloquentes. É preciso, dessa maneira, pensá-lo e aproximá-lo sob a égide geopolítica, colocando-o nas análises de acordo com a sua grandeza (Guégan, 2017). Uma partida de críquete entre o Paquistão e a Índia não é capaz de alterar a condição de suas relações conflituosas, mesmo que permita o estabelecimento de um novo diálogo, como foi o caso da diplomacia do *ping-pong* entre a China de Mao e os EUA de Nixon. Similarmente, a organização da CM 2010 não permitiu à África do Sul alterar profundamente sua sociedade ou o seu lugar no mundo. Quanto ao Catar, o fato de ser o proprietário do *Paris Saint-Germain* (PSG) via QIA (*Qatar Investment Authority*), fundo de investimentos soberano, não lhe permite uma vantagem estratégica maior *vis-à-vis* seu vizinho Saudita no contexto do conflito que os opõem desde junho 2017. Mais recentemente, os JO de Inverno na Coreia do Sul, foi igualmente utilizado como forma de aproximação à Coreia do Norte. Para além do desfile conjunto na abertura dos Jogos<sup>13</sup>, as duas Coreias disputaram sob a mesma bandeira a modalidade de hóquei no gelo (Rich, 2018).

Desse modo, a geopolítica do esporte permite a mensuração da expressão de um determinado poder estatal, incorporando o esporte como um dos seus componentes. Ela é o reflexo desse jogo de poder que ela mesma decodifica, ao mesmo tempo que serve de espelho dos seus próprios limites de análise. Demandar mais do que isso do campo geopolítico esportivo seria excessivo e presumiria uma importância exagerada no que tange o esporte.

---

13 O desfile em conjunto já havia ocorrido nos JO de Sidney em 2000, nos JO de Atenas 2004 e nos JO de Inverno de Turim em 2006 (Rich, 2018).

Falar de geopolítica do esporte é extremamente relevante, mas, através das suas análises, faz-se necessário saber relativizar sua amplitude e sua eficiência. Pelo seu aspecto elitista e seletivo, o esporte global só diz respeito àqueles atores que estão destacados e que se impõem neste meio. Por si mesmo, o esporte, pelo que o implica, opera uma seleção. Esta distinção revela uma hierarquia do mundo e dos seus locais mais poderosos, excluindo a maior parte dos indivíduos e os colocando em posição periférica. Tal prisma nos coloca um outro limite de sistematização para que um critério de análise em geopolítica do esporte seja factível, ou seja, uma leitura fiel do mundo contemporâneo. A geopolítica do esporte “operaria ao mesmo tempo como um espelho ampliado, mas igualmente como um fator de exclusão demasiado superficial” (Guégan, 2017, p. 88). Ela favoriza as potências ao adquirir o papel de vetor de afirmação de um determinado poder sobrepondo com mais eficiência outros. Os Estados são evidentemente os primeiros atores e beneficiários dessa aproximação geopolítica, mas, concomitantemente, as empresas transnacionais (financiadoras), as organizações não-governamentais (organizadoras – FIFA, COI, etc.), outras ligas privadas e as empresas midiáticas globais de difusão, lucram e se beneficiam demasiadamente do campo esportivo. Tais benefícios, evidentemente, acarretam na exclusão de outros diversos atores.

**Tabela 2:** Custo final das últimas Copas do Mundo – Fonte: Castilho (2016)

<b>País Organizador/Ano</b>	<b>Custo Final (em dólar)</b>
QATAR 2022*	200 bilhões * previsão segundo Touzri (2013)
RUSSIE 2018*	20 bilhões * informações conflitantes
BRESIL 2014	15 bilhões
AFRIQUE DU SUD 2010	3 bilhões
ALLEMAGNE 2006	600 milhões
FRANCE 1998	500 milhões

**Tabela 3:** Custo final das Jogos Olímpicos de Verão – Fonte: Pouchard; Bellanger (2017)

<b>País Organizador/Ano</b>	<b>Custo Final (em euros)</b>
RIO DE JANEIRO 2016	16,5 bilhões de €
LONDRES 2012	11 bilhões de €
PÉQUIN 2008	31 bilhões de €
ATENAS 2004	10 bilhões de €
SIDNEY 2000	5,5 bilhões de €
ATLANTA 1996	2,3 bilhões de €
BARCELONA 1992	9,3 bilhões de €
SEUL 1988	4,2 bilhões de €

Atualmente, quando comparamos os custos relacionados ao acolhimento e organização dos JO e das Copas do Mundo desde 1980 (mesmo corrigindo a inflação), percebemos uma verdadeira explosão nos gastos (Tabela 2). As olimpíadas custam 12 vezes mais nos dias de hoje (Tabela 3). Rússia, China e Brasil precisaram desembolsar quantias inimagináveis em determinados momentos para reestruturar seus equipamentos esportivos e infraestruturas em geral. No que tange à CM de futebol, um acréscimo exorbitante relacionado à segurança e à mundialização do evento provocou um aumento real de cinco vezes no seu gasto. Deste modo, constatamos que nada menos que 90% dos países do mundo encontram-se excluídos *de facto* da organização dos dois maiores eventos esportivos globais. Hodiernamente, uma parcela de pouco mais de 15 países pode sonhar com a possibilidade de acolher um megaevento, obviamente, respeitando seus respectivos interesses e intenções. Com essa linha de análise, deixamos em aberto novas incursões e, porque não dizer, novas possíveis correlações teóricas para o estudo do esporte no campo da geopolítica.

## REFERÊNCIAS

Aron, R., 1983. *Le Spectateur engagé: entretiens avec Jean-Louis Missika et Dominique Wolton*. Paris: Presse Pocket/Julliard.

Bolz, D., 2008. *Les arènes totalitaires: Hitler, Mussolini et les jeux du stade*. Paris: CNRS Éditions.

Bourdieu, P., 2006. *A Distinção: crítica social do julgamento*. 2ª Edição éd. Rio de Janeiro: Editora Zouk.

Brannagan, P. M. & Giulianotti, R., 2014. Qatar, Global Sport, and the 2022 FIFA World Cup. Dans: *Leveraging Legacies from Sports Mega-Events*. Basingstoke: Palgrave.

Campbell, R., 2010. Staging globalization for national projects: Global sport markets and elite athletic transnational labour in Qatar. *International Review for the Sociology of Sport*, 46(1), pp. 45-60.

Castilho, C. T., 2016. *Politiques Publiques et la Coupe du monde de football 2014 au Brésil: des espoirs aux héritages locaux*, Paris: s.n.

Dansero, E. & Mela, A., 2007. La territorialisation olympique: le cas des jeux de Turin, 2006. *Revue de géographie alpine*, 95(3), pp. 1-15.

Djamshidi, A., 2016. Neymar au PSG: Nasser Al-Khelaïfi promet de “gros changements”, Laurent Blanc peut-être menacé. *Le Parisien*, 3 Junho.

Gillon, P., 2011. Une lecture géopolitique du système olympique. *Annales de géographie*, 4(680), pp. 425-448.

Ginesta, X. & Eugenio, J. d. S., 2013. The Use of Football as a Country Branding Strategy: Case Study: Qatar and the Catalan Sports Press. *Communication & Sport*, 2(3), pp. 225-241.

Goldbaum, M., 2011. La diplomate du ping-pong fait son retour au Qatar. [En ligne] Available at: [https://www.lemonde.fr/sport/article/2011/11/21/la-diplomatie-du-ping-pong-fait-son-retour-au-qatar\\_1606741\\_3242.html](https://www.lemonde.fr/sport/article/2011/11/21/la-diplomatie-du-ping-pong-fait-son-retour-au-qatar_1606741_3242.html) [Accès le 04 Junho 2019].

Goldblatt, D., 2016. *The Games: a global history of the Olympics*. New York and London: Norton.

Guégan, J.-B., 2017. *Géopolitique du sport: une autre explication du monde*. Paris: Breal.

Gygax, J., 2005. Diplomatie culturelle et sportive américaine: persuasion et propagande durant la Guerre froide. *Relations Internationales*, 3(123), pp. 87-106.

Lacoste, Y., 1999. *Dictionnaire de Geopolitique*. Paris: Flammarion.

Lobo, F., 2019. Da Euro 2020 à F1: Baku, mergulhada em controvérsia, é símbolo do Azerbaijão que se promove para o mundo. [En ligne] Available at: <https://trivela.com.br/baku-sede-final-liga-europa-2019/>[Accès le 4 Junho 2019].

Marchi Jr, W., 2015. O “Esporte em Cena”: perspectivas históricas e interpretações conceituais para a construção de um Modelo Analítico. *The Journal of the Latinamerican Socio-cultural Studies of Sport*, 5(1), pp. 46-67.

McLaren, R. H., 2016. *WADA investigation of Sochi allegations*, Montreal: s.n.

Milza, P., 1984. Sport et relations internationales. *Relations Internationales*, Issue 38, pp. 155-174.

Pérez, G. R., 2019. Por conflito político, Arsenal anuncia que não levará jogador armênio à final da Liga Europa no Azerbaijão. [En ligne] Available at: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/21/deportes/1558438910\\_253761.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/21/deportes/1558438910_253761.html)[Accès le 4 Junho 2019].

Pouchard, A. & Bellanger, E., 2017. Les Jeux olympiques, un budget difficile à maîtriser. [En ligne] Available at: [https://www.lemonde.fr/les-decodeurs/article/2017/09/14/les-jeux-olympiques-un-budget-difficile-a-maitriser\\_5185650\\_4355770.html](https://www.lemonde.fr/les-decodeurs/article/2017/09/14/les-jeux-olympiques-un-budget-difficile-a-maitriser_5185650_4355770.html) [Accès le 25 Junho 2019].

Redeker, R., 2002. Le Sport contre les peuples. Paris: Berg International.

Rich, M., 2018. The New York Times. [En ligne] Available at: <http://www.nytimes.com/2018/02/09/world/asia/olympics-opening-ceremony-north-korea.html> [Accès le 24 Junho 2019].

Touzri, M., 2013. Ça coûte combien une Coupe du Monde de football?. [En ligne] Available at: <http://www.parissportifs.com/blog/ca-coute-combien-une-coupe-du-monde-de-football-27117.html> [Accès le 25 Junho 2019].



## CAPÍTULO 2

# Strategic Cooptation of Brics by Fifa: Analysis of South Africa, Brazil and Russia

*Marco Bettine*

South Africa, Brazil and Russia hosted FIFA (Fédération Internationale de Football Association) Men's Football World Cup in this century, and this chapter works on the dialectic relation of these countries, while international political-economic group, and FIFA. Both actors, on the one hand, FIFA, and BRICS, on the other hand, had strategic interests in this mega event, whether domestic, regional or global.

In this chapter, I would like to bring to the reader how these countries used the World Cup as speech for expansion of their soft power, or their public diplomacy, or simply their propaganda, a speech traded by FIFA.

It is worth mentioning that here I'm not taking the soft power concept in a naive way, knowing that it is used many times as justification for the reception of mega events, and is considered as one of their intangible legacies. The legacy issue itself is controversial, because it is widely mentioned during the period of candidacies, probably to raise political, social and economic support; but the fact is that the theme "legacy" was little studied after the event in the Global South axis.

I intend to develop, in this study, three theoretical topics and one more generalist consideration. The theoretical topics are: (1) discuss the soft power concept in the context of the Global South and its limits; (2) present the assessments of World Cup by means of some international media; and (3) BRICS as FIFA's new market. In the end I will present some considerations on the possible reasons that made these countries host this mega event and which are FIFA's interests in these countries.

Some problems were raised by researchers who are concerned with FIFA actions in the contemporary world, among which are outstanding: lack of clarity in the choice of host countries; the choice of hosts with potential for legislative changes in favor of FIFA's financial partners; countries with endemic corruption, which would facilitate FIFA's agreement with global partners and the local political elite.

Based on these concerns, which are not mine alone, but of a large number of football enthusiasts as well, I propose three sub-areas for the analysis: (i) soft power in the globalized world context; (ii) use of sports mega events by periphery nations to increment their soft power; (iii) international media as impact factor in the assessment of countries abroad and possible influence in their soft power.

Before initiating the theoretical discussion, however, I would like to explain to the reader what means BRICS and why I state, in this chapter, that these countries have heavily invested in large sports events.

## **BRICS IN MEGA SPORT EVENTS**

BRICS is a geopolitical acronym that identifies new global players. The use of this acronym is part of a political-diplomatic mechanism created in a moment of re-drawing of the global governance, where the perception of deficit of representativeness is increasingly sharper and, therefore, deficit of legitimacy, of structures gestated after the fall of the Berlin Wall.

BRICS (Brazil, Russia, India, China and South Africa), despite the geographic and cultural distance, have in common the understanding of the unequal distribution of power in international relations. Their main objective is to reform the international order, at UN, IMF or WTO.

Brazilian researchers, particularly those from Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG), public foundation linked to the Brazilian Ministry of For-

Foreign Affairs, in a meeting held in 2012, while discussing Brazil, BRICS and international agenda, stated that there is a common interest of these countries, which is a geopolitical positioning and re-distribution of power in the international sphere. In addition to that there are the interests of each nation, namely: (a) for China, a convenient way to be positioned as world leader, have global influence and reduce that of the USA without being exposed to risk; (b) for Russia, a channel of dialogue with the USA, and space to retake its strength in global demands; (c) for India, a space for its multilateral demands and to be protected against Pakistan; (d) for Brazil, a way to expand its strength to beyond South America and improve its image in the world; (e) for South Africa, a way to conquer the trust of global players (chiefly with regard to human rights) and be the speaker of Pan-Africanism.

In addition to using strategies that are typical of international relations for foreign trade demands, customs fees, legitimacy in international organisms and horizontal relations with other economic blocs, what became evident in the 21st century was the strategic use of Sport as means to seek international political and economic promotion, as well as the intention of reinforcing domestic agendas, political legitimacy and national cohesion. And of course, each of these countries has its specific intentions.

**Table 1** provides to the reader a spectrum of the times when countries from BRICS hosted, in this century, some mega sport event.

<b>Olympic Summer Games</b>	<b>Winter Olympics</b>	<b>FIFA World Cup</b>	<b>Commonwealth Games</b>
2000-Sydney	2002-Salt Lake City	2000-Japan and South Korea	2002-Manchester
2004-Athens	2006-Torino	2004-Germany	2006-Melbourne
<b>2008-Beijing</b>	2010-Vancouver	<b>2010- South Africa</b>	<b>2010-Delhi</b>
2012-London	<b>2014-Sochi</b>	<b>2014-Brazil</b>	2014-Glasgow
<b>2016- Rio de Janeiro</b>	2018-Pyeongchang	<b>2018-Russia</b>	2018-Gold Coast
2020-Tokyo	<b>2022-Beijing</b>	2022-Qatar	2022-Birmingham

It is worth informing the reader about the relevance of the *Commonwealth Games* that appear in this table. This competition among countries linked to the British Empire, started in 1930, takes place at each four years and in 2022 it will have its 22<sup>nd</sup> edition. The first time these games occurred in India was in 2010, even while considering that the country is in 4th position in the general medals table, in a total of 70 countries acknowledged by the *Commonwealth Games Federation*.

Until 2022, BRICS countries will be at the front line as hosts of mega sports events; two Summer Olympic Games, two winter Olympic Games, three world cups and one Commonwealth Games.

This chapter analyzes FIFA World Cup. However, where necessary to clarify some obscure point or example, China and India's experiences will be described.

### **SOFT POWER, PUBLIC DIPLOMACY OR PROPAGANDA**

It is not my intention to take the readers' time by presenting theoretical studies on soft power, its criticism, its followers or its limits, however I can state that the use of it, in a mechanist way, in periphery nations is a very serious problem, because it is a theoretical tool created to analyze western economic powers within a specific conjuncture – post Perestroika, Glasnost, fall of the Berlin wall and the failure of real socialism in East Europe and USSR. The concern of political scientists was to understand the role of the United States in this new world scenario and how it could exercise other forms of power, in addition to those already used by the Pentagon.

One year after the fall of the Berlin Wall, Joseph Nye presents a book on the change of forms of the American power in the world, gaining several followers and making of him a reference/celebrity in the debate on international relations. His concept seemed very simple to understand, power is something fluid, intangible, and there are other forms for a country to exercise its world influence without using economic embargoes, or Agent Orange, like, for example, films, technology or bilateral alliances involving cooperation agreement in strategic areas like energy.

The great theoretical bet of Nye, which did not occur in the concrete reality, was that with the end of the cold war, military and economic coercion would be less effective in the search for international prestige and influence, and so

nations could seek their objectives through other ways, and ascend within the established order without necessarily destroying their institutions and agreements. It did not occur in concrete reality due to the War on Terror after the terrorist attacks to the Twin Towers. Since this period we live in a permanent state of exception, which means personal data being watched, governors being tapped by the Pentagon, secret detentions. Even Angela Merkel, Chancellor of Germany, theoretically USA ally, suffered this invasion in 2015.

Answering to the question posed to this issue involving soft power, public diplomacy or propaganda, it seems that the soft power concept is closer to propaganda, because it uses strategies of global ambit like films and series in entertainment field, broadcasts and online newspapers, and mega sports events. Public diplomacy is associated to the promotion of a country's image abroad by means of diplomats and consuls concerned with foreign political relation with civil society, in an effort of democratization and transparency in transnational public policies.

Researchers like John Horne, Wolfram Mazentereiter, Richard Giulianotti and Andrew Zimbalist are some of the authors who criticize the idea of application of soft power to sports events. Elsewhere I stated that the concept of soft power attempts to minimize imperialism or colonialism in the forms of power, and that power in the different forms of international relations keeps on being a bureaucratic power in Weber's sense of the term, applied to the countries' politics as developed by Hans Morgenthau (2003), defining power as the fight of forces that are not necessarily antagonistic, since they want power, and they want to keep their power, regardless of ideology. I grounded my studies on Morgenthau to expand the idea of power not as a means, but rather as an end in itself. In this case the imperialist nation uses elements of cultural and social cooptation to impose its force in the international political game.

The nation that can make its culture prevail in the other nations would have more soft power. Since the dominant nation is in the heart and mind of the dominated nations, it could exercise its power using Nye principles. Ultimately, the soft power can only be used in case there was, in its first base, violence, imposition and strength imposed from a dominant nation to the dominated one. It would be the neo-colonization of its own culture in a globalized society.

The authors who defend a critical thought to what we call intangible legacies, as soft power would be, make a harsh criticism to the causal relation established in holding FIFA World Cup and having their agendas met in international demands – see Brazil’s intention of having a chair as permanent member of UN’s Security Council. Hosting such event involves changes in the most different aspects of the country, from urban mobility and housing, to political and legal aspects. Expenses of billions of dollars, the expected profit and a massive audience do not represent, on their own, success of the event, and can result in huge failures, as shown by analyses made in Beijing, Sochi, South Africa, Brazil and Rio de Janeiro.

The imposition of FIFA agenda to host countries reveal a huge unevenness. As example, legal-institutional changes in Brazil to meet international sports organizations’ demands, even considering the loss of state autonomy as a true State of Exception, that, in fragile democracies like those of BRICS countries, end up by using public money to promote these mega events.

FIFA became a global player in international relations with an aggressive, authoritarian and fraudulent strategy as *modus operandi* in the choices and agendas to promote its event. And I believe that the detention of FIFA leaders during Brazil’s World Cup was an important step to reveal the “good lady” pose that the entity disseminated. FIFA is a transnational company that seeks profits for partners and leaders, enters into agreements without accountability and is not held responsible for human rights in its interventions. I use to call FIFA a hurricane that goes to any place, leaves destruction marks wherever it passes – populations without housing, public neglect, death of workers and gentrification – and when it is questioned, it places the guilt on the local government, states that everything was in contract and so seeks the next ‘victim’, or host.

These statements may seem, at first, ideological, with no theoretical grounds, and for those who think so, I suggest the reading of internationally acknowledged texts for them to realize how FIFA and its partners are doing a disfavor to football, as put by John Horne in his paper on political contestation and abuses of human rights; or Tim Hill, who criticizes this form of presenting football in the contemporary world; Alan Tomlinson, who discusses FIFA’s lack of governance and transparency; Jean-Loup Chappetel who discusses the need of regulation of international sports agents, like COI and FIFA; Emman-

uel Bayle, who makes a parallel with Nixon, using the expression ‘FIFAgate’ to refer to recent corruption scandals in FIFA. These are examples from the academic area alone. Other initiatives by groups of the civil society also act in order to contain FIFA corruption and protect Football and cultural heritage. These groups have built international articulations like: (a) Play the Game; (b) Against Modern Football; (c) Sport for the Peace; (d) National Articulation of World Cup Popular Committees.

## **FIFA WORLD CUP IN BRICS**

South Africa in 2010, Brazil in 2014 and Russia in 2018 were hosts of the last world championships of men’s football. Each nation wanted to obtain visibility in the event to foment their agendas in three spheres: domestic, regional and global. We can say that the strategic interests to host a World Football Cup have a mnemonic sphere in culture, leisure and tourism, with an aura of memories, chiefly for those who have World Cups as time markers. I don’t know about South Africa and Russia, but Brazilians build part of their memories with their experience in the World Cup. Simoni Guedes perfectly synthesizes this idea in her 2002 text “O Brasil nas Copas do Mundo: tempo “suspensão” e história” (*Brazil in World Cups: “suspended” time and history*):

World Cups are, for Brazilians, true national rituals, occasions when ‘Brazilianness’ is celebrated, a symbolic construction of national unity, somehow “suspending” the differences and inequalities that permeate the social structure. For such process to be effective, it is necessary that during these periods a special time and a special history are constituted. This process supposes the “suspension” of the daily time, establishing long holidays and triggering the memory of participation of the selected Brazilian in world cups. (*translated*)

This way of thinking the relation involving football, Brazil and World Cup was transformed in 2013, when the June protests occurred in Brazil, just before the Confederations Cup, with authors discussing democracy’s impasses in Brazil and proposing a very consistent reading of the 2013 protests and the 2016 coup. Another important study to understand population rejection to Confederations Cup and FIFA World Cup in Brazil is the one by Ângela Alonso,

of 2017, called “Política das Ruas: protestos em São Paulo de Dilma a Temer” (*Street Politics: protests in São Paulo of Dilma and Temer*).

In Brazil’s World Cup we can think of another interesting point. Since there is a symbolic narrative of football, one example of this phenomenon was Brazil’s defeat against Germany, the ‘Mineiratzen’, reference to ‘Maracanazo’ in 1950. These fictitious names, over time, became histories built, creating a universe of tales and chronicles, films and journalistic chronicles, which are more in the fantasy world than in reality. While discussing the myth issue, the paper published on CNN by Anthony Pereira addresses these issues and also the fears that hovered on 2014 World Cup.

The fear was shared by other foreign newspapers like CNN, BBC, Daily Mail, New York Times, The Guardian, Le Monde. These vehicles demonstrated mistrust with regard to the World Cup to be held in Brazil. That can be seen in foreign newspapers’ editorials; Jenny Barchifield in article published in the Daily Mail of June 30, 2013 depicts the discontentment of Brazilians in the Confederations Cup final.

In an Editorial of June 18, 2013, BBC widely covers the protests in Brazil, with their agendas, among which #nãovaitercopa (*#there’llbenocup*).

It is true that during the World Cup, through the rules of legislative changes imposed by FIFA, particularly Law 12.663/2012 – known as General Cup Law, there was more control of protests, and dispersion was obtained with violence and previous control of organized groups and social movements, a series of measures like anti-terrorism legislation that placed these groups in illegality. So, there was more effective control and violence. That led newspapers to change their opinion on the world cup feasibility, as occurred with The New York Times in a report of June 17, 2014, pointing out that the misfortunes of 2013 lead to small issues.

In Brazil, the 2014 World Cup as propaganda abroad (soft power) showed a weakened democracy, with politics that violated the democratic pact and the advance of a conservative agenda.

In South Africa, the overcome of the apartheid issue and the Pan-Africanism representation set the tone of South African leaders’ speeches in the reports of international vehicles. These were South Africa demands, the African World Cup. For example, The Guardian, in June 13, 2010, in reports by David Smith, mentions Africa’s problems and the little attention given by the media in several civil wars occurring in the continent.



Like in Brazil, South Africa had to reform its laws to adapt to FIFA's demands, with courts that were specially established to address situations involving FIFA's interests. Marina Hyde in *The Guardian*, in June 20, 2010 published an excellent report on the draconian actions of South Africa government to calm down FIFA about the urban violence in host cities.

In South Africa, FIFA statute vetoed informal trade near official areas like stadiums and locations of FIFA official events (fan parks, accreditation centers, official training areas, hotels). *Trade Mark 2010* documentary by journalist Rudi Boon presents this scenario. Newton presents the process of removal for the construction of structures linked to the World Cup, project *N2 in Cape Town*, with 20 thousand people displaced.

Russia hosted FIFA world cup in 2018, and differently from previous events, it was already consolidated since 2013, with protests in Brazil, a journalism more concerned with FIFA's actions. Another outstanding point was the detention of FIFA's senior leaders in 2014 and 2015, with a scanning across the entity. The Russian world cup starts with discussions on the entity's corruption and Russia is held responsible for the lack of transparency in the process of choice, while Putin and FIFA relation is considered suspicious.

Journalists and the western academy started a large coverage on the 'FIFAgate'; the *New York Times* described the accusations with details in its editorial, based on FBI investigations that started in 2011, indicating generalized corruption of FIFA in the last decades – involving dispute for the right to host in Russia (2018) and Qatar (2022) world cups – in addition to marketing and TV broadcasting contracts. In 2015, FIFA senior management was arrested in Zurich, disclosing to the world the largest world scandal in football.

Russia, with difficulties to impose its agenda to the west, had to deal with the international civil society that was demanding transparency and governance in FIFA and its partners. Something that Russia itself does not have. Another important aspect is a whole discussion on the exponential increase in expenses by host countries to organize the event, which happened in BRICS countries.

**Table 2 – World Cup costs, values taken from Exame magazine reports and compared to The Guardian data, updated to 2018 values.**

Country	General Costs in Billions US dolar
Russia	\$ 17.6
Brazil	\$ 15
South Africa	\$ 8.6
Germany	\$ 4.6

How come nations with most HDI (Human Development Index) problems are those that invested/spent most in FIFA World Cup? How were BRICS countries used to inflate the mega event?

Russia world cup is Putin world cup; this is how the New York Times calls the event. After Putin’s speech, in the opening, the New York Times once again analyzes the fraternity sought by the “Russian dictator”:

Foreign newspapers established a very different dialogue during Russia World Cup, due to Putin power in the world scenario, or to the internal control of domestic issues, but no doubt there was shielding by the government against news linked to the World Cup period. Differently from Brazil and South Africa, where international media addressed issues like income distribution, urban violence, public expenses, transparency, police violence, corruption, gentrification, in Russia world cup, these same newspapers discussed its warfare and expansionist politics.

Next, some consequences of the wicked relationship between FIFA and BRICS are presented, showing that there are more affinities between Brazil and South Africa (B and S) than with the R partner (Russia), which was once the owner of the world, as USSR, and brings with it all this ideological and military load against countries that are only emerging regional economies like Brazil and South Africa. These countries count on little attention in the asymmetric relations of international power, which reinforces the thesis that soft power only exists if the nation could use, historically, its military and economic strength to conquer its agenda. Russia and Putin, particularly, knew how to shield the event, showing what they wanted to show, reminding the German effort in Berlin Olympic Games.

## FINAL CONSIDERATIONS

In these considerations, I would like to answer some questions mentioned in the introduction and try to systematize a coherent answer based on the literature consulted and the reports selected.

FIFA commercializes its product, FIFA World Cup of Men's Football, and among several reasons to sell this product is the soft power, which, translated to the Global South is propaganda. For a long time, the country that hosts the 'FIFA's Hurricane' will be the target of the world media and can enter into commercial agreement in a neoliberal conjuncture.

FIFA used all its political force, along with the will of emerging Global South leaders, to provide new course to the organization. It sought agreements with countries that were highly interested in using its brand to expand their global network, and that generated astronomical numbers as can be seen in Table 2.

BRICS countries, due to their feeling of deficit of representativeness and their interest in expanding their strength and power in the world geopolitical game, fed FIFA's *Hydra*. In Greek Mythology, Hydra is a water serpent with nine heads, with two main characteristics, to compare with FIFA, the first is its poison, lethal just by inhaling it (in BRICS countries a footprint of corruption, dislodged people, violence, and obscurity was left). The second characteristic is that each head of the serpent, if cut off, grows back as two (FIFA involves its partners and its high administration in a corruption and power game that seems endless, according to investigations of scandals generated in the last two decades).

The emphasis on consumption is fully opposed to a social income re-distribution for the event's host countries; the city recovery to produce touristic attractions produces more gentrification of the urban space that is called regeneration, and consequently, generating big negative impact for poor communities; the use of public funds to finance a private event produces overspend in public accounts (Brazil and South Africa) that led to fiscal austerity and legislative changes in social security and labor warranties.

The recent mega events in BRICS countries (including China and India) showed: (a) evictions of poor populations without a compensation process; (b) abuse of workers, chiefly immigrants; (c) changes in civil rights and cutting back in social movements; (d) threatens, intimidation and detention of free media engaged journalists.

This is the portrait of BRICS countries as hosts of Summer Olympic Games, Winter Olympic Games, FIFA World Cup and Commonwealth Games.

To conclude, a phrase by Jérôme Valcke, accused for illegal selling of tickets in Brazil World Cup in 2014: “less democracy is sometimes better for organizing a World Cup.

## REFERENCES

AHLERT, G. Assessing the Impact of the FIFA World Cup Germany 2006™ - Some Methodological and Empirical Reflections. **Gesellschaft Für Wirtschaftliche**, 2007.

ALMEIDA, B. S., Bolsmann, C., Marchi Jr., W., Souza., J. (2015). Rationales, rhetoric and realities: FIFA's World Cup in South Africa 2010 and Brazil 2014. **International Review for the Sociology of Sport**, v.50, n.3, p.265-282.

ALMEIDA, M. B.; GUTIERREZ, D. O Soft Power do Brasil e a Cobertura da Mídia Internacional da Copa Do Mundo da FIFA 2014. **Licere**, v.21, n.2, 2018.

ALMEIDA, M. B.; et. al. As Reportagens das Mídias Estrangeiras sobre o Brasil dos Megaeventos Esportivos: Soft Power, Periferia e Dependência. **Movimento**, v. 25, n. 1, p. 32-45, 2019.

ALONSO, A. A Política das Ruas: protestos em São Paulo de Dilma a Temer. **Novos estud. CEBRAP**, n. especial, p.49-58, 2017.

AVRITZER, Leonardo. **Impasses da democracia no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BARCFIELD, J. More missiles and tear gas in Brazil as 5,000 anti-government protestors march near Maracana. **Daily Mail**, Confederation Cup 2013, Junho 30, 2013.

Disponível em: <https://www.dailymail.co.uk/sport/football/article-2352100/Confederations-Cup-2013-Protests-result-tear-gas-missiles.html>. Acessado em: 05/01/2019.

BASTOS, P. Z. Ascensão e crise do governo Dilma Rousseff e o golpe de 2016: poder estrutural, contradição e ideologia. **Revista de Economia Contemporânea**, v.21, n.2, n. esp., p. 1-63, 2017.

BAYLE, E., RAYNER, H. Sociology of a scandal: the emergence of ‘FIFagate’. **Soccer & Society**, v.19, n.4, p.593-611, 2018.

BORDER, S. At the World Cup, Doomsday Predictions Give Way to Smaller Hiccups in Brazil. **New York Times**, Nova Iorque, World Cup, 17 Junho, 2014. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2014/06/18/sports/worldcup/at-the-world-cup-doomsday-predictions-give-way-to-smaller-hiccups-in-brazil.html>. Acessado em: 05/01/2019.

BRAATHEN, E.; SØRBØE, C.M. & MASCARENHAS, G. BRICS, megaeventos esportivos e o Rio de Janeiro como uma ‘cidade de exceção’. **Tensões Mundiais**, v.10, n.18, p.327-362, 2014.

BRANNAGAN, P., ROOKWOOD, J. Sports mega-events, soft power and soft disempowerment: international supporters’ perspectives on Qatar’s acquisition of the 2022 FIFA World Cup finals. **International Journal of Sport Policy and Politics**, v.8, n.2, p.173-188, 2016

BRANNAGAN, P.M., GIULLIANOTTI, R. Soft Power and Soft Disempowerment: Qatar, Global Sport and football’s 2022 Word Cup finals. **Leisure Studies**, v.10, p. 1-17, 2014.

CHAPPETEL, J. L. Beyond governance: the need to improve the regulation of international sport. **Sport in Society**, v.21, n.5, p. 724-734, 2018.

CORNELISSEN, S. More than a Sporting Chance? Appraising the sport for development legacy of the 2010 FIFA World Cup. **Third World Quarterly**, 32(3), 503-529, 2010.

CORNELISSEN, S. The Geopolitics of Global Aspiration: Sport Mega events and Emerging Powers. **The International Journal of the History of Sport**,

27(16-18), 3008-3025, 2011.

DAMO, A. Produção e consumo de megaeventos esportivos - apontamentos em perspectiva antropológica. **Revista Comunicação, Mídia e Consumo**, v. 8, p. 67-92, 2011.

DAMO, A. O desejo, o direito e o dever - A trama que trouxe a Copa ao Brasil. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 02, p. 41-81, 2012.

DAMO, A.; OLIVEN, R. G. O Brasil no horizonte dos megaeventos esportivos de 2014 e 2016: sua cara, seus sócios e seus negócios. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 19, n. 40, p. 19-63, 2013.

DANTAS, A. T.; JABBOUR, E. K.; SOBRAL, B. A recriação conservadora do Estado: impasses no reformismo progressista e popular e o golpe de 2016. **Revista da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia**. v.10, n.14, p.5-38, 2016.

EDITORIAL BBC. Brazil protests spread in Sao Paulo, Brasilia and Rio. **BBC**, World Latin America, Junho 18, 2013.

Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-latin-america-22946736>  
Acessado em: 05/01/2019.

FREIXO, M. Lei para coibir protestos na Copa trata manifestante como terrorista. **Especial UOL**. 2014.

Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/opinia/coluna/2014/04/17/lei-para-coibir-protestos-na-copa-trata-manifestante-como-terrorista.htm>.  
Acessado em: 05/01/2019.

GRIX, J., BRANNAGAN, P.M., HOULIHAN, B. Interrogating States Soft Power Strategies: a case study of Sports Mega-Events in Brazil and the UK. **Global Society**, v.29, n.3, p.463-479, 2015.

GRIX, J., LEE, D. Soft Power, Sports Mega-Events and Emerging States: The Lure of the Politics of Attraction. **Global Society**. v.27 n.4, p.521-536, 2013

GUEDES, S. L. O Brasil nas Copas do Mundo: tempo “suspenso” e história. In: **Associação Brasileira de Antropologia, XXIII**, 2002, Gramado. RBA - Reunião Brasileira de Antropologia, Associação Brasileira de Antropologia. Congresso, Associação Brasileira de Antropologia, 2002.

HILL, T.; CANNIFORD, R.; MILLWARD, P. Against Modern Football: Mobilising Protest Movements in Social Media. **Sociology**, v.52, n.4, 2018.

HORNE, J. Sports mega-events – three sites of contemporary political contestation. **Sport in Society**, v.43, n.3, p.1-13, 2017.

HYDE, M. World Cup 2010: Fans, robbers and a marketing stunt face justice. **The Guardian**, World Cup 2010, Junho 20, 2010.  
Disponível em: <https://www.theguardian.com/football/2010/jun/20/world-cup-2010-fans-marketing-justice-fifa>. Acessado em: 05/01/2019.

LAFER, C. (1982). **Paradoxos e Possibilidades: Estudos Sobre a Ordem Mundial e Sobre a Política Exterior do Brasil num Sistema Internacional em Transformação**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

MACFARQUHAR, N. M. Thank Soccer, and Trump: Putin Has a Chance to Woo the World. **New York Times**, World Cup Russia, 13 de Junho de 2018.  
Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/06/13/world/europe/world-cup-russia-putin.html>. Acessado em: 05/01/2019.

MANZENREITER, W. The Beijing games in the western imagination of China: The weak power of soft power. **Journal of Sport & Social Issues** v.34, n.1, p.29-48, 2010.

MORGENTHAU, H. **A Política entre nações: a luta pelo poder e pela paz**. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.

NEWTON, C. The reverse side of the medal: about the 2010 FIFA World Cup and the beautification of the N2 in Cape Town. **Springer Netherlands**, v. 2, n. 1, p.7-16, 2009.

NYE, J. S. **Soft power: The means to success in world politics**. Public Affairs, 2004.

PEREIRA, A. Brazil 2014: Exploding the myths of sun, samba, soccer. CNN, opinion, Junho 13, 2014.

Disponível em: <https://edition.cnn.com/2014/06/13/opinion/brazil-sun-sex-soccer/index.html>. Acessado em: 05/01/2019.

PREUSS, H. The conceptualisation and measurement of mega sport event legacies. **Journal of sport & tourism**. v.12 n.3-4 p.207-228, 2007.

SCHAUSTECK A., B; Graeff, B. Displacement and Gentrification in the “City of Exception”: Rio de Janeiro Towards the 2016 Olympic Games. **Bulletin Journal of Sport Science and Physical Education**, v.70, p.54–61. 2016.

SMITH, D. As football fever grips the nation, terror and famine in Africa go unreported. **The Guardian**, World, Junho 13, 2010. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2010/jun/13/zimbabwe-farmers-south-africa>. Acessado em: 05/01/2019.

SMITH, R. Russia Welcomes the World, for Better or Worse. **New York Times**, World Cup Russia, Junho 13, 2018.

Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/06/13/sports/world-cup/russia-putin.html>. Acessado em: 05/01/2019.

SZWAKO, José. O fascismo contemporâneo brasileiro ou o mundo segundo o conservadorismo. **Revista Escuta**, n. especial, p.1-10, 2016.

Disponível em: <https://revistaescuta.wordpress.com/2016/05/18/escuta-especial-conjuntura-o-fascismo-contemporaneo-brasileiro-ou-o-mundo-segundo-o-conservadorismo>. Acessado em: 05/01/2019.

TOLEDO, R. M.; GRIX, J.; BEGA, M. T. Megaeventos esportivos e seus legados: uma análise dos efeitos institucionais da eleição do Brasil como país-sede. **Rev. Sociol. Polit.**, Curitiba, v.23, n.56, p.21-44, 2015.



TOMLINSON, A. The supreme leader sails on: leadership, ethics and governance in FIFA. **Sport in Society**, v.17, n.9, p. 1155-1169, 2014.

ZIAKAS, V. (2015). For the benefit of all? Developing a critical perspective in mega-event leverage. **Leisure Studies**, v.4, n.6, p.689-702, 2015.

## CAPÍTULO 3

# **Pelé, Romário and Ronaldo: The Social Trajectories of Celebrity Politicians and the 2014 Fifa World Cup in Brazil**

*Billy Graeff*

*Renan Petersen-Wagner*

As argued by Beck (2005) the once distinct boundaries that separated the political, economic, and social spheres are eroding. Sports, which were once conceived as parochial past-time activities have now become gigantic and complex structures (Gupta, 2009; Horne, 2015; Roche, 2000; Müller, 2015). The development of sport mega events (SMEs) has led them to be platforms for a growing number of issues and occupy a central position on a variety of fields (Roche, 2000; Horne & Manzenreiter, 2006; Horne, 2015). SMEs are growingly related to nation and city branding (Knott, 2010), and also ‘an increasingly popular political and developmental strategy for a wide range of urban, regional, and national governments, along with their social and economic allies’ (Black, 2007, p. 261). Moreover, it is clear that ‘states seek to host sports mega-events because, above all, they believe it will enhance their international prestige’ (Grix, 2012, p. 289). It can be considered that image leveraging is one of the most important drivers for stakeholders when

the subject is SMEs. What has not been explored by SMEs related literature is the fact that potentially they are used for investments in 'personal branding'. In other words, people can use SMEs to obtain individual advantages being them either symbolic, material, or financial.

Although it is not a surprise that SMEs can leverage personal brands, the intricacies of the blurring of boundaries between sport, stardom, and politics is yet to be fully recognised within mainstream sport sociologists' discourses - with the notable exception of Doidge and Almeida (2017). Celebrity studies within sport have extensively focused on the socio-cultural and economic spheres of stardom, particularly on how sport stars can become role models and influence behaviour (see Lines, 2001; Biskup & Pfister, 1999; Martin & Bush, 2000; Melnick & Jackson, 2002), the cultural meanings those stars carry (see Chung, 2003; Pope, 2016), how athletes are used for brand endorsements within economic globalization (see Gilchrist, 2005; Marrs; 1996; Moorman, 2006; Smart, 2005; Van Heerden, Kuiper & Saar, 2008), and how athletes-celebrities are connected to discourses of nation creation (see Nalapat & Parker, 2005; Wong & Trumper, 2002). Inasmuch as those researches have touched upon the political sphere, the investigation of the intersects between economics, social and political, where the latter takes central stage is yet to be instilled within sport sociological lexicon.

This chapter analyses the involvement of three athletes who were involved with Brazilian politics and with the loosely defined organising committee of the FIFA World Cup 2014 (hereafter World Cup). The chapter follows with a literature review on celebrity politics, to then the methods of the empirical research to be discussed. In a third moment we present the three athletes' portraits and how their political and social spectrum positions varied during our data collection period (2011-2016). Finally, we discuss our findings in relation to how they express the particularities of the social dynamics of celebrity politics in Brazil and how the tensions, spacings and approximations of those three actors with the organisation of the World Cup were a reflection of the political situation Brazil faced in this period - which culminated with the impeachment of the then President Rousseff in 2016.

## CELEBRITY POLITICS

Inasmuch as celebrity politics has not entered the established political science grammar until the beginning of the 21st century (see Street, 2004; 2012; Van Zoonen, 2006; Wheeler, 2013), its features in Western democracies are not solely confined to late modern times. The scrutiny of the relationship between personal characteristics and political implications can be traced back to the writings of Ancient Greek philosophers. In Ancient Greece, morality, courage, dexterity, and virtue of heroes were expressed by the notion of arete (see Barnes & Kenny, 2014), what conveyed individuals with suitable political qualities for the ideal Greek democracy. In a second moment, we can trace it to the writings of Niccolò Machiavelli (2011), especially in regard to how individuals in power should act in order to maintain such position. Not far from the late modern times, another author who influences our present understanding of celebrity politics is Max Weber (2013), especially his notion of legitimate authority deriving from three different ideal types of leadership - rational-legal, traditional, and charismatic. The charismatic leader as described by Weber (2013) shares the same roots as the Ancient Greek heroic figure as conceptualised in Plato (see Barnes & Kenny, 2014). Nevertheless, the manner in which Weber (2013) sees charismatic leadership already points to a direction that recognises personal qualities taking prominence over political positions.

By taking those three different authors as informing the current debate in political science on celebrity politics it is possible to envision at least two distinct approaches to the topic. On one hand there are researchers who focus on the politicisation of celebrities (see Doidge & Almeida, 2017; Inthorn & Street, 2011; Schultz, 2001; Street, 2004; Wheeler, 2013) akin to the works of Plato and Weber, while on the other hand there are researchers who focus on the celebritisation of politicians (see Loader, Vromen & Xenos, 2016; Street, 2004, Van Zoonen, 2006; Wheeler, 2013) akin Machiavelli. Street (2004) in his seminal work on celebrity politics conceptualise the latter type as Celebrity Politics Type 1 (CP1) who are characterised by either an elected/appointed politician with an historical background in the celebrity culture or an elected/appointed politician who utilises similar approaches as celebrities to enhance his/her image amongst the electorate. The second type of Celebrity Politics (CP2) that Street (2004) conceptualises is when an individual who already

possesses the quality of a celebrity starts to announce her/his political perspectives to his/her already captivated audience. The politicisation of celebrities can happen in relation to more confined campaigns as through petitions and shows/festivals organised for one particular cause, or more broadly when those individuals decide to enter the political realm as candidates.

As part of a broader research project on SMEs in Brazil, the data collection for this chapter started in 2011 and finished at the end of 2016, with the addition of few older news that helped to contextualise the profiles. Several alerts were organised in traditional communication media as well as one of the authors made weekly observations on social media in order to collect news about the World Cup. The former football players were chosen because they represented certain trajectories due to their appearance on World Cup related news. Above all, we follow Da Matta (1992) in considering those three former footballers as embodying the characteristics of persons in Brazilian society by the possible ‘credibility’ effect their past football success can give to their statements regarding the World Cup. For the analysis we decided to work with Lahire’s concept of sociological portraits (2005). This boils down to work with a closer range to the individual in order to produce a sociology grounded in the human experience in its many faces and forms of manifestation (Lahire, 2005; 2011). The temporal approach to the development of the relationship between the three actors emanated from the methodological tool itself. Profiles (portraits) were built with news that involved at least one of the three actors referred to in this paper throughout the period studied. We subsequently selected 23 news about Pelé, 18 about Romário and 22 about Ronaldo, which were chosen because they were either important alone or they synthesised a wider set of news. Three periods emerged through the data analysis: a friendlier approach to the World Cup (around the bid); a more conflicting period in which certain roles were forged (the building up to the World Cup); and finally the year of the competition, when all seemed to change (2014 onwards).

## **THE SOCIAL TRAJECTORIES OF CELEBRITY POLITICIANS**

### **Pelé**

Edson Arantes do Nascimento (Pelé) is probably the most known Brazilian athlete to date (see Kittleston, 2014). Born in 1940, Pelé won three World Cups

with Brazil (1958, 1962 and 1970) and immortalised the number 10 shirt in Brazil's social imaginary. Decades after retiring, Pelé had a brief stint in politics when he was appointed Extraordinary Minister of Sport in 1995 by the then President Fernando Henrique Cardoso (PSDB - Brazilian Social Democratic Party). During his time as Extraordinary Minister of Sport, Law 9.615/98 (known as Lei Pelé) was promulgated, which mainly allowed football players to freely transfer after their contracts ended, and private investors to own football clubs. This law can be read as part of the neo-liberalisation project that took place during the PSDB presidency years (1995-2002).

Despite proclaiming his support for Brazil's bid (Reporter Diario, 2007), he was absent from the bidding process (BEM Parana, 2007). In 2007, he claimed that the then CBF (Brazilian F.A.) President Ricardo Teixeira has not asked him to be part of the ceremony that confirmed Brazil as host of the event (JCnet, 2007), although Teixeira later stressed that Pelé would be an international representative of Brazil (Tribuna do Norte, 2008). It was in contrast to this marginal role in the World Cup's preparations (Terra, 2011a) that Pelé was announced in August 2008 as an official ambassador for Rio de Janeiro's bid to host the 2016 Olympic Games (Vicelli, 2008). However, after being announced as an ambassador for the World Cup in July 2011, Pelé's presence increased during the build-up to the event (IG, 2011; Blog do Planalto - Presidencia da Republica, 2011), with him speaking out against delays in the preparations for the event (Ramil, 2011). In 2012, Pelé described his role as of 'putting out fires' (Souza & Martins, 2012) regarding widespread public discontent in the lead-up to the event. Following significant public demonstrations during the 2013 Confederations Cup, Pelé called Brazilians to 'forget' any concerns on the financial costs of hosting the event (R7 Esportes, 2013a) and to leave protests until after the event (Brock, 2013). These statements were heavily condemned on social media, as illustrated by the Twitter campaign '#calabocapele' ('shut up Pelé'). In 2014, Pelé continued to call for an end to protests against the event (UOL, 2014; Terra, 2014) and sought to deter the Brazilian public from 'spoiling the party' (Folha de Sao Paulo, 2014). Although reportedly limiting his public appearances in order to avoid association with the protests (Kfourri, 2014), it was reported that Pelé stood to earn around R\$58 million from commercial deals relating to the event (Spacca, 2014).

## Romário

Romário de Souza Faria, or simply Romário, was born in 1960, and won the 1994 FIFA World Cup with Brazil. Romário can be said to represent in Brazil's social imaginary the rogue figure described by Da Matta (1992) as 'the malandro', the master of 'trickery' (malandragem), or as the 'trickster politic' as described in Doidge and Almeida (2017). One year after retiring from professional football, Romário was elected Federal Deputy (2011-2015) and then elected as Senator in 2014 both representing the Brazilian Socialist Party (PSB) of the Rio de Janeiro state. Thus, part of his relationship with the World Cup was mediated by his legislative role. Romário was announced as an official ambassador for the city of Rio de Janeiro in the World Cup by the state governor Sergio Cabral (Doro, 2007), and then CBF guaranteed a role in the World Cup organisation (Globo Esporte, 2008). In the build-up to the World Cup, Romário was announced alongside former teammate Ronaldo as the face of the Local Organising Committee, in a move that would help lend 'credibility' to the event (Cassado, 2011). In this role, Romário announced that an average of 500 free tickets per game would be provided to disabled people during the competition (Luiz Maurício, 2011). Despite this, Romário made several strong criticisms on the preparations of the event, especially regarding the refurbishment of Maracanã (Monteiro, 2011). More broadly, he also directly criticised Ricardo Teixeira and the then FIFA General Secretary Jerome Valcke (Savarese, 2011). Romário's outspoken criticism of both FIFA and the World Cup continued by describing the works carried out for the event as the biggest robbery in the country's history (Castro, 2013; Marcelino, 2012), even claiming that the presidents of both CBF and FIFA were thieves (R7 Esportes, 2013b). This criticism was also aimed at the perceived ignorance of former teammates Ronaldo and Bebeto for their support of the World Cup (Terra, 2013; Folha de Sao Paulo, 2013). In the year of the event itself, Romário maintained this strong line of criticism with specific reference to Blatter and Valcke (O Estado de Sao Paulo, 2014) as well as claiming that both the president and vice-president of CBF should have been arrested (O Dia, 2014). He also had a call for a Parliamentary Inquiry Commission into CBF's dealings approved by the Senate (Whitaker, 2015).

## Ronaldo

Ronaldo Luis Nazário de Lima, or simply Ronaldo (1978-), another prolific striker who won the FIFA World Cup in 1994 and 2002 for Brazil. Different from the other two former footballers turned into politicians, Ronaldo got involved just marginally in politics by canvassing for Aécio Neves (PSDB) against Dilma Rousseff (PT - Workers Party) in the run-up for the 2014 Presidential Election due to his embarrassment at Brazil's preparations for hosting the event (Globo, 2014). His political participation culminated in 2015, following the corruption scandal that afflicted Ms Rousseff when he protested against her government wearing a shirt saying 'it's not my fault, I voted for Aécio' (Price, 2015). Despite personal image issues including an infamous 2008 scandal involving three transvestites prostitutes (G1, 2008), Ronaldo was also given an official role in the 2014 World Cup. Following reports that he would lead the organising committee (Goal.com, 2011), Ronaldo took part in the draw for the qualifying rounds of the competition in 2011 (Terra, 2011b) and also spoke enthusiastically about the social legacy of the event (Globo Esporte, 2011). After welcoming new local organising committee chairman Jose Maria Marin to his role in 2012 (FIFA, 2012), Ronaldo was named as ambassador for both Confederations and the World Cup in January 2013 (FIFA, 2013). Despite his role in the organising committee and strong support for Brazil's hosting of the World Cup in the face of public discontent - as illustrated by his statement that "you don't make World Cups with hospitals" - Ronaldo began to take a more critical stance in the lead up to the event (WSC, 2014). Beyond criticising delays in the construction of stadia (Boadle & Downie, 2013) and the scaling down/cancellation of related infrastructure projects (Mercopress, 2014), Ronaldo declared himself appalled at Brazil's World Cup preparations in terms of both the lack of planning and disregard for the host population (Wade, 2014). He claimed to have joined the organising committee as the event represented a great opportunity for Brazil, but one that was not being taken advantage of (Wade, 2014).

## SOCIAL TRAJECTORIES

As presented, the three portraits shared similar histories with the event. Wherever they were in their trajectories, they approached the event friendly, and even tried to climb higher within the organisation. The unpopular be-



ginning of event related constructions and the unfolding of protests against them give room for an interpretation of those portraits as conscious actors (Bourdieu, 1977; Lahire, 2005; 2011). The three athletes-turned-politicians had different postures regarding public criticisms towards the event. Their places in the event's social universe, however, had a grand influence in what paths they would choose to follow. Pelé, at the end, found himself in a peculiar position. He was trying to support the event critically, but he produced such conflicting and embarrassing statements that the organisers preferred to keep their distance from him. Ronaldo performed comparable role. However, he moved away from the World Cup in a very unpredictable fashion once he had no previous involvement in politics and his main reason was apparently to further his support for Aécio Neves. Finally, Romário played a heavy role against the event at the end by attacking the organisation as well as the organisers. At one point he even teamed up with Andrew Jennings (Downie, 2015; ESPN, 2015) in order to make the most of his campaign, bringing the latter to the Brazilian Congress. At least two different issues could be raised from this study in regard to celebrity politics and SMEs. The first issue relates to the way the three celebrity politicians approached the World Cup with 'malandragem' (trickery). The second concerns the specific field of sport mega events and its use as a platform for sport celebrities' engagement.

As pointed out by Street (2004), celebrities tend to show their political persona through more confined agendas as in relation to petitions or shows/festivals for one particular cause. Taking the World Cup as mega scaled sporting festivals, we can understand how and why the three athletes turned politicians adhered their images to the event. The World Cup did not have an inherent political agenda behind it, but it was a perfect field where those three persons (see Da Matta, 1992) could leverage their stardom by politicising it. Moreover, their political statements could give credibility to the organisation, or as in the case of Romário and Ronaldo could discredit the organisation, and especially for the latter discredit the political party in power (Workers Party). What we see in this particular Global South case was the Brazilian way of conducting public affairs. Akin to their football prowess, their political participations during all the periods of the World Cup were marked by tricks, step-overs, fake passes that left the audience - akin as their markers in the past - to not know if they were fully in favour or against the World Cup, a distinct mark of trickery as

described by Da Matta (1992). As such, in contrast to Street (2004) and Wheeler (2013) where the politicised celebrities produced a more coherent political agenda, what we saw was the 'Brazilian way' of politics, with a higher degree of malleability in terms of the acceptance of different and to some extent contradictory messages (see Silva, Sanches-Justo & Rodrigues, 2013). By not being fully in favour or against the World Cup, and by being sometimes in or out of the official organisation of the event, the three celebrity politicians could, as past world class football artists, surprise their audience by lending credit or discrediting the organisation in order to avoid affecting negatively their images. Moreover, as the popular dictum in Brazil says: 'Brazilians have short memories in respect to politics' (see Gazeta do Povo, 2014), the trickery approach taken by the three politicised celebrities allows them in the future to navigate again through all the spectrum of Brazilian politics.

Our second contribution relates to the intersection between (sport) celebrity studies and SMEs, by the creation of a distinct space for sociological inquiry. For example, Lahire (2011) highlighted the need to deepen the analysis on the relationships among actors, capitals and fields. This would be a way to avoid assumptions that resonates in contemporary sociology without going through greater scrutiny. Studies may develop a more Bourdieusian take once the field described seems to allow a rather exciting stage. The tight timeline of SMEs and the enormous attention they attract can function as a gravitational field for sports celebrities, who are invariably linked to these events, either by the initiative of organisers or by their own initiatives. Although, it is still necessary to better understand the strategies used by sport celebrities when engaging with these SMEs. The cases presented in this chapter show that such an approach can be rather rational and oriented by external issues, instead of the being motivated by the common frenzy associated with sport mega events. For example, as soon as the 2014 World Cup started to face troubles both Romário and Ronaldo disembarked from the event. Romário apparently did not want to be associated with both the 2014 World Cup and the 2016 Olympics anymore, once they were a sensible matter in Rio de Janeiro, his electoral domicile. Ronaldo went further, even publicly campaigning for the government's opposition during the World Cup. And however, Pelé decided to support the event even though the criticism was widespread at that point, the way the organisers treated him suggests that from the side of the event there was also a more prag-

matic approach. Our analysis suggests that the actors measured carefully the investment made – they were conscious (Bourdieu, 1977; Lahire, 2005; 2011). The distance to the field - approaches and spacing - were performed in very specific moments, not being possible to attribute the decisions to phenomena other than the event in the public opinion eye. Also, the intensity of actions suggests the same. Romário started to gain attention of the media, inclusive the international media as with his participation at BBC's Hard Talk (BBC, 2014), once he started to be more effectively against the World Cup, leading him to be the main critical voice in the spectrum of the social development of the event. Ronaldo, in turn, seems to have decided to not get involved into further polemics after the 'you do not make a World Cup with hospitals' incident. He gradually disappeared from the news related to the event. Pelé, who was apparently not as careful as Ronaldo, nor engaged as Romário, ended up damaging his image and allegedly risking the capitals at play.

## CONCLUSIONS

This article evidenced how sport mega events can be used as a stage for individual's image construction. We presented three distinct sociological portraits to demonstrate the fluidity of sport celebrity politics in terms of how their participation unfolded over the period of the organisation of the SME, and how those individuals used the SME as platform for personal development. We did it by linking the field work to (sport) celebrities' studies. Distinctively to both Street (2004) and Wheeler (2013), we approached the phenomena through the use of Lahire's (2005, 2011) sociological portraits methodology in order to present our data, and Bourdieu's (1977) theory of the field to guide part of our analysis.

Our findings point out that the approaches of the actors studied in this article - Pelé, Romário and Ronaldo - were conflicting and changeable. The three actors started their World Cup trajectory with a friendlier relationship towards the event, eventually altering their relationship to the event when it came closer to its staging. This behaviour suggests a conscious approach to the field (Bourdieu, 1977; Lahire, 2005, 2011). Romário and Ronaldo appear to have followed the tendency of the public opinion (see DataFolha, 2014), distancing themselves from the event once it started to be systematically criticised.

Pelé stayed in the shadows for some time, only to be then challenged by the general public through new media platforms as Twitter and Facebook once he decided to appeal to the population to support the event. Furthermore, our analysis also suggests that the actors were pragmatic in their approach to the event, considering external factors while interacting with event's related issues. Romário and Ronaldo did so with political concerns as background, whilst Pelé was apparently trying to keep his international bonds to FIFA and his World Cup related sponsorships. These apparent changes in direction regarding their support or criticism during the building-up process and the staging of the World Cup adds another dimension to the literature on sport celebrity politics - their decisions were not only related to maximising their political capital but were also governed by an economic rationality of profit maximisation. That said, the blurring of boundaries between the political, economic, and social capital of those celebrity politicians was a constant feature in their historical involvement with the organisation of the World Cup. At the end, it was unclear for the Brazilian population if those three actors when supporting or criticising the mega-event were doing so for personal gains in their different capital (their celebrity persona), or if they were doing so for the benefit of the electorate (their political persona). Further research is needed in order to investigate how or if sport celebrity politicians can disassociate the personal from the political, or if the blurring between those two realms is so permanent that being a celebrity politician actually means using the new political capital solely for personal social or economic capital gains.

## REFERENCES

Barnes, J. and Kenny, A. (2014) *Aristotle's Ethics: Writings from the Complete Works Revised Edition*. Princeton: Princeton University Press.

BBC (2014) Hard Talk: Romario. Retrieved from <http://www.bbc.co.uk/programmes/n3csw9f9>

BEM Parana (2007). Copa de 2014 começa sem Pelé, sem dinheiro e com problemas. Retrieved from <http://www.bemparana.com.br/noticia/47955/copa-de-2014-comeca-sem-pele-sem-dinheiro-e-com-problemas>

Beck, U. (2005) The cosmopolitan state: Redefining power in the Global Age. *International Journal of Politics, Culture & Society*, 18(3/4), 143-159.

Biskup, C & Pfister, G (1999). I would like to be like him/her: Are athletes role-models for boys and girls? *European Physical Education Review*, 5(3), 199-218.

Black, D. (2007). The Symbolic Politics of Sport Mega-Events: 2010 in Comparative Perspective, *Politikon: South African Journal of Political Studies*, 34(3), 261-276.

Blog do Planalto - Presidência da República (2011). Pelé será o embaixador da Copa do Mundo Fifa 2014. Retrieved from <http://blog.planalto.gov.br/pele-sera-o-embaixador-da-copa-do-mundo-fifa-2014/>

Boadle, A. & Downie, A. (2013). Brazil to miss FIFA deadline for World Cup stadiums. Retrieved from: <http://uk.reuters.com/article/us-soccer-brazil-worldcup-stadiums-idUSBRE9390ML20130410>

Bourdieu, P. (1977). *Outline of a theory of practice*. Cambridge, U.K.: Cambridge University Press.

Brock, P. (2013). Exclusivo: vamos deixar protestos para depois da Copa, diz Pelé. *Terra*. Retrieved from <http://esportes.terra.com.br/futebol/copa-2014/exclusivo-vamos-deixar-protestos-para-depois-da-copa-diz-pele,-fa927a0774be0410VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>

Cassado, A. (2011). Com Ronaldo no COL, Romário diz que Copa 2014 agora tem uma 'cara'. *Globo Esporte*. Retrieved from <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2011/12/com-ronaldo-no-col-romario-diz-que-copa-2014-agora-tem-uma-cara.html>

Castro, G. (2013). 'Vão roubar. E muito', diz Romário sobre obras da Copa. *Veja*. Retrieved from <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/vao-roubar-e-muito-diz-romario-sobre-obras-da-copa>

Chung, H. (2003). Sport star vs rock star in globalizing popular culture: similarities, difference and paradox in discussion of celebrities. *International Review for the Sociology of Sport*, 38(1), 99-108.

Da Matta, R. (1992). *Carnivals, rogues and heroes: Interpretation of the Brazilian dilemma*. USA: University of Notre Dame Press

DATAFOLHA (2014). *Opinio sobre protestos e Copa do Mundo*. Datafolha. Retrieved from <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2014/02/24/opinio-sobre-protestos-e-copa-do-mundo.pdf>

Doidge, M. & de Almeida, B. (2017). From goalscorer to politician: The case of Romario and football politics in Brazil. *International Review for the Sociology of Sport*, 52(3), 263-278.

Doro, B. (2007). Romário será embaixador do Rio para Copa de 2014. UOL. Retrieved from <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2007/05/24/ult59u121499.jhtm>

Downie, A. (2015). Brazil's football boss under closer scrutiny in Senate inquiry. Reuters. Retrieved from <http://uk.reuters.com/article/uk-soccer-fifa-brazil-idUKKCN0QP2CO20150820>

ESPN (2015). *Corrupção da Fifa nasceu no Brasil, denuncia Andrew Jennings em CPI vazia*. Retrieved from [http://espn.uol.com.br/noticia/540646\\_corrupcao-da-fifa-nasceu-no-brasil-denuncia-andrew-jennings-em-cpi-vazia](http://espn.uol.com.br/noticia/540646_corrupcao-da-fifa-nasceu-no-brasil-denuncia-andrew-jennings-em-cpi-vazia)

FIFA (2013). *Brazil 2014 ambassadors unveiled*. Retrieved from: [www.fifa.com/worldcup/news/y=2013/m=1/news=brazil-2014-ambassadors-unveiled-1998294.html](http://www.fifa.com/worldcup/news/y=2013/m=1/news=brazil-2014-ambassadors-unveiled-1998294.html)

FIFA (2012). *Ronaldo welcomes new LOC chairman*. Retrieved from: [www.fifa.com/worldcup/news/y=2012/m=3/news=ronaldo-welcomes-new-loc-chairman-1600050.html](http://www.fifa.com/worldcup/news/y=2012/m=3/news=ronaldo-welcomes-new-loc-chairman-1600050.html)

Folha de Sao Paulo (2014). Pelé pede que brasileiros protestem só depois da Copa e ‘não estraguem a festa’. Retrieved from <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2014/01/1405672-pele-pede-que-brasileiros-protestem-so-depois-da-copa-e-nao-estraguem-a-festa.shtml>

Folha de Sao Paulo (2013). Chamado de dissidente da Copa pelo ‘NYT’, Romário diz que Ronaldo é ignorante. Retrieved from <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2013/10/1356975-chamado-de-dissidente-da-copa-pelo-nyt-romario-diz-que-ronaldo-e-ignorante.shtml>

G1 (2008). Caso Ronaldo: travestis prestam depoimento. Retrieved from <http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL454956-5606,00-CASO+RONALDO+TRAVESTIS+PRESTAM+DEPOIMENTO.html>

Gilchrist, P (2005). Local heroes or global stars. In: L. Allison (Eds) *The Global Politics of Sport: The role of global institutions in sport*. London: Routledge.

Globo Esporte (2011). ‘Melhor que Pelé’, Ronaldo exalta legado social da Copa em Itaquera. Retrieved from: [globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2011/09/melhor-que-pele-ronaldo-exalta-legado-social-da-copa-em-itaquera.html](http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2011/09/melhor-que-pele-ronaldo-exalta-legado-social-da-copa-em-itaquera.html)

Globo Esporte (2008). CBF garante emprego de Romário. Retrieved from <http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Futebol/0,,MUL402634-4274,00.html>

Goal.com (2011). Ronaldo accepts offer to lead Brazil 2014 World Cup organising committee - report. Retrieved from [www.goal.com/en-gb/news/3841/world-cup-2014/2011/11/29/2779959/ronaldo-accepts-offer-to-lead-brazil-2014-world-cup](http://www.goal.com/en-gb/news/3841/world-cup-2014/2011/11/29/2779959/ronaldo-accepts-offer-to-lead-brazil-2014-world-cup)

Grix, J. (2012). World Cup “Image” leveraging and sports mega-events: Germany and the 2006 FIFA World Cup. *Journal of Sport & Tourism*, 17(4), 289-312.

Gupta, A. (2009). The Globalization of Sports, the Rise of Non-Western Nations, and the Impact on International Sporting Events. *The International Journal of the History of Sport*, 26(12), 1779-1790.

Horne, J. (2015). Assessing the sociology of sport: On sports mega-events and capitalist modernity. *International Review for the Sociology of Sport*, 50(4-5), 466-471.

Horne, J., & Manzenreiter, W. (2006). An introduction to the sociology of sports megaevents. *The Sociological Review*, 54(2), 1-24.

IG (2011). Agora embaixador, Pelé defende Copa de 2014 em artigo na Espanha. Retrieved from <http://esporte.ig.com.br/futebol/agora-embaixador-pele-defende-copa-de-2014-em-artigo-na-espanha/n1597212989561.html>

Inthorn, S. & Street, J. (2011). 'Simon Cowell for prime minister'? Young citizens' attitudes towards celebrity politics. *Media, Culture and Society*, 33(3), 479-489.

JCnet (2007). Copa 2014: Pelé diz que não foi chamado por Teixeira. Retrieved from [http://www.jcnet.com.br/editorias\\_noticias.php?codigo=116679&ano=2007&p=](http://www.jcnet.com.br/editorias_noticias.php?codigo=116679&ano=2007&p=)

Kfourir, J. (2014). Por que Pelé apareceu tão pouco na Copa do Mundo. UOL - Blog Do Juca Kfourir. Retrieved from <http://blogdojuca.uol.com.br/2014/08/por-que-pele-apareceu-taopouco-na-copa-do-mundo/>

Kittleson, R. (2014). *The country of football: Soccer and the making of modern Brazil*. Berkeley: University of California Press.

Knott, B. K. (2010). *The strategic contribution of sport mega-events to nation branding: The case of South Africa and the 2010 FIFA World Cup*. PhD Thesis, Bournemouth University.

Lahire, B. (2005). *Portraits Sociologiques : Dispositions et variations indivi-*



duelles. Paris: Amand Colin

Lahire, B. (2011). *The plural actor*. Cambridge, UK: Polity.

Lines, G. (2001). Villains, fools or heroes? Sports stars as role models for young people. *Leisure Studies*, 20 (4), 285-303.

Luiz Maurício, M. (2011). Romário e Ronaldo anunciam ingressos gratuitos para deficientes na Copa-2014. UOL. Retrieved from <http://esporte.uol.com.br/futebol/copa-2014/ultimas-noticias/2011/12/23/romario-e-ronaldo-anunciam-liberacao-de-500-gratuidades-por-jogo-na-copa.htm>

Loader, B.; Vromen, A. & Xenos, M. (2016). Performing for the young networked citizen? Celebrity politics, social networking and the political engagement of young people. *Media, Culture & Society*, 38(3), 400-419.

Machiavelli, N (2011) *The Prince*. London: Penguin Classics.

Marcelino, U. (2012). Romário diz que obras da Copa de 2014 serão maior roubo da história do país. *Veja*. Retrieved from <http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/romario-diz-que-obras-da-copa-de-2014-sera-o-maior-roubo-da-historia-do-pais>

Marrs, J (1996). The right of publicity: Untested marketing rights of college football celebrities. *Journal of Sport and Social Issues*, 20(2), 211-222.

Martin, C & Bush, A (2000). Do role models influence teenagers' purchase intentions and behavior? *Journal of Consumer Marketing*, 17(5), 441-453.

Melnick, M & Jackson, S. (2002). Globalization American-Style and reference idol selection: The importance of athlete celebrity others among New Zealand youth. *International Review for the Sociology of Sport*, 37(3/4), 429-448.

Mercopress (2014). Brazil: Furious Dilma fires back at World Cup criticism

from soccer star Ronaldo. Retrieved from: [en.mercopress.com/2014/05/26/brazil-furious-dilma-fires-back-at-world-cup-criticism-from-soccer-star-ronaldo](http://en.mercopress.com/2014/05/26/brazil-furious-dilma-fires-back-at-world-cup-criticism-from-soccer-star-ronaldo)

Monteiro, L. (2011). Romário visita obras do Maracanã, critica governo e diz que estádio não é mais o mesmo. UOL. Retrieved from <http://esporte.uol.com.br/futebol/copa-2014/ultimas-noticias/2011/10/10/romario-visita-obras-do-maracana-critica-governo-e-diz-que-estadio-nao-e-mais-o-mesmo.htm>

Moorman, A. (2006). False Advertising and Celebrity Endorsements: Where's My Script?. *Sport Marketing Quarterly*, 15, 111-113.

Müller, M. (2015). What makes an event a mega-event? Definitions and sizes. *Leisure Studies*, 34(6), 627-642.

O Dia (2014). Romário detona presidente e vice da CBF: 'Deveriam estar na cadeia'. Retrieved from <http://odia.ig.com.br/esporte/copa-do-mundo/2014-07-09/romario-detona-presidente-e-vice-da-cbf-deveriam-estar-na-cadeia.html>

Nalapat, A. & Parker, A. (2005). Sport, celebrity and popular culture: Sachin Tendulkar, cricket and Indian nationalisms. *International Review for the Sociology of Sport*, 40(4), 433-446.

O Estado de Sao Paulo (2014). Romário nao poupa críticas e chama Blatter e Valcke de 'Ladrões'. Retrieved from <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,romario-nao-poupa-criticas-a-fffa-e-chama-blatter-e-valcke-de-ladroses,1139989>

Pope, S. (2016) Female fan experiences and interpretations of the 1958 Munich Air Disaster, the 1966 World Cup finals and the rise of footballers as sexualised national celebrities. *International Review for the Sociology of Sport*, 51(7), 848-866.

Price, D. (2015). Fat Ronaldo takes to the streets to protest about Brazilian government. Retrieved from: [www.caughtoffside.com/2015/03/18/image-fat-ronaldo-takes-to-the-streets-to-protest-about-brazilian-government/](http://www.caughtoffside.com/2015/03/18/image-fat-ronaldo-takes-to-the-streets-to-protest-about-brazilian-government/)

R7 Esportes (2013a). Exclusivo: Pelé pede que brasileiros esqueçam dinheiro gasto com estádios para Copa 2014 - Rei do Futebol diz que não dá para quebrar as novas arenas e devolver valor que foi investido. Retrieved from <http://esportes.r7.com/futebol/copa-do-mundo-2014/exclusivo-pele-pede-que-brasileiros-esquecam-dinheiro-gasto-com-estadios-para-copa-2014-05092013>

R7 Esportes (2013b). Romário rasga o verbo na Câmara e chama presidentes de CBF e Fifa de ladrões. Retrieved from <http://esportes.r7.com/futebol/copa-do-mundo-2014/romario-rasga-o-verbo-na-camara-e-chama-presidentes-de-cbf-e-fifa-de-ladros-16102013>

Ramil, T. (2011). Pelé critica atrasos para a Copa 2014 e teme se envergonhar. Estadão - O Estado De Sao Paulo. Retrieved from <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,pele-critica-atrasos-para-copa-de-2014-e-teme-se-envergonhar,681390>

Regalado, A. (2009) Wait, is that Ronaldo? Soccer's fallen star attempts comeback in Brazilian league; glamorous it is not. Retrieved from: [www.wsj.com/articles/SB123871831859584865](http://www.wsj.com/articles/SB123871831859584865)

Reporter Diario (2007). Pelé aposta no sucesso da Copa de 2014 no Brasil. Retrieved from <http://www.reporterdiario.com.br/noticia/204801/pele-apos-ta-no-sucesso-da-copa-de-2014-no-brasil/>

Roche, M. (2000). *Mega-Events and Modernity: Olympics and Expos in the Growth of Global Culture*. London: Routledge.

Savarese (2011). Romário acua Teixeira e secretário da Fifa e chama depoimento de "circo". UOL. Retrieved from <http://esporte.uol.com.br/futebol/copa-2014/ultimas-noticias/2011/11/08/romario-acua-teixeira-e-secretar->

io-da-fifa-e-chama-depoimento-de-circo.htm

Schultz, D. (2001) Celebrity politics in a Postmodern Era: The case of Jesse Ventura. *Public Integrity*, 3(4), 363-376.

Silva, N., Sanches-Justo, J., & Rodrigues, V. (2013). A cultura brasileira e seus desdobramentos na cultura organizacional: o jeitinho, a malandragem e a importação dos modelos de gestão. *Colloq Humanarum*, 10 (Especial), 114-121. <http://dx.doi.org/10.5747/ch.2013.v10.nesp.000439>

Smart, B. (2005). *The Sport Star: Modern sport and the cultural economy of sporting celebrity*. London: Sage.

Souza, Y., & Martins, D. (2012). Pelé diz que seu papel na Copa será apagar fogueiras. *Valor*. Retrieved from <http://www.valor.com.br/politica/2574140/pele-diz-que-seu-papel-na-copa-2014-e-apagar-fogueiras>

Spacca, L. (2014). Com Copa, Pelé fatura R\$ 58 milhões com contratos publicitários em 2014 -Cálculo foi feito por agência que negociou acordos com P&G, Volkswagen, Emirates, Subway e Coca-Cola, com a qual vai passear pelo Brasil com taça do Mundial. *UOL*. Retrieved from [http://maquina-doesporte.uol.com.br/artigo/com-copa-pele-fatura-r-58-milhoes-com-contratos-publicitarios\\_26116.html#.UysCMSwtOos.twitter](http://maquina-doesporte.uol.com.br/artigo/com-copa-pele-fatura-r-58-milhoes-com-contratos-publicitarios_26116.html#.UysCMSwtOos.twitter)

Street, J. (2004). Celebrity politicians: Popular culture and political representation. *British Journal of Politics and International Relations*, 6, 435-452.

Street, J. (2012) Do celebrity politics and celebrity politicians matter? *British Journal of Politics and International Relations*, 14, 346-356.

Terra (2014). Pelé volta a pedir fim de protestos na Copa: “brasileiro estraga a festa”. Retrieved from <http://esportes.terra.com.br/futebol/copa-2014/pele-volta-a-pedir-fim-de-protestos-na-copa-brasileiro-estraga-a-festa,17604d3ef58e3410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>

Terra (2013). Romário chama Ronaldo e Bebeto de “ignorantes” por apoiar Copa do Mundo. Retrieved from <http://esportes.terra.com.br/futebol/copa-2014/romario-chama-ronaldo-e-bebeto-de-ignorantes-por-apoiar-copa-do-mundo,2544fee5501c1410VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html>

Terra (2011a). Embaixador da Copa, Pelé deixa transparecer clima ruim com Teixeira. Retrieved from <http://esportes.terra.com.br/futebol/brasil2014/noticias/0,,OI5270364-EI10545,00-Embaixador+da+Copa+Pelé+deixa+transparecer+clima+ruim+com+Teixeira.html>

Terra (2011b). Neymar e Ronaldo participam de sorteio de Copa 2014. Retrieved from <http://esportes.terra.com.br/futebol/brasil2014/noticias/0,,OI5239171-EI10545,00-Neymar+e+Ronaldo+participam+de+sorteio+de+Copa+Pelé+e+ausencia.html>

Tribuna do Norte (2008). Copa 2014: Pelé sera o representante internacional do Brasil. Retrieved from <http://tribunadonorte.com.br/noticia/copa-2014-pele-sera-o-representante-internacional-do-brasil/69558>

UOL (2014). Pelé dá sugestão a manifestantes: “Vamos protestar só depois da Copa”. Retrieved from <http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2014/01/31/pele-faz-sugestao-a-manifestantes-vamos-protestar-so-depois-da-copa.htm>

Wade, S. (2014) Ronaldo is ‘appalled’ by Brazil’s World Cup preparations. Retrieved from: <http://www.businessinsider.com/ronaldo-is-appalled-at-brazils-world-cup-preparations-2014-5?IR=T>

WSC (2014). Ronaldo’s unconvincing World Cup U-turn. Retrieved from: [www.wsc.co.uk/wsc-daily/1183-world-cup-2014/11591-ronaldo-s-u-turn-on-world-cup-hasn-t-convincd-fans](http://www.wsc.co.uk/wsc-daily/1183-world-cup-2014/11591-ronaldo-s-u-turn-on-world-cup-hasn-t-convincd-fans)

Whitaker, P. (2015). Senado aprova projeto de Romário e cria CPI da CBF. Terra. Retrieved from <http://esportes.terra.com.br/futebol/senado-aprova-projeto-de-romario-e-cria-cpi-para-investigar-cbf,76d06cff16bbe>

48f92a7ebfd43f124dfhi4uRCRD.html

Van Heerden, N., Kuiper, A., & Saar, H. (2008). Investigating sport celebrity endorsement and sport event sponsorship as promotional cues. *South African Journal for Research in Sport*, 30(2), 147-165

Van Zoonen, L. (2006) The personal, the political and the popular: A woman's guide to celebrity politics. *European Journal of Cultural Studies*, 9(3), 287-301.

Vicelli, E. (2008). À margem da Copa, Pelé entra “de corpo e alma” pelo Rio-2016. *Gazeta Do Povo*. Retrieved from <http://www.gazetadopovo.com.br/esportes/olimpiadas/2008/a-margem-da-copa-pele-entra-de-corpo-e-alma-pelo-rio-2016-b54axqi3tdcoatn3d1zckpmq6>

Weber, M. (2013) *Economy and Society*. Berkeley: University of California Press.

Wheeler, M. (2013). *Celebrity Politics: Image and identity in contemporary political communications*. London: Polity.

Wong, L. & Trumper, R. (2002) Global celebrity athletes and nationalism: Fútbol, hockey, and the representation of nation. *Journal of Sport and Social Issues*, 26(2), 168-194.

## CAPÍTULO 4

# João Havelange e o Homem Cordial

*Gustavo Luis Gutierrez*

O jornalista escocês Andrew Jennings publica, em 2006, o livro “Foul: the secret world of Fifa” (2011) onde denuncia, numa série de reportagens, escândalos financeiros na gestão do órgão máximo do futebol mundial. Jennings é um jornalista investigativo que trabalha na Inglaterra e, antes da pesquisa sobre a Fifa, já havia denunciado atos de corrupção na Scotland Yard e de dopping na natação olímpica britânica, sem grande repercussão. Seu livro sobre a organização do futebol, pelo contrário, obtém um sucesso mundial, ajudado também pela postura dos dirigentes do futebol que buscam denegri-lo e impedir seu acesso a eventos da entidade.

As denúncias sobre compra de votos para a eleição da presidência e a escolha das sedes dos campeonatos mundiais têm um efeito devastador sobre a Fifa. Ela nunca mais será a mesma. Dirigentes históricos como José Maria Marin são presos e outros vivem discretamente, evitando viagens ao exterior. A sede da entidade no Rio, que homenageava Marin teve seu nome trocado para “Casa do Futebol Brasileiro”. O texto de Jennings visa basicamente as

gestões de Sepp Blatter, sucessor de Havelange, à frente da Fifa e as acusações de suborno na compra de votos para sua reeleição e na indicação das sedes para a realização da Copa do Mundo de Futebol, através da empresa ISL.

Havelange não é central na análise, salvo pelo fato de ter viabilizado o atual modelo de gestão da Fifa que Jennings define, no seu estilo superlativo tipicamente jornalístico, como algo que: “era, e talvez ainda seja, um cenário de crime organizado. É disso que se trata: de uma conspiração para roubar as pessoas do que elas querem. E o Havelange, lembrem-se, se tornou um multi-milionário graças ao futebol. Ele era absolutamente vigarista.”

É um jornalista na Inglaterra, que escreve para veículos ingleses, lidos por leitores ingleses. Esse viés eurocêntrico, que o livro adota para classificar o brasileiro Havelange, assim como os demais personagens que não são europeus, terminou por despertar curiosidade sobre aspectos específicos da interação entre o que é tipicamente brasileiro e sua percepção a partir de um olhar europeu. Afinal, se para Jennings é muito clara a relação entre as opções que Havelange vai fazendo na sua carreira e o fato de ser brasileiro, do lado brasileiro, pelo contrário, a relação não parece ser tão evidente. Ernesto Rodrigues, autor de uma biografia importante sobre Havelange, num documentário que realizou, também constata o euro centrismo de Jennings.

A relação de Havelange com os representantes de países mais pobres, da África e Ásia principalmente, é um elemento fundamental em todo o processo eleitoral que o leva à presidência da Fifa. É preciso lembrar que a Fifa é composta por seis confederações regionais (Concaf, Conmebol, Uefa, Afc, Caf, Ofc), cujos diretores são eleitos pelos votos de federações filiadas. Neste sentido, pelo menos teoricamente, o voto de uma representação da África central, por exemplo, teria o mesmo peso que o voto de um país europeu com forte tradição futebolista. Havelange vai utilizar este sistema eleitoral para retirar o controle da organização dos países europeus e torná-la mais internacionalizada, num processo politicamente complexo e sofisticado, que leva a críticas, principalmente por parte dos nativos dos países mais prejudicados, os europeus.

Como outro exemplo de olhar tipicamente europeu sobre o desenvolvimento recente da Fifa podemos citar, por exemplo, o pesquisador francês Antoine Duval, do International and European Sports Law, no Asser Instituut na Holanda. Ele comenta o seguinte: “Funcionários da Fifa reivindicam ser o



governo mundial do futebol, mas eles definitivamente não são confiáveis para milhões de fãs que estão indignados com sua conduta. A cadeia democrática clássica que existe entre um governo e seus cidadãos no nível nacional está justamente quebrada no caso da Fifa. A representatividade dos executivos da Fifa é sabotada pelo ‘pseudo-democrático’ processo de votação no Congresso, que iguala Andorra com Espanha ou Samoa com China. Então, desde que haja um poder tão desproporcional nas mãos de micro estados e federações, será extremamente difícil resolver o déficit democrático da Fifa”. Há várias questões interessantes aqui. É um texto bastante atual, de 2015, que vai repetir as mesmas críticas dos europeus no início das gestões de Havelange. Há também uma questão conceitual importante. Embora o pesquisador fale em governo, cidadãos e fãs, o fato concreto é que a Fifa é uma entidade privada e seus controladores não são, e não pensam, nem como funcionários públicos ou representantes políticos. Pelo contrário, pensam que controlam o fornecimento de um produto específico, o qual procuram vender na maior quantidade e com a maior margem de lucro possível. Inclusive porque não se trata de um produto de primeira necessidade, como alimentos ou remédios. É algo supérfluo, que ninguém precisa consumir para viver bem. Nesta mesma linha de raciocínio, como a Fifa não é um serviço público não se aplica a acusação de corrupção, no máximo corrupção privada que, por enquanto, não é tipificado como crime, pelo menos pela legislação brasileira. Por fim, quanto à natureza ‘pseudo-democrática’ do sistema, seria interessante ouvir a opinião dos representantes de Andorra e Samoa.

O texto a seguir vai tentar explorar um pouco esta transformação da organização internacional do futebol, que se desenvolve fundamentalmente durante os vinte e quatro anos que o brasileiro Havelange ocupa a presidência da Fifa, tendo como recorte central a possível presença de características brasileiras no processo ou, em outros termos, do que poderia vir a ser uma forma brasileira de fazer política e de gerenciamento organizacional. E vai usar a obra de Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil* (2016) como referência fundamental da definição da nacionalidade.

## JOÃO HAVELANGE

João Havelange, nome de batismo Jean-Marie Faustin Goedefroid Havelange, viveu um século. Nasceu em 1916 e morreu em 2016. E foi um século

durante o qual esteve bastante ativo, em 1936 participou, como nadador, da famosa Olimpíada de Berlim, quando Hitler apresentou a Alemanha nazista para o mundo. Em 2013, aos 96 anos renuncia à presidência de honra da Fifa.

Nesse período presenciou grandes transformações política. Foi presidente da CBF durante a presidência de Juscelino Kubitschek, que aproveitou o período de um campeonato mundial de futebol para fazer uma reforma ministerial mais tensa. Quando o presidente do Brasil o encontrava brincava: “Havelange, quando é que vai ter outra Copa? Eu tenho que fazer umas mudanças, mas preciso de tranquilidade e pouca repercussão.” (Rodrigues, 2007,70). Vai perder a presidência da CBD (depois CBF) em 1974 para o almirante Heleno Nunes, mais próximo do regime militar brasileiro. Nesse mesmo ano ganha a eleição para a presidência da Fifa, tornando-se o único dirigente não europeu da entidade. Vai se reeleger, sucessivamente, até 1998. Passou de discreto diretor de uma empresa de transportes para a glória de ser considerado um dos mais importantes, se não o mais importante, dirigente esportivo do mundo, voltando ao ostracismo no final da vida, frente a acusações de obter benefícios pessoais ilegítimos com os cargos.

Havelange participou do time campeão do campeonato carioca juvenil de futebol em 1931, formou-se em direito pela Universidade Federal Fluminense, e competiu como nadador na Olimpíada de Berlim de 1936. Foi presidente da Federação Paulista de Natação, em 1948 em São Paulo, e vice-presidente de Confederação Brasileira de Esportes (CBD), em 1951. Foi acionista e diretor da empresa de transporte Cometa e disputou a Olimpíada de Helsinque em 1952 como jogador de polo aquático. Em 1956 comandou a delegação brasileira na Olimpíada de Melbourne. Foi presidente da CBD entre 1958 e 1975, e presidente da Fifa entre 1974 e 1998, além de ser eleito em 1963 para o Comitê Olímpico Internacional onde permaneceu mais de quarenta anos.

Sua posição de dirigente de uma entidade representativa do futebol, a importância que este esporte vai ganhar ao longo de todo o século XX, e suas características e carisma pessoais, o tornam uma testemunha da história, muitas vezes envolvido com fatos e personagens complexos e marcantes. O século XX, como diria Hobsbawn entre outros, é um período de revoluções e grandes transformações. Muito dificilmente alguém que o tenha atravessado em uma posição de destaque conseguirá ficar por cima de acusações e polêmicas. No caso da história de João Havelange dois fatores, pelo menos, parecem

ter contribuído para tornar sua imagem mais controversa. O primeiro é ter retirado o controle da Fifa dos europeus, mais especificamente dos ingleses, num processo de alianças com países mais pobres, principalmente asiáticos e africanos, detentores de pouca tradição no campo do futebol (Rodrigues, 2007, 156). O segundo fator pode ter sido a forma apolítica que a Fifa (a exemplo dos esportes em geral) assume sob sua direção.

Para ilustrar o primeiro aspecto podemos fazer referência à forma eurocêntrica que Jennings, entre outros, o descreve em seu livro *Jogo Sujo* (2011). No segundo caso a questão parece ser mais complexa. Alguns aspectos da sua biografia podem levar a uma interpretação de que ele tivesse uma posição política de direita, ou ainda de extrema direita. Ele faz, por exemplo, elogios à organização da Olimpíada de 36 na Alemanha, patrocinada por Hitler como uma vitrine não só do país, mas também da prosperidade que o regime político do partido Nacional Socialista promoveria. Há um enorme e complexo debate sobre o nazismo e sua relação com a crise de República de Weimar, não é o caso de aprofundá-lo aqui. Já, com relação à Olimpíada de Berlim parece haver um consenso no que se refere a ter sido muito bem organizada, de resto uma marca comum do trabalho germânico.

A questão da realização da Copa do Mundo de futebol na Argentina, em 1978, tem outros aspectos a serem considerados. Quando Havelange assume a presidência da Fifa, em 1974, a Argentina já tinha sido indicada para sediar os jogos de 1978 e vivia um regime democrático, embora em crise e problemático. Em 1976 os militares tomam o poder e inicia-se o período do chamado Processo de Reorganização Nacional, ou ainda Guerra Suja, marcado por um conflito armado entre militares e membros de organizações armadas de direita e de esquerda, num processo de amplo desrespeito aos direitos humanos e liberdades civis. Fala-se entre nove mil e trinta mil mortos e desaparecidos. Vários estádios onde se realizariam os jogos da Copa de 78 tinham sido utilizados, pouco tempo antes, como campos de concentração para dissidentes do regime. Havelange, mesmo frente a fortes pressões para o cancelamento apoia, como presidente da Fifa, a realização do campeonato mundial de futebol de 1978 na Argentina. O evento foi, como era de esperar, utilizado politicamente pelo governo militar e repressor que controlava o país na época. Na abertura oficial do evento Havelange, num trecho do discurso, vai dizer uma frase que vai perseguir-lo por muito tempo: “Finalmente o mundo pode ver a

verdadeira imagem da Argentina.” (2007, 220)

De resto, em termos políticos ele vai adotar uma posição firme de boicote ao regime sul africano do apartheid e vai patrocinar o ingresso da China comunista na entidade, uma questão mais complexa do que pode parecer hoje em dia. Em 1950 o Partido Comunista Chinês, com o Exército de Libertação Nacional e Mao Tse-tung à frente, controlam todo o território da China Continental. Representantes e refugiados do antigo regime, comandado por Chiang Kai-shek, fogem para a ilha de Taiwan, onde resistem ao regime comunista. O regime de Taiwan traz consigo também o reconhecimento pelos órgãos internacionais, como ONU ou OMS, o que leva a uma situação esdrúxula onde uma nação de um bilhão de pessoas não tem representação internacional. Vai se seguir um período longo de conflitos. De um lado vamos ter a República Popular da China exigindo reconhecimento dos órgãos internacionais e a expulsão da Taiwan, classificada como província rebelde. E, do outro lado, a resistência de Taiwan e seus aliados europeus e norte americanos. Essa situação só vai se resolver em 1971, com a visita do presidente norte americano Richard Nixon à China, e a normalização das relações.

Em 1974, durante a primeira campanha para a presidência da Fifa em que Havelange concorre, a questão do ingresso da China popular, e consequente expulsão de Taiwan, está fervilhando. Havelange já tinha recebido uma mensagem do Itamaraty “recomendando de forma incisiva, ‘por ordem da Presidência da República’, que (...) não tocasse, durante o congresso da Fifa, na questão da volta da China Comunista à entidade,” (2007,158) Rodrigues descreve assim a situação da votação e a ação de Havelange: “- O Brasil, não! O grito de Stanley Rous (presidente da Fifa e candidato à reeleição contra o brasileiro) foi inútil, no salão de convenções do Frankfurt Airport Hotel, para tentar impedir que Havelange tomasse a palavra, ao final de cerca de quatro horas de discussão sobre a questão da reintegração da China aos quadros da Fifa. Rous e a maioria dos delegados europeus, fechados com a política externa dos Estados Unidos, eram contra, mas a proposta de reintegrar a China, e expulsar Taiwan, feita por uma dezena de países árabes liderados pelo Kuwait, tinha o apoio da maioria dos 122 delegados presentes, que exigiram ruidosamente que Rous desse a palavra a Havelange. Havelange (...) precisou de um minuto e quarenta segundos para defender a volta da China e, cuidadoso como sempre, não fez menção à desconfortável necessidade de expulsar

Taiwan.” (2017, 159/0) Essa postura, sem dúvida, ajudou-o a vencer a primeira eleição e consolidar suas relações com os países árabes e africanos.

Outro aspecto que pode despertar uma antipatia ideológica a Havelange é sua associação com os governos militares no Brasil e a percepção de que teria fornecido diversão e entretenimento, elementos estes que possibilitariam alienação popular e desviavam a atenção dos reais problemas políticos. Jennings, de forma simplista e, como sempre, eurocêntrica, comenta o seguinte: “e embora isso não estivesse escrito em lugar algum, era também o queridinho dos generais que governavam sua terra natal, o Brasil. Havelange prometia aos ditadores propiciar alguma distração da opinião pública, algum prestígio para o desacreditado regime político brasileiro, e os generais fariam tudo para ajuda-lo.” (2011, 21) Não parece ser a análise mais precisa do momento histórico. Quando Havelange assume a Fifa, em 74, vem de ser derrotado como candidato à presidência da CBD (depois CBF) por um militar próximo ao governo. “Qualquer que seja o balanço do tempo durante o qual Havelange foi presidente da CBD, ele só deixará o cargo dezesseis anos depois, durante a ditadura militar, quando os planos de seus adversários se misturaram com a guerra surda travada, nos bastidores do regime, entre os liderados dos generais Emílio Garrastazu Médici e Ernesto Geisel”. (Rodrigues 2007, 60)

É verdade que o regime militar tem um projeto amplo e importante no campo do lazer e esporte, envolvendo também a transformação da grande mídia e das comunicações. (Bettine/Gutierrez, 2011) Tão importante que optam por não deixar o controle do esporte nas mãos de civis. Neste mesmo sentido, o início da década de 70 é provavelmente o período de maior prestígio do governo militar, com o sucesso do chamado “milagre econômico”. É também um período de forte repressão policial e de censura. Toda a situação é muito mais complexa do que aponta o jornalista escocês. “Os generais” não constituem um grupo homogêneo e uniforme, a questão da seleção nacional de futebol é um assunto principalmente interno e, por fim, o projeto de conquista e manutenção do poder pessoal de Havelange na Fifa passa essencialmente pelos países africanos e asiáticos, pouco relacionado com a situação específica do Brasil.

Mas o que é consenso com relação a João Havelange é que ele conseguiu ocupar um espaço que ninguém esperava que um brasileiro viesse a ocupar e, com a sua passagem na presidência da Fifa, levou a entidade e o futebol a uma

posição única, o que também ninguém podia imaginar.

“João Havelange é um personagem de destaque no mundo dos esportes. Foi o homem mais poderoso e influente do futebol mundial por 24 anos, período em que presidiu a Federação Internacional de Futebol Association (FIFA) e revolucionou o esporte mais popular que existe. Seu reinado começou em 1974, quando se tornou o primeiro não europeu a ocupar a presidência da entidade. Por seis vezes consecutivas foi reeleito, transformou-a na ‘maior multinacional do mundo’. De uma quantia de cerca de 20 dólares em caixa, a FIFA passou a ostentar um patrimônio de 4 bilhões de dólares. Movimenta atualmente em torno de 250 bilhões de dólares por ano e envolve patrocinadores do nível das multinacionais Coca-Cola, Nike, Budweiser e McDonald’s. Outro de seus méritos foi trazer países da Ásia e da África para o futebol, aumentando o número de times participantes (da copa do mundo) de 16 para 32.” Nas palavras do autor da sua biografia, Ernesto Rodrigues, conforme o documentário *Conversa com JH 2014*, Havelange foi, comparando-o com D. Pedro e Getúlio Vargas, o personagem brasileiro que mais teve poder pessoal na história.

A pergunta deste texto, ou pelo menos a inquietação inicial que perpassa sua elaboração é: o que há de especificamente brasileiro em Havelange?

## **A IMPORTÂNCIA DO OLHAR DO OUTRO**

Havelange, como o primeiro presidente da Fifa não europeu, tem suas ações, principalmente no começo, associadas com o “ser” sul-americano ou ainda brasileiro. É uma questão interessante porque se, por um lado, parece fácil a um europeu colocar este rótulo numa ação administrativa escolhida pelo dirigente, por outro lado não parece fácil pensar, ou definir, o que seria especificamente ações administrativas tipicamente brasileiras. Na verdade o próprio sentido de brasilidade não é claro.

Há uma construção teórica, que dialoga, a partir de uma influência da antropologia mas não só, com áreas como identidade cultural e cultura nacional, que aponta para o “ser” brasileiro e a sua distinção com outras nacionalidades e regionalismo. Na prática, o referencial epistemológico mais comum se baseia numa relação de quais seriam as características mais comuns apresentadas pelo grupo. Esta metodologia funciona (mais ou menos) bem quanto mais específico for o tema de aproximação. Quando pensamos, por exemplo,

em alimentação, vestuário, aspectos regionais, folclore ou corporeidade, a ideia de que uma maior presença de determinado aspecto torna-o, automaticamente, mais significativo na construção do atributo de brasilidade, mantém alguma legitimidade acadêmica. Comer feijão e arroz regularmente, vestir-se de forma mais informal ou uma linguagem corporal mais solta estariam, assim, entre características específicas do objeto estudado.

Esta análise, que beira o senso comum, tem alguns problemas. Em primeiro lugar, como ensina Weber ao falar da categoria Tipo Ideal, a repetição não significa, necessariamente, uma maior importância na construção do objeto. E, segundo, é uma técnica de pesquisa muito difícil de aplicar quando começamos a trabalhar aspectos mais complexos e abstratos, como os casos referidos de uma forma específica de gerenciar ou fazer política.

A construção da identidade é um processo amplo que articula fatores internos e externos. Pensando em identidade pessoal temos vários elementos, que vão da definição genética e as experiências vivenciadas até a socialização mais ampla e, por que não, uma dimensão de sorte ou coincidências impossível de controlar, eventualmente de conhecer. Quando falamos em identidade de grupo, ou social, ou ainda nacional o peso maior vai se dar na construção histórica do coletivo, as características específicas e diferenciadas do processo, numa interface com aspecto geofísicos e políticos. É um campo bastante especulativo, onde a dimensão ideológica, enquanto manifestação ufanista, também vai se encontrar presente. Como o conceito é apropriado por diferentes disciplinas, como psicologia, sociologia, filosofia ou política, as definições vêm sempre marcadas pelas características da área de origem e, como é comum nas humanidades, conversam muito pouco entre si, ou simplesmente se ignoram.

Uma questão para a qual parece interessante apontar é a diferença entre a construção da identidade e a percepção dela. No primeiro caso estamos pensando em algo coletivo, marcado por influências e regras externas, cuja evolução transita entre a subjetividade e os processos de socialização. No segundo caso, a percepção da identidade, o elemento externo, ou o outro (alter), é fundamental para o seu conhecimento. É através da interação com outro, da possibilidade de ver e entender as suas reações às ações e comportamentos do eu (alteridade) o que viabiliza a construção de uma imagem que permita, mesmo que relativamente, acesso à própria identidade. A reação do

outro (alter) é fundamental para que eu (ego) possa conhecer o processo de construção da própria identidade. É alter que permite a ego a sua própria percepção. Este conceito vem da psicologia e é, eventualmente, usado na discussão sobre identidade de grupo, acrescido normalmente de uma referência ao conhecimento e obediência das regras reconhecidas pelo próprio grupo. Não é comum fazer esta transição teórica ao falar de identidade nacional. Por que?

Provavelmente a própria construção dos campos de conhecimento tenha alguma influência nisto. Existe uma relativa interação com a psicologia ao estudar grupos sociais, podemos citar, por exemplo, Bion (Gutierrez,2004). Esta interação parece menos presente na discussão sobre nacionalidade (normalmente apropriada pela ciência política). Mas podemos imaginar outras linhas de raciocínio, por exemplo no caso brasileiro, a inexistência de uma alteridade nacional (ou da percepção das reações dos outros países às ações nacionais) que permita ao país conhecer-se a si mesmo, em função da identidade que ele foi construindo desde o tempos coloniais. Vários fatores parecem concorrer para este fato, o Brasil é uma nação nova, tem uma vocação, senão isolacionista, pelo menos pouco voltada para o exterior (o que é comum no caso de países continentais) e apresenta uma grande diversidade de culturas regionais. O resultado final parece ser uma situação onde tanto o país não “percebe” muito o resto do mundo como, no sentido inverso, o mundo não parece “perceber” muito o Brasil, pelo menos como uma unidade homogênea.

A Força Expedicionária Brasileira, que luta na Europa durante a segunda guerra, talvez seja o primeiro exemplo moderno de ida do Brasil ao mundo. Porém, se por um lado a experiência é profundamente marcante para o desenvolvimento posterior do país trazendo consequências que podem ser sentidas até hoje, por outro lado o papel do país no processo não foi, nem de longe, protagonista, sendo pouco percebido pelo resto do mundo. Dexter Perkins (1967) numa análise do período da presidência de Roosevelt nos Estados Unidos e a II guerra comenta “No sentido físico, a adesão do Novo Mundo às fileiras dos aliados não era de primeira importância, embora a entrada do Brasil na guerra facilitasse o desenvolvimento de uma importante linha de comunicação através do Atlântico. Mas como fontes de matérias-primas as repúblicas latino americanas eram de importância primordial.” Note-se que o historiador não faz referência ao envio de tropas à Europa.

Embora sempre seja difícil trabalhar com estas questões, tudo indica que



esta situação vêm se transformando rapidamente na história recente. A participação brasileira na Missão das Nações Unidas para Estabilização no Haiti (MINUSTAH), entre 2014 e 2017, com episódios dramáticos como toda ação militar, incluindo a morte de um general, aponta para um protagonismo e autonomia muito diferente das ações anteriores. Neste mesmo sentido, a realização da Copa do Mundo da FIFA em 2014 e da Olimpíada no Rio de Janeiro em 2016 são movimentos nacionais que vão colocando o país em contato com o resto do mundo e, conseqüentemente, permitindo que o país se veja pelos olhos do outro.

Nesta linha de raciocínio, e sem pretender fazer qualquer juízo de valor entre episódios históricos únicos e diferentes, a trajetória da presidência da Fifa pelo brasileiro João Havelange parece ocupar o seu espaço.

## **O HOMEM CORDIAL**

Entre a infinidade de textos que procuram ilustrar e compreender o Brasil, de Caminha a Darcy Ribeiro, três livros ocupam o espaço central. Casa Grande e Senzala, A Formação Econômica do Brasil e Raízes do Brasil. Para efeito desde capítulo, vamos nos apoiar no último, de Sergio Buarque de Holanda, principalmente na parte em que ele discute o homem cordial. É um texto clássico cuja importância no cenário intelectual nacional não se questiona, independente da polêmica, sempre saudável, a respeito dos pressupostos e conclusões.

A primeira questão a ser destacada é que o livro incorpora o olhar do outro, uma percepção do país desde fora, cuja importância para uma percepção de si mesmo procuramos apontar antes. O texto foi concebido durante o período em que o autor morou e trabalhou em Berlin, de 1929 a 31. A primeira edição é de 1936 e teria edições revisadas pelo próprio autor nas três décadas seguintes. Usaremos como referência aqui a edição crítica de 2016.

Provavelmente o aspecto mais polêmico do livro seja a ideia do homem cordial, com a observação que a palavra cordial não se define pelo sentido mais comum de polidez ou gentileza, mas enquanto referente ao coração e aos sentimentos. O autor vai apontar a importância da herança colonial, “(a) primazia acentuada da vida rural concorda bem com o espírito da dominação português, que renunciou a trazer normas imperativas e absolutas, que cedeu todas as vezes que as conveniências imediatas aconselham a ceder, que cui-

dou menos em construir, planejar ou plantar alicerces, do que em feitorizar uma riqueza fácil e quase ao alcance da mão.” (Holanda, 2016,163) É um cenário que contrasta com a colonização da América por espanhóis e ingleses e aponta uma particularidade lusa que recai sobre a brasilidade.

A ocupação do espaço vai acontecer, então, numa situação de autonomia e liberdade local distinta. “A expansão dos *pioneers* paulista não tinha suas raízes do outro lado do oceano, podia dispensar o estímulo da metrópole e fazia-se frequentemente contra a vontade e contra os interesses desta. Mas ainda esses audaciosos caçadores de índios, farejadores e exploradores de riqueza foram, antes do mais, puros aventureiros – só quando as circunstâncias os forçavam é que se faziam colonos.” (2016,176) Teríamos, assim, no caso brasileiro um agente dotado de sentido de aventura e distante da lógica da autoridade, no primeiro caso da autoridade colonial, mas que pode se expandir para a autoridade num sentido mais amplo.

A relação com o Estado também seria uma marca da especificidade da sociedade brasileira, onde as relações de família num sentido amplo cumpririam um papel de competição com a autoridade institucional. (2016,245) “No Brasil, onde imperou, desde tempos remotos, o tipo primitivo de família patriarcal, o desenvolvimento da urbanização (...) ia acarretar um desequilíbrio social, cujos efeitos permanecem vivos até hoje. Não era fácil aos detentores das posições públicas de reponsabilidade, formados por tal ambiente, compreenderem a distinção fundamental entre os domínios do privado e do público. (...) A escolha dos homens que irão exercer funções públicas faz-se de acordo com a confiança pessoal que merecem os candidatos, e muito menos de acordo com as suas capacidades próprias.” (2016,252/3) É evidente aqui a dificuldade nacional para lidar tanto com o distanciamento frio da burocracia como, também, com a utilização do mérito como critério para o preenchimento dos cargos.

O autor chega agora ao ‘homem cordial’. “Já se disse, numa expressão feliz, que a contribuição para a civilização será de cordialidade – daremos ao mundo o ‘homem cordial’. A lhanza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. Seria engano supor que essas virtu-

des possam significar ‘boas maneiras’, civilidade. São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante.” (2016,254) Essa polidez, contudo, é uma defesa contra a sociedade. “Equivale a um disfarce que permitirá a cada qual preservar intatas sua sensibilidade e suas emoções.” (...) “Armado dessa máscara, o indivíduo consegue manter sua supremacia ante o social. E, efetivamente, a polidez implica uma presença contínua e soberana do indivíduo”. (2016,255) O autor segue apontando características como uma forte aversão ao ritualismo social e a dificuldade para uma reverência prolongada ante um superior, até chegar à observação da presença no brasileiro “desse horror às distancias que parece constituir, a menos até agora, o traço mais específico do brasileiro.” (2016,259) Não sem antes destacar “o desejo de estabelecer intimidade”, ilustrado pela tendência ao uso de diminutivos (256). “À mesma ordem de manifestações pertence certamente a tendência para a omissão do nome de família no tratamento social. Em regra é o nome individual, de batismo, que prevalece.” (257)

O livro de Holanda é um texto rico, muito original e audacioso, que coloca o seu objeto, o brasileiro, na frente do espelho com uma crueza poucas vezes vista. Provavelmente só da vivência com a cultura alemã pode surgir um retrato tão duro e sincero como o homem cordial.

Há certo consenso a respeito de que o livro, nas suas reedições, caminhou de posições mais simpáticas a soluções autoritárias para uma defesa da democracia. Os comentaristas que apresentam a edição crítica de 2016, Paulo Meira Monteiro e Lilia Moritz Schwarz, comentam o seguinte: “Parcialmente concebido no exterior, quando Sergio Buarque passou quase dois anos na Alemanha, entre 1929 e 1930, o texto foi finalizado no Brasil, onde seria publicado na forma de livro em 1936 e depois consideravelmente alterado ao longo de três décadas (...). Só para se ter uma ideia, a segunda edição, de 1948, recebeu acréscimos que estão longe de ser apenas cosméticos. Pode se disser que o ensaio foi varrido de passagens ou expressões que pudessem causar desconforto nos leitores mais simpáticos a uma visão liberal e democrática da política. A sombra da segunda guerra mundial fez com que o livro pendesse decididamente para o lado da democracia, fechando-se a para uma solução autoritária.” (2016,13)

É impossível resistir a comentar alguns aspectos desta citação. Em primeiro lugar estamos falando de um autor clássico escrevendo um texto clássico. É uma situação típica onde o autor não houve ninguém, não pede opinião

ao sogro, ou ao vizinho ou a algum professor. Só assim se escreve um texto que virá a ser um clássico no futuro. Partindo desta constatação, podemos levantar duas questões:

1.- O texto é concebido na Alemanha e escrito (e revisado) no Brasil. Há um evidente olhar desde a cultura alemã e o referencial metodológico de Weber. A categoria weberiana de análise chamada tipo ideal é o elemento que viabiliza a construção do conceito de homem cordial. Por que, então, pensar que o texto vem da direita política para o centro liberal ao invés de pensar que o texto vem de um olhar mais marcado pela cultura alemã para uma suavização brasileira, à medida que é revisado. Na verdade, podemos pensar que as revisões passam a ser escritas mais pelo homem cordial do que por um brasileiro na Alemanha, sob a tutela rígida de Weber. Ou, em outras palavras, podemos imaginar a criatura (o homem cordial) gradativamente controlando e definindo o criador autor do conceito.

2.- A própria passagem citada reforça esta tese. O livro causa forte impacto no leitor desde que, obviamente, ele seja brasileiro ou conheça bem a alma do brasileiro. O livro constrói, neste caso, uma forte simbiose entre autor e leitor, a ponto de dificultar a percepção do ponto onde o autor reflete o leitor (brasileiro) e onde o leitor incorpora a ideia do autor. Senão vejamos as expressões usadas pelos comentaristas. Para eles Holanda faz (a) “acréscimos que estão longe de ser apenas cosméticos” em vez de uma revisão profunda, radical ou alterar substancialmente... (b) o ensaio foi “varrido” em vez de modificado ou censurado, (c) “de expressões que pudessem causar desconforto”, em vez de discordância ou oposição, (d) “simpáticos a uma visão liberal”, não é uma questão de simpatia, mas de definição ideológica, (e) “a sombra da segunda guerra”, a segunda guerra fez muitas coisas a muitas pessoas, instituições e países, seguramente classificar isso como fazer sombra é muito gentil. O que está em questão aqui não é o conteúdo da frase, mas a forma como ela é apresentada. Parecemos estar frente ao homem cordial escrevendo o parágrafo. Até a forma de tratamento que os autores escolhem, “quando Sergio Buarque passou...”, se não chega à familiaridade tão brasileira de um “quando Serginho passou...”, com certeza não corresponde ao tratamento formal correto que seria “quando Holanda passou...”.

Parece que, ou o brasileiro é de fato o “homem cordial” do autor de Raízes do Brasil, ou então os seus comentaristas, de tanto estudar e refletir sobre o

livro, acabaram sendo transformados no “homem cordial”. Independente do jogo de ideias, o que é inegável é que estamos frente a um texto muito forte.

### **UM BRASILEIRO VAI SER PRESIDENTE DA FIFA (POR 24 ANOS)**

Independente dos aspectos específicos da brasilidade apontada por Holanda, alguns aspectos gerais do ser brasileiro se destacam no sucesso do projeto de Havelange para ser, e se manter, presidente da FIFA. O fato de o Brasil ser um país relativamente novo, sem um passado colonialista e raramente envolvido em conflitos internacionais, facilita a estratégia de Havelange de se apoiar nas federações dos países do terceiro mundo, principalmente África e Ásia. No mesmo sentido, o fato de ter nascido e se criado no Brasil, um país multiétnico onde desde cedo pessoas de diferentes origens convivem e compartilham experiências, facilita a conhecida familiaridade com que o casal Havelange vai se relacionar com outros dirigentes. É curioso apontar ainda que, segundo o próprio Havelange, a experiência profissional no mercado de trabalho privado nacional foi um elemento central, “o que eu fiz na CBD e na FIFA eu aprendi na Cometa” (Rodrigues, 2007, 41)

Convém lembrar, antes de apresentar as categorias de análise, toda a complexidade inerente à pesquisa em ciências sociais. Ao contrário do que acontece nas áreas duras, não existe aqui o recurso da prova empírica, é impossível adotar um grupo controle para avaliar melhor o impacto de uma intervenção e as relações causais são pouco delineadas. Ou seja, se não se trata evidentemente de uma simples especulação teórica, tampouco se pode esperar ilustrar aqui relações tão fortes e evidentes, na construção de uma narrativa com conteúdo de verdade científica, como vamos observar numa área dura. Neste sentido, tenta-se apresentar aqui uma definição mínima e pouco controversa do homem cordial, a partir do seu original em Holanda, e associar seus aspectos constitutivos, na medida do possível, a passagens específicas da carreira do dirigente esportivo, tendo sempre presente que não é uma relação mecânica entre causa e efeito, mas que (a) existe uma grande quantidade de variáveis que ficam fora da reflexão e (b) as mesmas fontes de dados podem levar a conclusões diferentes, se o referencial epistemológico, ou ainda a escola de pensamento, for substituído por outro.

Especificamente com relação ao conceito de homem cordial podemos des-

tacar, de forma bem resumida, quatro aspectos: (a) a origem rural e a família patriarcal que vai caracterizá-lo, (b) as relações familiares e de amizade moldando as características das relações sociais, (c) o espírito aventureiro e a informalidade se sobrepondo às relações formais e hierarquizadas, assim como a lhanza, no sentido de verta afabilidade ou candura, no trato interpessoal e (d) a mistura ou confusão entre o público e o privado.

No primeiro caso, (a) a herança rural e patriarcal, estamos falando tanto da ausência de normas imperativas e a capacidade de ceder sempre que necessário, como também da existência de um código de respeito à palavra empenhada, aos compromissos e do conhecimento sobre a própria realidade que o rodeia. Havelange, por exemplo, é o primeiro dirigente a perceber as condições da origem social e econômica de grande parte dos jogadores e suas consequências, “da necessidade urgente de se enfrentar, de forma mais efetiva e profissional, os problemas psicológicos e comportamentais decorrentes da origem humilde e do contexto de preconceito racial no qual tinha nascido e crescido a maioria dos jogadores da seleção.” (Rodrigues, 2007,62) Ele vai construir seu poder numa relação pragmática com as demais dimensões da política, mantendo suas posições quando possível e cedendo quando necessário. “Havelange é neutro do ponto de vista político. Acho que ele tomaria conta do futebol brasileiro e do mundial no comunismo, no fascismo e na democracia, em qualquer regime. Ele pode ter a preferência ideológica dele, mas acha que a autoridade pública, o presidente, seja quem for, é uma autoridade referencial. Não confundir com submissão. Havelange apenas reverencia sinceramente a autoridade”. (211) O que não o impediu de assumir posições claras contra o apartheid sul africano (132) e a favor da entrada China comunista (238) na Fifa. É uma pessoa que atende a todos, dentro de um código inerente a sua função de presidente, “até os críticos mais severos não discutiram que Havelange consolidou seu poder porque cumpriu de forma consistente e contínua o compromisso de distribuir os recursos da Fifa de forma equânime pelas confederações do planeta, independentemente da tradição futebolística, nível técnico, títulos conquistados ou número de praticantes em cada país.” (308)

Vemos aqui uma aparente associação entre a dimensão patriarcal (ele é acusado de centralizador e tomar decisões por sua própria conta) e a flexibilidade, ou pragmatismo, inerente a adaptar suas posições conforme a percepção de mudanças no cenário mais amplo.

Com relação (b) ao fato das relações familiares e de amizade moldarem as características das relações sociais, Havelange, nos sessenta e dois anos que trabalha para a viação Cometa, cria uma relação de família com os proprietários, usando seu prestígio no futebol para facilitar os requerimentos da empresa junto ao poder público (2007,39). Além disso, vai eleger seu genro, Ricardo Teixeira, presidente da CBF e depois integrante do Comitê Executivo da Fifa.

Para Keir Radnege, da World Soccer, as decisões na Fifa nem sempre privilegiavam um cálculo frio. “Havia (...) outras duas razões importantes: A primeira era a lealdade. Se você trabalha com alguém por algum tempo, sim, você deve lealdade a esta pessoa. (...) Nesse sentido, acho que havia um sentimento de que era melhor que os negócios ficassem em família. Além disso, sempre houve uma resistência na Fifa, a deixar que companhias de estilo americano entrassem no negócio do futebol e na família do futebol.” (2007,359) Nesta mesma linha, gentilezas e presentes constituíram parte importante da manutenção de Havelange no poder. Jennings, escrevendo sobre a campanha de eleição de 1988 junto aos representantes africanos, com seu estilo irônico e superior, comenta o seguinte: “Coincidentemente, os carteiros e motoristas de caminhões de entrega de Nairóbi, Cartum e Kampala se viram subitamente sobrecarregados com uma enxurrada de presentes enviados para mandachuvas do futebol africano e assinados, com os melhores cumprimentos, pelo querido amigo João. Aparelhos de fax e fotocopiadoras foram embrulhados e despachados para escritórios de toda a África.” (2014, 78) Só para constar, Nairóbi tem uma população de 3,1 milhões. É improvável que o sistema público de entregas tenha ficado sobrecarregado com os presentes da Fifa.

A importância das amizades e do círculo social mais próximo fica evidente em outros momentos. “A estilista Glorinha Paranaguá estava praticamente morando em hotéis em Buenos Aires. E já perdera a conta de quantas vezes tinha entrado em filas de parentes em busca de presos e desaparecidos políticos da ditadura que se instalara na Argentina em 24 de março de 1976. Seu filho, Paulo Antônio Paranaguá, 35 anos, militante da Quarta Internacional Comunista, e a mulher dele, Maria Regina Pilla, do Partido Operário Comunista, tinham sido presos em Buenos Aires, meses antes do golpe argentino, depois de fugir da ditadura brasileira e fazer contato com grupos de esquerda argentinos. Glorinha controlava o desespero. Pessoas que entravam na fila também estavam começando a desaparecer. E de nada adiantara o marido

de Glorinha, Paulo Henrique Paranaguá, à época embaixador brasileiro no Kuwait, ter recorrido ao senador democrata norte-americano Edward Kennedy para que o governo argentino liberasse o filho e a nora.” (2007, 204) O pai de Glorinha, Antônio Leite, ex-presidente do Fluminense, sugere tentar ajuda de Havelange. “A Copa do Mundo de futebol vai ser na Argentina. Há uma pressão enorme para ela não ser na Argentina por causa dos problemas com os presos políticos. Então, quem sabe o Havelange, que vai ter contato com toda a alta cúpula do governo, não dá um jeito para você?” (205)

O pai de Glorinha, Antônio Leite, foi ao encontro de Havelange e relatou a situação. A resposta de Havelange foi clara.

“- Antônio, eu faço esporte, não faço política.

A resposta dura de Havelange baqueou o amigo.

Antônio Leite começou a chorar.

- João é meu neto, você tem neto?

-Tenho. E já entendi, Antônio. Estou saindo amanhã para o Oriente. Quando eu voltar, passo por Lima e desço até Buenos Aires.” (205)

Havelange vai conversar, em novembro de 1977, com o almirante Lacoste, presidente do comitê organizador da copa. Vai conversar o presidente da Argentina, o general Videla e, por fim, com o general Viola. Em 10 de janeiro vai ser informado pelo governo argentino que o casal estava sendo embarcado em um avião com destino a Paris. “Vinte e oito anos depois, Glorinha disse que Havelange foi ‘uma ideia abençoada’ do pai dela: ‘ele foi extraordinário. Mandou uma pessoa de confiança dele acompanhar o andamento de tudo. Muitos amigos me ajudaram, mas quem arrancou meu filho de lá foi o Havelange. Isso eu não esquecerei jamais.’” (207)

Havelange vai resumir o caso como “um gesto de amizade” (207). A questão que fica em aberto aqui é se se trata de um gesto de amizade no sentido mais universal do termo, ou se o gesto de amizade é marcado pelo caráter brasileiro, ou do homem cordial.

O (c) espírito aventureiro e a informalidade se sobrepondo às relações formais e hierarquizadas pode ser visto em algumas passagens da biografia. “Na chegada de Havelange e Anna Maria a Lagos, na Nigéria, uma cena inimaginável na Inglaterra de Stanley Rouss: ‘Colocaram um tapete ao pé da escada do avião. Anna Maria foi ao presidente da República, Shehu Shagari, e eu fui até a esposa dele. Nos beijamos nas bochechas e o aeroporto paralisou. Não



podiam acreditar que dois brancos beijaram duas pessoas negras com tanto afeto. Eles não estavam acostumados com isso’.” (2007, 138) Esta informalidade tipicamente brasileira, no sentido usado por Holanda, parece fazer parte da sua personalidade. “Havelange, apesar do nome belga, a estatura de viking, os olhos azuis, a pele branca e a voz de baixo de um rei Henrique em *Lohengin*, parecia não ser visto assim pelos que o recebiam nos aeroportos, estádios e salões abafados da África. Ismail Bhanjee, dirigente da federação de Botsuana que testemunhou a campanha de 1974, guardava, em 2005, uma lembrança: ‘Você podia sentir que ele gostava do esporte. Nós sabíamos que ele não jogava futebol, mas ele amava o esporte. E toda a África estava com ele’.” (2016, 141) A seguir podemos ler “Três décadas e milhares de beijos triplos depois, Havelange explicou o que poderia ser chamado seu lado ‘afro’: Era a vantagem de ser brasileiro. O Brasil nos ensina a sermos multirraciais, multireligiosos, multitudes. Somos maláveis no bom sentido. Não somos rígidos. Compreendemos o lado negativo e positivo de todo o mundo’.” (2007,142) Esta afirmação poderia ser usada também no item (a).

Nesta mesma categoria (c) podemos perceber a presença da lhanza, no sentido de certa afabilidade ou candura, no trato interpessoal. É sabida a dificuldade que o brasileiro tem para dizer um simples e claro “não”. Talvez por influência desta origem histórica Havelange sempre fosse cuidadoso ao contar com o apoio dos correligionários. “Na hora de tentar antecipar o resultado da votação, no entanto, Havelange usava o que chamou de ‘sistema do Brasil’, uma espécie de taxa de traição previsível que lhe permitiu prever que 30% dos que o visitaram no hotel não honrariam a promessa do voto” (159) Chama a atenção que esta atitude de descompromisso com o apoio dado, que pode ser associada também à ética do aventureiro, venha a ser associada à própria brasilidade mesmo quando seus atores não são necessariamente brasileiros.

Esta característica de lhanza do homem cordial seria repetidamente lembrada. “Do outro lado do Atlântico, Havelange e Abílio de Almeida se reuniam com o presidente da CONCACAF. Encontraram um dirigente que se dizia ‘cansado da arrogância dos europeus da Fifa’. Cansado e (...) pressionado pelo fato de Trinidad e Tobago ser uma ex-colônia britânica. ‘Não havia arrogância. Doutor Havelange foi simpático. Pela primeira vez alguém estava nos tratando como iguais’.” (2007,149) É também recorrente o conhecimento, pelo menos em nível de senso comum, da especificidade do ser brasileiro. Na

primeira eleição de Havelange, o jornal “El Tiempo faz um elogio de europeu: ‘Haverá novas ideias, novos sistemas de procedimentos. Talvez erros serão cometidos, por causa da alma dos brasileiros. Mas tudo contribuirá para renovar o futebol.’” (2016,164)

Por fim, com relação à (d) mistura ou confusão entre o público e o privado, podem ser apontados vários episódios. Por exemplo, como foi colocado, Havelange quando era diretor da Viação Cometa dependia, para autorização de circulação dos ônibus, da aprovação de órgãos públicos e da respectiva publicação no Diário Oficial. Como ele também atuava na gestão esportiva fazia farta distribuição de ingressos, entre os funcionários do Diário Oficial, para os jogos de futebol do fim de semana a fim de acelerar o processo.

Vai usar esta mesma experiência, ou influência, construída nesse período para conseguir publicar rapidamente a homologação de um aumento de capital do banco de um amigo seu, assinada pelo presidente Jango. “Era preciso estar tudo publicado no *Diário Oficial* da União. E Havelange, por conta dos ingressos de cortesia que costumava distribuir nas repartições públicas em semanas de jogos importantes no Maracanã, tinha ótimas relações com os diretores da Imprensa Oficial. ‘Me adoravam lá.’” (2016,74) Poderíamos apontar outros exemplos na biografia de Havelange, mas este parece ser suficiente para o que queremos demonstrar. Havelange, enquanto diretor de uma empresa privada, usa a influência decorrente de seus contatos numa atividade paralela (de gestão esportiva), para facilitar a relação com o poder público e favorecer a empresa privada em que trabalha, a Viação Cometa (2007,39). No segundo momento, já como dirigente esportivo, usa sua proximidade pessoal com o presidente da república para facilitar um processo de interesse de outro amigo (banqueiro) e, recuperando a influência construída antes junto a um órgão público, acelera a publicação da homologação no Diário Oficial. Temos os mais diferentes papéis sociais em jogo, do presidente da república a um funcionário público da imprensa oficial, passando por um banqueiro e um dirigente esportivo que trabalhou antes numa empresa privada da área de transportes Ou seja, não se trata de pensar que existe uma distinção pouco clara entre o espaço público e o privado. Simplesmente não há distinção nenhuma, ambos estão visceralmente entrelaçados.

## OBSERVAÇÕES FINAIS

“Se vi mais longe foi por estar sobre ombros de gigantes”, dizia Isaac Newton. Não é o caso aqui. Pelo contrário, trata-se de andar com cuidado e discretamente entre gigantes.

Sergio Buarque de Holanda é um pensador brilhante e audacioso. Enxerga uma realidade complexa, controversa, e tem o valor de colocá-la no papel, de forma clara e sistematizada. João Havelange é, sem nenhuma dúvida, um grande empreendedor que transforma uma organização sem nenhuma transcendência numa grande multinacional. Pode ser comparado a ícones da indústria como Ford ou Honda.

A intenção aqui foi encontrar algumas coincidências entre o trabalho destes dois gigantes: o conceito de brasilidade apresentado por Holanda e a trajetória política e administrativa de Havelange.

Como foi apontado no início deste item, não é possível trabalhar estas questões a partir de categorias claras e com limites muito bem definidos. As diferentes características do homem cordial se relacionam entre si e se complementam, na construção do objeto. A intenção é que, através do recorte epistemológico a segmentação do todo permita uma posterior reconstrução mais complexa e rica, e assim avançar numa melhor percepção das questões que originam a pesquisa. Ou, em outras palavras, parece-nos que a compreensão da brasilidade, percebida nos moldes apontados por Holanda, torna-se mais complexa e rica pelo seu confronto com aspectos da carreira de João Havelange.

Por fim, este texto parte da ideia de que o homem cordial é, enquanto categoria de análise, uma espécie de tipo ideal weberiano. Todo mundo, minimamente familiarizado com o trabalho de Weber, sabe que o tipo ideal não é encontrado em forma pura no mundo social real. É uma construção teórica que radicaliza as características fundamentais de um objeto de forma a facilitar sua percepção e seu estudo na sociedade. Neste sentido, não é caso de esperar uma coincidência absoluta entre o brasileiro João Havelange (ou qualquer outro brasileiro) com o tipo ideal de homem cordial, mas convergências suficientemente significativas que permitam perceber uma associação entre o objeto estudado e o tipo ideal antes apresentado.

## REFERÊNCIAS

Bettine, Marco A. e Gutierrez, Gustavo L. O lazer no Brasil: de Getúlio à globalização, São Paulo, ed. Phorte, 2011.

Gutierrez, Gustavo L.; Por que é tão difícil participar?, São Paulo, ed. Paulus, 2004.

Holanda, Sergio Buarque. Raízes do Brasil – edição crítica. São Paulo, Companhia das Letras, 2016.

Jennings, Andrew. Jogo sujo (tradução Renato Marques de Oliveira), São Paulo, Panda Books, 2011.

Perkins, Dexter. A época de Roosevelt, 1932-1945. (trad. Edilson Alkimin Cunha), Rio de Janeiro, Edições O Cruzeiro, 1967

Rodrigues, Ernesto. Jogo duro: a história de João Havelange. Rio de Janeiro, Record, 2007.

<http://www.netsaber.com.br/biografias/biografia-480/biografia-de-joao-havelange>, acessado em 10/07/2019.

<https://www.youtube.com/watch?v=z7rYD9hGukI&t=4650s>, acessado em 10/07/2019.

<https://www.ludopedio.com.br/entrevistas/andrew-jennings-2/>, acessado em 10/07/2019.

<https://atarde.uol.com.br/esportes/noticias/1689587-estrutura-da-fifa-precisa-ser-toda-mudada-diz-pesquisador-premium> acessado em 10/07/2019.

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o\\_Havelange](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Havelange), acessado em 10/07/2019.

## CAPÍTULO 5

# Representations of The Rio Olympic Games in South Korean Media

*Myung. S Lee*

News of Olympic games held in other countries tells people about different types of media, and the media introduce various Olympic narratives and images to other countries (Giffard & Rivenburgh, 2000; Miah, Garcia & Zhihui, 2008). Among other media, newspapers are an important format and have long introduced news from other countries. In particular, newspapers in each country inform people of Olympics that are held in other countries. Newspapers in every country provide a variety of Olympic news to their people.

This news includes news of their own athletes and news of the local country. Narratives in newspaper articles may reveal nationalism, commercialism, globalism, disabilities, poverty and gendered issues to nationals (Lee, 1992; Urquhart & Crossman, 1999; Puijk, 2000; Jones, 2004; Capranica et al., 2005; Cho, 2009; Tanner, Green, & Burns, 2011; Spalletta & Ugolini, 2016; Olssen, 2016; Woo & Bae, 2019). Similarly, South Korean newspapers have long been delivering news from other countries to their subscribers, and there have been various studies on what

newspaper articles are shown and what the articles convey to subscribers (Lee, 2001; Kim & Park, 2006; Kim, 2008; Koh, 2008; Lee & Kang, 2010; Baek, 2014; Kim & Min, 2018; Kim & Lee, 2018; Hong & Kim, 2018).

According to a newspaper study of the 1988 Seoul Olympics and the 2012 London Olympics and Paralympics (Lee, 1992), South Korean newspapers showed unusually similar aspects. The South Korean newspapers' reporting style is the result of over-intensive nationalism, inter-Korean (South and North) issues, overbroad coverage of medal acquisitions and a concentration of articles about South Korean players. Reports on South Korean athletes' gold medals, popular sports and star players have been reported excessively. However, there are few to no newspaper articles about athletes who do not win medals or are not popular. South Korea's newspaper coverage is also relatively low on news and reports about the Olympic host country and on athletes from other countries.

In reference to this previous report, this study examines what news South Korean newspapers showed to subscribers about the Rio Olympics held in Brazil in 2016. It studies whether newspapers' reporting behaviour persists to the present or shows other behaviours. Thus, this research is a study of what South Korean newspapers showed about the Rio Olympics from August 5, 2016 to August 21, 2016, when the games were held. Four daily newspapers in South Korea are used to observe what is reported mainly in the headlines and Olympic sections of each newspaper.

This study is based on the content analysis method based on the qualitative method. Four daily papers (Chosun, Dong-A, Hankyoreh and Kyunghyang) published in South Korea were observed during the 16 days of the Rio Olympics. The reason for using this method was to study exactly how the texts and images of the Rio Olympics appeared in South Korean newspapers. Similarly, the South Korean newspaper report on the Olympics also studied in detail the Olympics articles that appeared in newspapers, and what articles, content and images were used (Lee, 2001; Kim & Park, 2006; Lee & Kang, 2010; Baek, 2014). The detailed research method is divided into two parts. First, the study looked at the headlines of four South Korean newspapers from August 5, 2019 to August 21, 2019 during the 16 days of the Rio Olympics. Second, South Korean newspapers made Olympic sections. The study observed what articles and images were in these sections. The method was divided into five procedures.

First, the study collected four original copies of South Korean newspapers (Chosun, Dong-A, Hankyoreh and Kyunghyang) during the 16 days of the 2016 Rio Olympics. Online newspapers were not used. Second, the study looked at the four newspapers' headline content (texts and images) during the Rio Olympics. Third, this research examined the stories and images in the Olympic section of the four newspapers during the Rio Olympics. Fourth, the stories and images in the Olympic section were divided into South Korean sports reports and foreign sports reports. Finally, the study comprehensively examined what Korean newspapers reported during the 16 days of the Rio Olympics.

Lists 1 through 4 briefly show the division of South Korean newspapers used in this study. As shown in list 1 below, Korean newspapers provided the following number of articles during the 16 days of the Rio Olympics. For example, Chosun had 205 articles, Hankyoreh had 184 articles, Kyunghyang had 182 articles and Dong-A had 197 articles. These identified into three themes, Olympics headlines, Korea-related Olympic news, and foreign-related Olympic news, they were divided as shown in List 2 below.

**List 1.** Number of articles related to Rio Olympics by South Korean newspapers

Name of Newspaper	Olympics
	HeadlineS + Korean News + foreign News
Chosun	205
Hankyoreh	184
Kyunghyang	182
Dong-A	197

**List 2.** Rio Olympics Headlines, Korean News and Foreign News from Korean Newspapers

	Olympics Headlines	Korean News	Foreign News
Chosun	8	113	84
Hankyoreh	5	101	78
Kyunghyang	8	91	83
Dong-A	7	66	124

**List 3.** Four research findings classifications

**Findings (research results)**

A1 The Korean newspapers reported little about Brazil and Rio, the venue for the Olympics, in the headlines and Olympic special sections during the Rio Olympics Games.

A2 Articles not about sports were about the Rio Olympics, favela (security), football, samba and slums in the city of Rio.

A3 South Korean newspapers showed articles of Korean medal acquisition and Korean players mainly in popular sports.

**List 4.** Article classification by research results

	A1	A2	A3
Chosun	5	2	62
Hankyoreh	8	6	78
Kyunghyang	7	5	81
Dong-A	4	3	53

The research was conducted through this method. As already mentioned, hard copies newspapers used in this study were originals. In the course of the research, one or two original newspapers could not be obtained, which inevitably required the use of online newspapers. The interesting findings of this study, which were discovered through the processes and procedures described in the method section, are described below.

**THE HOST NATION WAS NOT IN SOUTH KOREAN HEADLINE NEWS**

A newspaper’s headline delivers the most important news and images of the day to subscribers. According to Kim (2016), newspaper headline articles have the greatest impact on people’s cognitive abilities and their feeling of the importance of articles. Newspaper headlines influence subscribers’ sense of importance and the focus of newspapers and their news (Lee, 2005). Newspaper



headlines are important every day, but during the Rio Olympics, the Olympics were very much exposed in South Korean newspaper headlines.

In Lists 1 and 2, the number of headline articles is significantly lower than the number of Olympic articles in each newspaper. During the 16 days of the Rio Olympics, as shown in List 2, each newspaper only posted one or two revisions of the Olympic news headlines. This seems to have been listed as a headline article for the opening of the Rio Olympics. Except for one or two opening articles, almost all the headlines are reports of Korean athletes' medals.

The headline and news story for the opening ceremony of the Rio Olympics is expressed in this way in Chosun (6 Aug 2016: 1):

‘The Rio Olympics that will excite the world kick off today, and the first Olympic Games in South America will be played in 28 sports with 1,500 people from 206 countries.’

Only a small number of headlines refer to the Rio Olympic Opening Ceremony; most of the day's news headlines refer to South Korean athletes' gold medals or medal winning news. In particular, the headlines focused on events that South Korean athletes were likely to win medals in such as archery, shooting, football, fencing and Taekwondo. According to the Dong-A newspaper's South Korean gold medal news headline (13 Aug 2016: 1),

‘Jang-Kong (the nickname of a Korean female fencing player) became queen and ‘I can, stabbed a miracle’. ‘21-year-old fencing wins first gold medal in youngest fencing’ (11 Aug 2016: 1). ‘Written by the 8th consecutive Korean Archery Olympics, the Power of Korean Archery (Hankyoreh, 9 Aug 2016: 1) and Rio Olympics Korea's First Medal Surprise Gift of 153 Centi-meters ‘Small Giant’ (Hankyoreh, 8 Aug 2016: 1). According to Chosun, ‘South Korean football finally smiles in the quarterfinals’ (12 Aug 2016: 1) and ‘Ten Ten Ten, The world surprised Archery Idol’ (Chosun, 8 Aug 2016: 1).

In this pattern, articles and images reported as headlines in Korean newspapers during the 16-day Rio Olympics focused mostly on South Korean athletes' medals. It is interesting to note that Korean newspapers, which should

report the important news about Rio and Brazil, the host nation, did not. Most news related to South Korean athletes.

### **RIO OLYMPICS IMAGES = FAVELA (SECURITY), FOOTBALL AND SAMBA**

In terms of media functions, the media plays a role in delivering messages based on social interaction (Fiske, 2002). In other words, the media plays an important role in linking information between different groups, such as people, society and nations. Such media exist in various forms in people's daily lives. Mass media is part of daily life and people experience various media forms, such as newspapers, magazines, radio, television and the Internet (Maguire et al., 2002). In this study, we look especially at the behaviour of Korean newspapers when they reported the Rio Olympics to Koreans. One important finding of the study is that newspapers did things that South Koreans did not know.

Although not in many articles, unusual behaviour was observed in Korean newspaper coverage of the Rio Olympics. During the Rio Olympics, Korean newspapers tended to focus on different Brazilian images related to the Rio Olympics rather than on Brazilian sports or the Rio Olympics.

#### **List 5.** Rio Olympic images in South Korean newspapers

	<b>favela (security)</b>	<b>football and samba</b>
Chosun	3	2
Hankyoreh	5	2
Kyunghyang	2	2
Dong-A	3	2

Comparing football and samba to the Rio Olympics, the Korean newspapers were probably trying to show the festival and passion. However, it was the first time that 'Favela and Security' was mentioned in the South Korean newspaper. These favela and security problems caused South Korean newspapers to raise social problems in the Rio Olympics. Near the Rio Olympics, these slums were mentioned, and the story of the hard life of a Brazilian judo player from here was introduced to South Korea.

Hankyoreh (15 Aug 2016: 1) reported that 'The life of favela fighting poverty

more intensely than the Olympics. People are not allowed to enter favela in Rio' and 'Survive in Rio, stay out and beware of pickpockets, especially the place called favela was very impressive' (Hankyoreh, 8 Aug 2016: 2). 'Safety and security are too anxious for Olympic visitors. Always be careful' (19 Aug 2016: 22). Dong-A (8 Aug 2016: 2), there is a slum in favela in Brazil and many people are suffering from poverty. 'Ghetto Judo Girl Becomes Hope of Brazil Ciudad Brava from Slum Favela presents first inspiring gold medal in Brazil' (Dong-A, 10 Aug 2016: 26). 'A young girl who lives in a dangerous slum' presents a gold medal to Brazil' (10 Aug 2016: 6).

While not much during the Rio Olympics, South Korean newspapers were the most reported in South Korea among Brazilian and Rio local stories, including favela and safety. Social and economic problems of other countries are recognised and observed through the Olympics and the media. Such international interest could open up opportunities for Brazilians to approach and solve their problems with poverty.

### **SOUTH KOREAN NEWSPAPERS LOVE ONLY THEIR GOLD MEDALS AT THE OLYMPICS**

At each Olympics, South Korean media provided sports fans with news of the Olympics held in other countries. After each Olympics, South Korean academics studied how South Korean media reported the Olympics (Lee, 2001; Kim & Park, 2006; Kim, 2008; Koh, 2008; Cho, 2009; Lee & Kang, 2010; Baek, 2014; Kim & Min, 2018; Kim & Lee, 2018; Hong & Kim, 2018). The behaviour of Korean media, as was constantly found in these studies, was to focus on South Korean athletes' gold medals (Kim, 2016).

Media should deliver a variety of Olympic news. However, most media reports in South Korea were about South Korean gold medals. According to Kim (2016, p. 236), South Korean sports journalism sometimes dedicates too much to medalism and nationalism. As mentioned above, at the 2008 Beijing Olympics, South Korean media tried to report on a variety of other Olympics because of its medal-based broadcast behaviour. Conversely, in the 2016 Rio Olympics, South Korean newspaper reports were observed to revert to medal-based reporting. The headlines of certain newspapers in Korea during the 16 days of the Rio Olympics are as follows:

**List 6.** Newspaper headline news about Korean medals

<b>Headline news about Korean medals</b>	
Chosun	7
Hankyoreh	5
Kyunghyang	6
Dong-A	6

**List 7.** News about South Korean sport in four newspapers' Olympics section

<b>Korean players news in 4 newspapers' Olympics section</b>	
Chosun	113
Hankyoreh	101
Kyunghyang	91
Dong-A	66

As seen in Lists 6 and 7, nearly half of the news headlines for 16 days concentrated on South Korean athletes' gold medals. It is possible to infer from the List 7 data that the reports on South Korean athletes in most Olympic sections of newspapers were about the possibility of medals. Therefore, athletes who did not have medals and South Korean sports that were not popular were likely to be excluded from newspaper reports.

**CONCLUSION**

This research was a study of how the news stories and content about the Rio Olympics, which were published in four daily newspapers (Chosun, Dong-A, Hankyoreh and Kyunghyang) in South Korea for 16 days, were reported. In particular, the news reports of the South Korean newspapers were examined, as well as the headlines of each newspaper and the articles in the Rio Olympics sections. This research shows results similar to those of previous investigations of Olympic coverage in South Korean newspapers.

For instance, in the Athens Olympics in 2004 Newspaper Study, South Korean newspapers were found to cover mostly gold medal winners and popular male athletes. South Korean newspaper coverage of the 2000 Sydney

Olympics was similarly related to popular sports, gold medals and famous male athletes (Lee, 2001; Kim & Park, 2006). There were other forms of South Korean newspaper coverage. The 2008 Beijing Olympics newspaper reporting was nationalist and focused on popular male athletes, similar to other Olympics. Interestingly, South Korean newspapers focusing on gold medals also began to report a bit, even though silver medalists, bronze medals and medalists could not win medals (Lee & Kang, 2010). Lastly, the 2012 London Olympics newspaper report also showed the popularity of popular Korean men and sports events (Baek, 2014). Olympic news coverage of these South Korean newspapers in other countries continued to show similar or slight differences.

The findings of this research on newspapers' 2016 Rio Olympics reporting tend to be similar to the previous studies, but differences were found. This study identified four emergent findings. First, the South Korean newspapers reported too little about Brazil and Rio, the venue for the Olympics, in the headlines and Olympic special sections during the Rio Olympics Games. Second, South Korean newspapers contained a small amount of reports about Brazil and Rio, compressed into three articles about favela, football and samba; the coverage not about Brazil and the Rio Olympics was not about sports but about slums in the city of Rio. Third, the South Korean newspapers showed articles about famous foreign sports stars, rather than articles about various sports and athletes. Lastly, the South Korean newspapers showed articles on South Korean players mainly in popular sports and for medal acquisition.

Speaking of the first and second findings, the South Korean newspapers showed stories about South Korean athletes in general, rather than articles about Brazil and Rio. Of the four newspapers, only Hankyoreh reported the opening ceremony of the beautiful Rio Olympics in the headlines. The other three newspaper headline articles were on South Korean archery and Iranian women. In particular, Chosun only reported South Korean headlines in headlines and related articles on the opening ceremony of the Olympics. Also interesting was the lack of various introductions and articles about the city of Rio.

During the Olympics, readers would have to get information about the host country and city through their language and newspapers, and South Korean newspapers did not appear to have reported that information. However, South Korea's coverage of the Rio Olympics did include favela's dangerous and

difficult living conditions and emphasised Brazilian football over Brazilian samba dance and other Brazilian sports. In particular, the Brazilian news stories reported by South Korean newspapers during the Rio Olympics were about Brazilian female judo athletes from favela. Also, South Korean newspapers showed more articles than Brazilian football alone.

Lastly, news stories about South Korean athletes' gold medals, which South Korean newspapers continued to show through the last Olympics, were the most studied. As reported regarding the 2008 South Korean Olympics (Lee & Kang, 2010), the newspapers were exposed to newspapers even though athletes did not win medals, but at the 2016 Rio Olympics, South Korean newspapers showed medal-based reporting.

To sum up, this research investigated four of South Korea's newspapers during the 16 days of the 2016 Rio Olympics in Brazil. Among the newspaper content, it especially observed the headlines and the Olympic sections. This research looked at the hard copies of the newspapers for 16 days and examined what was reported. The reporting behaviour of four South Korean newspapers provided for three interesting results. First, it was the Rio Olympics in Brazil, but the headlines and the Olympics sections lacked details and articles about the hosts. Second, about the Rio reported by the newspapers, it was the slum favela, samba and football that received attention. Lastly, the South Korean newspapers were consumed excessively with South Korean gold medals. Inferring from this result, it seems that the South Korean newspapers' reports of the Rio Olympics were mostly about Korean medalists. For this reason, South Korean newspaper subscribers are unlikely to receive enough information about the host country, athletes from other countries and sports. Therefore, it is observed that the South Korean newspapers should change their direction to more diverse Olympic reports than South Korean medal acquisition.

## REFERENCES

Baek, S. (2014). Comparison on a Content Analysis of the Newspaper Coverage during the 2012 London Olympics and Paralympic. *Journal of Sport and Leisure Studies* 56(1), 787-80.

Capranica, L., Minganti, C., Billat, V., Hanghoj, S., Piacentini, M. F., Cumps,

E., & Meeusen, R. (2005). Newspaper coverage of women's sports during the 2000 Sydney Olympic Games: Belgium, Denmark, France, and Italy. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 76(2), 212-223.

Cho, Y. (2009). Unfolding sporting nationalism in South Korean media representations of the 1968, 1984 and 2000 Olympics. *Media, culture & society*, 31(3), 347-364.

Fiske, J. (2002). *Introduction to communication studies*. Routledge: London.

Freire-Medeiros, B. (2009). The favela and its touristic transits. *Geoforum*, 40(4), 580-588.

Giffard, C. A., & Rivenburgh, N. K. (2000). News agencies, national images, and global media events. *Journalism & mass communication quarterly*, 77(1), 8-21.

Hong, S., & Kim, B. (2016). Analyzing articles covering Controversial Issues in regard with pyeongchang winter Olympic game: Mainly with Hangyeorye and Dong A newspaper. *The Korean Journal of Physical Education*, 2016, 55(5), 387-397.

Jones, D. (2004). Half the story? Olympic women on ABC News Online. *Media International Australia incorporating Culture and Policy*, 110(1), 132-146.

Kim, Y., & Min, S. (2018). Frame Analysis on the Korea of Newspaper Report on the Olympic Winter Games PyeongChang 2018. *Korean Journal of Sport Studies*, 57(5), 241-256.

Koh, E. (2008). Media Coverage of 2004 Athens Olympics: Gender Difference. *Korean Society for the Sociology of Sport*, 21(1), 205-227.

Lee, J., & Kang, H. (2010). Beijing Olympics News Patterns and News Symbolization. *Korean Society*, 11(1), 25-46.

Lee, J. (2001). Sydney Olympic, Contents Analysis of the Sport News Paper. *Journal of Sport and Leisure Studies*, 16, 1261-127.

Lee, J. (1992). Media portrayals of male and female Olympic athletes: Analyses of newspaper accounts of the 1984 and the 1988 summer games. *International Review for the Sociology of Sport*, 27(3), 197-219.

Miah, A., Garcia, B., & Zhihui, T. (2008). We are the media. *Owning the Olympics: Narratives of the new China*, 320.

Nicholson, M. (2007). *Sport and the media: Managing the nexus*. Routledge.

Olsson, J. (2016). Body Remains a Difference: Representation of Gender in Four Newspapers' Reporting on the 2016 Olympic Games.

Puijk, R. (2000). A global media event? Coverage of the 1994 Lillehammer Olympic Games. *International Review for the Sociology of Sport*, 35(3), 309-330.

Rhee, J. (2000). Frames, Interpretations and Communication Effects: An Overview and Assessment of Frame Studies. *Media & Society*, 49(1), 133-162.

Rowe, D. (2007). Sports journalism: Still the toy department' of the news media? *Journalism*, 8(4), 385-405.

Spalletta, M., & Ugolini, L. (2016). Between Sports Event and Media Event: The Sochi 2014 Olympic Winter Games in Italian Newspapers. In *Global Perspectives on Media Events in Contemporary Society* (pp. 173-193). IGI Global.

Tanner, S., Green, K., & Burns, S. (2011). Media coverage of sport for athletes with intellectual disabilities: The 2010 Special Olympics national games examined. *Media International Australia*, 140(1), 107-116.



Urquhart, J., & Crossman, J. (1999). The Globe and Mail coverage of the Winter Olympic Games: A cold place for women athletes. *Journal of Sport and Social Issues*, 23(2), 193-202.

Woo, C. W., & Bae, M. (2019). Is It the Same Olympic Games? Comparison between 1988 Seoul Summer Olympics and 2018 PyeongChang Winter Olympic Games. *Media, Sport, Nationalism: East Asia: Soft Power Projection via the Modern Olympic Games*, 159.





## EIXO II

# **prática esportiva na sociedade contemporânea**

1. **The Adaptation of Masters Sports: The Case of Golden Oldies Rugby**
2. **Alternative Features of Swimming Club**
3. **Esportes de Aventura para Pessoas com Deficiência**
4. **Relative Age Effect on Sport: Sociological Reflection on the Reproduction of Inequality on Opportunities for Practice**
5. **Esporte Adaptado: Viés de Uma Organização Facilitadora ao Contexto Inclusivo**



## CAPÍTULO 1

# The Adaptation of Masters Sports: The Case of Golden Oldies Rugby

*Diego Monteiro Gutierrez*  
*Roberto Rodrigues Paes*

This chapter presents a discussion on the development and rules of the Golden Oldies World Rugby Festival, a master rugby competition for athletes with 35 years or more, which presents a series of solutions that can contribute to the growth of master sports, a subject that has been little discussed by academic studies. More specifically, it is an understanding the way in which athletes and former rugby players were transforming the practice of the sport in order to make play possible with participants of different ages. Adapting a sport for older people is not common in the field, although there are examples of stratification by age, such as swimming, Golden Oldies rugby, however, have developed an important transformation of the rules. As a result, it makes the game more feasible for older people, without distancing from the original idea and maintaining its basic characteristics. All sporting practices, as pointed out by Marques (2007), involve the transmission of values. Furthermore, it reproduces a set of characteristics and behaviors, or habitus in the theory of Bourdieu (Marchi Jr, 2001), with specific characteristics that are reproduced by its practitioners.

Rugby not only reaffirms these characteristics but also perceives itself as having a unique culture, deeply shared by its practitioners around the world (Gutierrez, 2016). Among these aspects we can highlight the great respect for the referee, to the rules and a strict sense of fair play (Moldes, 2007). These notions are especially important if we take in account that this is a game of intense physical contact, where the possibility of injuries is always present. The companionship extends to the traditional fraternization after the game, where both teams and the referee get together for drinking and partying. The professionalization process has mitigated a bit these characteristics, but they are still present, with World Rugby seeking to maintain part of the amateur spirit even in the pros.

The aging of population and the increase in life expectancy present a number of challenges for the society, especially the areas of physical education and leisure. How do we keep these people healthy and active? How to encourage sports practice and foster a competitive environment while reducing the risk of injury for older and more fragile people? A practice that has become common in recent years are masters competitions, so multiple sports organizations, on different modalities, began to organize events for elderly athletes, sometimes keeping the same rules of traditional modalities and in others making the necessary adjustments.

Despite the success of these practices, which can be seen on the growth in the number of tournaments and practitioners, there are a number of contradictions and difficulties, something natural in a recent process, the main one is related to the level of competitiveness. Some shares of the athletes feel frustrated by the highly combative atmosphere present in some events, where the most fit, due to age differential or physical condition, stand out over those who only seek to have fun. Besides, another problem arises from keeping the same rules, which are not a challenge per se for a younger person, but can become an impossible obstacle for those of advanced age.

The adaptation of rugby for masters must be perceived in this context. It is, above all, a sport with popular appeal practiced and accompanied by millions of people on all continents. It has a specific culture (or habitus), clearly known and shared by its practitioners. In addition, it has an inclusive ethos, exemplified by the notion that the modality contemplated all biotypes, in opposition of other sports where height or weight are excluding factors. Rugby

also has a long relationship with the amateur spirit seeks, as far as possible, to preserve it even in high performance. Finally it combines a highly physical sport with an equally strong spirit of companionship and fair play.

In light of this fact, the aim of this article it is not to discuss a simple and generic modification of a traditional modality for older or disable people, but rather analyze an adaptation of a very strong and specific sports culture (or habitus) that seeks at the same time, keep the original ethos of the modality while make it safe to be played and enjoyed by all kinds of people. This process presents a series of unique solutions that cannot be replicated directly in other modalities, nonetheless is an interesting example on how to approach the sports practices for the elderly or disable.

### **THE VETERAN COMPETITION**

The master sports, generally considered for people over 35 years old, begin its development in the 1960s when a series of social transformations will contribute to this phenomenon. The aging population and improvements in medical sciences will help to create a large group of healthy and active senior citizens, in constant search for new activities. The change in mentality during the period and transformations in the way society deals with disability will also contribute to a new vision of old age (Dupuis, 2002). In this sense, there will be a return by this population to more physical sports, distancing themselves from activities once considered legitimate for older citizens, like bocce (Dionigi, 2006). Thus the first competitions of masters will be developed both locally and internationally during this period.

This phenomenon will grow in importance due the increase in life expectancy and the lower birth rates, the population of the elderly has grown exponentially both relatively and absolutely in the last decades, for example in some Western European countries the proportion of citizens over 65 already exceeds 20 % of total population, a rate that is still increasing. Keep this growing population healthy, productive and happy is a challenge involving diverse areas such as public health, physical education, leisure, medicine, psychology and others. The importance of physical activity for health is constantly divulged in campaigns and academic studies, which highlights the benefits of maintaining sports practice in adulthood and old age (Diogini, 2016)

Masters competitions will expand in this period creating a diverse and heterogeneous scene with events of different sizes and formats ranging from regional to international (Hodge, Allen, Smellie, 2009), and from playful to high-performance competitions. For the purposes of this chapter, it is important to emphasize that the federations themselves took control of these competitions. Furthermore the modification of rules is not a common phenomenon, the only changes are the gradation by age, generally varying between 5 and 10 years and the reduction of time. The consequence of the participation of the federations is that today the master sports has a structure similar to professional competitions, which can be exemplified by the Masters Olympics and the Masters Soccer World Cup, which follow a format similar to their professional version.

Despite the increasing number of master sports practitioners, the academic studies have not focused on this population. The studies in this subject are restricted mainly to the area of physiology and health, with few attempts to understand the preferences and social characteristics of this group. This lies in the fact that this is a recent phenomenon (Cashman, 1995, Lawrence & Rowe, 1986)

Within this limited body of work, we can highlight a series of consistent studies on the issue of motivation, since the willingness to engage in such activities is the key factor for the initial involvement and continuity of this practice (Ashford, Biddle, & Goudas, 1993, Brodtkin & Weiss, 1990). In addition to it, this phenomenon occurs in a manner contrary to the youth sport, where there is stronger social pressure for exercises and involvement in physical competitions. The veteran athlete, on the other hand, has to balance their practice with family commitments, professional agenda, and aging itself.

The reasons for an adult or elderly to return or start a competitive sports practice are multiple and diverse, but we can be separated in two main groups. One related to self-esteem, the search for new challenges and the quest to prove oneself able to compete at a high level. The other group is focused on the physical and social benefits of sports; furthermore, seeing the master competition as a way to make friends, renew acquaintances and know new places

Even though ideally there should be wide range of competitions to satisfy every type of athlete with those who seek only a playful experience restrict-



ed to regional or amateur events, while elite athletes can participate highly competitive events that replicate the professional championships, like the World Cup or the Olympic Games. This often does not occur with these two perspectives entangling with athletes who seek only a playful experience getting frustrated with the highly competitive, aggressive environment and even with some athletes resorting to the use of steroids. Maintaining the same rules in most modalities also contributes to this feeling by excluding participants who begin to experience difficulties because of their age.

### **THE GOLDEN OLDIES RUGBY**

The Golden Oldies Rugby Festival is a biennial event, open to rugby players over 35 year, disputed since 1979, reaching the 23rd edition in 2020<sup>1</sup> when it will take place in Denver, USA. It has a series of categories and rules oriented to protect the player, while maintaining the spirit of the game and a fun environment for everyone. From a small gathering it has become, in the last editions, an event of great proportions, bringing together thousands of players from all over the world.

The first festival was held in Auckland in 1979 and was organized by Tom Johnson, a former player concerned about the decrease in the number of rugby players over 25 years old, who, due to the transformations of New Zealand society, mainly in the labor market, were drove away from the sport. In Johnson's view, the New Zealand federation was focused on youth development, with the goal to supply the regional teams and the national squad with quality players. In his opinion, however, the maintenance of older players was an equally valid goal. The decline in their numbers represented a significant loss for the sport itself and also for the players themselves, who, because of new social conditions, were deprived of playing the sport they loved so much.

He managed to gather 17 teams in New Zealand, just one of them foreigners, to play in a master tournament. In the first edition, only players over 40 could participate and the only changes to the rules was the shortening of the match time. As a preview of the changes to come, the organization was very happy with the heavy rain in the day, thus slowing the pace of the game witch help to prevent any serious injuries. If it had been played in good

---

1 <https://www.gorugbydenver.com/>

weather they believe the former pro athletes could have been carried away and exposed to unnecessary risks. The second competition would take place in 1981, in Long Beach, USA, growing with each edition.<sup>2</sup>

Institutionally, the Golden Oldies Rugby Festival would be developed in a large company, called Vintage Sport and Leisure Ltd (VSL), which, besides rugby, also would organize festivals of other modalities like Cricket, Grass Hockey, Netball, Softball and Golf. However, rugby was be the only one with significant changes in the rules. The festival would also have affiliates worldwide such as the South African National Golden Oldies Rugby Association and European Golden Oldies Rugby.

The initiative drew little attention from International Rugby Board (today World Rugby) and national federations. As a result, the Golden Oldies organizers had the freedom to set up the festivals as they saw fit, as well as to modify the rules with different adaptations used and abandoned in each edition. Master rugby would expand with a growing number of independent tournaments. Therefore, without a controlling body, the organizers are free to opt for the rules that best suit the needs of the players at the time. Most choose to use as a basis what is called the Golden Oldies, but sometimes the rules are defined at the time of the game in a conference between the team captains and the referee.

We shall focus the analysis of the Golden Oldies phenomenon on two main aspects: (a) the philosophical side of the practice that stipulates how athletes should behave and (b) discuss the variation and transformation of the regulations. Given the large number of variations, we have chosen to analyze the format in which the 2020 Golden Oldies festival will be played.

Golden Oldies is not meant to be a sports competition, but an event where veteran athletes who do not have the condition or desire to participate in traditional tournaments can continue practicing the sport. In this sense, the choice of the name Golden Oldies World Rugby Festival is of great importance. The organizers chose to call it a festival instead of a tournament or championship, thus shifting the focus towards the fun, and not the competition. This is taken to the point that traditionally in the Golden Oldies games there is no official score, with all matches considered officially a draw, and the festival ends without a champion.

---

<sup>2</sup> <https://www.gorugbydenver.com/tom-johnson-founding-father>

In the case of the Golden Oldies Festival, the official motto “Fun, Friendship and Fraternity” sums up the spirit that is expected of the participants. The festival is not for fierce competition, but a place where athletes can continue to practice the modality they have chosen in the company of friends.

*“GOLDEN OLDIES IS BUILT AROUND A SPIRIT OF ‘FUN, FRIENDSHIP AND FRATERNITY’*

*Golden Oldies is about getting on the rugby field – participating in friendly competition, rather than playing with a do-or-die winner-takes-all attitude.*

*It is a whole way of life that lets you play to the best of your ability and go on enjoying your favourite sport for many more years. The emphasis is on getting another chance to play the game they love in a new part of the world and getting the maximum amount of fun from it!”<sup>3</sup>*

In this environment the sporting prowess is put aside and even sometimes openly criticized. For those who were exceptional in their youth and are still in shape, the Golden Oldies is not a place to humiliate and hurt colleagues, while for those who fail the festival it is no place to seek a supposed sporting glory. In conclusion, the focus of the festival is always the fun of the participants in a safe environment as summarized in the 10 Commandments of the South African National Golden Oldies Rugby Association.

*TEN COMMANDMENTS OF GOLDEN OLDIES RUGBY<sup>4</sup>*

- 1. I will play the game of Golden Oldies Rugby for the sake of THE GAME.*
- 2. I will not remember the final score.*
- 3. If I have “MADE IT” during my playing days I will not use that to embarrass others.*
- 4. If I have not “MADE IT” during my playing days I will NOT use Golden Oldies Rugby to do so.*
- 5. I will at all times respect the older and more decrepit members of BOTH teams.*
- 6. I will follow the Golden Oldies creed of FUN...FRIENDSHIP...and...FRATERNITY!!!*
- 7. I will be an ambassador of Golden Oldies Rugby and will always spread the good word.*
- 8. I will never lose sight of the rule to make friends and renew acquaintances in exotic or mediocre places, whether local or abroad.*

<sup>3</sup> <https://www.gorugbydenver.com/about-us>

<sup>4</sup> <http://www.goldenoldiesrugby.co.za/rules.html#rulesLayer1>

*9. I will always remember that I am at far greater risk of self-inflicted, social injury than what may occur on the field of play.*

*10. We will settle on 9 commandments due to ailing memory.*

The appreciation of sportsmanship and fraternization is not an isolated element of the Golden Oldies, the present different modalities and the Olympics spirit, but can be seen, in this case, as part of the particular ethos of rugby by practice. Developed in England at the end of the nineteenth century, the modality evolved in a manner similar to Association Football, with values related to the notion of fair play and British chivalry. Football, however, would become professional in 1885. Rugby, on the other hand, had a much more contentious situation ultimately ending in a fracture in 1895. The advocates of professionalism formed their own independent body, which evolved into a different modality, called Rugby League, which is opposed to the non-professional part, will be known as Rugby Union. The amateur ethos will become an important part of the modality with strict rules against the payment of athletes, a status that resisted for almost a hundred years. The utilization of professional athletes was permitted for the first time in 1994. Rugby then had worldwide popularity, and lived with the paradox of drawing 100 000 people for a stadium to watch, lawyers, doctors and mechanics play.

The amateur ethos would become an important part of the identity of rugby players, a way to differentiate from football and the rugby league. The game would be understood not as a clash where victory is the only goal, but a dispute between gentlemen, where respect for the opposing team and the referee stand above everything (Richards, 2011). These values would be summarized in a mandatory fraternization held after the end of the match with the participation of both teams and the referees, a party based on the idea that any disputes and eventual disagreements should be restricted to the pitch. Rugby will embrace the idea that the game only happens if there is an adversary and a referee, and above any differences the involved share the love for the modality (Collins, 2009).

The internalization of this ethos is fundamental to understand the motives of masters rugby players. The participants share these values, and in this sense rugby is much more than a way to stay active or win trophies: it is a lifestyle, which means that being able to continue the practice means more than just playing the game itself, it is a matter of touch with all the values of

the game, the companionship, the fair play, the physical clash, and the post-game fraternization. The players want be part of it, even if because of age or physical condition they cannot play rugby in its full form

Rugby is a full contact, physically demanding sport. It requires even from the youngest practitioners an adequate physical training and other cares like alimentation, with risk of serious injuries to those who practice without preparation. Therefore, the practice of modality becomes almost impossible to be played by people over 60 or with medical conditions and dangerous to those who don't have the time, or the will, to dedicate long hours to diets and physical training.

Thus, the Golden Oldies festival modified the rules of the game creating a series of variations so everyone can play regardless of physical condition. In addition, there are different categories, each one with specific characteristics, so the player can choose the intensity that best suits his needs, from competitive to more playful.

The games have the duration of 40 minutes, unlike the original 80, being divided in four times of 10 with 5 minutes of interval between them, being that the substitutions are unlimited. In fixed formations, the scrums are not disputed, while in the line-outs there are no lifting or quick throws and there must always be 8 players (in the normal rules the throwing team can chose between one and 8 players). In open play kicks are only allowed within the 22-meter line of defense, the tap quicks are forbidden as the reckless driving in to mauls, rucks and tackles. There is no cleaning out in the rucks.

Completing the rules there is a system of colored shorts: red, gold and purple. The red is used by athletes from 35 to 64 years, they cannot be knocked over or tackled by opponents, who must hold them and shout Held! On the other hand players wearing red have the option of tackle and knock down opponents if they feel safe. The gold and purple shorts have the same rules, the player cannot be stopped or touched, they can ran up to 15 meters with the ball, after that they have to pass to a companion who is not wearing a colored shorts. The difference between the two is that gold is for athletes between 64 and 69 years and purple for players over 70.<sup>5</sup>

In the case of the 2020 festival the teams can choose between five categories: Presidents Cup, Semi-competitive, Social A, Social B and Social C<sup>6</sup>. The

5 <https://www.gorugbydenver.com/rules>

6 <https://www.gorugbydenver.com/golden-oldies-grades>

Presidents Cup is the more intense, the only one played with the complete laws of the game, the colored shorts are also vetoed. In the semi-competitive shorts system is vetoed and competitive rucks and mauls are allowed, and cleaning out tackles. In the scrums and line outs the Golden Oldies rules apply.

In social categories Golden Oldies rules apply fully, as does the shorts system. Social A is for teams that want a more intense pace. Rucks and mauls are competitive, but with time and intensity regulated by the referee, cleaning out of the tackles is permitted. Each team can have up to four players in red and gold shorts at the same time on the field, purple shorts are not allowed. In social B the pace is more restrained with rucks and mauls limited to 20 seconds. Each team can have up to eight players with colored shorts in the pitch. Category C is the least intense, only for teams with an average age of more than 60 years. The referee will manage and limit contact, there are no dispute in rucks and mauls. There are no limits to the number of colored shorts.

In addition to the choice of categories teams must also send a profile to the organization, describing their experience, athletes' level, age variation and ethos. So the organization can choose opponents with compatible characteristic. Therefore ensure a safer, challenging and fun game for everyone involved. There is also no need for a complete team, the organization can merge incomplete equips so number of player is not a limiting factor.

The referee is central to the game of rugby, and respect for the position is a cornerstone of the values of the modality. In the case of the Golden Oldies it has an even more prominent position. In the master games, besides enforcing the rules, the referee also regulates the pace and intensity of the game, he must keep the match challenging and at the same avoid any unnecessary risks. With this in mind the International Golden Oldies Rugby Referees Association (IGORRA) was created in 2016 during the festival held in Cardiff. The organization, which had about 50 members in 2016, aims to create an experienced group to referee the matches of the Golden Oldies festivals. It also encourages the formation of referees who can act in regional and non-affiliated events.<sup>7</sup>

IGORRA also works on the development of new rules that can be adopted in any masters game, helping to improve the safety and fun of all involved in

---

<sup>7</sup> <https://www.gorugbydenver.com/referees>

the practice. According to the spirit of rugby it also promotes the recognition of refereeing and referees efforts to create a more fun and safe environment to everyone.

The initiative also has the notion present in the rugby ethos that the festival and the match day in a broader scenario are not only for the fun of the athletes in the field, but enjoyed by everyone present, who has the opportunity to be in contact with friends and have a pleasant moment, which extends to the referee.

It is important to highlight that some of the aspects of Golden Oldies rules resemble cooperative games in the sense that they aim to diminish individual competition and victory (Mendes, Paiano and Filgueira, 2010). The goal of a cooperative game is contemplate all players. Furthermore, it ensures that all the involved leave the field of play feeling victorious, such as the Golden Oldies' goals.

Despite the similarities, however, we consider that the Golden Oldies moves away from the cooperative games in the sense its aim is not to create a more inclusive kind of rugby, but allows former players to continue active. The practitioners of masters rugby cannot play the modality in its competitive forms, because of age or physical conditions, so they modify the rules in order to preserve the essence rugby, its ethos, even if in a different format.

Sport is a multifaceted social construction encompassing a complex set of social relations. It goes beyond the rules established within the field of play. The practitioners of a specific modality are not mere competitors. They are part of a community that share similar values and attitudes and has a unique story and its own legends. This phenomenon occurs in all modalities, even in the individual, in different forms and intensity. Rugby is a case where this form of identification is especially strong, with practitioners sharing a range of values that give meaning to their practice and guide their behavior, which helps to understand the construction of veterans' rugby.

Rugby players, especially those with a stronger relationship with the sport, will eventually face with retirement, no matter how much training or care. In this sense, masters rugby is a way to continue in the pitch, sharing all the perks and qualities of the rugby world, even if the rules had to be changed a little to address some elderly difficulties.

In Golden Oldies, the ethos rises above the rules, when players face the

impossibility of continuing the practice. The solution is to retain the values, sometimes exacerbated, while rules are adapted to ensure the safety of all involved. What makes up Golden Oldies rugby is not the rules, far from the traditional form of the sport, but the fact that all the people involved share a common ethos of respect for the opponent, friendship and fair play. These people get together, play rugby, a version within the physical possibilities of the involved and, above all, to make friends, have fun and reminiscence.

The training aspect is also important. Involvement in master sports contributes to better socialization and a healthier life in old age. Even if the person plays a few times a year, it can foster changes in everyday behavior. The will to improve and keep playing are important to the adoption of healthier habits with long term effects. In this sense the different categories developed by Golden Oldies are the solution found to guarantee the participation of everyone, avoiding the removal from the modality due to physical problems.

The particular ethos of rugby helps to understand the development of the Golden Oldies, but does not fully explain the phenomenon. An interesting point in the development of this practice is its non-institutionalization, faced with the lack of interest from the managing federations and confederations, so that the rugby Golden Oldies could develop with freedom to modify the rules and to define itself. In the case of other modalities, the federations themselves participated in the management of master, which in a speculative way may have contributed to a greater rigidity, replicating the logic of the adult categories. It also important to note that within a large institution changes are slower and less drastic.

## **FINAL CONSIDERATIONS**

This chapter discussed the adaptation process of rugby to be played by people of all ages and physical conditions. The development of masters rugby create an inclusive environment where all players can feel accomplished and challenged without losing the original ethos of modality. The master sports are a recent phenomenon, with an important impact in the life quality of older populations. It will continue to grow in size and relevance as a result of the increase of life expectancy.

The Golden Oldies is a case of a successful experience in the transforma-



tion of a mainstream modality with global popularity in a competitive yet safe master sport. A series of peculiarities of the rugby practice, that cannot be replicate in other modalities, contribute to this. However, any successful experience should be analyzed and may serve as an example or inspiration to other activities.

In the case of the Golden Oldies there is a correlation between strong set of core values shared by most of the rugby players and the transformations occurred in the masters version. The rules that limit the different actions according to age, illustrated by the color of the shorts, can only be adopted without interfering with the excitement of the game in the context of an alliance between strong competition (including physical) and the respect for the rules and fair play that characterizes rugby. Rugby has a relatively simple scoreboard and, even if there is no official result, the players are probably aware of their performance. In the same line of reasoning, the spirit of joy and fellowship, an indissociable (and perhaps exclusive) element of the modality, is also an important characteristic for people's adherence to practice.

Some institutional aspects may also have contributed to the sport's development. In general, masters competitions are organized by the official federations and confederations, with a natural tendency to show great respect for the original rules. Golden Oldies Rugby, differently, is not subordinate to the World Rugby, having therefore less commitment to preserve the rules.

In conclusion, adapting a competitive sport to its collective practice among people of different ages requires changes and transformations. The case here described seems to point to the fact that these changes will be more successful insofar as they can incorporate the characteristics (or habitus) of the modality and explore its potentialities in the process.

The presence of a strong ethos is not a unique characteristic of rugby with almost every modality having its unifying characteristics. The central idea of this chapter was to demonstrate that the success of a master sport is not directly related to the rules of the original modality but is in the replication of the original ethos in a controlled safe environment. Where the athletes can be in touch with the elements that made them fall in love with the modality in the first place without being exposed to unnecessary risks.

## REFERENCES

Ashford, B., Biddle, S., & Goudas, M. 1993. Participation in community sports centres: Motives and predictors of enjoyment. *Journal of Sport Sciences*, 11, 249–256.

Brodkin, P., & Weiss, M. R. 1990. Developmental differences in motivation for participating in competitive swimming. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 12, 248–263.

Cashman, R. 1995. *Paradise of sport: The rise of organised sport in Australia*. Oxford: Oxford University Press.

Collins, T. 2009. *A social history of English rugby union*. London: Routledge.

Dionigi, R. A. 2006. Competitive sport and aging: The need for qualitative sociological research. *Journal of Aging and Physical Activity*, 14(4), 365-379.

Dionigi, R. A. 2016. The Competitive Older Athlete. *Topics in Geriatric Rehabilitation*, 32(1), 55-62.

Dupuis, S.L. (2002). In celebration of later life. *Society and Leisure*, 25(2), 251-255.

Hodge, K., Allen, J. B., & Smellie, L. 2008. Motivation in Masters sport: Achievement and social goals. *Psychology of sport and Exercise*, 9(2), 157-176.

Gutierrez, D. M. *O Rugby, identidade e processos econômicos no Brasil*. 114p. Dissertation (Masters). Scholl of Sciences, Arts and Humanities, University of São Paulo (EACH-USP).

Lawrence, G., & Rowe, D. (Eds.). 1986. *Power play: Essays in the sociology of Australian sport*. Sydney: Hale & Iremonger

Marchi Junior, W. (2001). “Sacando” o voleibol: do amadorismo a espetacularização da modalidade no Brasil (1970-2000). 282p. Tesis (Ph.D)- Faculdade de Edu-

cação Física - Universidade Estadual de Campinas (FEF-UNICAMP), Campinas.

Mendes, L. C., Paiano, R., & Filgueiras, I. P. (2010). Jogos Cooperativos: eu aprendo, tu aprendes e nós cooperamos. *Revista Mackenzie de Educação física e esporte*, 8(2), 133-152.

Moldes, J. F. L. J. (2007). El derecho penal, el derecho deportivo y su interes para los profesionales de la educacion fisica the penal law. *CONEXÕES: Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP*, 3(1), 1-15.

Richards, H. 2011. *A game for hooligans: The history of rugby union*. London: Random House.

## CAPÍTULO 2

# Alternative Features of a Swimming Club

*Arnošt Svoboda*

Well-established, professionalized and mass-mediated sports are frequent and, possibly, dominant objects of interest in the sociology of sport, sometimes being called as the *sports/media complex* (Maguire 2011; Maguire et al. 2002). Simultaneously, there is a vivid current of sociological research focusing on *sporting subcultures, alternative or life-style sports*. Usually, these are disciplines without a strong organizational background, less mediated and with only a moderate level of professionalism such as skateboarding (Beal and Wilson 2004; Dupont 2014), windsurfing (Dant and Wheaton 2007; Wheaton 2000), city cycling (Fincham 2007), BMX (Honea 2013); snowboarding (Wheaton 2003) or parkour (Kidder 2013).

Some authors describe these two types of sports as antagonistic, where the mainstream, commercially driven, sport seeks to incorporate its alternative counterpart and, thus, transform it into another commercial sporting product (Edwards and Corte 2010; Rinehart 2008; Wheaton 2010). In a similar vein, Jay Coakley's well-known separation between *power and performance vs. pleasure and participation* (2004) sports proposes these two categories as distinctive ideal types.

In this chapter, we introduce a link between both aforementioned types of sport – a study depicting

distinctive alternative traits of a Czech swimming club. The swimming club is a segment of a formal, deeply rationalized sporting structure, but, simultaneously, evinces characteristics which are usually considered as significant for alternative and subcultural sporting formations. Data come from a study initially searching for sporting stars within a discipline without much mass-media interest (Svoboda 2016). Yet, during the analysis, we gradually revealed a specific Bourdieusian sub-field within the mainstream swimming sport. Specifically, a lot of its actors adopted norms and values that resembled an alternative sporting discipline (compare Donnelly 2006; Honea 2013).

We theoretically draw on the subcultural studies and their usage of Pierre Bourdieu's concept of the *cultural capital* (1984; Bourdieu and Wacquant 1992). Authors such as Sarah Thornton (1995) or Belinda Wheaton (2000) with Becky Beal (Wheaton and Beal 2003) employ a term *subcultural capital* when they depict distinctive dominant features of a specific community. In case of the Czech swimming sport, such features may be represented, according to our experience, by an assumed positive impact of sporting activities on the youth or by the expectation of an utmost adherence of swimmers to the model of a lifestyle of a competitive athlete who is non-eccentric, listens to a coach's advice and acknowledges the Olympic Games as an absolute top of the career.

The aim of the paper is to answer and further elaborate on the main question: What are the specific facets of the swimming club that resemble alternative sporting subculture instead of a mainstream competitive discipline?

We will first give a brief overview of the distinction between alternative and mainstream sports, outline of studies of alternative sports and sporting subcultures and Bourdieu's conception of the cultural capital as well as its application as a subcultural capital. Second, we will offer a methodological account and present the basic features of the investigated area. Third, principal outcomes will be submitted, depicting the distinctive alternative traits of the competitive swimming club. Finally, the main findings will be discussed.

## **MAINSTREAM VS. ALTERNATIVE SPORTS**

In many instances, alternative/lifestyle sports are often linked with sporting subcultures, but this connection is far from being self-evident. As Rinehart (2000) points out, more than the objective features, it is the meaning attribut-

ed to the sporting activities that must be investigated, so that we are able to subsume a particular activity to the mainstream or the alternative. Concerning the distinction between alternative and lifestyle sports, we propose a typology presented, for example, by Belinda Wheaton or Robert Rinehart. The latter author also calls attention to the fact that even the alternative sport may encompass mainstream aspects (2000). Consequently, we argue that single facets of an actual sporting activity need to be identified to categorize the activity on the continuum mainstream – alternative.

Belinda Wheaton introduces a concept of lifestyle sports that highlights distinctive patterns of consumption, exclusive identities or a specific setting of structure – agency, where identities are negotiated within the structural constraints such as gender, age, class or ethnicity. Some of the most significant lifestyle features are as follows: commitment in resources (style of life, bodily dispositions, time) which is often connected to the ‘transcendence of the self’, specific disrespectful relationship to the traditional model of sporting competition or predominantly white, middle-class background of the participants (2004, 2013).

Regarding this chapter, we conclude that the term *alternative* is the most apt for describing an emergent community within the swimming sport, featuring characteristics that do not fall within the sporting mainstream. Thus, such a community is actually an alternative sub-field of the swimming field. At the same time, many features of Wheaton’s lifestyle sports are applicable here as well. Finally, the oppositional nature of the community allows us to apply the concept of subculture when describing the group of swimmers (Honea 2013; Rinehart 2000).

## CONCEPT OF SUBCULTURE

As a matter of fact, many alternative sports are being practised within social formations, often being labelled as *subcultures*. One of the well-known definitions has been introduced by Peter Donnelly in the 1980s. Despite the age, we argue that the concept is still valid. He points out that the term *subculture* is applicable not only for the alternative or youth sporting formations (compare Spaaij 2008; O’Connor 2017) but also for mainstream sports such as rugby or baseball. According to Donnelly, subculture is 1) a distinguishable entity

within a larger group or across groups, 2) comprises smaller communities or single actors, 3) its members share similar norms, values and styles which differ from the rest of the dominant culture, 4) aforementioned norms are significant for subcultural members, 5) the subculture encompasses accurately targeted activities which 6) are further shared by the members 6) via face-to-face and other forms of communication (Donnelly 1985).

Basically, Donnelly's definition can be supplemented by two topics: The first is *identity* represented by specific style and behaviour patterns (Muggleton 2007) which is constructed within a group's relationships, symbolic and material resources (Woodward 1997), and the collective action of a group (Melucci 1996). Second, it is the placement of a subculture within the social structure where the subculture serves as a dynamic force in creating the *bridging* (across borders of the community) and *bonding* (within the community) social capital (Field 2003).

As Gilchrist with Wheaton remark, the process of identity construction in *lifestyle* disciplines often differs from mainstream sports. The authors argue that lifestyle communities usually enable their participants to acquire a sort of exclusive identity through *practical performances* which are seen as *authentic* by other practitioners (2016). As a matter of fact, when Donnelly and Young mention the *subcultural career* as an interplay between an individual acquiring new values and other participants (1988) they simultaneously refer to full-time practices that, in case of many lifestyle sports, demand a long-term and time-consuming training.

## **SUBCULTURAL CAPITAL**

Drawing on subcultural studies, focusing on relatively small and symbolically enclosed communities, we employed the concept of *subcultural capital* to capture the significant attributes, values or attitudes shared amongst the members of the swimming club. The subcultural capital is based on Bourdieu's *cultural capital* (1984). It may materialise itself in specific knowledge, clothing style, language or sporting technique. On this account, a bigger amount of such specific traits leads to the accumulation of the cultural capital and its transformation into the subcultural capital. The establishment of the subcultural capital is backed up by its acknowledgement amongst the actors within the

community. In this vein, the label, 'subcultural capital' itself may be changed according to the environment (or, in Bourdieu's words, the social field) where it is represented. Thus, we may also use the concept of 'swimming capital' in our study.

In the subcultural studies, the concept of subcultural capital has been widely used in the last decades. In the 1990s, it was Sarah Thornton (1995), followed by Belinda Wheaon and Becky Beal (2003) during their seminal studies of sporting communities. Later, the concept was implemented by Jensen (2006) or McCormack (2017), just to name a few.

Data are based on a case study carried out from October 2011 to January 2014. 22 in-depth interviews were conducted with actors of a swimming club (11 swimmers, 6 coaches and 5 parents) located in the Czech Republic. Members of the club, both current and former, were contacted with the help of a key informant and, subsequently, the snowball method. The observed case involved two other subjects, deeply connected on the organisational level: a local sporting grammar school and a sports centre administered by one of the Czech ministries. Most swimmers studied at the grammar school that offered the training support and facilities for children from approximately 11 to 18 years. At the same time, selected swimmers were included in the sports centre, ensuring special training for talented athletes according to the Czech state law. Even the coaches participated in training activities across the three subjects – the club, grammar school and sports centre.

During the data collection, we asked each respondent to participate in a semi-structured interview that took from 45 to 80 minutes. The interviews were recorded, transcribed and analysed in the software ATLAS.ti 5.0. Afterwards, the data were coded using the open coding procedure and aggregated into general categories. The findings were merged with additional data from non-participant observation and document analysis depicting the wider context of the swimming club. Throughout the paper, all the actors' names are changed or their citations are used anonymously (with a brief specification of the speaker).

The sample consisted mainly of retired swimmers and, therefore, they were able to reveal their experience retrospectively, covering the end of the 80s to the second half of the 90s. On the other hand, coaches, active during the respective time, were still active during the interviews. Thus, the comparison



within the time-series was made as well, at least from the coaches' point of view. Similarly, the swimmers' detachment from the competitive sport allowed them to reflect on the sporting field from the perspective of grownups who established themselves in other professions. The retrospective logic bears fruit especially in moments of comparisons of the retired athletes' former and current narratives of the swimming club.

## SWIMMING CLUB

The respective swimming club is located in one of the larger cities in the Czech Republic. Historically, it has been one of two or three most successful Czech clubs, attracting promising swimmers from the whole region. In theory, the club was an established background where sporting dispositions, values, and attitudes of swimmers and other actors are shaped according to power relations. As one of the coaches asserts (and other data simultaneously reveal), the group of the most influential actors within the club formed a triangle made of three vertices: coaches, parents and (young) swimmers. Unsurprisingly, the coaches occupied the dominating position, even though they called for a moderate input from parents as well: *'I want them to raise their kids to have a certain regime, to get up at six, but, beyond that point, I want them to stay out of it'* (experienced club and personal coach).

Since the process of initial socialization of swimmers into the swimming sport can (not necessarily) begin at the preschool age (4 – 5 years), the resulting involvement may take the form of a 'total conversion' when a swimmer fully adopts values of a competitive sport (Ohl et al. 2015). Even though such an authoritarian environment left only a little space for expressing own intentions, there were actually hints of swimmers' resistance against the inner hierarchy. It seems, however, that swimmers could exercise resistant practices only if they were simultaneously consoled by the parents: *'I was at the National Championship in the elite category for the first time...and I finished fourth and I just could not stand it... I got terribly drunk afterwards...they kicked me off the bus and left... They [the parents] called my former coach from [another club] who picked me up and took care of me. And this seemed to be symbolic for me and I signed off'* (former male swimmer; successful business owner).

As a matter of fact, swimmers' reflexive statements about the power rela-

tions were to be seen mostly during those parts of the interviews where two outstanding female swimmers were mentioned. Respondents used those two swimmers as examples of embodiment of dominant values within the field, but, also, as objects of resentment. Both swimmers were highly successful on the national and international level and they also represented two opposed types within the respondents' narratives. One of them, Petra, was rather non-communicative, fully focused on the preparation, and obeying the coach's instructions and rules. On the contrary, Renata, the second one, actively cooperated with the media (including the tabloids) and was finding her 'own ways' how to secure the symbolic position as a successful swimmer and, as many respondents referred, a sporting star, including seeking own sponsors and above-standard requirements during trips abroad. On top of that, coaches supported the image of Petra as a role model, using their powerful position within the club: *'... it could be a manipulated situation imposing an image of Renata as the "bad one" and we were forced to see her as someone who goes against the tide... coaches had their own ways of managing their training groups and, suddenly, there was someone who was breaking their plans and routines... it was hinted that Renata's approach is the wrong one'* (former female swimmer; fitness centre owner). What we see here is the *symbolic violence* which is unreflected and imposed by dominating actors through subtle mundane practices such as a strict time schedule or, in case of swimming, monitoring the required weight (Throsby 2015; further see Bourdieu 1992).

## MAINSTREAM VS. ALTERNATIVE FEATURES OF SWIMMING CLUB

In this section, we will identify and elaborate dominant features of the swimming club that are borne by the actors and, simultaneously, are acknowledged as significant by fellow swimmers. In other words, the swimming (subcultural) capital is revealed here. First, we will start with facets that are more or less identical to those of the mainstream sports. Step by step, we will reveal those that are usually ascribed exclusively to alternative disciplines.

Similarly to mainstream sports, we can witness a distinctive stance towards **competition results**. More specifically, it is a reflected importance of formal sporting results in comparison to the overall **commitment** to training or social relations within the swimmers' community that matters. In fact,

while competitive results remain one of the main features of mainstream sports (Guttman 2004), their relevance to the building of subcultural capital is rather contested. Both coaches and swimmers valued the sporting results only if they were backed up by systematic effort and dedication to the training practices. Coaches expected the competitors not only to bring medals but also to adopt a committed approach to the training and, hence, act as role models for others: *‘...he was just messing around for ten months, then intensively trained for two months and became a four-time European Junior Champion. Of course, he could gain much more. If he trained the whole year he would swim like a god...but they have such a philosophy: It’s enough for me’* (experienced club and personal coach). In a similar vein, swimmers reflected on the overall commitment of their peers: *‘We all trained at full power, but you could clearly see that Petra trains at even fuller power’* (former male swimmer; active outside the sporting field).

Authentic image of an actor of the swimming field is further promoted through the ethos of **fair-play** which was shared by swimmers, coaches and even parents. In this context, fair-play is established within the reflexivity on sporting practices and competitive success as results of personal effort and unbiased verdicts of referees: *‘Sometimes the parents come and show us the camera footage and demand something...but when the coaches compare notes by all the three finish line referees and all of them agree on the results, then there is nothing to talk about’* (male coach; still active in club’s youth categories).

Probably due to the relatively enclosed community and the amount of time that young swimmers spent together also in the school, the **social capital** was another significant feature valued by the respondents. Beyond any doubts, there was no place for extreme individualism in training groups, notwithstanding previous achievements of individual swimmers (in contrast to many contemporary mainstream sports [Hughson 2009]). Consequently, a modest personal everyday presentation was an expected style of behaviour – fully embodied, again, by Petra: *‘just an ordinary girl who does not pretend anything...you would not recognize her on the street’* (former male swimmer; teacher at an elementary school). Furthermore, many respondents emphasised a special kind of close relationship that was built during exhausting and repetitive training sessions which were reflected on as a specific shared experience: *‘And the gang, it is something quite special, it is because of the sport,*

*the hard work that leads people to be connected in a unique way, apart from the classic comradeship'* (former female swimmer; competes in Masters category). This aspect of the social capital was supplemented even further by leisure time activities that the young swimmers experienced together such as the paddling sport or hiking. In contrast, many swimmers (together with some coaches) criticised Renata for her often expressive behaviour: *'She acted conspicuously even in the swimming pool, she strived for being noticed'* (former male swimmer; teacher at an elementary school).

While the previously mentioned facets could be connected to an alternative as well as a mainstream discipline, the last two characteristics are being exclusively linked to alternative sporting fields. First, swimmers reflected on **non-commercial** settings of the respective swimming community. Even though the coaches and other officials would probably admit that the management of the club is far from being non-commercial, many swimmers saw the observed sub-field as a representation of the idea of a *'healthy and clean'* sporting field and the swimming as a *'fair and righteous'* discipline:

'I thought for a long time...that the swimming, because there is hardly any money at all, that it stays clean because there are only those people who really enjoy doing it.' (former male swimmer; successful business owner).

'Swimming...you can earn some money there... but it's not as spoiled as those sports where a lot of money is streaming through' (former male swimmer; manager in an international company).

Again, practices of Renata were often brought up in a negative way. During her career, she actively sought personal sources of financing the sporting preparation, including negotiating her personal sponsors. From the rationalising point of view, such activities of a professional athlete are fully legitimate. Moreover, some respondents, after leaving the swimming field or after transforming own position as swimmers to coaches, expressed an understanding of those practices. Actually, they even adopted a critical stance towards the former coaches who refused Renata's practices. But at the respective time and place, such an open presentation of commercial interests

was regarded as *heterodox* and, therefore, repulsed.

Finally, actors of the club pointed out **mass media** as one of the most contested factors which symbolically divided the swimming field. The data suggest that it is not so much a mere presence or absence of the media interests as the actors' attitude to them what defined the level of the swimming capital of a swimmer. Petra, despite being one of the most successful Czech swimmers, cooperated with the mass media only scarcely and, probably, did not enjoy it on the subjective level: '*... I did not fully become a part of it [media], I lived in a bubble. I was devoted to the sport and to myself and the sporting results of mine*' (Petra).

In contrast, Renata was cited as an almost exact opposite of Petra. Not only her fellow swimmers but also her coach did not approve her open collaboration with tabloid media. Her role in the club was regarded as '*to be completely taken out of the swimming sport because I think that she wanted to make herself popular through the sport so that she would become a star*' (former male swimmer; manager in an international company). Again, such practices, which went against the image of an ideal swimmer, were held as *heterodox* and, therefore, rejected by many other swimmers: '*This is not about the sport anymore, this is about selling yourself*' (former male swimmer; teacher at an elementary school). We conclude that, in contrast to some well-known sub-cultural studies (compare Thornton 1995; Wheaton, Beal 2003), respondents did not differentiate between mass and niche or specialist media.

## CONCLUDING REMARKS

Before putting together data for the paper, we were aware, with reference to Rinehart (2000), that the clear division between the mainstream and the alternative sports is more of a Weberian ideal type than an empirical category. Moreover, already fifteen years ago, Wheaton argued that the former dominant status of mainstream sports within contemporary popular culture is no longer prevalent. Lately, many 'alternative' disciplines have been incorporated into the elite level, previously occupied by traditional sports and mass-mediated mega-events (2004). Furthermore, alternative disciplines may benefit from the media attention to establish themselves on a professional level and, vice versa, the mass-media utilize alternative sports to tar-

get the youth market. But still, many previously authentic alternative sports, recently incorporated into mainstream, preserve some of their alternative aspects, such as individualism or supporting ethos (Coates et al. 2010). Now, we may conclude that even on the local level, the blending of both sporting fields, mainstream and alternative, was visible.

Throughout the empirical and analytical stages, we used the concept of *subcultural/swimming capital* to capture dominant values within the swimming field. After acquiring a significant level of swimming capital, respective swimmers were perceived as *authentic* within the field (swimming club). We consider the authenticity to be represented by a set of reflexive dispositions and affective bonds which are embodied within the socialisation and further represented throughout actors' practices (Bourdieu 1977, 1984; Giddens 1979; further see works of Driver 2011; Thornton 1995 or Wacquant 2011).

Depicting the authenticity within the swimming field introduces us with the topic of *symbolic power*. The process of socialisation into the swimming community and, simultaneously, of acquiring the collective identity, was affected by 'significant others' who were mainly coaches and, to a lesser extent, parents. The full elaboration of such a process is beyond the scope of the chapter, but, even then, we conclude that the power of coaches over the process of acquiring norms and values of young athletes was significant and the resulting authentic ideal was a powerful normative tool (Langnes, Fasting 2016). On the one hand, swimmers were able to reflexively acknowledge the amount of swimming capital of fellow swimmers and, consequently, judged them as authentic or inauthentic. On the other hand, the very process of identity construction was largely unreflected by the swimmers. Only after leaving the field, many of them have built up a critical stance towards the enclosed field of the swimming club and its dominant actors (coaches): *'Now, after some time, I prefer Renata's methods [i.e. own marketing, sponsors or cooperation with tabloids] which were unconventional in her time and shocked many people, but she managed to maintain the top-level....'* (former female swimmer, current gym owner). The distinctive identity and, sometimes, latter radical change of such an identity are confirmed by another former swimmer: *'... he was relieved after leaving the whole environment. Later, I was relieved as well. And I think that every reasonable person feels the same'* (former male swimmer; successful business owner).

To conclude, we considered possible practical implications of the study.

The distinct notion of alternative aspects within the mainstream swimming sport draws attention to the fact that not all its participants share the common opinion about the prevalence of commercial and mass-media characteristics within the contemporary competitive sports. Furthermore, specific attitudes to competitive practices might bring other useful insights, possibly for coaches or other professionals working with (not only) youth athletes in relatively closed communities. After all, even judgments about the doping issues, formulated alternatively, may emerge in such a sporting community.

## REFERENCES

- Beal B and Wilson C (2004) 'Chicks Dig Scars': Commercialisation and the Transformation of Skateboarders' Identities. In: Wheaton B (ed) *Understanding Lifestyle Sports: Consumption, Identity, and Difference*. New York: Routledge, pp.31–54.
- Bourdieu P and Wacquant L (1992) *Introduction to Reflexive Sociology*. Chicago: University of Chicago Press.
- Bourdieu P (1977) *Outline of a Theory of Practice*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bourdieu P (1984) *Distinction: A Social Critique of the Judgement of Taste*. Cambridge: Harvard University Press.
- Bourdieu P (1992) *Language and Symbolic Power*. Cambridge: Polity Press.
- Coakley J (2004) *Sport in Society. Issues and Controversies. Eighth Edition*. New York: McGraw Hill.
- Coates E, Clayton B and Humberstone B (2010) A Battle for Control: Exchanges of Power in the Subculture of Snowboarding. *Sport in Society* 13(7–8): 1082–1101.
- Dant T and Wheaton B (2007) Windsurfing.: An Extreme Form of Material

and Embodied Interaction? *Anthropology Today* 23(6): 8–12.

Donnelly M (2006) Studying Extreme Sports: Beyond the Core Participants. *Journal of Sport and Social Issues* 30(2): 219–224.

Donnelly P and Young K (1988) The Construction and Confirmation of Identity in Sport Subcultures. *Sociology of Sport Journal* 5(3): 223–240.

Donnelly P (1985) Sport Subcultures. *Exercise & Sport Sciences Reviews* 13(1): 539–578.

Driver C (2011) Embodying Hardcore: Rethinking ‘Subcultural’ Authenticities’. *Journal of Youth Studies* 14(8): 975–990.

Dupont T (2014) From Core to Consumer: The Informal Hierarchy of the Skateboard Scene. *Journal of Contemporary Ethnography* 43(5): 556–581.

Edwards B and Corte U (2010) Commercialization and Lifestyle Sport: Lessons from 20 Years of Freestyle BMX in ‘Pro-Town, USA’. *Sport in Society* 13(7–8): 1135–1151.

Field J (2003) *Social Capital*. London: Routledge.

Fincham B (2007) ‘Generally Speaking People Are in It for the Cycling and the Beer’: Bicycle Couriers, Subculture and Enjoyment. *Sociological Review* 55(2): 189–202.

Giddens A (1979) *Central Problems in Social Theory. Action, Structure and Contradiction in Social Analysis*. Berkeley: University of California Press.

Gilchrist P and Wheaton B (2016) Lifestyle and Adventure Sports Among Youth. In: Green K and Smith A (eds) *Routledge Handbook of Youth Sport*. Milton Park: Routledge, pp.186–200.

Giulianotti R (2005) *Sport: A Critical Sociology*. Cambridge: Polity Press.



Guttman A (2004) *From Ritual to Record. The Nature of Modern Sports*. New York: Columbia University Press.

Honea JC (2013) Beyond the Alternative vs. Mainstream Dichotomy: Olympic BMX and the Future of Action Sports. *The Journal of Popular Culture* 46(6): 1253–1275.

Hughson J (2009) On Sporting Heroes. *Sport in Society* 12(1): 85–101.

Jensen SQ (2006) Rethinking Subcultural Capital. *Young* 14(3): 257–276.

Kidder JL (2013) Parkour, Masculinity, and the City. *Sociology of Sport Journal* 30(1): 1–23.

Langnes TF and Fasting K (2016) Identity Constructions among Breakdancers. *International Review for the Sociology of Sport* 51(3): 349–364.

Maguire JA (2011) The Global Media Sports Complex: Key Issues and Concerns. *Sport in Society* 14(7–8): 965–977.

Maguire J, Grant J, Mansfield L and Bradley J (2002) *Sport Worlds. A Sociological Perspective*. Champaign, IL: Human Kinetics.

McCormack KM (2017) Inclusion and Identity in the Mountain Biking Community: Can Subcultural Identity and Inclusivity Coexist? *Sociology of Sport Journal* 34(4): 344–353.

Melucci A (1996) *Challenging Codes: Collective Action in the Information Age*. Cambridge: Cambridge University Press.

Muggleton D (2007) Subculture. In: Ritzer G (ed) *The Blackwell Encyclopedia of Sociology*. Malden: Blackwell Publishing. pp.4877–4880.

O'Connor P (2017) Beyond the Youth Culture: Understanding Middle-Aged Skateboarders through Temporal Capital. *International Review for the So-*

*ciology of Sport*, February, Epub ahead of print 14 February 2017. DOI: [10.1177/1012690217691780](https://doi.org/10.1177/1012690217691780).

Ohl F, Fincoeur B, Lentillon-Kaestner V, Defrance J and Brissonneau C (2015) The Socialization of Young Cyclists and the Culture of Doping. *International Review for the Sociology of Sport* 50(7): 865–882.

Rinehart RE (2000) Emerging Arriving Sport: Alternatives to Formal Sports. In: Coakley J and Dunning E (eds) *Handbook of Sports Studies*. London: SAGE Publications. pp.504–520.

Rinehart RE (2008) ESPN's X Games: Contests of Opposition, Resistance, Co-Option, and Negotiation. In: Atkinson M and Young K (eds) *Tribal Play: Subcultural Journeys Through Sport*. Bingley: Emerald Group Publishing. pp.175–195.

Spaaij R (2008) Men Like Us, Boys Like Them: Violence, Masculinity, and Collective Identity in Football Hooliganism. *Journal of Sport and Social Issues* 32(4): 369–392.

Svoboda A (2016) Sportovní Hvězda Jako Výsledek Akumulace Sportovního Kapitálu / Sports Stars as Accumulations of Sporting Capital. *Sociologický Časopis / Czech Sociological Review* 52(4): 535–556.

Thornton S (1995) *Club Cultures: Music, Media, and Subcultural Capital*. Cambridge: Polity Press.

Throsby K (2015) 'You Can't Be Too Vain to Gain If You Want to Swim the Channel': Marathon Swimming and the Construction of Heroic Fatness. *International Review for the Sociology of Sport* 50(7): 769–784.

Wacquant L (2011) Habitus as Topic and Tool: Reflections on Becoming a Prizefighter. *Qualitative Research in Psychology* 8(1): 81–92.

Wheaton B and Beal B (2003) Keeping It Real. Subcultural Media and the

Discourses of Authenticity in Alternative Sport. *International Review for the Sociology of Sport* 38(2): 155–176.

Wheaton B (2000) ‘Just Do It’: Consumption, Commitment, and Identity in the Windsurfing Subculture. *Sociology of Sport Journal* 17(3): 254–274.

Wheaton B (2003) Lifestyle Sport Magazines and the Discourses of Sporting Masculinity. *Sociological Review Monograph* 51(1\_suppl): 193–221.

Wheaton B (2010) Introducing the Consumption and Representation of Lifestyle Sports. *Sport in Society* 13(7–8): 1057–1081.

Woodward K (1997) Concepts of Identity and Difference. In: Woodward K (ed) *Identity and Difference*. London: Sage. pp.8–61.

## CAPÍTULO 3

# Esportes de Aventura Para Pessoas com Deficiência

*José Roberto Herrera Cantorani*

*Leandro Martinez Vargas*

*Thaiane Moleta Vargas*

*Bruno Pedroso*

Na atualidade, é um fato corrente as pessoas buscarem por atividades de lazer em contato com a natureza. Também são correntes estudos sobre os motivos que levam as pessoas a buscarem por essas atividades. Entre os motivos dessa busca firma-se a geração de necessidades advindas de um modo de vida contemporâneo que, entre outras coisas, afasta as pessoas desse contato (BRUHNS, 1997). Um fato mais recente nesse cenário é a crescente busca desse mesmo contato, e da realização de atividades de aventura na natureza, por parte das pessoas com deficiência (PcDs).

Essa realidade está relacionada à mudanças em relação ao olhar, convívio e relação com as PcDs. Nos últimos anos ratificaram-se garantias referentes aos seus direitos sociais e civis. E na atualidade, passaram também a ter a atenção do mercado para as suas necessidades. Neste cenário, a acessibilidade passa a fazer parte dos debates e deliberações voltados para a relação entre a sociedade e as PcDs. A partir

do estabelecimento de seus direitos sociais e civis, o olhar se volta para a acessibilidade às atividades e tarefas do dia-a-dia. A partir da configuração do olhar mercadológico, o foco passa também a estar na acessibilidade à produtos de consumo, entre os quais, as atividades de lazer e esportivas, e entre estas, as atividades em meio à natureza e de aventura.

Neste contexto, se destaca a acessibilidade, condição de primeira importância para as PcDs. Por sua vez, o acesso ao lazer e à atividades esportivas de lazer são particularmente destacados frente ao conjunto das necessidades de acessibilidade. Pois, esse acesso se apresenta com grande relação com a qualidade de vida das PcDs (CANTORANI, 2013).

### CONTEXTUALIZAÇÃO CONCEITUAL DE DEFICIÊNCIA

Para estudos direcionados ao acesso e participação de PcDs, sobretudo no que diz respeito à atividades físicas e esportivas, é importante compreender o que se apresenta enquanto modelo social de interpretação da deficiência. O que se apresenta como aceito na contemporaneidade é o modelo social da deficiência. Esse modelo, proposto/elaborado pela The Union of the Physically Impaired Against Segregation (UPIAS), parte do princípio de que a deficiência não surge puramente do indivíduo e de sua deficiência física, mas da resultante da interação entre as características corporais do indivíduo e as condições da sociedade em que ele vive. Ou seja, da combinação das limitações impostas pelo corpo – resultado de algum tipo de perda ou redução de funcionalidade – e da organização social pouco sensível à diversidade corporal (UPIAS, 1976; 1981; MEDEIROS; DINIZ, 2004).

Dessa forma, é a maneira como a sociedade está organizada que coloca as PcDs na condição de deficientes. Complementarmente a esse ideário, a UPIAS elucida que a deficiência surge como um efeito da exclusão e se estabelece como uma criação social da deficiência. Esse entendimento pode ser acompanhado nos dois conceitos que seguem, sempre a partir da visão/sensação de quem se encontra na condição de deficiente:

Imparidade: ausência parcial ou total de um membro, órgão ou existência de um mecanismo corporal defeituoso;

Deficiência: desvantagem ou restrição de atividade

provocada pela organização social contemporânea que pouco ou nada considera aqueles que possuem limitações físicas e, portanto, os exclui da participação das principais atividades da vida social. Deficiência física é, portanto, uma forma particular de opressão social. (UPIAS, 1976, p. 14; 1981, p. 4)

O que a UPIAS e o modelo social da deficiência propõem é mudar a ênfase dada às limitações físicas. A partir desta visão é destacado que não há, necessariamente, uma relação direta entre imparidade (ou desigualdade, ou limitações) e deficiência. Em termos práticos, a imparidade (limitação) seria uma característica corporal. Ao passo que a deficiência se estabeleceria como o resultado da relação entre as pessoas com limitações e a estrutura social e sua organização; a qual não permite a participação efetiva e natural das PcDs na vida cotidiana, e é responsável pela discriminação sofrida por estas em função dessa condição estrutural.

Em análise a esse contexto apresentado pela UPIAS e pelo modelo social da deficiência, seria possível uma pessoa ter lesões (limitações) e não experimentar a deficiência, fato que dependeria de como/quanto a sociedade estaria ajustada para incorporar a diversidade. Com isso, o não poder caminhar, por exemplo, é a expressão da imparidade; a deficiência consiste na inacessibilidade imposta, pela estrutura social, às pessoas que usam cadeira de rodas (MORRIS, 2001; MEDEIROS; DINIZ, 2004).

## ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA

As atividades físicas de aventura constituem-se um conjunto de práticas que surgiram nos países desenvolvidos na década de 1970 (BETRÁN, 1995). Elas se desenvolveram na década seguinte e se consolidaram na atualidade ao se firmarem como opção de esporte e de lazer. Primeiramente na condição de atividades esportivas, depois como produtos de consumo dentro da esfera do turismo, as atividades deste tipo tiveram significativa expansão. Dentro da primeira esfera encontram-se ao alcance de esportistas com relativo conhecimento das técnicas e com destreza física. Já na segunda, estão disponibilizadas para todos – desde que se possa pagar por elas –, independentemente de habilidades físicas ou conhecimento das técnicas (CANTORANI, 2013).

A busca por essas atividades no contexto turístico configura-se uma con-

traposição às situações rotineiras, de alto grau de controle emocional, de tarefas estressantes do dia-a-dia e de poucas oportunidades para experiências físicas e emocionais de satisfação. Essas situações sérias do dia-a-dia, qualidade distintiva das sociedades contemporâneas, estimulam a necessidade de atividades com as características das atividades de aventura, pois estas, proporcionam uma tensão prazerosa, que advém do desafio, tanto físico/motor, quanto emocional. Esses são elementos de equilíbrio mental diante de um modo de vida como o hodierno (CANTORANI, 2013).

A propagação dessas atividades é fruto de necessidades contemporâneas de satisfação e de tensões prazerosas. Com a propagação das mesmas é verificado o aparecimento de diferentes termos com o intuito de definir e generalizar esse universo de novas práticas. As denominações encontradas têm como base as características que definem essas atividades. De acordo com levantamento realizado por Betrán (1995), são encontradas as seguintes denominações para o objeto em questão:

[...]”novos esportes” atendendo ao caráter inovador, diferente e alternativo destas modalidades em relação ao esporte, considerando estas como um segmento que evoluiu a partir do esporte clássico; “esportes de aventura”, em relação à busca da incerteza e do risco em contraposição com a tendência do esporte em reduzir sistematicamente a incerteza domesticando o espaço de jogo; “esportes tecnocológicos”, em clara mostra da simbiose de tecnologia e natureza, imprescindível para a referida prática; “esportes em liberdade”, em atenção à mínima sujeição às normas regulamentares, à mínima institucionalização, à inexistência de entidades oficiais ao estilo das federações esportivas que regulem a atividade e as amplas possibilidades de prática no meio natural; “esportes californianos”, em expressa indicação à origem de algumas práticas que conformam este âmbito; “esporte selvagem”, para remarcar o caráter natural, aberto e incerto de sua prática em oposição ao estruturado e civilizado esporte; “atividades deslizantes de aventura e sensação na natureza”, em razão de quatro parâmetros básicos que confluem na grande maioria delas: seu desenvolvimento no meio natural, o caráter deslizante de suas práticas, a produção de sensações corporais e o sentido de aventura que imprime a sua realização em grande parte de seus praticantes; “atividades esportivas de recreação e turísticas de aventura”, segundo a denominação oficial da Generalitat de Catalunya na qual se incide especial-

mente os termos recreação e turismo, reincidindo no ultrapassado conceito de esporte. (BETRÁN, 1995, p. 5)

Esse conjunto de denominações expressam a base conceitual dessas atividades, que em essência, é fundamentada na aventura. Denotam também a dificuldade de se eleger um único termo para a definição dessas atividades. Betrán (1995) sugere que “atividades físicas de aventura na natureza” (AFAN) constitui-se um termo que, a princípio, define essas atividades.

Este termo emprega atividades físicas, e não esporte. Dessa forma, confere a amplitude de atividades possíveis neste segmento, inclusive no contexto turístico. Faz referência à aventura e não ao “radical”, ou ao “extremo”. O termo aventura retrata a tensão e o desafio, características desse tipo de atividade, mas também viabiliza a amplitude de possibilidades de atividades do segmento, não apenas as atividades com riscos muito elevados, acessíveis à poucos, normalmente esportistas de alto nível.

Cabe ressaltar que atividades, por exemplo, como rapel e escalada, que são atividades originalmente desenvolvidas na natureza, passaram a ser praticadas também nas cidades, em ambiente indoor. Diante deste contexto, o termo AFAN não alcança a totalidade das atividades desse segmento, pois não acolhe as atividades de aventura que são praticadas fora da natureza. Também não acolhe as modalidades de skate.

Figura-se mais adequado, portanto, o termo “atividades físicas de aventura”, pois agrupa tanto as atividades de aventura praticadas na natureza, quanto as atividades de aventura não praticadas em meio à natureza, sejam essas atividades praticadas a nível esportivo ou de lazer.

## **ESPORTE E TURISMO DE AVENTURA**

Entre as atividades compreendidas nesse conjunto de atividades de aventura algumas foram estrategicamente adaptadas a um contexto competitivo, mercadológico e de espetáculo. Nesse formato de espetáculo, a televisão se encarregou da veiculação dessas atividades. Um exemplo concreto é o espaço destinado aos X Games.

Os X Games configuram um evento esportivo comercial que é realizado todos os anos. A primeira edição ocorreu em 1995. Em 1997 passou a ter também a edição de inverno, com um foco específico para os esportes realizados



na neve. Em 2013, a edição de verão, que tradicionalmente acontecia exclusivamente na Califórnia – EUA, passou a ter outras quatro edições que aconteceram em outros países: França (Tignes), Brasil (Foz do Iguaçu), Alemanha (Munique) e Espanha (Barcelona). No Brasil, a edição foi veiculada também na TV aberta (ESPN, 2012; 2013b).

Os X Games foram desenvolvidos pela empresa de televisão ESPN. O objetivo foi explorar esse segmento de atividades então conhecidas como Jogos Radicais, nome dado ao primeiro evento, em 1995. O evento foi renomeado para X Games em 1996, em alusão à condição de Jogos Extremos (ESPN, 2013a).

Em 2009, a revista Times fez um retrato da breve história dos X Games. Retratou o enorme sucesso do evento de 1995, com o qual a ESPN gastou US\$ 10 milhões e atraiu cerca de 200.000 espectadores. Fato que levou a empresa a reestruturar a programação dos jogos para realizações anuais, pois, inicialmente, a ideia era de uma programação bienal (PICKERT, 2009).

Outro destaque dado pela Times foi o fato de os X Games terem atuado na legitimação de alguns esportes, como skate e snowboard. Essas práticas esportivas, assim como outras, não eram praticadas em uma condição de competição sistematizada; eram atividades livres, praticadas na condição de lazer (PICKERT, 2009). Foi destacado ainda que essas competições anuais alimentam uma demanda por atividades de risco, de ousadia, de desafio. A grande expansão dos X Games é creditada ao interesse das pessoas por atividades que se constituem na busca pelos limites extremos (PICKERT, 2009).

Acima de enquadramentos na esfera do turismo ou do esporte rendimento, opera-se a oferta de um produto que é espetacularizado/mercantilizado. Essa mercantilização de modalidades de aventura alimenta as necessidades psicossociais relacionadas à aventura e ao que ela significa frente às características das formas de vida na sociedade contemporânea.

Esses dados permitem conjecturar que a sociedade, reconhecidamente uma sociedade de consumo, alimentada pela oferta desses segmentos de aventura, tem experimentado a necessidade de vivenciar tais atividades e a indução à mesma. Esse é um fator que alavanca o segmento, principalmente na esfera do turismo.

Esse é o panorama no qual se desenvolvem as atividades físicas de aventura. Ou seja, de uma lado, o modo de vida contemporâneo que alimenta a

necessidade de experiências de fortes emoções – facilmente encontradas nas atividades de aventura, sobretudo naquelas desenvolvidas na natureza –, e de outro, a oferta dessas atividades, e de espetáculos envolvendo as mesmas, que reforçam a sensação de necessidade de tais experiências.

Esses dados possibilitam compreender a expansão do turismo de aventura na natureza. Permitem entender o que leva as pessoas a buscarem por tais atividades, o que as impulsionam. Trata-se de uma mistura de impulsos endógenos e exógenos.

Mediante esse conjunto de circunstâncias, é reforçado o entendimento de que a aventura e o prazer em correr riscos, conforme retrata Schelp (2003) são características humanas:

Grças a essa característica, a tendência para andar no limite da segurança, a humanidade avançou mais do que as outras espécies. O que são, afinal, os grandes cientistas, os grandes guerreiros, os empresários criativos e os inventores que idealizaram coisas novas senão pessoas que trocam o sedentarismo mental pela aventura? Parece inútil procurar o gene desse impulso numa cabra ou num camelo. Entre os homens e as mulheres, vê-se a todo instante a cintilação da aventura por trás de todas as atividades humanas. Talvez em nenhum campo isso seja mais visível do que nos chamados esportes radicais. (SCHELP, 2003, especial online)

Para muitos, o próprio contato com a natureza é por si só uma aventura. Nas modalidades de aventura em que há o contato com a natureza evidencia-se a potencialização de estímulos e sensações de prazer (FEIXA, 1995).

No desenvolver desse processo, as atividades físicas de aventura, ofertadas principalmente na condição de atividades turísticas de aventura, são disponibilizadas de forma cada vez mais estruturada e cada vez mais segura. A estrutura logística e o desenvolvimento de materiais específicos e de alta tecnologia são fatores que dão crédito a essa sensação de segurança. Com isso, essas atividades são colocadas ao alcance de um número cada vez maior de pessoas, inclusive das PcDs.

## ACESSIBILIDADE ÀS ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA

Além da necessidade gerada a partir dos modos de vida nas sociedades contemporâneas, as PcDs experimentam outras necessidades, e/ou a potencialização de algumas necessidades. A necessidade do acesso é uma delas.

Em tempos mais recentes tem havido, por parte das PcDs, uma busca por atividades de aventura. Essa busca pode indicar aspectos importantes das necessidades sentidas por essas pessoas. E abre caminho para uma melhor compreensão da relação entre essas necessidades e a condição de vida das mesmas.

Como visto, a sensação de risco – controlado – é um ponto fundamental para compreender o desenvolvimento das atividades físicas de aventura. O indivíduo comum, não esportista, que se lança a qualquer uma das modalidades de aventura, apesar de identificar a presença do risco, tem a leitura da segurança, pautada não apenas na figura humana que ali está na condição de guia, mas também na tecnologia do material utilizado para tais atividades.

A relação entre as atividades de aventura e o avanço tecnológico é significativo para o contexto de busca por essas atividades. O avanço tecnológico, além de possibilitar que pessoas não esportistas vivenciem a experiência de praticar atividades de aventura, permite também, hoje, que PcDs vivenciem essa experiência.

A tecnologia, ao viabilizar um modo de vida pautado no conforto, no baixo nível de atividade física e conseqüente sedentarismo, é corresponsável pela geração de necessidades específicas nas sociedades contemporâneas, entre as quais, aquelas que levam as pessoas a buscarem por atividades de aventura (CANTORANI, 2013).

A tecnologia empregada na segurança das atividades de aventura é também responsável pela condição da acessibilidade a essas atividades, pois, passou a viabilizar a adaptação desses materiais, permitindo assim a participação das PcDs (BRASIL, 2008; 2009).

Embora o baixo nível de atividade física, o sedentarismo e a rotina do dia-a-dia das PcDs não sejam ocasionados, exclusivamente, por um excesso de conforto proporcionado pela tecnologia, e sim pela própria condição em que se encontram essas pessoas, é factível o entendimento de que as necessidades – de experimentar sensações de prazer provenientes de excitação emocional

–sejam as mesmas para essas pessoas, ou até maiores.

O que se apresenta é o ideário de que as necessidades desencadeadas pelos modos de vida das sociedades contemporâneas conferem às características presentes nas atividades de aventura a possibilidade da satisfação de tais necessidades. Em extensão, apresenta-se também como plausível a consideração de que este mesmo contexto se aplica às PcDs, e que essas encontram nessas atividades o mesmo nível, ou maior, de satisfação e prazer.

A sustentação para tal formulação está em duas questões apresentadas por Elias e Dunning (1992), relacionadas: às características das necessidades individuais de lazer desenvolvidas nas sociedades mais complexas e civilizadas; e às características das atividades de lazer desenvolvidas para a satisfação dessas necessidades.

Frente ao entendimento de que as atividades de aventura, sobretudo as AFANs, oferecem uma condição para a satisfação das necessidades características da contemporaneidade – pautadas nas poucas oportunidades de atividade física, de contato com a natureza, de experiências de aventuras prazerosas e de momentos de grande explosão de satisfação e prazer – tem-se a caracterização de que essas atividades se oferecem como possibilidade significativa para a satisfação de necessidades sentidas pelos indivíduos das presentes sociedades, mas, também ou sobretudo pelas PcDs. Pois, para essas pessoas, a rotina, o controle, a inatividade e os limites se colocam de forma ainda mais severa.

A acessibilidade às atividades do dia-a-dia firma-se uma busca contínua e de primeira ordem para as PcDs. (GMCDP; UPIAS, 1976; 1981; UPIAS; ALLIANCE, 1997). A possibilidade do acesso à atividades esportivas e/ou de lazer neste nível de dificuldade acrescentam sensações ainda mais positivas às PcDs (CANTORANI, 2013).

Na década de 1990, Almeida (1995) já apontava a necessidade da Educação Física compreender a importância de atividades realizadas em meio à natureza, como caminhadas ao ar livre, escaladas, equitação e atividades na praia, para o desenvolvimento global de alunos com deficiência visual. Paralelamente, cabe estender esse pensamento a todo o tipo de deficiência.

O acesso é um fator determinante na vida das PcDs. A partir do acesso essas pessoas encontram a satisfação de suas necessidades gerais e também a satisfação das necessidades específicas de lazer desencadeadas por suas con-

dições de limitação. O acesso às atividades de aventura, sejam esportivas ou de lazer, ou sejam ainda na condição de AFANs, representam muito para as vidas das PcDs.

Esta categoria particular de atividade, que envolve a atividade física em si, mas também a aventura e o conjunto de sensações inerentes à mesma, oferece uma multiplicidade de fatores de satisfação e de bem-estar para as PcDs.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. J. G. D. **Estratégias para a aprendizagem esportiva: uma abordagem pedagógica da atividade motora para cegos e deficientes visuais**. 1995. 176 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

BETRÁN, J. O. Las actividades físicas de aventura en la naturaleza: análisis sociocultural. **Apunts: Educación Física y Deportes**, v., n. 41, p. 5-8, jul. 1995.

BRASIL, M. D. T. **Turismo de Aventura: orientações básicas**. Brasília: Ministério do Turismo, 2008.

\_\_\_\_\_. **Turismo Acessível: Bem Atender no Turismo de Aventura Adaptada**. Brasília: Ministério do Turismo, 2009.

BRUHNS, H. T. Lazer e Meio Ambiente: corpos buscando o verde e a aventura. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 18, n. 2, p. 86-91, 1997.

CANTORANI, J. R. H. **Lazer nas atividades de aventura na natureza e qualidade de vida para pessoas com deficiência: um estudo a partir do caso da cidade de Socorro – SP**. 2013. 283 f. (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, UNICAMP, Campinas, 2013.

ELIAS, N.; DUNNING, E. A busca da excitação no lazer. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. (Org.). **A busca da excitação**. 1. ed., Lisboa: Difel, 1992. p. 101-138.

ESPN. Expansão Global dos X Games continua, com acordos para TV nos no-

vos mercados anfitriões e acordos de distribuição em vários outros países. **ESPN MediaZone**, 2012. Disponível em: <<http://espnmediazone.com/us/expansao-global-dos-x-games-continua-com-acordos-para-tv-nos-novos-mercados-anfritoes-e-acordos-de-distribuicao-em-varios-outros-paises/>>. Acesso em: 13 de fev.

\_\_\_\_\_. Extreme from the beginning. **Bid X Games**, EUA, 2013a. Disponível em: <<http://www.bidxgames.com/the-x-games/x-games-history/>>. Acesso em: 12 de fev.

\_\_\_\_\_. X Games 2013 Global Event Schedule. 2013b. Disponível em: <<http://xgames.espn.go.com/events/2013/>>. Acesso em: 12 de fev.

FEIXA, C. La aventura imaginaria: una visión antropológica de las actividades físicas de aventura en la natureleza. **Apunts: Educación Física y Deportes**, v., n. 41, p. 36-43, 1995.

GMCDP. UPIAS (The Union of the Physically Impaired Against Segregation). **Greater Manchester Coalition of Disabled People**, Manchester, Disponível em: <<http://www.gmcdp.com/UPIAS.html>>. Acesso em: 27 de jul de 2012.

MEDEIROS, M.; DINIZ, D. ENVELHECIMENTO E DEFICIÊNCIA. In: CAMARANO, A. A. (Org.). **Os Novos Idosos Brasileiros: Muito Além dos 60?** ed., Rio de Janeiro: IPEA, 2004. p.

MORRIS, J. Impairment and Disability: Constructing an Ethics of Care That Promotes Human Rights. **Hypatia**, v. 16, n. 4, p. 1-16, 2001.

PICKERT, K. A Brief History of the X Games. **Time**, 2009. Disponível em: <<http://www.time.com/time/nation/article/0,8599,1873166,00.html>>. Acesso em: 13 de fev.

SCHELP, D. **Prazer e Perigo**. Veja: Editora Abril, 16 de jul. 2003.

UPIAS. **Fundamental principles of disability**. ed., London: Union of the

Physically Impaired Against Segregation, 1976.

\_\_\_\_\_. **DISABILITY CHALLENGE**. London: UNION OF THE PHYSICALLY IMPAIRED AGAINST SEGREGATION, 1981.

UPIAS; ALLIANCE, T. D. **Discuss Fundamental Principles of Disability**. London: Union of the Physically Impaired Against Segregation & The Disability Alliance, 1997.

## CAPÍTULO 4

# Relative Age Effect on Sport: Sociological Reflection on the Reproduction of Inequality on Opportunities For Practice

*Renato Francisco Rodrigues  
Marques*

Learning is a product of the dialectical relation between the sociocultural context and the cultural background of each individual. It occurs through the interrelations among several social agents and the structure of a learning culture, which influences this process, turning learners into “new” social agents (Hodkinson, Biesta and James, 2007, 2008).

On this perspective, learning conditions are not natural phenomena, but created by the sociocultural context that influences on pedagogical actions. On sport, the different learning cultures are composed by varied social agents, such as athletes, sport coaches, athletes’ families, managers, spectators, career agents (Barker et al, 2014; Barker-Ruchti et al, 2016; Lee and Price, 2016; Mallett et al, 2016; Barker-Ruchti and Schubring, 2016; Penney e McMahon, 2016; Mallett, Rynne and Billett, 2016). There are many examples of the influence of varied social contexts on sports learning and practice opportunities (Côté et



al., 2006; Barker et al., 2014; Arrieta et al., 2016; Barker-Ruchti e Schubring, 2016; Morales Junior et al., 2017).

In a sociocultural sense of education, the offer of different opportunities of learning, the criteria for students' selection and exclusion, and the parameters for performance evaluation are arbitrarily established by the elite group of a field, the capital holders within a specific social context (Bourdieu, 1998; Bourdieu and Passeron, 2008; 2014). This kind of social structure and organization can also be observed in sports (Cushion and Jones, 2014; Marques and Januário, 2018).

In worldwide terms, with the aim to be fair, youth sports competitions are commonly structured on divisions by age groups (Delorme and Raspaud, 2009; Delorme, Bouché and Raspaud, 2010; Morales Junior et al., 2017). Most of these events are organized by federations, leagues and sports associations, both at the national, state and regional levels (Figueira and Marques, 2018).

This kind of organization, based on such age differences among young athletes can produce some balance between participants' athletic skills, but by other hand, also produce inequality. It happens because the relatively older athletes' motor and cognitive advantages over younger ones create the Relative Age Effect (RAE) (Barnsley and Thompson, 1988; Banrley et al., 1992) because their more advanced stages of maturation (Côté, Baker and Abernethy, 2007).

In this context, young athletes arbitrarily considered as talented or gifted ones, because their early better sport performance (many times the relatively older within their age groups), usually receive more opportunities for sport participation and learning, as well as a consequent symbolic recognition and privileged social position within this social space (Hancock, Adler and Côté, 2013).

RAE, because its unequal offering of opportunities to practice and learning on youth sport, imposes certain consequences on the sport participation for children and adolescents. It happens both related to the opportunities to engagement until the elite level, as well as to the occurrence of premature withdraw from sport practice due to discouragement and scarcity of learning opportunities (Côté, 2013; Hancock et al., 2013).

As they present better performance and improved chances to optimal sport results in comparison to relatively younger colleagues, these privileged relatively older athletes receive better training and competition opportunities from coaches, family and managers, enabling them to learn and develop their sport skills on better conditions (Côté, 2013).

This RAE inequality condition is not natural, but created by the tendency of sport stakeholders to seek for early optimal sport competitions results on childhood and youth (Menezes, Marques and Nunomura, 2014). For this, relatively older and more motor and cognitively matured young athletes could present a better sport performance, consequently receiving more opportunities to train and compete than younger ones (Hancock et al., 2013). Faced this scenario of inequality on the offer of learning opportunities in youth sports, it is possible to suggest that RAE is a product of specific pedagogical procedures from sport stakeholders.

This essay, based on some sociological categories of Pierre Bourdieu, aims to develop a sociological reflection on the occurrence and causes of RAE on sport field, assuming it as an arbitrary phenomenon, a threat to the full participation of children and adolescents in sport activities.

The justification for this reflection lies in the valuable contribution that sociological studies can make to pedagogical interventions in sport (Barker-Ruchti et al., 2016; Barker-Ruchti and Schubring, 2016; Cushion, 2011; Cushion and Jones, 2014). In addition, studies on RAE on sport have traditionally been based on psychological approaches (Hancock et al., 2013), offering different landscapes and contributions in comparison to sociological analyses yet to be structured over this subject.

This essay is divided into three sections. First, is dedicated to the presentation of RAE in sport field. Second, are presented some sociological categories proposed by Pierre Bourdieu. Third refers to the theoretical reflection on the arbitrary sense of some pedagogical procedures from coaches, family members and managers' agency on youth sport. Finally, are presented relations between the occurrence of RAE as a phenomenon of social reproduction in sport field, based on the premature search for optimal sport competitive performances in childhood and youth, and the consequent selection of young athletes considered as talented ones for better opportunities to learn and develop sport skills.

## **RELATIVE AGE EFFECT IN SPORT FIELD**

Youth sports are organized in different countries by various age groups, following cut-off criteria based on the young athletes' year of birth (Barnsley

and Thompson, 1988; Côté et al., 2007; Cardoso and Garganta, 2013, Morales Junior et al, 2017). This procedure consists on an arbitrary decision from the sports organizations (leagues, associations, federations and confederations) with the aim to provide a theoretically fairer competition situation, considering the different development conditions related to diverse ages and stages of motor and cognitive maturation (Delorme and Raspaud, 2009; Delorme et al., 2010; Baker, Schorer and Coble, 2010). However, children in the same chronological age may have different characteristics in relation to their peers, due to biological age individualities (Baker et al., 2010), as well as to the access to better opportunities of learning (Hancock et al., 2013), influencing their sports skills and performance (Dudink, 1994; Côté et al., 2007; Mujika et al., 2009; Côté, 2013; Sedano, Vaeyens and Redondo, 2015).

Although children are allocated together according to the age-cutting criteria set by the sport governing bodies, they are in different biological and chronological ages throughout the year (for example, children born in January and December in the same year have eleven months apart). This can produce discrepancies on their development and sports performance (Barnsley and Thompson; 1988; Côté et al., 2007; Coble, Abraham and Baker, 2008; Mujika et al., 2009; Costa, Cardoso and Garganta, 2013; Morales Junior et al., 2017).

The different opportunities for sports practice and learning offered to relatively older and younger children are a result from the agency and intervention from some sport stakeholders (coaches, family members, managers) (Coakley, 2017; Furley and Memmert, 2016). Those, when prioritizing the pursuit of premature and excellent sport competitive results on youth, as well as the selection and investment on young talented athletes, offer better opportunities to train, play, learn and develop sport skills for those athletes who present early higher sport performances (Nolan and Howell, 2010; Hancock et al., 2013; Schorer, Wattie and Baker, 2013; Sedano et al., 2015; Ulbricht et al., 2015; Morales Junior et al., 2017; Rubajczyk, Swierzko and Rokita, 2017).

RAE was investigated in various sport contexts (different sports, countries and levels of competition). When it occurs, indicates processes of unequal offer of learning and sport development opportunities to children and adolescents born at different months of the year, mostly showing privileges dedicated to the relatively older athletes (Barnsley and Thompson; 1988; Dudink, 1994; Musch, Hay, 1999; Helsen, Winckel and Williams, 2005; Vaeyens,

Philippaerts and Malina, 2005; Côté et al., 2007; Cobley et al, 2008; Mujika et al., 2009; Larouch, et al., 2010; Van den Honert, 2012; Costa et al., 2013; McCarthy, Collins and Court, 2016; Andronikos et al., 2016, Morales Júnior et al., 2017, Mann and Van Ginneken, 2017).

### **SOME SOCIOLOGICAL CATEGORIES BY PIERRE BOURDIEU: POSSIBLE CONTRIBUTIONS TO STUDIES ON SPORTS LEARNING**

Pierre Bourdieu's Theory of the Fields, or Reflective Sociology can be characterized by the analysis and denunciation of occult forms of domination that exist in various areas of society (Bourdieu, 1989), being arise from the unequal distribution of goods and differentiated access to them, according to the position that each agent occupies in its social space (Bourdieu, 2013).

A premise of the *bourdieuian* work is that such mechanisms of domination and dispute for better positions in the social structure would occur within fields, social spaces in which individuals seek for social recognition through the possession of capitals (Bourdieu, 1986).

For this reason, using Bourdieu's theoretical framework to support analyses and reflections about inequalities and legitimation of domination in sport is an exercise of outstanding sociological contribution. This endeavour (possible from both empirical and theoretical perspective) provides a better understanding of the organization and social action typical of this field, allowing subsidies for future interventions in order to reduce injustices and offer equal opportunities for access to such practices.

A field is organized by struggles for power and specific interests within this space, which are mainly understood by those who are part of it (Bourdieu, 1993). In the field, agents struggle for the access to capital and the exercise of symbolic violence, the power to guide the conservation or changes on the capital distribution structure, based on their position as a socially prominent agent (Bourdieu, 1993). Each specific field is relatively autonomous, influenced by the surrounding social environment, as well as presenting its own rules and history (Bourdieu, 1989).

One of the fields in which Pierre Bourdieu invested efforts of analyses was sports (Bourdieu, 1978, 1988, 1993, 2013; Bourdieu, Dauncey and Hare, 1998). As in other fields, sport agents struggle for the legitimacy of their participa-

tion, sport recognition, economic and political power according the principles and criteria created and maintained by their agents (Bourdieu, 1988, 1993).

Within the fields, capitals are goods which conferring power that define the agents' odds of gain and better positions in the social structure. Such conditions create a process of singular symbolic economy in each field (Bourdieu, 1986), conferring power and rights to agents on legitimating positions based on inequality of access to economic and symbolic resources (Bourdieu, 1993).

Bourdieu (1986, 1989, 1998) proposes four essential and interrelated forms of capital that guide disputes: economic (amount of money held by the agent); social (networks and interpersonal relations); cultural (knowledge and forms of demonstration and certification of knowledge, associated, between other forms, to formal education and family culture - it manifests in embodied, objectified and institutionalized states) and symbolic (determined by what the norms and customs of a given field indicate as something to be valued and recognized, conferring legitimacy and power to the agent).

Another essential sociological category in Bourdieu's work is *habitus*, a 'structured and structuring structure' which influences the agents' ways of perception and action within the social world, guiding practices often imperceptibly by the own individual (Bourdieu, 1993, 1998). It consists on a system of dispositions acquired by explicit or implicit learning, established in accordance with the laws of the field and specific rules for struggle and acquisition of capital (Bourdieu, 1983, 1998). In the fields, each group and agents have their own *habitus*, oriented by their possession of capital and position within the social structure (Bourdieu, 1998).

Within this context, the idea of innate talent or gift has rooted the processes of identification, development and improvement of athletes in several sports (Böhme, 2011; Garganta, 2013; Vaeyens *et al.*, 2008), working as a tool to offer symbolic power and legitimizing high positions within this social structure (Marques and Januário, 2018).

Such criterion for power distribution is supported by *doxa*, the dominant point of view of a field, which presents and imposes itself as a universal point of view. It is a form of *habitus* orchestration, which rarely is perceived by agents' conscious and rational ways of calculating actions (Bourdieu, 1998).

Historically, sport has guided the classification, selection and legitimation of its athletes mainly based on the distinction between talented and non-tal-

ented individuals (Garganta, 2013). The selection of “elected ones” as manifested in fields such as education (Bourdieu and Passeron, 2014) seems to be, also in the sports field, established by the arbitrary criterion of the selection of talented young athletes. This sense is commonly associated with a symbolically violent perspective (Cushion and Jones, 2014), disseminated by those who possess the power of capital distribution in the field, and have as interest, the maintenance of this orthodoxy (Bourdieu, 1993).

In this scenario, more an agent is considered as talented, more opportunities he/she usually receives to develop his/her sport skills and to arise within the social structure of the field. The process of learning sports skills occurs through the privileged access and incorporation of capital, distancing themselves from those that received less opportunities, reproducing an arbitrary scenario of distribution of symbolic goods (capitals) (Marques and Januário, 2018).

This relation is aggravated when it involves children and adolescents who, during the initiation and learning of sports culture, sometimes receive social labels of “talented” or “not talented” (Marques and Januário, 2018), influencing their opportunities of practice and learning. Such a mode of capital distribution can interfere on the ways in which future learning and development opportunities are offered to young athletes (Hancock et al., 2013). Thus, the potential for sport learning and development would be related, in symbolic and practical ways, to the domination of the capital owners interested in maintaining the belief in this idea and their criteria for power distribution through opportunities of learning and development of sport skills (Cushion and Jones, 2014).

## **THE RELATIVE AGE EFFECT AS A PHENOMENON OF SOCIAL REPRODUCTION**

On youth sport, it is very common that stakeholders with power to decide about distribution of capital (coaches, family members and managers) be interested in gains and profits (social, economic and symbolic) from the early excellent sports competition results from young athletes (Cushion and Jones 2014; Menezes et al., 2014; Morales Junior et al., 2017). Such agency is mainly due to the premature, and sometimes predatory, search for new young sports talents, offering more investment and better training and competition oppor-

tunities to those ‘elected ones’ (in a *bourdieusian* sense - Bourdieu and Passeron, 2014). This phenomenon happens despite countless denunciations and studies about the damages of precocity in relation to sports specialization and the search for excessive competitiveness in childhood and youth (Baker and Robertson-Wilson, 2003; Côté et al., 2007; Côté, 2013; Jayanthi et al, 2013; Moesch et al, 2011). This kind of action in sport is commonly based on the belief that these talented children can increase the chances of excellent results in youth competitions (Baker et al., 2010; Torres-Unda et al, 2015).

These differences on the offers of opportunities can create a welcoming environment for learning and developing sports skills for young “elected” (often relatively older ones) athletes, which receive opportunities to performing better because more advanced motor and cognitive development (Barnsley et al. 1985; Barnsley and Thompson; 1988; Delorme and Raspaud, 2009; Delorme et al., 2010; Baker et al., 2010).

In this social context, the “elected” young athletes are exposed to better and more frequent opportunities for training, competition and chances to prove their sport “gifts” (which may become even better due to abundant training and competition learning opportunities, in addition to special attention from coaches – Hancock et al., 2013). On the other hand, those who would need to learn and develop their sport skills (usually the relatively younger ones) do not receive the same opportunities, sometimes being early excluded from practice because of poorly “productive” competitive performance on youth (Helsen et al., 2000; Hancock et al., 2013; Moesch et al., 2011; Jayanthi et al., 2013). This process is the product of a youth sport selection system based on arbitrarily established criteria, supported by excellent premature competitive youth sport results (Garganta, 2013).

Thus, RAE in sport is a consequence and product of the arbitrary and reproductive offer of better learning conditions and development of sports skills to children and adolescents who has already presented better initial performance than peers in the same age group.

This process increases the chances of the “elected” children, who already have prematurely certain sport capitals that allow them to perform better to achieve high levels of performance and competition (in this case, capitals accumulated by an objective condition independent of their effort or merit – to born some months before the others athletes). It creates a scenario where

they have greater chances to develop a relevant sport career, consequently accumulating more capital within this field.

A hypothetical exercise that illustrates the arbitrary character of this form of power distribution (RAE) would be the modification of the age groups in youth sport by convenience from the regulatory bodies (sport federations, leagues or associations). To change the cut-off age groups from January to December, to August to July, for example, would be an arbitrary decision that can interfere on the power distribution within youth sport. In this case, it would change the social structure of this field. Theoretically, such a measure could change who are the “elected ones”, although still the arbitrary mechanisms of favouring the relatively older would still tend to remain.

This process of social structure reproduction occurs on the detriment of sport participation for those prematurely excluded from the process (“not talented ones”). On RAE, the relatively younger children and adolescents, who initially already had fewer capitals to be converted on sport performance, due to their less advanced stage on motor and cognitive maturation, receive worst opportunities to learn and develop sporting skills compared to the relatively older ones.

In this sociological perspective, it is possible to percept that RAE is the synthesis of a process that hinders the future accumulation of capital to those “not elected” children, creating a process of reproduction of social structure, similar to that reported in the educational field by Bourdieu and Passeron (2008, 2014). In this system of legitimization of inequalities, those considered as talented ones (already capital holders) receive better opportunities for accumulation and conversion of more capitals through the learning and development of sport skills, confirming their elite status within the field, increasingly the gap from those who initially do not perform at the same level.

## **FINAL CONSIDERATIONS**

RAE on sport, widely reported in literature, is the social product of better learning conditions offered to relatively older children and adolescents, because they have presented better athletic performances or skills, mainly from early cognitive and motor development (influencing their sport skills and performance). This happens primarily because youth sports organizations ar-



bitrarily divide participants into groups by year of birth, in an action similar to the arbitrary election of content and evaluation processes in education field (Bourdieu and Passeron, 2008, 2014).

Such arbitrariness is also due to the conformation of the *habitus* of sport stakeholders, who act for the pursuit of early excellent sport competitive results, expecting to accumulate capital through the finding of promising young sport talents. This process becomes concrete and material through the offering of better opportunities for practice and competition (both means of learning) to the early excellent performers (usually those who already hold certain capitals - the relatively older ones).

It mistakenly reproduces in the youth sport a meritocratic *doxa* proper of the professional sport, based on the valorisation of the performance and competitive results as criteria for receiving better practice opportunities. It tends to limit the participation of relatively younger athletes, contributing to their withdraw from sports practices because this arbitrary selection and exclusion process.

To minimize RAE, heterodox actions as to offer more egalitarian sports opportunities for children and adolescents, regardless of their early sport performance, would be welcomed, alternatively and in substitution of the orthodox searching for early talent and sport success.

The heterodox priority would provide access to and accumulation of capitals for all children and adolescents, permitting them to seek for a similar condition of comparing performances in late youth (ensuring the engagement and longer “survival” of the relatively younger athletes within the sport field).

Thus, there is a need for reflections on the structuring of the *habitus* of coaches, athletes’ family and managers on youth sport, seeking to nullify the occurrence of RAE in sport through pedagogical processes more committed to offering broad participation to all, seeking by competitive symbolic recognition preferably after puberty.

In this process, the early selection of talents and the sport stakeholders’ anxious search for premature profits and outcomes over youth athletes’ performances seems to be a social factor that exerts symbolic power. More than this, it seem to be very harmful for the full participation of children and youth in the sports field. Especially for those relatively, and arbitrarily, younger athletes.

## REFERENCES

- Andronikos G, Elumaro AI, Westbury T and Martindale RJ (2016). Relative age effect: implications for effective practice. *Journal of sports sciences*, 34(12): 1124-1131.
- Arrieta, H, Torres-Unda, J, Gil, SM and Irazusta, J (2016). Relative age effect and performance in the U16, U18 and U20 European Basketball Championships. *Journal of sports sciences*, 34(16): 1530-1534.
- Baker J and Robertson-Wilson J (2003). On the risks of early specialization in sports. *Physical and health education journal*, 69(1): 4-8.
- Baker J, Schorer J and Cobley S (2010). Relative age effects. *Sportwissenschaft*, 40(1): 26-30.
- Barker D et al. (2014). 'Just do a little more': examining expertise in high performance sport from a sociocultural learning perspective. *Reflective Practice*, 15(1): 92-105
- Barker-Ruchti N and Schubring A (2016). Moving into and out of high-performance sport: the cultural learning of an artistic gymnast. *Physical Education and Sport Pedagogy*, 21(1): 69-80,.
- Barker-Ruchti N et al. (2016). Learning cultures and cultural learning in high-performance sport: Opportunities for sport pedagogues. *Physical Education and Sport Pedagogy*, 21(1): 1-9
- Barnsley RH, Thompson AH and Barnsley PE (1985). Hockey success and birthdate: The relative age effect. *Canadian Association of Health, Physical Education and Recreation (CAHPER) Journal*. 51: 23-28
- Barnsley RH and Thompson AH (1988). Birthdate and success in minor hockey: The key to the NHL. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 20(2): 167.

- Böhme MTS (2011). Detecção, seleção e promoção de talentos esportivos. In: Böhme, MTS. *Esporte infante-juvenil: treinamento a longo prazo e talento esportivo*. Phorte; São Paulo, 2011, pp151-169.
- Bourdieu P (1978). Sport and social class. *Social Science Information sur les Sciences Sociales*, 17(6): 819-840.
- Bourdieu P (1986). The forms of capital. In: Richardson E (ed.). *Handbook of Theory of Research for the Sociology of Education*. Greenwood, pp.241-258.
- Bourdieu P (1988). Program for a sociology of sport. *Sociology of Sport Journal*, 5(2): pp.153-161.
- Bourdieu P (1989). *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Bourdieu P (1993). *Sociology in question*. London: Sage
- Bourdieu P P (1998). *Practical reason: On the theory of action*. Stanford University Press.
- Bourdieu P (2013). *A distinção: Crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk.
- Bourdieu P and Passeron J-C (2008). *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Vozes; Petrópolis.
- Bourdieu P and Passeron J-C (2014). *Os herdeiros: os estudantes e a cultura*. Editora da UFSC; Florianópolis.
- Coakley, J. (2017). *Sport in society: issues and controversies*. 12th edition. New York: McGraw-Hill.
- Cobley S, Abraham Cand Baker J (2008). Relative age effects on physical education attainment and school sport representation. *Physical education and sport pedagogy*, 13(3): 267-276

Costa ITD, Cardoso FDSL and Garganta J (2013). Índice de desenvolvimento humano e a data de nascimento podem condicionar a ascensão de jogadores de futebol ao alto nível de rendimento. *Motriz*, 19(1): 34-35

Côté J (2013). Pathways to expertise in team sport. In Nascimento, J.V., Ramos, V and Tavares, F. *Jogos esportivos: formação e investigação*. UDESC, Florianópolis, 4, 59-78.

Côté J, Baker J and Abernethy B (2007). Practice and play in the development of sport expertise. *Handbook of sport psychology*, 3, 184-202

Côté J and Hancock DJ (2016). Evidence-based policies for youth sport programmes. *International Journal of Sport Policy and Politics*, 8(1): 51-65

Côté J et al. (2006). When “where” is more important than “when”: Birth-place and birthdate effects on the achievement of sporting expertise. *Journal of sports sciences*, 24(10): 1065-1073.

Cushion C (2011). Coach and athlete learning: A social approach. In Cushion C and Jones R. *The sociology of sports coaching*. Routledge: 174-186.

Cushion C and Jones RL (2014). A Bourdieusian analysis of cultural reproduction: Socialisation and the ‘hidden curriculum’ in professional football. *Sport, education and society*, 19(3): 276-298.

Delorme N, Boiché J and Raspaud M (2010). Relative age effect in elite sports: Methodological bias or real discrimination? *European Journal of Sport Science*, 10(2): 91-96.

Delorme N and Champely S (2015). Relative Age Effect and chi-squared statistics. *International Review for the Sociology of Sport*, 50(6): 740-746

Delorme N, Chalabaev A and Raspaud M (2011). Relative age is associated with sport dropout: evidence from youth categories of French basketball. *Scandinavian journal of medicine and science in sports*, 21(1): 120-128.

Delorme N and Raspaud, M (2009). The relative age effect in young French basketball players: a study on the whole population. *Scandinavian journal of medicine and science in sports*, 19(2): 235-242.

Dudink A (1994). Birth date and sporting success. *Nature*, 368(6472): 592.

Esteva S et al (2006). Fecha de nacimiento y éxito en el baloncesto profesional. *Apunts Medicina de l'Esport*, 41(149): 25-30.

Filgueira FM and Marques RFR (2018). Análise da organização competitiva de categorias iniciais das federações brasileiras de futebol: adaptações estruturais e funcionais. In: VI Congresso latino-americano de Estudos Socioculturais do Esporte, 2018, Ribeirão Preto. Anais do VI Congresso latino-americano de Estudos Socioculturais do Esporte. Curitiba: *The Journal of the Latin American Sociocultural Studies of Sport*, 9(3):157-172.

Furley P and Memmert D (2016). Coaches' implicit associations between size and giftedness: implications for the relative age effect. *Journal of sports sciences*, 34(5): 459-466.

Garganta J (2013). A propósito do desenvolvimento, da identificação e da atualização do talento para treinar e jogar futebol. In Nascimento, JV, Ramos, V, Tavares, F. *Jogos esportivos: formação e investigação*. UDESC, Florianópolis, 4, 463-484.

Hancock DJ, Adler AL and Côté J (2013). A proposed theoretical model to explain relative age effects in sport. *European journal of sport science*, 13(6): 630-637

Helsen WF, et al (2000). The roles of talent, physical precocity and practice in the development of soccer expertise. *Journal of sports sciences*, 18(9): 727-736.

Helsen WF, Van Winckel J and Williams AM (2005). The relative age effect in youth soccer across Europe. *Journal of Sports Sciences*, 23(6): 629-636.

Hodkinson P, Biesta G and James D (2007). Understanding learning cultures. *Educational Review*, 59(4): p415-427.

Hodkinson P, Biesta G and James D (2008). Understanding learning culturally: Overcoming the dualism between social and individual views of learning. *Vocations and Learning*, 1(1):27-47.

Jayanthi N, Pinkham C, Dugas L, Patrick B and Labella C (2013). Sports specialization in Young athletes: evidence-based recommendations. *Sports health: a multidisciplinary approach*. 5(3): 251-257.

Lee J and Price N (2016). A national sports institute as a learning culture. *Physical Education and Sport Pedagogy*, 21(1):10-23.

Larouche R et al (2010). Influence of birth quarter on the rate of physical activities and sports participation. *Journal of sports sciences*, 28(6): 627-631.

Mallett CJ, Rynne SBand Billett S (2016). Valued learning experiences of early career and experienced high-performance coaches. *Physical Education and Sport Pedagogy*, 21(1): 89-104

Mallett CJ et al (2016). In pursuit of becoming a senior coach: the learning culture for Australian Football League coaches. *Physical Education and Sport Pedagogy*, 21(1): 24-39

Marques RFR (2015). Contribuições da Obra de Pierre Bourdieu para a Pesquisa em Sociologia do Esporte no Século XXIIIn: Marco Antonio Bettine de Almeida (Org.). *Estudos Interdisciplinares em Sociologia do Esporte*. São Paulo: EACH: 9-37.

Marques RFR and Gutierrez GLO (2014). *Esporte paralímpico no Brasil: profissionalismo, administração e classificação de atletas*. São Paulo: Phorte, 2014.

Marques RFR et al (2014). Formação de jogadores profissionais de voleibol: relações entre atletas de elite e a especialização precoce. *Revista Brasileira de*

*Educação Física e Esporte*, 28(2): 293-304.

Marques RFR and Januário JA (2018). O talento esportivo sob uma perspectiva sociológica: reflexão sobre a oferta de oportunidades de aprendizagem e a influência da herança cultural. *Revista de Ciências Sociais*. 27(41):79-102.

McCarthy N, Collins D and Court D (2016). Start hard, finish better: further evidence for the reversal of the RAE advantage. *Journal of sports sciences*, 34(15): 1461-1465

Menezes RP, Marques RFR, Nunomura M (2013). Especialização esportiva precoce e o ensino dos jogos coletivos de invasão. *Movimento*, 20(1): 251-273.

Mujika I et al (2009). The relative age effect in a professional football club setting. *Journal of sports sciences*, 27(11): 1153-1158

Moesch K, Elbe A-M, Hange MLT and Wilkman JM (2011). Late specialization: the key to success in centimeters, grams, or seconds (cgs) sports. *Scandinavian Journal Medicine of Science Sports*. 21: 282-290.

Morales Junior, VR et al (2017). The relative age effect on Brazilian Elite Futsal: Men and Women Scenarios. *Motriz: Revista de Educação Física*, 23(3). e101704.

Musch J and Hay R (1999). The relative age effect in soccer: Cross-cultural evidence for a systematic discrimination against children born late in the competition year. *Sociology of Sport Journal*, 16(1): 54-64

Nolan JE and Howell G (2010). Hockey success and birth date: The relative age effect revisited. *International Review for the Sociology of Sport*, 45(4): 507-512.

Penney D and McMahon J (2016). High-performance sport, learning and culture: new horizons for sport pedagogues? *Physical Education and Sport Pedagogy*, 21(1): pp81-88.

Rubajczyk K, Świerzko K and Rokita A (2017). Doubly Disadvantaged? The Relative Age Effect in Poland's Basketball Players. *Journal of sports science and medicine*, 16(2): 280-285

Sedano S, Vaeyens R and Redondo JC (2015). The relative age effect in Spanish female soccer players Influence of the competitive level and a playing position. *Journal of human kinetics*, 46(1): 129-137

Schorer J, Wattie N and Baker JR (2013). Correction: A New Dimension to Relative Age Effects: Constant Year Effects in German Youth Handball. *PloS one*, 8(5).

Torres-Unda J et al (2016). Basketball performance is related to maturity and relative age in elite adolescent players. *The Journal of Strength and Conditioning Research*, 30(5): 1325-1332

Ulbricht A et al (2015). The relative age effect and physical fitness characteristics in German male tennis players. *Journal of sports science and medicine*, 14(3): 634

Vaeyens R, Philippaerts RM and Malina RM (2005). The relative age effect in soccer: A match-related perspective. *Journal of sports sciences*, 23(7): 747-756.

Vaeyens, R., Lenoir, M., Williams, AM., and Philippaerts, RM (2008). Talent identification and development programmes in sport. *Sports medicine*, 38(9): 703-714.

Van den Honert R (2012). Evidence of the relative age effect in football in Australia. *Journal of Sports Sciences*, 30(13): 1365-1374.

Werneck FZ et al (2016). Relative age effect in Olympic basketball athletes. *Science and Sports*, 31(3): 158-161.



## CAPÍTULO 5

# Esporte Adaptado: Viés de uma Organização Facilitadora ao Contexto Inclusivo

*Paulo Ferreira de Araújo  
Camila Lopes de Carvalho  
Marina Brasiliano Salerno*

Diferentes instituições, organizações e entidades apresentam-se como espaços promotores do Esporte. Inserido nesse fenômeno, o esporte voltado às pessoas com deficiência se apresenta como o foco do presente capítulo. Aqui, refletiremos sobre aspectos que permeiam essa manifestação que vem ampliando seu destaque no meio midiático, dos grandes eventos esportivos, da produção do conhecimento no meio acadêmico e que, todavia, segue sendo um desafio aos professores de Educação Física da educação básica que podem contribuir para difundir o conhecimento e a experimentação de tais manifestações.

Historicamente, a Educação Física Escolar apresentou uma perspectiva de seleção de alunos que apresentassem melhores desempenhos dentro de diferentes modalidades esportivas convencionais, sendo criticada por autores por não proporcionar, dentro do ambiente escolar, o contato com os temas que

permeiam o seu campo de conhecimento.

No ambiente escolar, tais questionamentos e propostas vieram com perspectivas indicadas nas abordagens da Educação Física publicadas principalmente na década de 1990, voltando-se para o aprendizado do conhecimento produzido pela área em detrimento da prática pela prática (DARIDO, 2008). Entretanto, quando se realiza a leitura das propostas realizadas pelos diferentes autores, não há a citação direta daqueles alunos que eram aliados das aulas de Educação Física por apresentarem alguma condição de deficiência (SALERNO et al, 2015). As diversas abordagens propuseram mudanças no modo de trabalho dos docentes, deixando subentendida a necessidade de adequação às diferenças apresentadas pelos alunos cabendo, assim, ao professor responsável a reflexão para a inclusão desse público em suas aulas.

Tal questão aponta o direcionamento para a formação profissional na área da Educação Física e a dificuldade de reflexão de adequação da prática para diferentes populações e grupos. Apenas a partir de 1987 as instituições de ensino superior foram convocadas a adequarem seus currículos para inserirem disciplinas que abordassem a temática da pessoa com deficiência, a partir da resolução 03/87 do Conselho Federal de Educação (BRASIL, 1987).

A partir desta data, os cursos tiveram um prazo para adequação e o que se observou foi que, inicialmente, as disciplinas abordavam aspectos relacionados apenas às condições de deficiências: sua etiologia, causas, consequências, não proporcionando a visualização da aplicabilidade dos diferentes conteúdos da Educação Física para esse grupo, tampouco pensando sobre o trabalho com grupos nos quais estivessem presentes as pessoas com e sem deficiência conjuntamente (SILVA, SEABRA JR, ARAÚJO, 2008).

Com o desenvolvimento da pesquisa na área da Educação Física Adaptada e da prática envolvendo a pessoa com deficiência, outros elementos foram sendo abordados pela disciplina, entretanto, acadêmicos do curso observaram que ainda existe a necessidade de haver maior aproximação com as pessoas com deficiência durante a formação inicial (SALERNO, 2014).

Diante desse quadro de transição dentro do processo de inclusão da pessoa com deficiência na área da Educação Física, objetivamos aqui refletir sobre elementos que permeiam a sua prática na escola, que pode levar o conhecimento produzido na área da Educação Física Adaptada para dentro do ambiente educacional, já iniciando a aproximação com o público com deficiência a partir da apre-

sentação do Esporte Adaptado como um conteúdo da Educação Física escolar.

## CONCEITOS

A questão inclusiva é de fácil percepção no segmento acadêmico nas duas décadas finais do século XX, posto que discussões, às vezes intermináveis, sobre os rumos da educação brasileira, seja em seus aspectos estruturais e metodológicos, ou nas suas concepções da pessoa humana e seus aspectos idiossincrásicos e inclusivos, têm sido permeadas por uma releitura frente às demandas de causas sociais, discutidos em revistas por órgãos oficiais e de direitos humanos. Em prospecção mundial ou local, tais discussões têm resultado em impactos de ordem legal, quer na reedição do documento maior, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (1996), quer na criação ou revisão das instituições regulamentares e complementares. No entanto, mesmo produzindo efeito sobre as ambiências de pesquisa, parece não estar produzindo o mesmo resultado, ou pelo menos não na mesma intensidade, na ponta da linha – a família, a escola.

É significativo o fato de que no âmbito da Educação Física, principalmente no que tange ao Esporte Adaptado, conforme referenciado por Araújo (1998), percebe-se uma nítida e ampla modificação conceitual desde 1980/81, porém essa se reflete muito mais no ambiente social e das competições esportivas, ou mesmo produzindo mudanças na concepção da formação do professor da Educação Física, porém, muito pouco se conjectura na ambiência e prática da Educação Básica.

Isso nos remete a outras inquietações no sentido dos motivos reais dessa ânsia demonstrada pelos movimentos de inclusão, como as motivações políticas envolvidas no tema, os resultados econômicos gerados pelo discurso/retórica, à prática restrita aos nichos seletivos de inclusão, o esporte ou a exploração da imagem da “pessoa incluída”.

Ainda sobre as questões envolvidas no ambiente da educação e as implicações da adaptação e inclusão, retirado o foco da formação docente do professor da Educação Física e de seus pares, há que se considerar o fato de que existem limites e classificações que perfazem o assunto. Do mesmo modo que a pessoa com deficiência precisa ser incluída em todos os contextos da convivência humana e isso tem um processo, uma forma e um tempo de se fazer,

a escola também precisa ser “incluída” nessa nova realidade, e isso também demanda um tempo, uma forma e um processo.

Conforme Araújo (2003), Duarte (2003) e Silva (2005), em discussão sobre a nova roupagem proposta para inclusão, vivemos um período de transição, de encontros e desencontros no lidar com as diferenças, mas algo precisa e deve ser feito na direção de alcançar os objetivos deste novo momento do processo.

É fato que conceitualmente crescemos bastante desde a visão antiga sobre a deficiência exarada na pergunta dos discípulos à Cristo (aprox. 28dc) – “Quem pecou, este ou seus pais para que nascesse cego” – para uma visão mais próxima da resposta dada por Ele (aprox. 28dc) – “Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi assim para que se manifestem nele as obras de Deus”. Guardadas à religião as questões teológicas do tema, a pergunta que permanece é: estamos, enquanto prática e não discurso na educação, procedendo para com a pessoa humana do deficiente sob qual das óticas? Vemo-los sob a exclusão, a culpa e a caça aos responsáveis, ou pela inclusão das possibilidades?

Ou ainda, se fizermos recortes mais atualizados, vemo-los sob a perspectiva da necessidade de cura ou pela ótica da superação mediante as intervenções com as diferenças e da adaptabilidade?

O paradigma que se viabiliza em nosso tempo através da visão educacional surge então como um modificador, em potencial, maior do que estes quando se propõe a formar o Homem, enquanto ser, enquanto pessoa, enquanto conhecimento, competências e habilidades.

Como propõem Lovisolo (1995) e Daolio (1998), há que se desenvolver uma noção antropológica do trabalho escolar da Educação Física, olhando o ser humano como um todo, social, emocional, vivencial em movimento e desenvolvimento. Essa proposta já se evidenciou na tese de Daolio (1992), que apresentou a ação do professor de Educação Física na transformação “Do corpo matéria-prima ao corpo cidadão”.

Porém, para que isso ultrapasse a retórica, chegando à prática, se faz necessário um esforço em via de mão dupla, seja na relação sociedade - pessoa com necessidades especiais (PNE), seja na interação escola - PNE.

Esse esforço inclusivo envolve a adaptação do meio: Processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, estas se

prepararem para assumir seus papéis na sociedade. A inclusão social constitui, então, um processo bilateral no qual as pessoas, ainda excluídas, e a sociedade buscam, em parceria, equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos. (SASSAKI 1997, p. 41)

Porém não só o meio precisa ser adaptado, mas o olhar das pessoas precisa ser modificado, observando-se o ser humano por detrás das diferenças. Esse é o espaço que se abre pela educação, e que se coloca como desafio ao interlocutor destes dois mundos.

Tentar definir termos em meio a um processo em construção não parece tarefa das mais fáceis e, provavelmente, nem prudente.

Como apresentado por Silva, Araújo e Duarte (2004) e Seabra Jr. (2006), o termo inclusão surge em tempos modernos, em um movimento de formação e ampliação de espaço em diversos segmentos da sociedade, redirecionando conceitos e práticas das relações sociais. Nasce dentro de um ideal neoliberalista, refletindo-se também na organização das políticas e, por conseqüência, produzindo mudanças na concepção e prática dos sistemas de ensino.

Paradoxalmente, parece ser mais fácil, ou didático, entendermos a inclusão pela discussão da exclusão.

Se existe inclusão como força, significa que em algum momento descobrimos a exclusão como motivo. Portanto, o conceito de inclusão passa pela percepção que temos da exclusão em cada fase histórica.

Nesse contexto parecem existir perguntas que se repetem, mesmo que sob novas roupagens, em cada momento histórico que propõe novas abordagens ou concepções teóricas e práticas para esse tema.

Essas perguntas poderiam ser agrupadas por tema ou enfoque, por contraste, convergência, dependência ou qualquer outro mecanismo que possibilite, sinônima ou antonimamente, compreender o que estamos querendo abordar.

Essa interdependência de termos aparece clara na abertura do texto de Stainback (1996) ao iniciar a abordagem dos fundamentos do ensino inclusivo: “A exclusão nas escolas lança as sementes do descontentamento e da discriminação social”.

Obviamente, nos extremos a diferença conceitual é cristalina e facilmente identificável. Porém, o campo cinza que permeia os extremos traz riqueza e confusão ao mesmo tempo na tentativa de encontrar caminhos que condu-

zam à conceituação.

Ao olharmos para a história de maneira geral, parece lugar comum perceber que qualquer mudança conceitual, doutrinária, legal, social ou estrutural, nasce e cria corpo, movida por uma liderança, formal ou não, que lhe cuidar a forma, o desenho ou o rumo, provendo a adesão e ferramenta necessários para que a reforma ou implementação da idéia se concretize.

Igualmente, nessa mesma história, parece indissociável a questão de que essas mesmas mudanças estejam sedimentadas em um contexto histórico, com suas concepções ideológicas, inovadoras e herdadas, suas inquietações de momento, questões sócio-políticas, econômicas, culturais, e todas essas impactando o humano que tanto é gerador da mudança, inovação, quanto é da manutenção do *status quo*.

Ao refletirmos sobre nossas inquietações quanto ao processo de inclusão que se tem avolumado em discussão no âmbito social e educacional, entendemos ser o professor de Educação Física na escola, o interlocutor ou articulador primário entre os campos da saúde e da educação, resultante de sua formação acadêmica, tanto no que se refere aos aspectos tópicos das adaptações necessárias ao atendimento das necessidades especiais, quanto no diálogo necessário com os demais docentes sobre as questões de fundo dessas necessidades que passam pela visão do ser humano por trás da deficiência, sua imagem e concepção corporal, suas necessidades internas resultantes desta visão de mundo e de si mesmo.

## **ESPORTE ADAPTADO: POSSIBILIDADE FACILITADORA DO PROCESSO INCLUSIVO ESCOLAR**

O professor de Educação Física, em sua atuação na conjuntura escolar, encontra-se imerso em um conflituoso cenário em que promulgações legais compuseram definições sociais inclusivas, todavia urge a carência de reorganizações para a concretização prática dessas determinações. Em meio às exigências e dúvidas, entraves e perspectivas, as temáticas abordadas em sala de aula ajustaram-se às novas demandas, emergindo, do viés inclusivista, a enunciação do Esporte Adaptado como componente do campo de estudo da Educação Física.

O Esporte Adaptado foi designado como aquele direcionado especifica-

mente para a população com deficiência, com regras, equipamentos e acessórios criados ou adaptados para permitir a participação de todos com segurança e viabilizar a sua atuação efetiva (ARAÚJO, 1998). Dessa forma, a sua exploração na conjuntura da Educação Física Escolar abrange discussões e reflexões de cunho inclusivo na medida em que constrói conhecimentos sobre as deficiências para além do senso comum, bem como evidenciando as possibilidades de superação em meio às limitações.

A prática esportiva por pessoas com deficiências oficializou a participação dessa população dentre as vivências da Educação Física. Se até a década de 1940, a área dispndia de ações direcionadas predominantemente à reabilitação dos indivíduos, a partir do Esporte Adaptado novas intenções foram vislumbradas.

Ainda com bases corretivas, mas com ímpeto de abrangência de outras dimensões humanas, em 1944, o médico neurocirurgião Ludwing Guttmann, no Hospital de Stoke Mandeville, passou a empregar o esporte como uma ferramenta de reabilitação aos soldados lesionados, principalmente com quadros de lesões medulares, durante a Segundo Guerra Mundial, buscando unir a reabilitação física com aspectos psicossociais de superação dos conflitos psicológicos oriundos da guerra e da aquisição de uma deficiência, concomitantemente à reinserção na sociedade. Com os seus pacientes, em 1948 esse médico organizou os Jogos de Mandeville, destinados às pessoas em cadeira de rodas, evento embrionário dos Jogos Paralímpicos (WINNICK, 2004).

No Brasil, a organização do Esporte Adaptado ocorreu na década de 1950, quando Robson Sampaio de Almeida e Sérgio Serafim Del Grande, ambos com deficiência física, realizaram um programa de reabilitação nos Estados Unidos, cuja composição abrigava a prática desses esportes adaptados e, ao retornarem ao Brasil, organizaram o Clube dos Paraplégicos, em São Paulo, e o Clube do Otimista, no Rio de Janeiro, destinados a essa prática no país (ARAÚJO, 1998).

A partir dessas ações, tais modalidades esportivas erigiram-se em diferentes vertentes, seja almejando o alto rendimento competitivo, seja como possibilidade de conteúdo a ser explorado na Educação Física Escolar.

No que concerne ao âmbito esportivo, associações foram organizadas por modalidades e/ou condições de deficiências em prol da estruturação de práticas específicas para essa população. Explicitando, em 1975, foi criada

a Associação Nacional de Desporto para o Excepcional, a qual foi renomeada, posteriormente, como Associação Nacional de Desporto para Deficientes (ANDE); em 1984, a Associação Brasileira de Desportos em Cadeira de Rodas (ABRADECAR) e a Associação Brasileira de Desportos para Cegos (ABDC) foram organizadas; em 1989, foi fundada a Associação Brasileira de Desportos para Deficientes Mentais (ABDEM); e, em 1990, a Associação Brasileira de Desportos para Amputados (ABDA) (DIEHL, 2006).

No contexto educacional, o esporte adaptado desenvolvido pelas associações esportivas com respaldo científico de universidades brasileiras, trouxe a possibilidade de aproximação das pessoas sem deficiência a uma realidade e vivência prática específica daqueles com deficiência, possibilitando o conhecimento das potencialidades humanas em meio às individualidades. A atual perspectiva socioinclusiva exige que não apenas as pessoas consideradas com condições diferenciadas se aproximem de uma realidade já formada, mas a sociedade é convocada a compreender que a sua totalidade é composta pelas diferenças. Assim, não somente um grupo minoritário deve se aproximar das ações realizadas pela maioria coletiva, mas o agrupamento populacional também carece de se envolver com as ações realizadas pelas pessoas em condição diferenciada.

O Esporte Adaptado possibilita essa alteração de foco na construção do processo inclusivo. Se nas aulas com modalidades esportivas convencionais é necessária a adaptação da atividade para que o aluno com deficiência possa participar, a exploração da sua variante adaptada permite direcionar os alunos sem diferenças significativas à vivenciarem condições e práticas similares às deficiências. Tal vivência possui significância exaltada quando refletimos que ela conduz à construção de conhecimentos sobre as diversidades individuais e a aquisição de percepção sobre as possibilidades de ações e de participações a ser desenvolvidas por todos, independente de suas particularidade. Fomentando essa reflexão conceitual e atitude empática, Wininick (2004) descreveu que a prática esportiva com modalidades adaptadas pode estimular o estabelecimento de relações interpessoais positivas, respaldadas nos valores humanos e influenciadoras benéficas da organização de uma sociedade cada vez mais acolhedora e respeitadora das diferenças.

No âmbito escolar, os objetivos competitivos de ênfase técnica do campo do alto rendimento são sucumbidos por vivências corporais e reflexões socio-culturais, em prol da colaboração com uma formação cidadã. E, nessa circuns-



tância, o Esporte Adaptado pode atuar como um facilitador da construção dos paradigmas da inclusão ao dialogar sobre as diferenças e conduzir à interação dos alunos com as diversidades, bem como com suas dificuldades e possibilidades de superação. Essas construções teórico-práticas discentes podem instigar interações respeitadas e inclusivas nos demais espaços e momentos escolares, bem como ultrapassarem os muros da escola ao discursarem com familiares e diferentes segmentos da comunidade sobre a questão, ao interagirem respeitosamente quando do encontro com pessoas com condições diferenciadas no cotidiano.

As possíveis consequências da exploração do Esporte Adaptado enquanto facilitador da inclusão são almeçadas de forma impetuosa, contudo seu alcance é dependente de múltiplas personagens. Tais discussões e possibilidades são relevantes de serem percorridas para instigar a todos para conscientizarem-se sobre as direções empenhadas em suas ações, bem como suas possíveis consequências. Não cabe, nesse momento reflexivo, uma orientação metodológica sobre como explorar ou organizar didaticamente o objeto deste manuscrito, mas intencionamos aclarar sobre o atingível possível por meio do Esporte Adaptado. Afinal, segundo Araújo, Salerno, Carvalho e Silva (2013, p.1526):

Implica em ação em “vias de mão dupla”. O que significa dizer que é uma relação estabelecida com o outro. Esse outro pode ser o professor, o aluno sem deficiência, o aluno com deficiência, o pai, ou a mãe desse aluno, o irmão, a merendeira, a secretária da escola, o diretor, entre outros. Todavia é importante salientar que não se farão mudanças, sem que cada um dos “outros” mencionados anteriormente, assumam verdadeiramente seu papel. Afinal, é necessário que cada um seja parte desse processo, uma vez que não assumir uma posição traz consequências, porque querendo ou não somos o fio condutor.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exercício de refletir sobre a construção de uma concepção é ao mesmo tempo encantador e desafiante.

Encantador na medida em que conseguimos perceber o caminho que tri-

lhamos no tempo desde os primórdios da exclusão e aniquilação das diferenças até aos sinalizadores atuais que apontam na direção da aceitação, integração, desenvolvimento e convivência.

Desafiador, quando comparados com o tempo que se levou para chegarmos a esta consciência, e quando verificamos o tempo que ainda pode levar para a construção de um ser humano que dê conta de migrar de uma visão externa da inclusão/ exclusão, como algo que aconteça fora de nós para algo que acontece dentro de nós.

Migrar de uma visão de que a sociedade abandona, exclui, esquece ou não vê para uma percepção de que eu abandono, excluo, esqueço ou finjo que não vejo, posto que último degrau da conquista de uma concepção inclusiva parece ser o degrau mais complexo.

Ao compararmos preliminarmente as concepções que permaneceram mesmo após os períodos de mudança, a sinalização conceitual de PNE ligada prioritariamente às diferenças e as justificativas para as questões da inclusão escolar x educação especial, ainda nos mostram que mudamos de tempos na educação, mas ainda carecemos de mudar de olhares quanto ao sujeito desta mesma educação.

A percepção da força das políticas públicas como molas propulsoras dos desafios, posto que guardam uma esperança pelo fato de que influem fortemente na mudança das estruturas que compõem a educação, têm como contrapeso o fato da descrença e da incapacidade de alterar a concepção dos indivíduos. Esta nos parece ser possível modificar unicamente pela educação e prática.

Em suma, o que os decretos legislativos podem fazer é abrir espaços, mas quem terá de dar conta da mudança de mentalidade, do engajamento, da prática, serão preliminarmente as agências formadoras e as próprias unidades dos sistemas de ensino.

Como papel de formação, o desafio das agências formadoras de docentes será conseguir “contaminar”, no bom sentido, seus alunos com o “vírus” da inclusão, desafio este que passa pelo fato de que tais alunos foram educados durante sua vida acadêmica progressiva em uma escola dicotômica quanto a esse tema.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, P. F. de. **Desporto adaptado no Brasil: origem, institucionalização e atualidade**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto/INDESP, 1998.

\_\_\_\_\_. **A Educação Física para pessoas portadoras de deficiências nas instituições especializadas de Campinas**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.

\_\_\_\_\_. **O Desporto adaptado no Brasil: onde tudo começou**. In. Desafiando as diferenças. simpósio SESC de atividades Físicas Adaptadas. São Carlos, 2003.

ARAÚJO, P. F. de; SALERNO, M. B.; CARVALHO, C.L.; SILVA, R.F. A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E A INTERAÇÃO ENTRE ALUNOS COM E SEM DEFICIÊNCIA: O OLHAR DOS PROFESSORES. Anais... VIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL, Londrina, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília. 1961.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília. 1996.

BAPTISTA, MARIA I.S.D. **IBGE: deficientes precisam ser pesquisados**. [http://www.atarde.com.br/plantao/index.php?id\\_plantao=181009&dt\\_exibicao=2005-09-19](http://www.atarde.com.br/plantao/index.php?id_plantao=181009&dt_exibicao=2005-09-19). Salvador, BA: A Tarde On Line, 2005.

DAOLIO, J. **Educação Física Brasileira: Autores e atores da década de 1980**. Campinas, SP: Papirus, 1998.

\_\_\_\_\_. **“A representação do trabalho do professor de educação física na escola: Do corpo matéria-prima ao corpo cidadão”**. São Paulo: USP, 1992.

DIEHL, R. M. **Jogando com as diferenças: jogos para crianças e jovens com**

deficiência. São Paulo: Phorte, 2006.

DUARTE, E.; LIMA, S. M. T. **Atividade Físicas para Pessoas com Necessidades Especiais**. Editora Guanabara Koogan, RJ, 2003.

GUGEL, Maria aparecida Gugel. **Pessoas com Deficiência e o Direito ao Trabalho**. Florianópolis : Obra Jurídica, 2007.

LAKATOS, E.M. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. São Paulo: Atlas, 2001.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E.M. **Técnicas de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E.M.. **Fundamento de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

PROJETO DE LEI SOBRE AS DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL. MARIANI, C. 1948. In: DIRETRIZES E BASE EDUCAÇÃO. Barros, R. S. M.; de. São Paulo: Editora Pioneira 1960.

PUGLISI, M.L.; FRANCO, B. **Análise de conteúdo**. 2. ed. Brasília: Líber Livro, 2005. SILVA,

SEABRA JR, Luiz. **Inclusão, Necessidades Especiais e Educação Física: Considerações sobre a Ação Pedagógica no ambiente Escolar**. São Paulo: UNICAMP. 2006.

SILVA, R. de F. da; Tavares, M<sup>a</sup>. da C. G. C. F.; ARAÚJO, P. F. de. **As Diferentes Percepções das e sobre as Pessoas em Condição de Deficiência**. Revista Psicologia, Teoria, Investigação e Prática. Vol. 11, n<sup>o</sup>. 2, p. 227 – 242, 2006.

\_\_\_\_\_. **A Ação do Professor do Ensino Superior na Educação Física Adaptada: Construção Mediada pelos Aspectos dos Contextos Históricos, Políticos e**

Sociais. Dissertação entregue ao Programa de Pós-Graduação (Doutorado), da Faculdade de Educação Física, UNICAMP. 2005.

\_\_\_\_\_.; SEABRA JR.; ARAÚJO, P. F. de. Educação Física Adaptada no Brasil: Da história à inclusão educacional. São Paulo: Phorte Editora. 2008.

SILVA, R.F., ARAÚJO, P.F., DUARTE, E. **Inclusão educacional: uma roupa nova para um corpo velho.** <http://www.efdeportes.com/efd69/inclusao.htm>. Buenos Aires: efdeportes, Revista Digital a. 10 n. 69, febrero 2004<sup>a</sup> – acessado em 19/09/2006.

SILVA, Otto Marques da. **A Epopéia Ignorada : A pessoa Deficiente na História do Mundo de Ontem e de Hoje.** São Paulo : CEDAS, 1986

THOMAS, J.R., JACK, K.N. **Métodos de pesquisa em atividade física. ed. 3.** Porto Alegre, RS: Artmed, 2002.

WINNICK, J. P. **Educação física e esportes adaptados.** 3. ed. Barueri: Manole, 2004.





## **EIXO III**

# **narrativas e etnografias do esporte**

- 1. Com as Mãos Nuas: Teatro, Boxe e Masculinidades no Século XIX**
- 2. The Dumbbell VS The Rolling Pin**
- 3. In the Land of “Football-Art” Brazilian Football Books, National Identity and The Building of Imagined Communities in Modern Brazil**
- 4. Football and the Ruhr Region since 1990: Between Regional Identities and Global Player**
- 5. Esporte Contemporâneo e os Novos Desafios à Pedagogia do Esporte**
- 6. O Que é o Desporto Para o Desenvolvimento e a Paz?**





## CAPÍTULO 1

# Com as Mãos Nuas: Teatro, Boxe e Masculinidades no Século XIX

*Jorge Knijnik*

A combinação entre dois tipos tão diversos de performance como esporte e teatro foi explorada ao longo dos séculos das formas mais variadas possíveis. Na contemporaneidade, um dos espetáculos mais conhecidos que mistura ambos tipos de performances é a canadense “Ligue Nationale d’Improvisation” (Liga Nacional de Improvisação). Tendo começado em 1977 no Quebec, com uma adaptação do jogo de hóquei ao teatro, no palco ocorre uma espécie de jogo e de improvisação teatral a qual, desde então, se tornou um evento muito popular no Canadá. Como dizem seus promotores, “quebrar a divisão de arte elitista / arte das classes baixas (...) foi uma maneira potente de colocar abaixo a quarta parede do teatro, a distância entre ator e espectador” (Arroyos, 2010:13).

Podemos traçar a ideia de se brincar ou mesmo de se ‘jogar’ (to play) nos palcos teatrais para o início do século XX. Quando Marcel Achard escreveu sua primeira peça em 1922, ele fazia um jogo de palavras ao perguntar ao público: “Gostariam de brincar comigo?” (“*Voulez-vous jouer avec moi?*” no

original francês, ou “*Would you like to play with me?*” em inglês). No palco, Achard entrava em contato constante com seu público, convidando aqueles que tradicionalmente eram apenas espectadores passivos, para subir na cena e literalmente brincar com os atores usando trajes de palhaços. Não se sabe ao certo quantas pessoas aceitavam aquele convite; o que certamente podemos perceber, entretanto, é que esta chamada carrega uma grande ambiguidade, pois o termo francês *jouer*, ou sua tradução inglesa *to play*, podem ser entendidos como um jogo de criança, mas são também associados a encenação feita pelos atores e atrizes no palco; as mesmas palavras são usadas para descrever as ações de atletas. As peças de Achard, aliás, sempre possuíram muita ação atlética como parte de seus roteiros.

Assim, percebe-se que o termo performance possui significados diversos. Ao discutir os vários significados possíveis dessa palavra, Benston (1992:436) afirma que ela possui um alto prestígio na “cultura contemporânea, o que pode ser atribuído ao declínio do *Real* na modernidade”. Conforme Crane (2002:169) “a modernidade colocou uma distinção binária entre o realizado e o real em que o que é realizado é apenas uma representação inferior de uma realidade anterior”.

Neste ensaio eu questiono: quais as formas de encenação teatral empregadas há mais de um século para retratar a própria performance esportiva? Na ausência da televisão, da internet e sem a abundância de imagens esportivas que temos hoje? Como o esporte era retratado em seus primórdios e sem a sua comodificação atual? Não é meu objetivo neste artigo fazer uma análise sociológica destes pontos, mas sim lembrar que o teatro do século XIX frequentemente tratava de esporte (por exemplo, por meio de corridas de cavalos (Knijnik & de Melo, 2010) usando dispositivos cênicos engenhosos. Nas muitas apresentações de *As You Like It*<sup>14</sup> sempre havia um homem forte (geralmente boxeador) para interpretar Charles, o lutador.

Neste texto discuto uma peça teatral que coloca no palco uma performance esportiva extremamente relevante no século XIX: o pugilismo com premiação em dinheiro, muito difundido na Inglaterra, nos Estados Unidos e na Austrália, bem como em outros países europeus e até mesmo na África do Sul. A peça em questão foi escrita por Bernard Shaw em 1901: *The Admirable*

---

14 Em português “Do jeito que você gosta”, famosa peça de W. Shakespeare.

*Bashville, or Constancy Unrewarded*<sup>15</sup>. Foi uma das primeiras peças sobre a luta de boxe a se elevar acima dos dramas do estilo “Tom e Jerry”. Em seu estudo detalhado sobre a arte do pugilismo, Scott (2008) caracterizou o boxe como uma performance teatral em sua essência; para Scott, o ringue representaria o palco e o ambiente do espetáculo; entretanto, ele não se aprofundou tampouco discutiu apresentações teatrais do espetáculo de boxe como *The Admirable Bashville*.

## O AMOR ROMÂNTICO – E AS MÃOS NUAS

Cashel Byron, o protagonista do drama, é o campeão australiano de pesos pesados, que ainda luta com as ‘mãos nuas’, sem luvas, algo que havia sido proibido pelas novas regras de Queensberry, as quais instituíram em 1867 o ‘boxe civilizado’ com o uso obrigatório de luvas. Certa tarde, caminhando nos arredores de um castelo, ele se encontra com Lydia, uma senhorita que rapidamente se apaixona por ele: afinal, ele é bonito e extremamente musculoso:

*Lives in this castle! Owns this park! A lady  
Marry a prizefighter! Impossible.  
And yet the prizefighter must marry her.*

Ao final Cashel talvez se case com esta dama, mas somente depois que suas qualificações cavalheirescas sejam afirmadas, enquanto outras são escondidas. (Holroyd, 1998).

O traço mais peculiar de *The Admirable Bashville* é que todos seus diálogos são escritos em versos brancos (ou versos soltos). No prefácio da peça, Shaw explica porque ele escreveu este texto em pentâmetros iâmbicos<sup>16</sup>:

Eu utilizei de versos brancos pois tinha apenas uma semana para escrever esta peça. O verso em branco é tão fácil e rápido, parece infantil (...) assim, ao adotá-lo, posso fazer dentro de uma semana o que me custaria um mês em prosa (Shaw 1927, p. 287).

15 “O famoso ídolo” em sua tradução em português publicada em 1945 pela Editorial Minerva em Lisboa.

16 Por esta razão mantive alguns diálogos originais neste texto, caso contrário as métricas se perderiam na tradução.

Entre abril de 1882 e fevereiro de 1883, Shaw escreveu a *Profissão de Cashel Byron*, um romance sobre um pugilista que lutava sem luvas. Este romance foi rejeitado por meia dúzia de editores até que a *To-Day*, a revista mensal de socialismo científico publicou o romance em capítulos, entre abril de 1885 e março de 1886, quando finalmente a obra foi publicada em formato de livro pela Modern Press. Impresso em papel verde-claro, com uma tiragem inicial de 2.500 exemplares, e vendido por um xelim, o livro virou basicamente um natimorto. De fato, em 1887, estava à venda em apenas uma loja de Londres, a de Simpkin Marshall em Paternoster Row. “Our London Correspondent”, cujas colunas eram distribuídas por todo o Império Britânico, relatou: “Eu tive que empreender uma verdadeira ‘caçada’ até achar o livro”. O próprio Shaw escreveu a respeito disso, por meio de uma nota em sua coluna para a *Novel Review*, em fevereiro de 1892, afirmando que o livro ainda existia, vendido modicamente por apenas alguns centavos em Londres, e que seria muito difícil transpor este romance para os palcos:

o falecido James Runciman, ele próprio, um pugilista amador que alcançou certo sucesso, queria dramatizar a *Profissão de Cashel Byron*, um empreendimento do qual eu o dissuadi fortemente, com base no fato de que os modos pelos quais eu individualizara os personagens no romance seriam bastante ineficazes no palco; de modo que tudo o que poderia ser feito era, não dramatizar o romance, mas tirar as pessoas dele, e usá-las novamente no palco em uma dramatização original para que não houvesse qualquer verossimilhança com o roteiro de Runciman (apud Tyson, 1996: 97).

Runciman (1851-1892) foi um ensaísta e escritor de ficção socialista e proletária. O romance de Shaw era obscuro. Shaw disse a um correspondente americano em 1899 que sua esposa (que ele conhecera em 1896) nunca tinha ouvido falar da *Profissão de Cashel Byron*.

Shaw nunca mudou de ideia. Quarenta anos depois, em uma carta datada de 1930 a seu grande amigo, o ex-campeão de pesos-pesados, o pugilista Gene Tunney, Shaw disse de seu romance que “não há uma única personagem com qualquer traço verossímil tampouco nenhum caráter minimamente simpático neste meu livro”:

Cashel, embora honesto e supercompetente profissionalmente, é egoísta e limitado; a dama é uma prostituta e uma fazendeira medíocre; suas relações com sua mãe egocêntrica são odiosas; a outra garota

é humilhada por sua pobreza e tem que se casar com um homem que ela não respeita; e o único herói real na trama é o lacaio Bashville: na verdade, fiz dele o herói, pois tive que dramatizar o romance e transforma-lo em uma paródia burlesca para manter a farsa de Corbett fora de Londres (Holroyd 1991: 210-211).

Voltarei ao Corbett em breve.

Em 1887, uma nova edição da *Profissão de Cashel Byron* em Nova York apareceu nas séries “Handy” de Harper and Brothers sendo absolutamente ignorada pela crítica especializada e pelos leitores. Doze anos depois, o livro foi publicado por Walter Scott, em Londres, em suas “Novocastrian Series”. Em seguida, duas edições apareceram em Nova York, uma publicada pelas casas Brentano, em 1899. Essas edições venderam relativamente bem e chamaram a atenção do público americano para o livro de Bernard Shaw sobre o boxe. Um deles, o ator Harrison Wolfe, decidiu transformá-lo em uma peça de teatro que na verdade serviria de escada para sua própria promoção. Ele estreou em Nova York nos últimos dias de dezembro de 1900. Entretanto, a temporada no teatro Herald Square durou pouco. A encenação foi severamente criticada pelos jornais; o New York Times escreveu que a peça de Wolfe era incompetente, tediosa e sem humor. Quanto aos desempenhos:

Mr. Harrison Wolfe, que fez essa peça e posou como herói, é um jovem muito bonito que deveria aprender a andar e a usar sua voz se quiser se estabelecer como um profissional nos palcos. Ele é um péssimo ator, e a maioria de seus coadjuvantes pertencem a mesma estirpe de atores. (New York Times, 28 de dezembro de 1900).

A crítica aproveitava para alfinetar o ‘jovem’ Wolfe que já tinha 42 anos na época desta encenação. Em janeiro de 1906, Corbett negou ao *Evening World* que havia encenado Cashel Byron alguns anos antes. “Aquilo foi Harrison Wolfe”, ele disse. “Eu vi a apresentação. Foi a versão de Wolfe”. É improvável que Wolfe pretendesse levar sua peça para a Inglaterra; ele excursionou com a sua montagem por alguns estados do meio-oeste norte americano.

Naqueles anos, os Estados Unidos não haviam assinado e endossado a Convenção de Berna sobre direitos autorais. Assim, naquele país qualquer um podia republicar livremente coisas que haviam sido publicadas na Grã-Bretanha ou em outros lugares. Shaw havia perdido a esperança de ganhar alguns dólares por suas obras quando estas eram pirateadas por lá, mas mesmo assim ele se ressentia das pessoas que adaptavam suas peças de teatro e

as descartavam sem encená-las, ou que então retrabalhavam seus romances para montá-los nos palcos. Mas foi isso que Harrison Wolfe fez em 1900. Foi então que Shaw descobriu que qualquer um na Grã-Bretanha poderia pegar um de seus romances e transformá-lo em uma peça a qual, uma vez encenada, tornava-se propriedade do produtor ou do adaptador, e não mais do autor – Shaw. Em seu prefácio a *Profissão de Cashel Byron*, Shaw escreveu que após a republicação do romance em Nova York:

rumores logo me chegaram de várias versões americanas para o teatro; e uma delas foi realmente encenada em Nova York, com as cenas de boxe sob a direção (assim se afirma) do eminente e exímio pugilista James Corbett (Shaw 1927: 03).

Um outro rumor chegou até Shaw que a produção norte-americana em breve aportaria em Londres. Caso encenada, Shaw perderia os copyrights da peça. Para contornar essa eventualidade, ele rapidamente adaptou a *Profissão de Cashel Byron* para os palcos, intitulado a peça de *The Admirable Bashville* (Bashville o Admirável). Como Shaw escreve na primeira declaração do prefácio: “Bashville o Admirável é um produto da lei britânica dos direitos autorais”.

Em janeiro de 1901 Shaw sentou-se e escreveu a peça em uma semana, terminando-a em 2 de fevereiro do mesmo ano. Mas como ele já havia mencionado em 1896, ele não transpôs o romance diretamente para a linguagem teatral. Assim que terminou de escrever, ele organizou uma trupe de ‘atores’ para realizarem uma performance simbólica em um teatro londrino; esta foi basicamente uma encenação ‘estatutária’, por somente uma noite, para garantir-lhe os direitos autorais e impedir que os intrusos americanos ou outros os roubassem dele. O texto de *The Admirable Bashville* foi publicado por Grant Richards em outubro de 1901, com uma nova edição da *Profissão de Cashel Byron* e acompanhado pelo “Ensaio sobre o boxe moderno” da autoria do próprio Shaw. Seguiu-se uma produção amadora em dezembro de 1902. As primeiras apresentações públicas de *The Admirable Bashville* ocorreram dois anos depois da performance legitimadora no Imperial Theatre em 7 e 8 de junho de 1903, com Ben Webster como Cashel e Henrietta Watson como Lydia. Cetawayo foi interpretado pelo ator shakespeariano James Hearn em blackface (Holroyd 1989: 64).

James Huneker, que na época escrevia para o New York Sun, em 17 de maio de 1903 comentou a performance de a *Profissão de Cashel Byron*, mencionan-

do que o texto “foi até mesmo dramatizado neste país”; o mesmo jornalista escreveu depois em 2 de agosto de 1903, em um artigo intitulado “Londres, Teatro e Música”, que “como havia ocorrido uma dramatização - não autorizada - de um conhecido ator pugilista americano, Shaw achou que era melhor proteger seus interesses ingleses. Daí a paródia para fins de direitos autorais”.

Harrison Wolfe era pouco conhecido como ator-pugilista, então pode ser que Corbett, mesmo que não tenha coreografado as cenas de boxe da versão de Wolfe, houvesse manifestado um ligeiro interesse pela peça na época. Em 1930 Shaw afirmou que foi o interesse de Corbett que o provocou a escrever *The Admirable Bashville* e a encena-lo rapidamente a fim de proteger os seus direitos autorais. De acordo com Armond Fields em seu estudo sobre Corbett como artista, não foi até 1905 que “Gentleman Jim”, procurando outra forma para expressar seus talentos artísticos, encomendou a Stanislas Strange uma peça baseada em a *Profissão de Cashel Byron* (Fields, 2001). Strange então começou a fazer adaptações regulares dos livros de Shaw para os palcos: ele verteu *Arm’s and the Man* na peça *The Chocolate Soldier* in 1909. Há quem sustente que Corbett tenha coreografado as cenas de boxe na peça de 1900, para depois se distanciar do trabalho de Shaw. De qualquer maneira, em janeiro de 1906, uma peça chamada ‘A Profissão de Cashel Byron’ entrou em cartaz em Nova York, estrelando Corbett, com Margaret Wycheley como Lydia. Eles se apresentaram por duas semanas no Daley’s Theatre, mudando-se posteriormente para o Majestic e então para o 125th Street Theatre de Proctor, em meados de fevereiro. Não se encontram novos registros de outras encenações ou adaptações para o teatro da *Profissão de Cashel Byron*.

*The Admirable Bashville* em si não teve muitas encenações ao longo do século passado, pelo menos não por atores profissionais. Em 1903, Shaw se recusou a representá-lo diante do público alemão, porque “o herói é um pugilista que luta por dinheiro e como os alemães não sabem nada sobre a história desta atividade (lutas de boxe por dinheiro) na Inglaterra, eles não desfrutariam de uma comédia burlesca sobre isso” (Weiss 1986:247); entretanto, em 1924, quando Max Schmeling já havia se tornado um boxeador profissional, o texto foi traduzido como *Der Boxkampf* e, estrelado por Jakob Feldhammer como Cashel, com uma curta temporada em teatros de Viena (Weiss, 1986). Importante ressaltar que Duncan Macdougall fez uma leitura dramática da peça em Sydney, na Austrália, em 1927<sup>17</sup>, e que em 1929 *The Admirable Bash-*

17 Sydney Morning Herald, 3/5/1927

*ville* foi apresentada no Festival Malvern, com Shaw presente na plateia. O elenco de maior prestígio a encenar a peça apresentou-se no Old Vic, de Lilian Baylis, em 1933. Vários atores saíram deste elenco para a fama nos filmes das últimas décadas da primeira metade do século XX: Roger Livesey, Anthony Quayle e Marius Goring; junto com a Lydia (Valerie Tudor), que participou de alguns filmes em 1939. Alastair Sim atuou como Cetewayo. *Bashville, o Admirável* também foi apresentado como “nunca antes tendo sido apresentado em Nova York”, no Cherry Lane Theatre em Greenwich Village em 1956, e ganhou em virtude da performance da protagonista Frances Sternhagen, o prêmio de Distinguished Performance (atriz) entre os primeiros prêmios OBIE, também como o Prêmio Clarence Derwent. Em julho de 1984, foi encenado em Londres, pela empresa Regents Park Open Air Theatre.

Em 21 de maio de 2007 a peça foi montada pelo Gingold Theatrical Group em Nova York como parte de sua leitura cíclica com todas as peças de Shaw ao longo de quatro anos, Marc Kudisch como Cashel e Lacey Kohl no papel de Lydia, com Cetewayo como Kevin Joseph Rennard, o primeiro negro a ter um papel em uma montagem da peça. A comédia retornou ao circuito em abril de 2013 com Jeremy Bobb como Cashel, Heidi Armbruster como Lydia e Rennard reprisando a parte de Cetewayo.

Além dessas ocasiões, por ser uma peça de curta duração, *Bashville, o Admirável* parece ter sido mais frequentemente encenado por grupos amadores como a sociedade dramática Sock and Buskin da Universidade Brown em 1936. A trama também foi montada duas vezes em forma de musical: uma vez com o nome de *Bashville* por Dennis King e Benny Green (1983) e na segunda como *Bashville in Love* (1998), de Michael Valenti e Charles Marowitz.

## BOXE E MASCULINIDADES NO PALCO

*Com Bashville, o lacaio gemeu com escárnio e alegria. Eu amo Bashville: eu podia ler sobre ele para sempre: de Bashville, eu sou o entusiasta: há apenas um Bashville; e eu sou seu escravo devotado: Bashville est magnifique; mais il n'est guère possible.*

Robert Louis Stevenson<sup>18</sup>

---

18 Stevenson, (1850-1894) autor de *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* (O Medico e o Monstro) entre outros



Encenar *Bashville*, o *Admirável* já era um ato corajoso em si. Tanto em 1900 como em 1906, era necessário ser ousado para colocar uma luta de boxe no palco perante audiências mistas de homens e mulheres. O boxe, ou pelo menos as lutas com prêmio em dinheiro, eram proibidas na maior parte dos Estados Unidos, e encenações que contivessem lutas não eram consideradas como adequadas para as mulheres. A companhia teatral *The Uncle's Tom's Cabin* de 1893-94, encabeçada pelo famoso pugilista Peter Jackson, encenava três rounds de boxe ao final do seu primeiro ato, mas estes rounds não faziam parte da performance e as mulheres podiam se retirar. (Petersen, 2011). Os primeiros filmes de boxe descritos por Streible (2008) foram bem recebidos pelas mulheres porque não incluíam nenhum golpe de soco tampouco alguma mancha de sangue.

Lydia, a senhorita que protagoniza a peça, é proibida de conversar ou ter qualquer contato com esse tipo de esportista que luta por dinheiro, gente igual aos homens que subitamente chegaram a sua propriedade. Cashel não sabe quem é aquela dama, e depois que ela pergunta de onde ele vem e quem ele realmente é, ele a toma em seus braços e a coloca sentada sobre seus próprios pés. Lydia, ofegante, diz:

*You take away my breath! You're strong  
You take away my breath! You are strong.  
Your hands off, please. Thank you. Farewell.*

Cashel ainda não sabe nada sobre ela. Ele pensa que Lydia possa ser “a filha de algum camponês ou fazendeiro”. De repente, ela revela que é a dama do castelo. Ele tem vergonha e tenta esconder sua verdadeira identidade; ele não pode revelar-se como um boxeador profissional. Mellish, seu treinador, se aproxima. “Coo-ee!”<sup>19</sup> Mellish grita, revelando sua identidade australiana. Ele viu Cashel conversando com Lydia, e o que segue é um discurso cheio de instruções e diretrizes para a construção de um verdadeiro pugilista profissional, de um boxeador que luta por dinheiro, e de um homem de verdade. Neste momento da peça Shaw tece as linhas-mestras da masculinidade do boxeador.

Mellish se considera um “treinador de heróis, construtor de músculos”. Ele

---

19 Cooee! é um grito provavelmente de origem aborígine, usado na Austrália, geralmente no mato, para atrair a atenção, encontrar pessoas desaparecidas ou indicar a própria localização

não pode admitir um lutador com “músculos flácidos e com falta de ar”. Ele desafia Cashel a deixar a mulher de lado; ele acredita que Cashel tem um dever a ser feito, um combate para lutar, e necessita se preparar para isso - e as mulheres são uma distração para com este dever. Ao final do primeiro ato, Mellish expressa toda a sua ideologia do caráter hipermasculino do lutador: “O que é um homem se não o seu trabalho, o seu dever?” Depois de Mellish e Cashel discutirem ríspidamente sobre o que é o dever real, Cashel atinge seu treinador com um soco, deixando-o inconsciente. Desta forma, Cashel demonstra sua “força colossal”, a força de um pugilista profissional, um exemplo de homem.

É aqui, ao final do primeiro ato, que a personificação do herói, o macho hegemônico, é claramente demonstrada: inicialmente, Lydia aclama sua força, e agora Cashel, deixando de lado seu compromisso com seu dever de lutador profissional, mostra novamente sua posição dominante usando seu poderoso corpo masculino. Em meio a tantos elementos desestabilizadores da ordem social, como pobres buscando fortuna através de lutas ilegais, e se relacionando com pessoas de outras classes, a exibição do corpo masculino, forte e violento serve como um ato simbólico para “estabilizar uma estrutura de dominação (...) na ordem de gênero” (Messner 1990: 215). Como sugere o autor, os esportes de combate são uma das arenas mais importantes nas quais as diferenças de gênero e as desigualdades podem ser construídas e “naturalizadas”.

No segundo ato, o jovem Bashville, um humilde servo da casa de Lydia, aparece no palco. Ele está desesperadamente apaixonado por Lydia - desesperadamente, porque seu sonho é impossível. Lydia descobre quem é Cashel e sua profissão. Ela não parece muito preocupada com isso, pois argumenta com seu primo Lucian que Cashel é letrado e sabe citar Shakespeare de memória. Ela vibra e aplaude enquanto Bashville lê o jornal com os detalhes das últimas lutas de Cashel. Este aparece em cena, e todos os diálogos são novamente sobre a honra de um homem, a coragem de um lutador de boxe profissional: a extraordinária força de Cashel permite que sua hipermasculinidade brilhe e domine sobre as masculinidades “fracas” e submissas. No entanto, Cashel argumenta que por ser um profissional, ele só iria lutar contra outros lutadores profissionais: para preservar seu prestígio e sua honra, ele se recusa a lutar contra “um amador”. Além disso, mesmo que a masculinidade

de Cashel seja mantida no topo da ordem de gênero por meio de sua força, Shaw deixa claro que há um fluxo de masculinidades, logo, de poder, ao longo da peça. Nada permanecerá o mesmo para sempre - nem mesmo a ordem de gênero (Coles, 2009).

Lydia e Cashel estão apaixonados. Ela insiste que ele abandone sua profissão para se tornar um “cavalheiro”, um “gentleman”.

*To be a prizefighter, and maul poor mariners  
With naked knuckles, is no work for you*

Cashel está relutante. Ele não quer abandonar suas “mãos de relâmpago”, seus “músculos que saltam”. Lydia está insistente, e Cashel argumenta quão valiosa é sua profissão, seu esporte: “*Hath slain no sentient creature for my sport (...) It is a lonely thing to be a champion*”. Enquanto eles estão argumentando, Bashville entra no palco para avisar Lydia que sua carruagem está pronta. Cashel repentinamente fica preocupado, já que naquele instante ele percebe que teria que se encontrar com “um monarca, um rei”. Subitamente, Cashel inicia uma discussão tensa com Bashville, que se irrita e acerta um soco direto no nariz de Cashel. Cashel começa a sangrar, mas surpreendentemente se sente feliz: ele passa a enxergar em Bashville as qualidades de um verdadeiro boxeador: “*Too quick for me! There’s money in this youth*”

A cena seguinte é uma luta de boxe entre Cashel e William Paradise, no Agricultural Hall, em Islington, uma arena gigantesca. É ali que Shaw introduz um rei negro, Cetewayo, o rei que Cashel havia mencionado no início deste ato. A peça irá concentrar muitas ações em torno desta personagem. Esta sem dúvida é uma das maiores diferenças entre o romance e a peça. Em a Profissão de Cashel Byron, de 1885 o rei africano não é nomeado, nem fala mais do que algumas palavras em um inglês rustico, necessitando constantemente de intérpretes para ser compreendido. Na verdade, no romance ele é quase um não-pessoa durante aquela luta de boxe no Agricultural Hall, embora ao final ele ofereça três de suas esposas para Cashel, que foi o grande vitorioso da noite. Já em Bashville, Admirável, em 1901 o rei africano ganha status, já tem nome e conversa de forma bem mais eloquente.

Cetewayo, o nome inglês para o rei zulu Cetshwayo kaMpanda, estava ‘delicadamente’ preso em Londres na época em que Shaw estava escrevendo a Profissão de Cashel Byron. Consta que ele tenha sido o primeiro herói de Shaw

(Weinstraub, 1999). Bashville o Admirável se passa, com efeito, em julho de 1882. Shaw quase certamente conhecia os livros de Lady Florence Dixie sobre Cetewayo (1882); e que ela era irmã de Sholto Douglas, o marquês de Queensberry que ditou as novas normas do boxe, proibindo as lutas sem luvas.

Além disso, a sede londrina da Copa de Queensberry, o Lillie-bridge Park, que Shaw frequentava, tinha na sua praça central um grande balão de ar quente no qual se podia ler em letras colossais: CETEWAYO. O rei zulu passou o mês de julho de 1882 em Londres, prestando tributos à Rainha Vitória, sendo homenageado em jantares pelos mercadores de Londres, visitando o zoológico, assistindo a espetáculos no Gaiety, tendo seu retrato tirado por Alexander Bassano, o fotógrafo da alta sociedade. Cetewayo, inclusive, fez aulas de boxe com um treinador inglês...

Este certamente foi o peso-pesado Bill Richardson que treinou o rei zulu em seu salão de de boxe denominado Blue Anchor em Shoreditch, o qual Shaw costumava frequentar e que é conhecido pelo nome na peça. Cetewayo virou notícia no Penny Illustrated Paper em 12 de agosto dizendo que “eu treinei boxe em algo que parecia um berço para se praticar esportes - cercado por todos os ‘burgueses’ de Londres - homenzinhos pálidos de roupas pretas, pequenos cães com braços abertos. Estes burgueses pareciam incrivelmente sedentos ...”. No entanto, Cetewayo era um prisioneiro político, sendo punido pela desastrosa derrota inglesa em Isandlwana<sup>20</sup> e pelo massacre de Rorke’s Drift. Ele foi libertado de volta para a Zululândia (ou Reino Zulu) em 1883, mas morreu logo depois disso.

Na peça Shaw usa a personagem de Cetewayo para questionar o imperialismo britânico em sua essência: a conquista de povos não europeus.

Ao entrar no Agricultural Hall, Cetewayo comenta: “Esses cães anêmicos são o povo inglês?”, e recebe uma resposta atravessada, dizendo que ele é um selvagem. Os ingleses mostram que a sua civilização vitoriosa se deve ao fato de seu conhecimento tecnológico. Eles são capazes de construir motores a vapor e cabos submarinos. Cetewayo prossegue em seu raciocínio quase infantil, argumentando que “os homens se tornam civilizados por meio de doenças gêmeas, chamadas terror e ganância”, as quais geraram as tecnologias e as invenções macabras da máquina de guerra colonial.

Cetewayo continua com seu discurso, insistindo que a morte e o pavor per-

---

20 A primeira grande batalha da Guerra Anglo-Zulu de 1879

correm a Terra, e que os escravos de fígado branco, através de dentes tagare-lantes, gaguejam as palavras “Sobrevivência do mais apto”, enquanto roubam ouro sem ter de garimpar dentro de minas. Ele chama os lutadores de boxe de “dois caras-pálidas que ousam lutar sem armas e sem lança”, de acordo com regras que garantem que eles não serão mortos. Neste momento, ele oferece ao vencedor seis de suas esposas se ele conseguir matar seu oponente. Cetewayo chama o boxe de Queensbery de “pusilanidade personificada”, mas é novamente ofendido pelo público presente no Hall, que o xinga de selvagem grosseiro e mal-educado, o qual não consegue perceber que as palavras «Inglês» e «corajoso» são sinônimos. Na peça, seus discursos constituem uma diatribe poderosa contra o imperialismo inglês.

Ao final da cena, Cetewayo e sua entourage começam um tumulto, gritando “Isandlwana e Victory!”, “Vitoria e Isandlwana!”. Cashel derruba-os porque eles estão literalmente pulando sobre a bandeira inglesa; os africanos, de joelhos no chão, se rendem. Cetewayo pergunta: “Eu fui atingido por um raio?”. Ao que Cashel responde: “Senhor, sua conduta só pode ser descrita como absolutamente anticavalheiresca (*most ungentlemanly*)”. Exatamente aqui as ideias inglesas de império e masculinidade se fundem.

Desta forma, através de seu herói negro, Shaw expressava suas críticas ao Império Britânico. Mas pode ter havido outra razão pela qual Cetewayo foi colocado em destaque em *The Admirable Bashville*. Nos Estados Unidos convencionalmente, se não em regra, os negros não apareciam no palco com os brancos. Certamente, quando Corbett criou sua versão de Cashel Byron em 1905, os africanos do romance foram eliminados e substituídos por “índios”, criando uma confusão que precisava ser eliminada (Fields 2001:150). No elenco da performance de 1906, não havia nenhum nome de qualquer índio americano nativo. Certamente Cetewayo, tal como os membros de sua corte, poderiam ter sido interpretados por um branco usando ‘blackface’ como era o costume da época - mas quantos atores brancos estariam dispostos a recitar os versos soltos de Shaw? Ao escrever um papel tão grande e central na peça para um negro, e ao fazê-lo desprezar e ridicularizar corpos brancos, Shaw pode ter garantido que *The Admirable Bashville* não seria encenado nos Estados Unidos. De fato, ele tinha razão: uma performance profissional teve que esperar até 1956, e um Cetewayo Afro-Americano apareceu nos palcos norte-americanos somente em 2007.

Vale a pena explicar que no Ato III Cashel desiste de ser um pugilista profissional e é reconhecido como “o filho e herdeiro de Binge Bumpkin FitzAlgernon de Courcy Cashel Byron, Sieur de Park lane and Overlord of Dorset”; isto é, qualquer associação do boxe com homens de classe baixa é apagada para sempre de seu título de nobreza. Aparentemente ele se casa com Lydia, mas continua seu envolvimento com o boxe, agora promovendo o jovem Bashville como um lutador promissor. Como Bashville concorda, relutantemente, em se tornar um lutador profissional de boxe, todo o elenco começa a motivá-lo “Vamos lá, aprendiz do Byron, você será campeão!”.

Bernard Shaw adorava boxe e todos os tipos de lutas. Como dito acima, Shaw escreveu um ensaio sobre o boxe moderno no final da edição revisada da Profissão de Cashel Byron e este ensaio foi publicado ao final de Bashville o Admirável também. Em seu ensaio, Shaw demonstra como prefere a luta ‘com as mãos nuas’ e a excitação e os prêmios em dinheiro que estas geravam, à nova modalidade do boxe com luvas. Ele argumenta que as lutas com as mãos nuas não são tão perigosas quanto as lutas com luvas, e reclama da lenta agonia da sua forma preferida de boxe. Neste ensaio, Shaw mostra-se um grande conhecedor do mundo dos esportes, e se opõe virulentamente às apostas que a cada vez mais crescem no pugilismo (ele afirma que “*gambling is the main pillar of the sporting world*”).

No entanto, Shaw percebia que a opinião pública desejava uma lei para se proteger da violência de um pugilista nas ruas, então a luta sem luvas foi proibida, acontecendo o que ele chamou de “legalização da luta de boxe sob o manto da luva de boxe”. Shaw continuou apreciando as lutas, mesmo que sua modalidade favorita, com dois homens lutando com as mãos nuas, estivesse desaparecendo. Esse gosto pelo boxe mudou sua vida de uma forma que nunca se poderia imaginar.

Shaw tinha poucos amigos próximos, mas, curiosamente, entre eles estava um campeão mundial invicto de boxe, Gene Tunney. O filho de Tunney escreveu um livro sobre a amizade de ambos, tentando descobrir qual era o motivo de um relacionamento tão forte entre dois homens que eram tão diferentes.

Bernard Shaw compartilhou o amor de Gene Tunney pelo boxe, e Tunney compartilhou a paixão de Shaw por livros e idéias. Era a chave para o relacionamento deles - permitia que cada um deles validasse o outro, interessando-se intensamente pelos campos de atividade e as realizações supremas de cada um. (Tunney 2003:150).

Essa amizade cresceu e ficou muito intensa, com ambas famílias passeando e viajando de férias juntas. O ex-boxeador se intitulava um pupilo e chamava Shaw de seu mestre, um mestre que amava o boxe. Antes de se conhecerem, Hollywood havia feito ofertas a ambos para adaptar a Profissão de Cashel Byron para a tela, com Tunney desempenhando o papel central. Por razões diferentes os dois homens recusaram estas propostas; uma coisa porem eles tinham em comum: ambos detestavam as produções de Hollywood.

Naquela época, Cashel Byron já estava adaptado para o teatro, e mesmo que *The Admirable Bashville* fosse uma adaptação “rápida” do romance, talvez valesse a pena ver como a performance do teatro seria traduzida para a tela. Cashel Byron, assim como *The Admirable Bashville*, leva em conta essa paixão que vincula o dramaturgo ao pugilista por meio da literatura. Mas um filme da Profissão de Cashel Byron nunca foi feito em Hollywood - apenas na Tchecoslováquia, onde em 1921 foi filmado como *Román Boxera*, com Frank Rose-Ruzicka no papel de Cashel (Holroyd 1991: 374).

Para concluir: *Bashville* o Admirável é uma peça secundária de um grande dramaturgo, e Shaw nunca pretendeu que fosse algo mais. Mesmo Benny Green (1978) em seu livro sobre ‘os campeões de Shaw’ não dedica mais que uns esparsos parágrafos para a peça. Mas ao mesmo tempo foi o próprio Green quem, cinco anos depois, transformou a peça em um musical. Em sua *Noble Art*, Sawyer discute a Profissão de Cashel Byron, embora não mencione *The Admirable Bashville*. Entretanto, a peça é citada na incrível, dinâmica e culturalmente valiosa história do boxe (Boddy, 2008).

O Admirável *Bashville* é historicamente interessante e marcante, principalmente, por ser praticamente a única peça teatral desse período onde um pugilista é o herói e o coração da ação é o que James Huneker em 1903 chamou de “a nobre arte de sluggerei”: um combate de boxe.

**(Dedico este texto ao mestre Bob Petersen, historiador, cronista e amante do boxe).**

## REFERENCIAS

- Achard, Michel. (1924). *Voulez-Vouz Jouer Avec Moa?:Trois Actes*. Paris: BOG.
- Arroyos, Frederique. (2010). "La Ligue Nationale D'improvisation: Hockey's Contribution to Theatresports." *CTR - Canadian Theatre Review* 143, pp. 11-16.
- Benston, Kimberly W. (1992). "Being There: Performance as Mise-En-Scene, Abscene, Obscene, and Other Scene." *PMLA* 107: 3, pp. 434-49.
- Boddy, Katia. (2008). *Boxing: A Cultural History* London: Reaktion Books,Print.
- Coles, Tony. (2009). "Negotiating the Field of Masculinity The Production and Reproduction of Multiple Dominant Masculinities." *Men and Masculinities* 12(1): 30-44.
- Crane, Mary Thomas. (2002). "What Was Performance?" *Criticism* 43: 2, pp. 169-87.
- Fields, Armand. (2001). *James J. Corbett: A Biography of the Heavyweight Boxing Champion and Popular Theater Headliner*. Jefferson (NC): McFarland.
- Green, Benny. (1978). *Shaw's Champions: G.B.S. and prizefighting from Cashel Byron to Gene Tunney*. London, Elm Tree Books.
- Holroyd, Michael.( 1998). *Bernard Shaw, I: 1856-1898, the search for love*. London, Chatto & Windus,
- Holroyd, Michael. (1989). *Bernard Shaw, II: 1898-1918, the pursuit of power*. London, Chatto & Windus.
- Holroyd, Michael. (1991). *Bernard Shaw, III: 1898-1950, the lure of fantasy*. London, Chatto & Windus.
- Knijnik, Jorge. and de Melo, Victor Andrade (2010). Sport in Artur Azevedo's revues: a reflection of developments in late 19th century Rio de Janeiro soci-



ety. *Aethlon: The Journal of Sport Literature*, 27(2), 103-15.

Messner, Michael. (1990) When bodies are weapons: Masculinity and violence in sport. *International Review for the Sociology of Sport*;25(3):203-20.

Petersen, Bob. (2011). *Peter Jackson the Boxer*. Jefferson, McFarland.

Sawyer, Tom. (1989). *Noble Art: An Artistic & Literary Celebration of the Old English Prize-Ring*. London: Unwin Hyman, Print.

Shaw, Bernard George. (1927). *The Admirable Bashville: Or, Constancy Unrewarded: Being the Novel of Cashel Byron's Profession, Done into a Stage Play in 3 Acts and in Blank Verse*. London: Constable, Print.

Scott, David. (2008). *The Art and Aesthetics of Boxing*. Lincoln, University of Nebraska Press.

Streible, Dan. (2008). *Fight Pictures: A History of Boxing and Early Cinema*. Berkeley: California University Press, Print.

Streible, Dan. (2005). "On the Canvas: Boxing, Art, and Cinema." *Moving Pictures: American Art and Early Film 1880-1910*,. Eds. Mathews, N.M. and C. Musée. Manchester [VT], : Hudson Hills Press, pp. 111-16. Print.

Tyson, Brian. (1996). "Introduction." *Bernard Shaw's Book Reviews, II: 1884 to 1950*. Ed. Tyson, Brian: Pennsylvania State University, Print.

Tunney, Jay R. (2010). *The Prizefighter and the Playwright: Gene Tunney and Bernard Shaw.*: Ontario, Firefly.

Tunney, Jay. (2003). "The Playwright and the Prizefighter: Bernard Shaw and Gene Tunney. *SHAW the Annual of Bernard Shaw Studies*, 23, pp. 149-154

Weintraub. Stanley. (1999). "Cetewayo: Shaw's first hero from history", in G.K. Larson (ed.), *Shaw and History*, in *Shaw* volume 19, Pennsylvania, Penn-

sylvania State University, pp. 7-22.

Weiss, Samuel Abba. (1986). *Bernard Shaw's Letters to Siegfried Trebitsch*. Stanford: Stanford University Press, Print.

## CAPÍTULO 2

# The Dumbbell VS The Rolling Pin

*Rohini Balram*

This creative narrative is an auto ethnography based on sports, gender and race regarding marginalised/minority groups who don't fit in the 'White' category or its binary.

The Indo-Fijian women, who are of a South Asian background with a Pacific Island experience, (the 'others') are minorities at a triple degree. Firstly, they face gender inferiority in their Indo-Fijian communities; secondly, inequities in sporting opportunities (based on the common belief of their lack of physicality) against their iTaukei counterparts and finally living in a third world country with conservative cultures, limited sporting facilities and an inequitable PE curriculum deprives Indo-Fijian women of real opportunities in the sporting fields in comparison to privileged women in developed countries. For these reasons, the voice of the 'other' is necessary to make positive contributions as, there is a lack of no-white voices/researchers with no-northern views in this research area.

### **A GENDERED FAMILY**

If you are passionate about marginalised

women in traditional societies who dare to break conventions and follow their heart - regardless of the consequences, then, this creative narrative is definitely for you. Marginalised girls/women hail from a disadvantaged geographical location in the globe, such as the peripheries of the global south and are deprived of opportunities which their privileged counterparts of the global north and richer peripheries of the global south, might take for granted. Despite being bound by many traditional conventions, some of these women bravely stand up to challenge the status quo and make empowering changes.

My name is Khushi Pal, I am from Fiji and I believe that I could have been the fastest girl in the globe. If you haven't heard of my country before, I suggest you don't attempt looking for it on the map. Now that I might have aroused your curiosity, try looking for Australia first; near to it, in the cluster of dots, in the Pacific Ocean- lies, Fiji. Yes! The country I reside in, is merely an assembly of dots on the global map- marginalised in terms of land mass.

My great grandparents were brought from India to Fiji between 1879 and 1920 (Ali 2004, p.1) by the British colonial government to serve a *girmit*, by providing physical labour on the sugarcane fields.

The indentured labourers comprised of north and south Indians (Lal 1983, p. 2) and were of different religions, classes, castes, languages, occupations (Ali 2004, p.1) and an unequal gender balance (Lal 1983, p. 99). These Indians brought with them their cultures, religions, languages and nostalgia in hope to make Fiji a mimic of their way of life in India (Naipaul 2003, p. 87); Imaginary homelands- Indias of the mind (Rushdie 1992, p. 10). During the indenture period, the labourers went through great struggles and traditional practices, cultures, and beliefs were fragmented. The caste system of Hinduism which provided for the ordering of groups in to society (Cox 1948, p. 6) and which dictated one's occupation and dietary habits and interaction with members of other castes, began to break as the Indian labourers intermingled with each other. There was little sense of communal difference among the labourers because plantation life imposed uniformity at various levels (Mishra 2007, p. 24) thus a new language (Fiji-Hindi) unifying the labourers, started to emerge.

A multicultural identity in Fiji failed to transpire between the Indian labourers and *iTaukeis* as colonial powers alienated the two groups (Durutalo 1986, p. 16). Apparently, the natives felt threatened that their land and rights might be taken by Indians who toiled the land. Therefore, land ownership of

farmlands remained with the natives which gave rise to debates and quarrels in terms of ownership and land leases between native landowners and the Indians - a group historically marginalised (Mishra 2007, p. 36).

I was born in Fiji in 1980 and I am the fourth generation of these *girmitiyas* was born into a Hindu family which practised vegetarianism, three days a week and there was much emphasis on participating in prayers and the *Ramayana*<sup>1</sup> recital sessions which my father carried out on Tuesdays.

Having three girls with an age gap of two years or so between us, my father was quite strict about our body image and safety thus many restrictions were imposed on my two sisters and I; for instance, we were not allowed to wear shorts or pants as he considered these as boys' clothing. In high school when we started hitting puberty and got acquainted to the world of fashion- which was inspired by friends, magazines and the *Bollywood* movies, my father forbade us from using lipstick and other forms of makeup. He emphasised that these would attract pointless attention and could give wrong impressions to boys. My father was also not fond of inviting his male friends over to our home and the only males that we got acquainted with, were relatives and fellow students in school. Despite being poverty stricken, there was always attempts to have another child, until there was a boy in the family. After my brother was born in 1989, there was no need for any other child. Having a male child is desirable in the Indo-Fijian culture. This does not mean that Indo-Fijians despise having girls but when the girls get married, they go to their husband's family thus become liabilities. So having a son is an asset, ensuring that parents will be looked after in their old age as sons are expected to reside with their parents after marriage. Secondly, in Hinduism, the cremation rights of parents, go only to the sons.

I perceived gender via my father's doctrines. Choosing the right companion whilst walking home after school was one of my first, inaccurate gender lessons learnt in life. If a male friend walked back home from school with me and if this sight was witnessed by someone who chose to relay the exaggerated *Bollywood* version to my father; this would mean disaster and punishment. It could even mean being pulled out of school and being married off. So from an early age, I learnt that it was wrong to mingle with boys and for my safety, I must stay away from them. Fear and my father's doctrines marginalised my interaction and relationships with males.

## THE FASTEST GIRL IN THE GLOBE

During my primary school years, I recall quite an athletic childhood with my cousins, where the boys mostly played soccer and the girls were fond of other feminine outdoor games, such as: hopscotch, jumping ropes, hide-and-seek and *bounce in the middle*<sup>2</sup>. When the boys would be a player short, (there was never the full 11 in a team as we didn't have 22 male cousins in the vicinity) they would beg the girls to become the goal keeper to a pair of slippers spread at a distance of about three feet which stood as proud goal posts. My female cousins and I, feared being rammed by the ball but I would pick up this position and put my body on the line and go home with bruised knees. Soccer for me, was a spectacle from behind the boundaries of the goal line marked by the 'pair of slippers'. It was about watching the bootless feet and fearless bodies of my male cousins dribbling, kicking, running, heading the ball and eventually scoring goals. The atmosphere after someone scored a goal was exceedingly electrifying and I so longed to feel that light.

One lucky day, I was allowed to play on the field; I tried to dribble the ball but I wasn't any good at it. Nonetheless, I somehow managed to kick the ball quite hard and that led to a beautiful DISCOVERY! I didn't score any goals but chased the ball out of the soccer field's boundary and from that day, I believed that I was the fastest girl in the globe. Everyone on the field realised how fast and long I could run. I loved running; it surely made me feel liberated and happy. However, these skills stayed in a defined space as neither would my parents encourage my athletic side nor were there 'real' opportunities for me at school.

In Fiji, physicality is highly racial and gendered and is associated with the indigenous people, where *iTaukei* males are considered dominantly powerful and this is expressed via rugby and the military (Teaiwa 2005, p. 112). Indo-Fijian women are considered the least athletic and their invisibility from Fiji's sporting platforms has become a norm. Despite knowing that I could run, I never put myself out there in the school's athletics' track events; the fear of being teased and labelled as 'tom boy', 'queer', 'frail' and 'Indian' were too overwhelming. Had I been given a 'real' opportunity, adequate financial & family support and was free from racial and gender discrimination, I could have officially been the fastest girl in the globe.

## LEARNING *ENGLISH* AND DISCRIMINATION COMBINED

Let me take you to the year 1998, when I was a teenager in high school. My parents were very poor but choosy and mind you, they sent me to one of the best schools of the time in *Suva*; when I say best, I mean the school that apparently taught the best *Englis* (my mother's pronunciation). Being a staunch Hindu and a religious leader, my father was happy to send us to a Christian school as the school principal at the time was a *Kiwi*<sup>3</sup> and with the head of the school being white, it surely meant, brilliant *Englis*.

I loved English literature and creative writing in school; I didn't really enjoy the linguistic lessons as it had too many rules and I was already drowning in conventions forced down on me from childhood. I did not know any other language to write in and the other subjects were in this foreign language as well so I worked hard to learn to read and write 'properly' so that I could articulate when it came to literature and creative writing and of course finish my formal education. So I was living in a dot on the global map and now had to learn a new language to express my creativity. What was wrong with my language? I was told at some stage that the wider world spoke and understood English so it was a norm to learn this language in order to be successful. My language is compartmentalised as the minority of minorities, as I speak Fiji-Hindi and not Hindi. I get very defensive when I hear foreigners say that my mother-tongue is some sort of pidgin language. I see it as a beautifully 'coined' language which has a proper head, tail and body as well.

I remember vividly, being taught how to pronounce words 'properly' and to spell them 'right'. Ironically, pronunciations would differ from teacher to teacher as the ethnicities of my English teachers changed from year to year; ranging from an Indo-Fijian to *iTaukei* to a *Rotuman*<sup>4</sup> and then a *Kiwi*. Language has been a major sign of discrimination for me; to learn the pronunciation of the word 'pronunciation', determined my scores for oral presentations. If a student's accent sounded too 'Indianish', that would be problematic and put him/her in a marginalised group. The emphasis on 'proper' pronunciation in school led to the birth of queer accents; I swear I heard a few trying to sound American and forcefully pronounce the letter 'r' even if the word did not have one. I was compelled to learn a 101 English idioms in high school, sounds like a cliché to me now. I really should have been born in a white En-

glish speaking family, as the years which I have spent learning their language, these guys actually lived their childhood and life. I was marginalised again, in terms of language. Nonetheless, my *Englis* made my parents very proud and I was doing great; there was never a time that I hadn't scored an 'A' in the subject. I did not bother once to pick up any alien accent, and was comfortable sounding like an assimilated being, true to the hyphen in my identity- 'Indo-Fijian'. I vowed that I will only change if native English speakers learnt to pronounce words in my mother-tongue correctly, including my name.

### **'IS YOUR *ROTI* ROUND; IS IT SOFT?'**

In our neighbourhood, my female cousins including my elder sister, were trained quite well by the mothers to make *rotis*; for some of these girls, *roti* making started in primary school and for some, in early high school. At home, mother will always make *roti*'s for breakfast in the wee hours of the morning; I too would get up early to read in the 'electricity-less' balcony with a hurricane lantern and active mosquitoes. These companions were partially my reason for academic success; my eyes were always alert as I couldn't risk the wind knocking the lantern down and burning me and our tiny wooden shack. By chance if I did doze off, then a generous mosquito would fearlessly show me love and the itchiness would keep me wide awake. I chose the balcony for two reasons- first, I loved nature and was able to comprehend better when studying outside and secondly, it gave me the opportunity to abandon my books and quietly jog in our compound when the nation enjoyed sweet slumber, just before sunrise.

Despite being marginalised several times, my poverty stricken childhood had its own spice- it was beautiful – I remember vividly, the tingling sound of mother's bangles as she rolled round *rotis* under the guidance and warmth of a kerosene table lamp and the feel of the early morning dew kissing my bare feet as I ran on the grass. I was not compelled to make *rotis* in my teens as next down the line was my elder sister and she didn't have much interest in the academic side so usually volunteered to help mother. I saw how my mother made the usual round *rotis*, every day; how she carefully sieved the flour and added the perfect quantity of hot water. I really thought that mother had super powers- how could she start kneading the sodden flour in to a



dough when the mixture was so hot? She would roll the small portioned out doughs in to flawless circles. The roundness of the *roti* intrigued me, yet more mesmerising was watching the flat rolled out *roti* dance to the beats of my mother's fingers as she tapped, pressed, twisted and flipped the *roti* on the hot plate; a little bit of *ghee* applied at the right time and the caramelising aroma of *ghee* had the power to stir hunger in one, even after a full meal. The glorious *roti* was only taken off the hot stage when it rose in to a ball and was adorned with brown and beautiful spots like the colour of my mother's hands.

My father never woke up in the mornings to make *rotis* for the family so it was subtly instilled in me that *roti* making was a woman's task; a skill acquired before marriage in order to serve the family. I had told myself back then, that I will learn to cook everything, except for *rotis*. Like the grammar in *Englis*, these delightful *rotis* came with too many conventions. 'Is your *roti* round; is it soft?' Are some of the echoes from childhood conversations around my sisters and female cousins.

#### **COLATERAL EFFECTS; AN ENGLIS TEACHER – AND A WEIGHT LIFTER.**

In the year 2000, after tireless efforts, I managed to get a scholarship and enrolment in to the only local university in Fiji at the time; The University of the South Pacific. With my high school final exam scores, the counsellor during orientation, persuaded me to enrol in to a High school teaching program. Yes! I was going to be trained to teach *Englis*. My parents' choice of school had eventually paid off; this image was very fitting for a young Indo-Fijian girl – 'a brown *Englis* teacher'. My father was over the moon and many times explained to me, the respect and authority associated with a *guru* in Hinduism. However, this credential didn't mean much to me. I didn't want to teach English; all I wanted to do was write creatively and focus on running. My feet could never keep still and looked for opportunities to run; run for happiness; run towards liberty; run away from suffocating conventions.

During my first year at university, there was a need to choose an elective course, out of: music, arts, theatre, swimming and physical education (PE). I came home and told my father that it was a must for me to take this PE elective or else I would not graduate; I never mentioned the other alternatives. Had I done that, I am sure I would have been the one playing the piano for

the bridal entrance at my bestie's wedding, last year. My father did not debate this and that was the day I sang 'Joy to my soul as a new *khushi*<sup>6</sup> was going to be born!'

The first time that I entered the university's fitness centre was like the first time I had set foot in to an Anglican church. The booming music of the gym was funnily as appealing as the tranquillity in the worship arena; the black and silver array of exercise equipment looked as colourful as the architecture of the church. The course required me to visit the gym and do at least two aerobics' classes per week, which I did, but the rest of the time, I explored this new world. My father wasn't very happy with all the team hiking, organised sports and running which I had started doing- but what could he say, the ultimate goal was seeing his daughter become some kind of *Englis guru*.

I mostly used the treadmill and a few of the circuit machines; I was always curious about the weights' section and one day decided to break barriers and was the lone Indo-Fijian girl standing there. I was a rather shy girl and preferred no coaching; I had previously observed the boys play with those steel toys. Although, at that time, I did not know the jargons and the number of sets and reps that were associated with strength training, I picked up my first steel companion – a pair of 3kg dumbbells. I had no training gloves on and as my fingers kissed the coolness of the steel, I felt heatwaves of excitement run through my body. A beam of contentment crept on my face; I felt as if I was ready to make some sort of breakthrough. I looked in the mirror and I saw an athletic and powerful Indo-Fijian girl, staring back at me- I felt very proud. The music in the gym seemed to be fading and a personal motivating anthem adorned the ambience and without further due I did as many bicep curls and military presses as I could. This moment was life changing for me, not only had I entered an 'all boys' zone' but I had dared to pick up their toys - those dumbbells, which later became my rolling pin in life. It was like my mind and body had found salvation.

I had vowed that day, that like my mother, I too, will be diligent and resilient. I will be an early bird and as she picks up her rolling pin so religiously and with pride each morning to labour and witness the rise of her *rotis*, I too, will pick up those striking dumbbells, do my curls and presses and witness the development of muscles and tones and feel the rise of my inner and outer strength. Putting the *rotis* from the hot plate to the plates of those she

fed, gave her happiness. Curling and pressing with the dumbbells and feeling strong and fearless, not only gave me happiness and confidence but liberated me from the traditional gender constructs and societal conventions which I grew up with/around.

### **‘HAPPY FEET’**

Migrating to Australia in 2009; exposed me to a new culture and opportunities; my weight lifting and long distance running accentuated; I also completed my certifications to become a gym instructor. In 2016, during a gym session in Fiji, I failed to do a ‘chin up’ and an *iTaukei* male trainer, bluntly told me that, my fitness level was zero – I asked him, if he could run 22kms. I was judged on the spot; perhaps it was my race or gender! The overwhelming presence of ‘traditional’ cultural practices in regard to gender which is combined with complexities of race and post-colonial conditions, continuously prevent Indo-Fijian girls from making significant headway in sport and exercise participation (Molnar, 2018). Failure to do a chin up doesn’t determine my stamina, speed, strength and endurance needed for a half marathon. The belief that Indo-Fijian women can’t be athletic has become such a cliché. In Fiji, my athletic saga has been one of pain, alienation and exclusion; it is passion alone that has kept the love for running and fitness alive in me.

Today, I still face challenges of societal norms and am placed in a marginalised group. However, I am very proud to be amongst a handful of athletic Indo-Fijian women who rise beyond such hurdles. Running and fitness is very close to my heart and is part of my identity; a lot of my friends just call me ‘Happy Feet’ and that speaks volumes. Running and lifting iron have added meaning to my life and has helped me develop in terms of: leadership skills, self-esteem, academic performance, physical fitness & productivity and better health.

I enjoy eating *rotis*, but even 20 years later, I still refuse to make them. I have grown up hearing that ‘the pen is mightier than the sword’ I can’t vouch for that but I can vouch that ‘the dumbbell is mightier than the rolling pin’. I was born to run and I live to replace the rolling pin with the dumbbell. These days, when my mother asks me about marriage- I do tell her that I have not yet found a man who can make perfect *rotis* like her.

## REFERENCES

Ali, A 2004, *Girmit: Indian indenture experience in Fiji*, Fiji Museum, Ministry of National Reconciliation and Multi-Ethnic Affairs, Suva.

Cox , O C 1948, *Caste, class and race*, Monthly Review, New York.

Durutalo, S 1986, *The paramountcy of Fijian interest and the politicisation of ethnicity*, USP, Sociological Society, Suva.

Lal, B V 1983, *Girmitiyas: The origins of the Fiji Indians*, The Journal of Pacific History, Canberra.

Mishra, V 2007, *The literature of the Indian diaspora; Theorising the disporic imaginary*, Routledge, New York.

Molnar, G. Amin, S & Kanemasu, Y 2018, 'Research, Introduction- Rest and the West – present absence of non- Western,' in G. A. Molnar (eds), *Women, Sport and Exercise in the Asia- Pacific Region – Domination, Resistance and Accommodation*, Routledge, New York & London.

Naipaul, V S, 2003, *Literary occasions: Essays*, Picador, London.

Rushdie, S 1992, *Imaginary homelands: Essays and criticism 1981-91*. Granta Books in association with Penguin Books, London.

Teaiwa, T 2008, 'On Women and "Indians": The politics of inclusion and exclusion in militarised Fiji,' in B. M. Sutton (eds), *Security disarmed: Critical perspectives on gender, race and militarisation*, Rutgers University Press.

## CAPÍTULO 3

# In The Land of “Football-Art” Brazilian Football Books, National Identity and The Building of Imagined Communities in Modern Brazil

*Bernardo Borges Buarque  
de Hollanda*

This chapter aims to show how the social history of football in Brazil can be used to reflect on nationhood. Through essay writing, whether from foreign authors or Brazilian researchers, several examples of books on Brazilian identity, focused on football as a theme and published since the beginning of twentieth century, are displayed. Although the essay genre has been privileged by many intellectuals who sought a totalizing understanding of the country, this very type of writing has been mobilized for interpreting social representations around the professional practice of football. This text argues that the identity synthesis franchised by the idea – of artistic and/or culturalist order – of a unitary “country of football” ends up eliding social and economic differences in the construction of modern Brazil as an “imagined community”.

In the past few years, in the context of the

announcement of the 2014 FIFA World Cup in the country, Brazilian football memory has become a field of growing interest. It is possible to witness sports journalists dedicating entire books to the biography of great players of the past. National idols and historic characters of various eras such as Charles Müller, Arthur Friedenreich, Pelé, Leônidas da Silva and Garrincha are some of the most notorious examples, as analyzed by the Brazilian researchers as Leite Lopes (2009), Helal (2001), Mills (2005), Ribeiro (2007), Alfonsi (2013) and others.

In institutional terms, sports memory has become an object of growing attention, as we may notice in the recent and successful creation of the Football Museum, based in the Pacaembu Stadium in São Paulo, in 2008. In historical perspective, remember the pioneering role of conservation undertaken by the Museum of Image and Sound (MIS) in Rio de Janeiro, which compiled a series of interviews with players that began in 1967 and was extended until the 1990s. In the last decades, dozens of interviews were conducted with great stars, either retired or at the prime of their careers.

An exemplary case would be the one of Marcos Carneiro de Mendonça, the goalkeeper for Fluminense Football Club during its amateur period, in the first decades of the twentieth century, who was interviewed at the end of the 1960s. This initiative of MIS was materialized in the form of a book, *Futebol é arte (Football is art)*; organized by journalist Mário de Moraes in which three interviews with great stars of the Brazilian national team are integrally transcribed: Domingos da Guia, Pelé and Zizinho.

In this context, the goal of this chapter is to introduce non-Brazilian audiences to how football has been thought in Brazil. Through the work of writers and intellectuals it sheds light on essay production on the subject of football, developed throughout the 20<sup>th</sup> century as the sport took root and became popular in the country. The search for the matrices of the essay makes it possible to identify a lineage of intellectuals, of whom two of the most emblematic representatives are Gilberto Freyre in the late 1930s and Roberto DaMatta in the early 1980s. Despite distinct epistemological principles and debatable theoretical premises, Freyre's propositions and DaMatta's conjectures, viewed within their respective periods, are useful to reflecting on football in the context of Brazilian urban popular culture.

As will be shown below, this statement can be extended to authors linked to

the academic tradition of the University of São Paulo, such as Décio de Almeida Prado (1997), Flávio Aguiar (2003), Nuno Ramos (2007), Hilário Franco Jr. (2007), José Miguel Wisnik (2008) and Boris Fausto (2009, 2010), among others. These authors share an interest in their essayistic approach to analyzing Brazilian football, characterized by non-submission to standardized writing patterns reinforced in graduate programs.

It is suggested that in the last 80 years the essay has been an attractive narrative genre for many Brazilian thinkers, whose contributions deserve attention also for their understanding and acknowledgment of football as a legitimate subject of reflection on popular cultural expressions. In general, essay writing, privileged by a certain intellectual tradition linked to the university, has reflected on football outside academic scientific production *sensu stricto*.

In view of the above, it is proposed that essay writing, a common genre in Brazilian social thought between the 1930s and 1960s, continues producing interpretations of Brazil through explanations of the phenomenon of football. These interpreters, in turn, should not be viewed merely as pre-scientific thinkers in the field of sports studies. One of the interpretative singularities of the social essay is to include the so-called Brazilian style of playing football, emphasizing wider pictures and generalizing syntheses.

Without attempting to critically compare thesis and essay writing, this paper seeks to revisit the works of authors who wrote about Brazilian football from the first decades of 20<sup>th</sup> century to the early 21<sup>st</sup> century. The institutionalization of social science as a discipline in Brazil in the 1940s ensured the scientific supremacy of the thesis, given its precision in method, theory, analysis, source and demonstration, among other scientific foundations. At the same time, it rejected essay writing as the production of 19<sup>th</sup> and 20<sup>th</sup> century authors. Nonetheless, the persistence of the social essay in contemporary times attests to the potential appeal of this form of narrating and interpreting aspects of Brazilian social life.

This paper is divided into three main parts. The first one contextualizes the political process of institutionalizing soccer practices in Brazil, which is done through a system of leagues, championships and monopolistic public-private entities, organization controllers and professional sport management. The purpose is to give an introductory historical backdrop to help the reader understand the popularity of soccer in Brazil, specifically over the course of the twentieth century.

The second addresses the importance of the tradition of the social essay in Brazil, due to the writings of Gilberto Freyre, and the criticism it received during the institutionalization of social science in Brazil and in the wake of the creation and development of Brazilian universities, between the 1930s and 1970s. At the same time, it shows that since that period, recognized and university-trained writers were already interested in the subject of football, producing reflections in the essay format. This leads to contemporary examples, which attest to the genre's topicality and vitality.

The third part addresses a major work of the Brazilian contemporary scene. It is a book written by the professor and critic José Miguel Wisnik (USP), influenced by some artistic, aesthetic and culturalist ideas of Gilberto Freyre, among others. The purpose of this section is to present an outline of the main ideas that underpin this hefty tome, of over four hundred pages, which offers an extraordinary interpretive synthesis of Brazilian popular imagination and social inequalities, revisiting, in the light of football, the canonical ideas of modernism, "Freyrism" and the classics of social thought in the early the 21<sup>st</sup> century.

The publication is of interest insofar as it emerges when part of Brazilian academics believes it no longer makes any sense to investigate the centrality of Brazilian identity or consider the famous expression "the nation in football boots" as an explanatory metaphor or defining metonymy of Brazil.

### **GILBERTO FREYRE: FROM THE INTRODUCTION OF BRITISH SPORTS TO THE INVENTION OF "FOOTBALL-ART"**

The origins and proliferation of soccer in Brazil at the end of the nineteenth century have been well documented in literature. Modern sport arrived on Brazil's shores in the post-slavery era (1888) inspired by the model from the United States of America; however, it was not extensively adopted by the federalist republican regime (1889). Soccer, as is true for other sports, emerged during a period of intense social and political transformation. These sports affected the physiognomy of the major Brazilian cities, which were subsequently marked by a discourse of regeneration, modernization and sanitization of the urban environment.

The waves of immigrants, encouraged as part of state policy, with a view to replace slave labor and promote the whitening of the population, brought



the habits and customs of these immigration flows with them. Little by little, many of these traditions and novelties started to grow and disseminate within these social clubs, which were largely created to meet the demand for cohesion between members of the British, German and Spanish colonies in Brazil.

Soccer was initially one of a number club-based leisure and entertainment activities. Soccer was a practice of young foreigners, but also students, children of Brazilian elites, who were in turn inspired by these activities, seen as imported modernism from Europe. If art and French culture occupied the most prominent position in terms of imitation by the locals, it was not long before the sports founded in England and popularized throughout continental Europe became a benchmark for fractions of Brazilian young people as a pastime.

The local scale of these games took on new dimension as the 20th century progressed. Municipal leagues were created at the beginning of the 1900s, and the first championships disputed by clubs from the same town were played out. This began to happen in São Paulo from 1904 onwards, while in Rio de Janeiro competition between amateur clubs was instituted two years later, in 1906.

Despite professionalism only being adopted in the 1930s, researcher Leonardo Affonso de Miranda Pereira (2001), in a comprehensive survey of social history, identified the popularization process of soccer, rather than horse racing and rowing, as the most popular sport towards the end of the 1910s. This was largely due to the beginning of international tournaments, in particular the 1916 South American Championship, organized by Brazil, Argentina, Chile and Uruguay.

The transposition of national feelings – shirts, anthems and flags – towards soccer galvanized Brazil's young population, which was true in the big cities and the more rural cities in the countryside, wherever the press, the main means of communication at the time, were able to reach. The Brazilian soccer team's successful campaign in the 1919 South American Championship in Rio de Janeiro gave rise to national euphoria, and increasingly enabled the sport to overcome its social elitist origins.

Brazilianist Robert Levine supported claims regarding the idea of expanding interest in soccer as a practice of enjoyment, both in terms of society and the state. This scholar recognized the circumstances of this professionalist conformation, in the midst of an environment conducive to national assimilation in the 1930s, which was, until then, the expression of European modernity:

“The sport spread through the poorer classes when the English factory owners fielded teams composed of employees, but it only became a national institution in 1933, when it was declared professional under the management of the Brazilian Sports Confederation (*Confederação Brasileira de Desportos - CBD*). From one day to the next, the elite teams competed to contract athletes from the working class, thus creating an institution that combined the passions of the rich and poor. The Brazilian government took advantage of this movement by appropriating the nationalist symbol of the Brazilian team’s victory at the 1932 South American Cup and allowed the involvement of black players (a policy that initially faced resistance from the CBD) in Brazilian teams in the early World Cups of the 1930s” (Levine, 2001: 73).

The competitions among different countries from the South American continent gave rise to the first patriotic imagination that married the metaphor of the Brazilian nation to its soccer team, along with the organization of political entities such as the CBD, responsible for structuring this sporting field, in a Bourdieusian sense, conformed to by a group of actors, organizers and consumers. The appeal of nationalism was subsequently grown with the creation, by FIFA, of the World Cup in 1930. This action empowered the metaphorical condition that links sport and nationalism. Constructing national identity and pride in a peripheral country such as Brazil makes the investment made in national mythology and symbology through soccer understandable.

The 1930s bore witness to the invention of the “*pátria de chuteiras*” (homeland of soccer boots). This idea grew in power at each four-yearly edition of the World Cup organized by FIFA, as it did in South America and Europe. The development of the media, a cornerstone of nationalist rhetoric, as theorized by the Englishman Benedict Anderson (2008), brought Brazil’s ties with soccer closer still at the end of that decade. The mass media, particularly radio, would be a key mediator for catalyzing the population’s emotional sentiments. The media followed the Brazilian national team during the 1938 World Cup, when Brazil was under the dictatorial regime of the *Estado Novo* (New State), led by Getúlio Vargas, one of the architects of centralization politics and nationalist sentiment that was prevalent in Brazil.

The third installment of the World Cup saw the Brazilian national team travel to France, which was commentated on live by Brazilian radio broad-

casters, such as Gagliano Neto, and would be revered as a heroic achievement by Brazilian athletes overseas. The incredible reception given by the French press in regards to the performance of the Brazilian soccer players made the local reporters and enthusiasts believe that Brazil had performed very well during that World Cup. Black soccer player Leônidas da Silva, top scorer at that competition, was one of the most acclaimed, becoming the symbol and embodiment of a new era of Brazilian soccer, capable of overcoming its elitist and segregationist background.

Soccer went on to become the center of an identity that reversed the country's problems, one example being miscegenation, into a set of virtues. One of the most prominent elements worth highlighting in soccer in Brazil was its porous condition, with the ability to synthesize and express the contradictions of the Brazilian social shape. This porosity drew interest from sociologist Gilberto Freyre (2001), whose most important study was called "*Casa-Grande & Senzala*" (The Masters and the Slaves, 1933), a reinterpretation of the history of Portuguese colonization, in which plasticity is exalted, hybridism and social democracy in Brazilian race relations. The author then wrote texts in which soccer was earmarked as one of the contemporary success vectors of miscegenation in Brazil, producing players such as Leonidas, characterized as creative, spontaneous and astonishing.

The 1930s saw the self-representation of Brazilian culture solidify (Florin, 2009), with the principles of cultural and participation being seen as defining characteristics of modern Brazil. Thus, despite the poorly developed political-economic situation in Brazil being damaging aspects in regards to its image, Brazil was internationally advertised in a positive way thanks to its attractive soccer, since this transcended their sporting condition and was converted into artistic and cultural expression. Therefore, according to Freyrean rhetoric, the influence of music, capoeira and religious syncretism was absorbed, among other selected elements, to represent the authenticity of a nation that was believed to be interclass and interracial.

## **AN OUTLINE OF ESSAY PRODUCTION ON FOOTBALL IN BRAZIL**

In the last 65 years, the epistemological project of the School of Sociology of São Paulo, led by Florestan Fernandes, has become definitely established

in the Brazilian university environment. In the 1970s, its consolidation was enhanced with the introduction of graduate programs in São Paulo and Rio de Janeiro, progressively expanded to the other state capitals and their respective federal universities.

Within this setting of standardization and leveling, the interpretations of Gilberto Freyre were criticized and the essay was deemed an irregular genre. It became accessory, secondary or relegated to newspapers, at a time when the written press still published more complex texts, addressing controversies and debates in its cultural and literary supplements. However, despite the loss of status due to a supposed evolutionary line that condemned the genre to ostracism when compared to the superiority, rigor and universality of methodical research, the essay did not totally disappear.

It can be affirmed that the essay continued to coexist in academic life and in public forums of intellectual debate, even in the places where the *homo academicus* pattern was most pronounced, as is the case of São Paulo and the School of Philosophy, Languages and Human Sciences (FFLCH/USP), under the influence of Florestan Fernandes, among others. Contrasting with scientific papers and academic theses, the essay drew attention with its experimentalism in works published in the 1960s and 1970s. Also important is the appearance of highly influential seminal essays, such as those by Antônio Candido and Roberto Schwarz titled “Dialética da Malandragem” (Dialectic of Roguery - 1970) and “As ideias fora de lugar” (Misplaced Ideas - 1972).

A survey of intellectual production on football in Brazil, before and after the institutionalization of the field of sports studies, whether in physical education or social science, corroborates the statement above, revealing the constant production of essays on the subject written by academics.

Some examples of authors and essays worthy of mention are listed below, in a diachronic yet not exhaustive approach. Attention is given, albeit not exclusively, to professors and researchers linked to USP, one of the mainstays of research canon in social science, as pointed out above, to illustrate how the university environment remained exposed to essay writing amid the increasing institutionalization and specialization of research.

As early as the 1950s, the German immigrant Anatol Rosenfeld (2007), a future drama professor at ECA/USP, wrote a study on the importance of football in Brazil. Running to a little over thirty pages, the text introduced to

the German-speaking public, through the Hans Jahrbuch yearbook, historical, economic and psychosocial aspects of the practice of football in Brazil in the mid-20<sup>th</sup> century

More than just an introduction to foreign readers, the essay dialogues with the work of the journalist Mario Filho, author of the famous book *O negro no futebol brasileiro* (Blacks in Brazilian Football - 1947). In this dialogue, Rosenfeld criticizes Filho's assumption that the economic ascension of blacks through football implied social recognition. The author of German origin sought to refute the idea of a metaphorical overcoming of racism in Brazilian society, as assumed by the culturalist trend inspired by Freyre's ideas, to which Mário Filho belonged.

At the end of the next decade, still under the visible influence of Gilberto Freyre's essayistic production – he wrote several essays on football between the 1930s and 1970s, emphasizing the metamorphoses undergone by the sport of British origin, straight and angular, when played by Brazilians, lithe and curvilinear – another insightful essay on the subject is published. This is the work of Professor Pessoa de Moraes, *Tradição e transformação do Brasil* (Tradition and Transformation of Brazil - 1968). The book, which was never reissued and is today both unknown and of difficult access to the public at large, was written by a professor of the Federal University of Pernambuco.

In it the UFPE professor explores a myriad of cultural themes deeply rooted in Brazilian popular imagination, such as *frevo*, samba, bossa nova, politics, messianism and magic. The second chapter is titled “O futebol e a psicologia brasileira” (Football and Brazilian Psychology) and addresses, in more than forty pages, “the influence of the deep roots of our culture on the style of football played in the country” (1968: 69).

In language, that closely resembles Gilberto Freyre and writing under the impact of international victories of the Brazilian team in the 1958 and 1962 World Cups, Moraes views the practice of football as a successful assimilation or transplantation of the sport invented in England. In Brazil it is enhanced by the “prodigious elasticity of blacks,” their “versatile agility,” the “impulsive flashes of mestizos” and their “strong emotional waves” (1968: 71, 83).

Back in the universe of authors linked to the University of São Paulo, it is worth mentioning the writer Décio de Almeida Prado, a renowned theater critic and professor at the School of Dramatic Art of USP. Aside from his knowledge

of literature and dramaturgy, on a par with his contemporary Anatol Rosenfeld, Prado published memoirs and essays on the subject of sports. Five of those texts were gathered in the book *Seres, coisas, lugares: do teatro ao futebol* (Beings, Things, Places: From theater to football – 1997).

This in turn compiles writings on football produced between 1961 and 1989. The titles are the following: 1. “Recordação de Leônidas da Silva” (Memory of Leonidas of Silva); 2. “Quatro bicampeões” (Four Two-Time Champions); 3. “Fotos de Pelé” (Pictures of Pelé); 4. “Latejando com o futebol” (Throbbing with Football); and 5. “Tempo (e espaço) no futebol” (Time (and Space) in Football).

The essays vary widely between longer and shorter, more complex and more evocative texts. Of the five, “Time (and Space) in Football” stands out for the suggestive nature of its ideas. It is an attempt to abstract the randomness of combinatorial possibilities of the game and reflect on its fundamental properties, embodied in rules, actors, values, languages and equipment.

In little more than ten dense pages, Décio de Almeida Prado proposes to sketch, in abstract terms, the spatial foundations and temporal dimensions that make up the hard core of football practice. The dense description leads him to a conclusive statement of the relationship of dependence between writing and football practice: “I have concluded affirmatively: football, the art of the ephemeral, does not dispense with words fixed on paper, which, without containing the images, evoke the sensations roused by them at the magical moment of execution” (1997: 11).

Another immigrant living in Brazil who took an interest in understanding the meaning of football in the country was the Czech philosopher Vilém Flusser. A professor at the University of São Paulo, Flusser had a book published in Germany in 1994 with the unusual title of *Brazil or the Search for a New Man – Toward a Phenomenology of Underdevelopment*. Despite the posthumous publication in the mid-1990s, the nine essays in the work had been written in previous decades. One of them is called “Alienation” and reflects on the meaning of football in Brazil. The comparison contrasts this sense with the meaning formulated in Europe.

The complexity and originality of this philosophical essay can be attested by the reading of its twenty pages. Flusser seeks to refute the current view that football served merely as a means to evade reality. To him, this argument was overly simplistic and the phenomenon of Brazilian football required a more

accurate analysis by the country's intelligentsia. If the primary motivation of football fans is to evade everyday life, escaping from the oppressive world of work, a fact which the author considered evident in the European setting, the Brazilian case for him is qualitatively distinct, since a kind of "dialectic leap" occurred in relation to the first reality-masking stage.

According to the philosopher, Brazil shifted football from alienation to engagement, since here the reality of the game became dominant, absorbing, and not merely complementary. It spilled out of its original realm towards all networks of social life, not the opposite. Thus, Brazilian football did not become a mere outlet to replenish energies drained at work and consume the revolutionary potential of the oppressed masses. On the contrary, through it man has realized the possibility of forging a new reality, the reality of the game, in which he feels he plays an active role within a complex and dynamic universe.

Flusser concludes the essay affirming that, based on his life experience in Brazil, it is possible to predict, in terms of a Brazilian-style dialectic utopia, "a new man," *homo ludens*, authentic and spontaneous, and whose life would no longer be conditioned by economic ties (1998: 101).

Another author linked to USP is Flávio Aguiar, professor of Brazilian literature. In the early 2000s, in a collection organized by Alfredo Bosi, Aguiar published the instigating essay "Notas sobre o futebol como situação dramática" (Notes on Football as a Dramatic Situation). Its fifteen pages may at first glance seem light, but its reading proves otherwise. One encounters a broad and deep reflection along the lines proposed by Décio de Almeida Prado, capable of probing and investigating its more abstract constitutive principles.

To this end, in a method that will reappear in José Miguel Wisnik in the following section, Professor Aguiar explores the comparison with other sports modalities and the concentrated dissection of the internal elements unique to the game. Without resorting to political circumstances or social determinants, the descriptive and reflective quality gives the impression that one is before a structuralist exercise. It is as if the approach focused on a specific literary text or erudite interpretation of a certain mythical narrative.

Here is an example:

The space of football is the totality. This totality is made up of circles and quadrilaterals. The universe fits in a circle; the movement, as a desire for harmony, in a

quadrilateral. Football solves the problem of squaring the circle, although the quadrilaterals are not square. They stretch into rectangles; the harmony of movement extends in a desire for adventure (...) The circle of the stadium is breached. It has rectangular entrances, the tunnel mouths that are passages for triumphant entries and melancholy or victorious exits. These rectangular entrances are doors to the past and of the past. Whoever passes through them is transfigured. (Aguiar, 2003)

The chronological sequence of the essays once more moves away from the São Paulo university milieu. The focus is now on the ideas of the Bahia essayist Antonio Risério, an anthropologist and public intellectual recognized in the contemporary cultural scene. In 2007 Risério launched the book *A utopia brasileira e os movimentos negros* (The Brazilian Utopia and the Black Movements), a set of sixteen essays. Almost thirty pages long, one of them focuses on the subject examined here, entitled “A escola brasileira de futebol” (The Brazilian School of Football).

In the work, the author addresses certain recurring questions related to the constitution of national identity from the modernist viewpoint that enhance the universe of popular culture. Thus he stresses the “anthropophagic cultural disposition” (2007: 322) of Brazilians and praises the mestizo neo-baroque, also to explain the success of Brazilian football.

In this sense, Risério goes to great lengths to evoke the ethnic and esthetic criteria that raised football to the level of artistic ambience. He also discusses why “kids” and “scamps” were able to give a foreign sports phenomenon its unique Brazilian style, agreeing with Freyre’s view, which underlies the discourse of many intellectuals, whether consciously or unconsciously expressed.

Risério’s comprehensive outlook is nevertheless grounded on a rigorous and vast grasp of academic literature related to the history, sociology, and anthropology of football in Brazil. Such grounding offset criticism about the author’s lack of specialized knowledge, scarce contribution and general statements. Moreover, it must be recognized that, in their substratum, the ideas are strongly linked to the culturalism of a modernist or Freyrean bent.

In 2007, the same year Risério’s essay was published, another author releases a work which dedicates space for reflection on the practice of football. Nuno Ramos, a São Paulo artist and writer, publishes *Ensaio geral* (Dress Rehearsal), an assortment of writings comprising projects, essays, scripts and memoirs.



One of its five sections features nine texts focusing on sports topics.

The focus is speculating about the figure of the football player, whether Tostão, Ademir da Guia, Reinaldo, Ronaldinho Gaúcho or Robinho. The longest and most intense essay, in turn, is called “Os suplicantes: aspectos trágicos do futebol” (The Supplicants: Tragic Aspects of Football). There is a remarkable convergence of viewpoints of this piece with those of USP authors mentioned above, especially Prado, Wisnik and Aguiar. The recurrent themes indicate the interest of part of the intelligentsia in linking the football universe to the search for transcendent literary dimensions. These are now dramatic, now tragic, now baroque, now epic. This lineage, by the way, can be traced to the sports columns of the playwright Nelson Rodrigues

The last essayist in this selection is also a professor at USP. It is the renowned historian Boris Fausto, a fundamental name in Brazilian historiography with work dedicated to the study of the 1930 revolution, immigration, work and daily life in Brazil. More recently, the author has focused on exercises of micro history and memoir writing.

The books *O crime do restaurante chinês: carnaval, futebol e justiça na São Paulo dos anos 1930* (The Chinese Restaurant Crime: Carnival, football and justice in São Paulo in the 1930s – 2009) and *Memórias de um historiador de domingo* (Memories of a Sunday Historian – 2010) combine narratives about the history of the city of São Paulo and episodes of personal experience. The purpose is to investigate, from unexpected viewpoints, the formation of the urban environment of São Paulo in the 20<sup>th</sup> century. In both, football features as one of the key elements in understanding the period, enlivened by his own memories.

The first book, whose setting is the true case of a mysterious crime that occurred in São Paulo in the late 1930s, dedicates a chapter – “O fio invisível do Diamante Negro” (Black Diamond’s Invisible Thread) to addressing the football player Leônidas da Silva. This black player became a national idol during the 1938 World Cup in France and acquired fame with the professionalization of football. Amidst the adventures of solving the controversial murder, attributed to an employee who is also black, the historian reconstructs the country’s historical background and offers an original discussion of the controversial issue of racism in Brazil by contrasting Leônidas and the supposed murderer of the case under investigation.

The second book, a more explicit memoir, narrates in one of the chapters

the historian's relationship with football in São Paulo in the 1940s and 1960s, during his adolescence and youth. "Futebol e cinema: um mundo masculino" (Football and Cinema: A male world) recalls affectionately a phase of sports professionalism in which the most popular clubs, Corinthians, Palmeiras, São Paulo and Santos, already shared the preference of the inhabitants, mostly young and adult men. With the construction of large stadiums, such as Pacaembu, the spectators at sports venues, among them the author himself, were considered the metonymy of the Brazilian people.

In this reminiscence, Fausto acknowledges:

"I've always enjoyed mixing with the crowds in football stadiums, amid the most radical 'politically incorrect,' perhaps as a way to compensate for my conventional life. It is a mistake to think that the fans are mere particles of a shapeless mass that randomly reviles, jeers, hoots or applauds, expressing unbridled emotion. It's not quite like that. Supporters have their rites, their motivations, their criteria of approval, of enthusiasm, of discouragement and of rapture. (...). How to account for this permanent presence of football and the supporter's passion throughout a lifetime? The simplest explanation, in my case, is that football was one of the formative elements of my personality in the childhood years and then opened a breach of salutary irrationality in an existence in which rationalism features in excessive doses." (2010: 49-50)

Following this overall description of several essayistic writings addressing football in Brazil, with an analysis of some of their main characteristics, whether in form or content, the proposal of the next section is to consider a single work. In our opinion, it condenses and symbolizes to the highest degree the qualities of the essay, its evocative virtues and its interpretative potential, therefore contributing to the reflection on the sportive and cultural meaning of Brazilian football.

### **THE PERSISTENCE OF THE ESSAY – FOOTBALL, LITERATURE AND MUSIC IN JOSÉ MIGUEL WISNIK**

In *Veneno remédio: o futebol e o Brasil* (Poison Remedy: Football and Brazil), the professor, composer and critic José Miguel Wisnik (USP) contributes one

of the most surprising works of the Brazilian essayist tradition. Remarkable for combining a myriad of qualities – pan-disciplinary scholarship, narrative breadth, esthetic imagination, analytical rigor – the work is an original contribution to unraveling the enigmas of modern Brazil through one of the more prosaic domains of Brazilian popular life in the 20<sup>th</sup> century: football.

Renowned for his critical insight in the spheres of literature and music, Wisnik extends his method of reading texts and music scores to the exegetical analysis of what happens inside a football pitch. He thus scrutinizes, merges and leaps over his privileged interlocutors, reinventing the ideas of the artists of the Modernist Week of 1922, the interpreters of social thought of the 1930s – with special attention to Gilberto Freyre’s masterpiece, *Master & slaves* – and the artistic-architectural vanguards of the 1950s and 1960s, matrices that exposed the contradictions and the potential of the cultural formation of Brazil.

Resulting from a long process of maturation, the book is based on the idea that football is “the general idiom of a non-verbal language.” Its leitmotif is announced by the author himself and might be compared to what the US literary historian Stephan Greenblatt called “wonder”: the reading of an essay about Brazilian football by the Italian filmmaker Pier Paolo Pasolini (1922-1975), written shortly after Brazil won the World Cup for the third time, in 1970. Fascinated by the performance of the squad led by Pelé and Tostão in the final against his country’s national team, Pasolini identifies two main ways of playing football in the world, one represented by prose and the other by poetry.

While the former prized collective play and aimed to reach its objective, the goal, through a “logical chain” of passes, being thus a “straight-lined discourse to the end,” the latter, more individualistic, was capable of abolishing means and ends, coming and going like a flourish of verse, foiling the links of the chain with dribbles. More than a means to get pass an opponent, dribbling constitutes what Wisnik defines as ellipse, a technical term of rhetoric, “a disturbance of linearity that produces a poetic effect.”

Although Pasolini had established an analogous division in his métier by contrasting poetic cinema (artistic-authorial) and prose cinema (serial-industrial), the encounter of those two poles of literature would reach its most dazzling point in the sphere of sports, in a rare moment of fusion of prose with poetry. If Europe’s acclaim evoked catchphrases from the 1920s and 30s such as “kings of football” or “artistic football,” the Mexico World Cup – broadcast

live in color to several countries worldwide – represented the overcoming of Brazil’s “mongrel complex” with the national triumph on an imagistic scale never seen before.

On the one hand, Pasolini’s enchantment with Brazil’s game can be interpreted as a renewal of the attitude of other European artists, such as the fascination of Pablo Picasso and the French surrealists with African naive art; on the other, the conversion of football into yet another phenomenon of international-popular culture provided input to help understand the capacity of atavistically colonial peoples to establish a “logic of difference” with the elliptic-anthropophagic recreation of cultural practices such as football.

Thus, instigated by Pasolini’s insight, Wisnik investigates the anthropological, historical, philosophical and psychoanalytic factors that enabled that “fatal goal.” Two main questions can be roughly identified: 1<sup>st</sup>. How can the intrinsic properties of the game explain the sport’s spectacular global spread, the “footballization of the world”?; 2<sup>nd</sup>. How was Brazilian football able to become the “empire of the ellipse,” hypostasizing the dribble and turning sports values on their head?

To answer the first question, Wisnik probes the roots of the immemorial allure of ball games. The combination of violence with festive ritualism supports its archaic, primary and irrational foundation, and therefore the power of football comes from its ambivalent core, capable of “harboring the fight” and sublimating it into rite. Rather than a sociological division between tradition and modernity, Wisnik resorts to an anthropological continuum between both terms to show how the sublimation of ritualistic clash, since its English origin and the codification of its rules in 1863, does not annul the agonistic potential of football. This sport has a non-exclusionary nature, in which the ancient, the agrarian and the rural are able to sneak into the modern, the urban and the industrial.

The invention of football enables an examination of the spatial, angular and geometric dimensions of the game, in which the circle and the semicircle, the line and the square acquire preeminence. The author exposes how the functional distribution of players, the “occupation of the quadrilateral” and the “optimization of performance” come about in modernity, based on the fundamental equation: field/ball, man/goal.

This enables the tactical schemes and the configuration of numerous combi-

natorial variables, such as the triangulation of players. The equitable symmetry of the configurations between the two halves of the field, as well as between the two teams contrasted by identifying colors, is the starting point that will result in asymmetry.

In language steeped in psychoanalysis, Wisnik states: "...there is a single basis: winning relates to the imaginary world (the full and fleeting sensation of completeness), losing relates to the real world (to the experience of an interruption that restores the feeling of need)". (2008: 51)

In this sense, to the mathematical principles and rationalizing planning is added the margin of structural unpredictability of the game. Its interpretative opening brings football closer to the gratuitousness of art and reveals its scenic aspects, with the gestures of the players, the fallibility of the referee, the participation of the fans, the inconstancy of the score producing an unequal combination of genres which simultaneously incorporate the parodic, the polyphonic, the dramatic, the comic, the burlesque, the grotesque, etc.

Regarding the practices and representations of supporters' violence, José Miguel Wisnik states that:

"One might say that in Brazil, violence between rival supporters is perhaps akin to an extreme sport of the poor, among the poor, terrifying the rich – poor people for whom inclusion among the supporters of a team and its emblems, waging pitched battles with other supporters, makes more sense than the symbolic tournaments of the game. A youthful mass for whom shared social symbols mean less than images of collective recognition that emerge to oppose the existence of the other, in a reverse relationship of reciprocity" (2008: 55)

To answer the second question raised above, Wisnik addresses Brazilian wisdom in the use of time, the reinvention of micro spaces and the unusual creation of football moves, elements that denounce a "dialectic of difference." The author lists a choice of stars who sketched with their dribbles new lines, imaginary and fluctuating, turning the "squared circle" into the "curved line," expressed through the erratic creativity of ellipses, hyperboles and parabolas. According to the author: "With feints and ellipses, the dribble arises from the suppression of links composing the linear nexuses in the sequence of a play."

If "readiness is body intelligence," and if the defense/attack ratio is the

“Archimedean point of the Brazilian soul,” Wisnik analyzes the exemplary plays of Brazilians as cultural assets of the 20<sup>th</sup> century: Marcos de Mendonça’s saves, Friedenreich’s volley, Da Guia’s defense dribbling, Leônidas’s bicycle kick, Didi’s “dry leaf” free kick, Rivelino’s flip flap, Socrates’s back-heel, in a succession of inventions that culminates in Robinho’s step over and the “ellipse anthology” of the two Ronaldos.

However, the most important players from the cultural point of view are the *Macunaíma*-like Garrincha, with his dizzying swirls, and the *Machadian* Pelé, a kind of sphinx of Brazil’s racial dilemmas. The association between football and literary characters aims to relate the internal debate of football to interpretations of Brazil. When he equates Garrincha with Mário de Andrade’s character and Pelé with the meanings of the life and work of the mulatto Machado de Assis, Wisnik tries to explain the paradoxes of Brazilian football based on the ambivalence of the Greek term *phármakon*, which designates the pendular oscillation between “poison” and “remedy.”

Wisnik’s interpretation of football – a leap over the ideas of his professor and preceptor Antônio Cândido in his essay “Dialectic of Roguery,” which points to the country’s zone of permeability between order and disorder – views Brazil as a “drug,” an irremediable remedy, and the heritage of slavery as its *phármakon*.

From the psychic substratum of slavery one can extract the recipe of its constitutive ambivalence: an “evil” never surpassed in the national experience and a valuable “good” in its existence, expressed in manifestations such as *capoeira*, samba and football, but also in the ambiguous and incomplete fabric of a country whose social barriers both assert and deprive, include and exclude, admit and reject.

## TO CONCLUDE

“Applying the procedures of art criticism to football was one of the paths this book followed to try to capture the singularities with which it was invested in Brazil.” This sentence, taken from José Miguel Wisnik’s book, can be extended to the purpose of the other authors quoted in this paper. The objective of carrying out a bibliographic review of Brazilian football, from Freyre to contemporary essayists, with the aim of introducing it to a foreign audience,

fostered the search for new clues and the identification of alternative ways of understanding it in 21<sup>st</sup> century.

Despite the scant attention given to the subject, great intellectuals have resorted to essay writing over time to reflect on the phenomenon of football. Due to the plastic and polymorphic character of the essay, short texts alternate with wide-ranging narratives, suggesting interpretative clues to decipher modern Brazil through football. In this sense, the strategy adopted here was to select a list of intellectuals who, linked to academia, did not follow the standard format prescribed by graduate programs.

Among such essayists Gilberto Freyre was one of the most outstanding interpreters, given the influence of his best known work, *Casa-Grande & senzala* (The Masters and the Slaves - 1933). The characteristics of Freyre's long essay in both form and content have made it a paradigm to be surpassed by modern social science as idealized and established in the second half of the 20<sup>th</sup> century, especially in the universities of São Paulo. The criticism of Freyre's ideas was also a denunciation of his work as an ideological viewpoint, elusive and ambivalent in its indeterminacy between science and art. The epistemological demands of science made the essay an unreliable genre to meet the demands of scientificity and universality of academia.

Such a proscription extended to the field of sports studies, with the attempt to consolidate the area through the adoption of the graduate thesis format and the underlying criticism of Freyre's hitherto adopted essayist narrative. However, as I have tried to show here, the social essay was never completely abandoned in academia, not even in its USP core.

From foreigners such as Anatol Rosenfeld and Vilém Flusser to local authors such as Pessoa de Moraes, Décio de Almeida Prado, Flávio Aguiar, Antônio Risério and Nuno Ramos, the social essay continued to contribute acute insights with genuine interpretations alluding to the Brazilian style of playing football and the stylistic reach of football practice.

From this list of authors, José Miguel Wisnik's book *Veneno remédio* was chosen as the most paradigmatic of the virtues of the essay genre, not only because it is a work of remarkable erudition and magnitude, more than four hundred pages long, but also because of the analytical quality of its original interpretations of the phenomenon of Brazilian football.

## REFERENCES

Aguiar, F. (2003). Notas sobre o futebol como situação dramática. Bosi, Alfredo (Ed.). *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo: Editora Ática.

Alfonsi, D.; Campos, F. de. (2014). *Futebol, objeto das ciências humanas*. São Paulo: Editora LeYa.

Anderson, B. (2008). *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras.

Candido, A. (1970). Dialética da malandragem: caracterização das 'Memórias de um sargento de milícias'. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo: USP, 8, 67-89.

Fausto, B. (2010). Futebol e cinema: um mundo masculino. *Memórias de um historiador de domingo*. São Paulo: Companhia das Letras, 46-62.

\_\_\_\_\_. (2009). O fio invisível do Diamante Eterno. *O crime do restaurante chinês: carnaval, futebol e justiça na São Paulo dos anos 1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 136-154.

Fiorin, J. L. (2009). A construção da identidade brasileira. *Revista Bakhtiniana*. São Paulo: 115-126.

Flusser, V. (1998). *Fenomenologia do brasileiro: em busca de um novo homem*. Rio de Janeiro: Editora UERJ.

Franco Jr., H. (2007). *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras.

Freyre, G. (2001). *Casa-grande & senzala: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil*. Rio de Janeiro: Record.

Helal, R. (2001). *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad.



- Leite Lopes, J. S. (2006). A morte da Alegria do Povo. Melo, V. A. de.; Alvito, M. (Eds). *Futebol por todo o mundo: diálogos com o cinema*. Rio de Janeiro: FGV Editora.
- Levine, R. M. (2001). *Pai dos pobres? O Brasil e a Era Vargas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Mills, J. (2005). *Charles Miller, o pai do futebol brasileiro*. São Paulo: Panda Books.
- Morais, P. de. (1968). O futebol e a psicologia brasileira. *Tradição e transformação do Brasil*. Guanabara: Editora Leitura.
- Pereira, L. A. de M. (2001) *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Prado, D. de A. (1997). *Seres, coisas, lugares: do teatro ao futebol*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Ramos, N. (2007). Os suplicantes: esporte, futebol. *Ensaio geral: projetos, roteiros, ensaios, memória*. São Paulo.
- Ribeiro, L. (2007). *Futebol e globalização*. Jundiaí: Fontoura.
- Risério, A. (2007). A escola brasileira de futebol". *A utopia brasileira e os movimentos negros*. São Paulo: Editora 34.
- Rosenfeld, A. (2007). *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Schwarz, R. (1973). As ideias fora do lugar. *Revista Lua Nova*. São Paulo, 150-161.
- Wisnik, J. M. (2008). *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.

## CAPÍTULO 4

# Football and the Ruhr Region since 1990: Between Regional Identities and Global Players

*Jano Sobottka*  
*Fernando Toledo*

In order to grasp the plurality of identities that make up the Ruhr region in Germany, it is firstly necessary to resort to a theoretical background that explains what regional identities are, how they are formed, as well as how they become manifest. This way, it is understood that the concept of identity implies an individual's self-definition based upon the perceptions articulated by the space in which he/she is situated, as well as their permanence on a time continuum (cf. Ricoeur 1991). The construction of identities is thus grounded on relations of concordance and discordance towards the (individual or collective) alterities and is shaped through the dialectic process of identifications with the external, empirical world.

Regional identities are characterized by a cluster of individuals sharing certain sociocultural aspects that come to light within the space, which is symbolically bordered as subjective extension and expression of one's identificatory relations. This way, the shaping

of a region follows subjective and collective-organic criteria that become manifest in terms of spatial, temporal and referential perceptions. As a means of explaining this collective framework, Benedict Anderson's concept of *imagined communities* (Anderson 2006) may be taken into account, given that the identificatory relations are processed at a subjective-collective level and often collectively legitimated at an administrative, bureaucratic and organizational level that expands over time as a simultaneous collective praxis. Although Anderson discussed the definitions and origins of *nations* and *nationalism*, his considerations may also be applied on a minor, individual level, since the groundwork of regional development also underlies a society's microlevel, the individuals:

The idea of a sociological organism moving calendrically through homogeneous, empty time is a precise analogue of the idea of the nation, which is also conceived as a solid community moving steadily down (or up) history. An American will never meet, or even know the names of more than a handful of his 240,000,000-odd fellow-Americans. He has no idea of what they are up to at any time. But he has complete confidence in their steady, anonymous, simultaneous activity. (Anderson 2006, p. 26)

The identification elements practiced socially over the time serve as substrate for the constitution and development of a regional identity and a collective that acts as an opposite entity towards an Other that carries inherently another system of subjectivities and meanings (cf. Egberts 2017, p. 19). It is thus important to highlight that the symbolic network that orbits the process of collective formation and identification leans on common aspects the inhabitants share: space, history and references (e.g. language, culture, rites etc.). However, these categories have been increasingly deconstructed with the advent and the unfolding of inter- and transcultural relations that the globalization processes have expedited. In light of this context of acceleration and intensification of social relations (cf. Giddens 1990), the projection of regional identities outwardly have emphasized the interaction with a macrosocial and even global dimension. The increase in flexibility and mobility of the individuals have contributed to the opening of these regions and the social and cultural miscegenation of their inhabitants, who currently possess a greater easiness in terms of their individual self-definition. In this respect, how is it possible to reflect on regional identities during a globalized context?

The concept of identity is not necessarily tied to a limited spatial dimension anymore (cf. Anderson 2006, p. 7), but has rather reached a global level, a type of “an existence alongside the material space” (cf. Proseck 2009, p. 13).

However, it is not possible to assert that the unfolding of a global culture (cf. Featherstone 1990) has led to the destruction of local and regional identities, but rather to their structural reshaping, given that the global culture relies inevitably on the local in order to redefine one’s life, such as the maxim “think global – act local” suggests. The locality exerts strong influence on the globalization processes because it is the basic category for its unfolding: the local of the individual and social life, whose collective configuration is articulated and projected onto a massive context of economic development and deterritorialization. The regional dimension implicates a discursive and cultural practice that attributes meanings to the collective life and lays the foundation for the emergence and development of a global framework: “*Regionalkultur* (...) besteht aus einem Geflecht von Sinnbezügen und alltäglichem Handeln. Sie ist ein Legitimations- und Handlungsrahmen nach innen. Nach außen ist sie die Gesamtheit des Eindrucks, den die Region mit ihrem alltäglichen Handeln hinterlässt.“ (Proseck 2009, p. 164)

Moreover, the tension between the interior and the exterior projection entails a self-defining activity that aims, at the same time, at the adaptation to an open context of globalization, while not succumbing to the tendencies of assimilation/erasure, such as a kind of “communitary Darwinism”. In other words: the regional identity attempts nowadays to hold on to previous cultural practices, but, at the same time, with a certain prospectivity that allows the individual life the integration into a context of global cultures. In this regard, it is possible to agree with Egberts that the development of a region and its underlying identity “should not (...) be seen as dichotomous, but rather as two poles of a continuum” (Egberts 2017, p. 21).

It is thus misleading to think of a binary relation, where one pole excludes the other, especially considering that there is a interdependence between the local and the global that functions as a dialectic interrelation that may be translated into the dimension of the social and individual life. While there is the effort to consolidate the insertion and adjustment to a global level, a certain resistance against homogenizing forces may also be detected, which tries to reinforce the local identities. Such an effort may be found in the ar-

chitecture, with the renovation of spaces that articulate local cultural and historical aspects (cf. Egberts 2017, p. 170). The economic investment in the renovation and the reuse of monuments and public facilities has the goal to emphasize and promote the regional identity, thus contributing to a symbolic praxis that allows the interaction between the individuals and the social space in a globalized era:

„Akzeptiert man, dass Bilder Resultate sozialer Interaktionsprozesse sind, dann muss man davon ausgehen, dass sowohl die Individuen als Produzenten Träger und Konsumenten von Bildern beteiligt sind wie auch Gruppen oder Gemeinschaften als solche. Bilder können also einen überindividuellen Anspruch, eine überindividuelle Existenz haben. (Prosek 2009, p. 20)

However, in order not to be condemned to a temporal stagnation, the construction of regional identities faces the need to reinvent itself by means of a collective branding strategy. With that in mind, the way it is perceived by its individuals and by those who are directly and indirectly related to it ought to be changed. As will be explained below, these strategies are not only present at a public administrative level, but also by means of influent actors during the consolidation and development of this collective image, particularly soccer teams, which shall be subsequently analyzed.

Finally, the nature of regional identities lies in the charged relationship between local self-definition and the homogenizing forces of the globalization processes. The need of adaptation to a global context entails the rethinking and the reinvention of the very own role of the region as articulator of subjectivities, so that it is possible to come to a compromise that allows the coexistence of local and global forces on different social, economic and cultural categories. This way, the conception of the locality cannot be regarded as a hermetically closed system anymore, since it is not possible to escape from the unleashing globalization processes. This discussion between regional and global identities shall now be further explored by the example of the Ruhr region, in Germany, as well as the strategies employed by two soccer teams to preserve, on the one hand, a locally and regionally anchored identity and, on the other hand, to promote its ascension to a global level as transcultural and globalized entities.

**THE RUHR REGION: FROM REGIONAL IDENTITIES TO GLOBAL PLAYER(S)**

Since the 1950s, the Ruhr region has stood out due to its socioeconomic relevance in a post-war context, particularly by means of the coal mining and the steel production, which strongly contributed to the formation of the region's collective identities until the present day. Since the 1980s, the region has been the focus of sociological researches that try to understand its underlying dynamics, as well as the impacts on its inhabitants' lives (cf. Blotevogel 1998; Egberts 2017; Schmitt 2007). The findings have emphasized the difficulty to conceptualize the Ruhr region, which cannot be reduced to mere territorial and functional aspects – on the contrary: the region is constituted by interconnected networks built by local and global social agents (cf. Egberts 2017, p. 11). Due to this reason, the focus of the present article is dedicated to a plural concept of identity, thus in opposition to a territorial reduction of the analyses and towards an inherently dynamic perspective: “Place should, therefore, not be approached as a static entity but as process” (Id.).

In spite of this plurality, the concept of identity may not be dissociated from a collective-social dimension, since it substantiates the regional identities by attributing them subjective/cultural meanings. In the case of the Ruhr region, the area does not have an administrative-bureaucratic center (Id., p. 139) and is often functionally delimited in terms of the economic and industrial importance of each city, which grants the region the status of a polycentric structure (cf. Blotevogel 1998). Although the Ruhr region has vastly contributed to Germany's economic development, its role has undergone several changes over the time. Particularly after the 1990s, with the decrease of the mining and industrial activities, the region has been trying to adapt its image to a globalized context by accommodating several economic branches: insurance (Dortmund), finances (Düsseldorf), media/marketing (Düsseldorf), energy and services (Essen/Bochum/Duisburg), logistics (Duisburg), retail (Essen) etc. (cf. Schmitt 2007, p. 69; Prosek et al. 2010), thus leading to the constitution of an economically plural and highly dense region (Schmitt 2007, p. 48).

In light of the region's economic plurality, the internal differentiation between the cities may be highlighted. Although the region is often perceived in a regional context as homogeneous, its constitution hosts economically functional differences that influence the process of self-definition of its in-

habitants. In this respect, the individuals do not fully identify themselves with the region itself, but rather with the city they live in: “Aus kommunaler Perspektive sind die Nachbarstädte das Andere, aus regionaler Perspektive sind sie Teil des Eigenen” (Eggers 2006, p. 159). The implications of this functional diversity result in the fact that the self-definition of a supraregional identity (i.e. *the Ruhrpott* identity) is necessarily limiting and asymmetric: “one might expect its inhabitants to share a strong identification, but in fact most of them give their loyalty to the city they live in, rather than to the region. (...) Rivalry between cities, not least on the soccer field but also in economic terms, lessens the sense of a shared identity.” (Egberts 2017, p. 139)

The Ruhr region is thus characterized by an internal differentiation that is discursively and functionally articulated by each city, which seeks to define itself based on a history marked by the industry and the mining, however in a way that they are embedded in a globalizing context. The presence of a multi-functional polycentrality has entailed to the present day the increasing development in the areas of infrastructure, communication, logistics and technology (cf. Prosek et al. 2010), so that the region may compete with other regions in Germany, Europe and the world. At the same time, it is possible to verify efforts to preserve the region’s singularity by means of the commercialization of the local industrial culture. After the mining crisis of 1958, which created a gap in the region’s economic production, the death of the mines – *Zechensterben*, as this period is known (cf. Schmitt 2007, p. 153; and Egberts 2017, p. 155) – made room for a culture of industrialization that may be perceived up to today. However, it is precisely this *Industriekultur* the element for identification with the past, to which the region tries to resort and which it tries to reinvent:

Industrial monuments would soon become the settings for regional crafts, design, music, exhibitions, theatrical performances and other forms of entertainment. One location in particular was chosen to experiment with this new focus: the former mine and factory complex known as the Zollverein in Essen. A project with national significance was envisioned, in which the preservation of monuments, landscape and architectural design, and the protection of nature go hand in hand in a park-like setting. (...) *Industriekultur* was chosen as the essential element, because it was this heritage that lent the region its unique character. This led to the creation of the regional master plan for tourism in 1997. (Schmitt 2007, p. 174)

With the rebranding of the Ruhrpott's culture (cf. Prosek 2009, p. 24), the tourism has contributed to the region's economic development, resulting in the obtention of the title of European Capital of Culture in 2010 (cf. Schmitt 2007, p. 177-8) under the premise to unite the idea of development (*Wandel*) with culture. This way, the Ruhr region is assigned an important cultural capital by the acknowledgement of its past and its reinterpretation in terms of a globalized present, "increasingly de-materialised into a creative aesthetically pleasing myth of the past" (Id., p. 188).

However, it is not only in the aesthetic and infrastructural range that the Ruhr region has changed. The symbolic networks that encompass the region have also been renewed by means of sociocultural practices, such as the sports. In this regard, the sport practice acts here as an individual-collective praxis to (re)define the collective identities that make up the Ruhr region. As a means and a dimension of social organization (cf. Dine and Crosson 2010, p. 7), the contribution of the sport entities wields considerable influence over the constitution of the regional identity and its integration into a global level. The soccer teams reflect the participation of the individuals in the development of a collective structure and form a symbolic network that allows an identificatory relation with the region. Of course, it is possible to support a team without being physically close, but the support of the fans strengthens the feeling of union and the expression of a regional identity, which takes the shape of a supra-individual entity whose origins are locally anchored and whose impacts reach a globally relevant dimension. In this regard, if the regional identity may be grasped as an imagined community (cf. Anderson 2006), the sport practice reveals the active manifestation of a collective identity, a kind of emotional investment that functions here as the affirmation of the very own regional identity and the self-exaltation, where "(...) common interest, shared culture and character are emphasized" (Inthorn 2006, p. 155). Bearing this in mind, the strategies of representation of the regional identities and their ascensions to the status of global players shall be further analyzed below, by the example of the two most successful soccer teams of the Ruhr region: Borussia Dortmund and Schalke 04.



## CASE STUDIES

When Werner Müller, the president of the RAG Coal Foundation, proposed in September 2017 the creation of a common professional soccer team, unifying Borussia Dortmund and Schalke 04 to play against the Polish national team (the most important country of provenance of the foreign workers) on the occasion of the cessation of the coal production in the Ruhr region, the fans of both teams protested in strongest terms. During a home match against Real Madrid, the supporters of BVB presented a decisive banner: “Underground or overground: Dortmund – Schalke. Never buddies. Call off the exhibition match, or else the tunnels are closed.” (Westfälischer Anzeige 2017)<sup>8</sup>

This case illustrates a threefold issue concerning both teams: firstly, there is a drawing function attributed to both teams that connect them in terms of the region from which they come and the underlying industrial context, otherwise the proposal would not have been made. Secondly, it depicts the rivalry between both sport antagonists, which led to the opposition against the aforementioned common team. Finally, it is possible to identify that the fans – in the sense of a collective practice – do make use of the linguistic markers of the region in their protests by using regional terms, such as “Kumpel” (fellow, friend, buddy), “Schacht” (tunnel, pit), “unter Tage” (underground). In spite of or due to the attribution of a common regional identity of the Ruhr region there is a relation of concurrence between Schalke 04 and Borussia Dortmund.

An analysis of both clubs shall be hereafter carried out, focussing on how the regional branding is performed, which differences might be found in their public images, as well as how the examples may be classified in flowing terms between regional identity and global commercialization.

### SCHALKE 04

Winner of the 1997 UEFA-Cup, Schalke 04’s self-image is strongly characterized by the relation to the blue collar and mining culture of the Ruhr region: “FC Schalke 04 originated as a club for friends and workers”<sup>9</sup> (FC Gelsenkirch-

---

8 “Ob unter oder über Tage: Dortmund – Schalke: Niemals Kumpels. Sagt das Freundschaftsspiel ab, sonst ist hier Schicht im Schacht.” (translation by the authors)

9 Original: „Der FC Schalke 04 ist als Kumpel- und Malocher-Club entstanden. (...) Die lokale und regionale Verwurzelung im Ruhrgebiet prägt unser Selbstverständnis“.

en-Schalke 04 e.V. 2015), as stated in the club’s outline. “The local and regional rootedness in the Ruhr region coins our self-image” (Id.).

This coining may be found in several aspects of the club’s public image. Right on its website’s home page (Access: 2019) it’s possible to directly see the relation to the coal mining (cf. Image 1). The shopping basket takes the shape of a mining wagon (left side of the image), the background depicts a coal massif, and one may click on the button with the regional saluting expression “Glück auf”<sup>10</sup> (below).

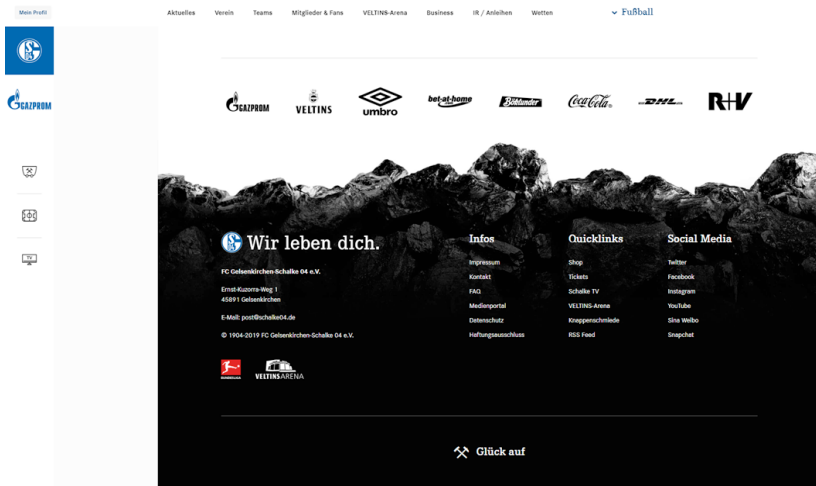


Image 1

The presentation of the experience inside the club’s stadium may also be mentioned as a symbol for the club’s regional identity. The player’s tunnel of the Veltins-Arena is modelled as a mining pit (“Cold stone, barely illuminated. It is narrow, there is barely space for two teams”<sup>11</sup>, Rheinische Post 2014). What is more: prior to the beginning of each home match, the stadium’s light is dimmed down and the traditional *Steiger-Lied* (“mining worker song”) is played: “Glück auf, Glück auf, der Steiger kommt”). The song was ritually sung by the mining

Note: “Malocher“ is a commonly used designation for “worker“ in the Ruhr region.

10 Ein regionaler Bergmannsgruß, der auf Glück wünschen soll, wieder aus dem Schacht ans Erdoberer zu gelange

11 “[K]alter Stein, sparsam beleuchtet. Es ist eng, kaum Platz für zwei Mannschaften.“

workers during their descent to the dangerous work in the pits. Although the song originally comes from the Erz Mountains, it is currently a central symbol for the workers' history of the Ruhr region (cf. WAZ 2018).

In the context of a big performance in the Veltins-Arena on the occasion of the closure of the mine Auguste Viktoria in the city of Marl, the last miner's lamp was handed over to the club's chairman, Clemens Tönnies: "Schalke and the mining – one cannot be thought without the other"<sup>12</sup> (Der Westen 2015).

The players are also involved in this public image. While there were still active mines, delegations of the senior squad were regularly sent down to the mines in order to "display the old attachment of Schalke to the mining [culture]"<sup>13</sup> (FC Gelsenkirchen-Schalke 04 e.V. 2017) and to esteem the profession. Another example of the local self-definition may be found in the name of the junior training center, "Knappenschmiede": "Knappe" is a synonym for "Bergmann" (*miner*), while the blacksmith (*Schmiede*) refers to the traditional economy.

The aforementioned symbolism can be understood as an example of the construction of symbolic networks, with references to the Ruhr region, to its (worker's) history and to common rites (the *Steiger-Lied*). However, these symbols are no longer related to the club's reality and its actors (players, staff, fans); they rather refer to a past, in which the players (in the 1920s and 1930s) and fans (up until the 1990s) were themselves active in the mining and steel industry.

Already in 1978, Rolf Lindner and Heinrich Breuer pointed out in their study "*Sind doch nicht alles Beckenbauers*" on soccer in the Ruhr region that such a self-image of Schalke 04 has had since its creation a real core as a club of the mines and workers with a direct connection to the coal mining (cf. Gehrman 1997, p. 84). Since the 1970s, a cultural performance of the club may be identified:

The unique collective designation of the players through a mining-related profession ("Knappen"), as well as the naming of the stadium (...) as "Glückauf-Kampfbahn" [Glückauf-Arena] emphasize the whole ambivalence that can be found in this acceptance and adoption of concepts and aspects of the work and life worlds of the mineworkers. (Lindner/Breuer 1978, p. 52)<sup>14</sup>

12 "Schalke und der Bergbau - das ist ohne das andere nicht vorstellbar."

13 "alte Verbundenheit der Schalker zum Bergbau wieder deutlich sichtbar"

14 "Die für den Fußballsport einmalige kollektive Benennung der Spieler durch eine Berufsbezeichnung aus dem Bergbau („Knappen“) sowie die Benennung des [...] Stadions als „Glückauf-Kampfbahn“ machen die ganze Ambivalenz deutlich, die in

Nevertheless, the authors pointed out that the self-ascription operated in 1978 as a regional worker club. According to Lindner and Breuer, Schalke 04 was already back then a brand – however, a brand that exclusively tied to its own past: “Schalke 04 – nowadays it is a branded article. The logotype “Schalke 04” seems surrounded by Campari, Jägermeister, Samson, Hitachi, Adidas etc. in both an anachronistic and ‘up-to-date’ manner at the same time.” (Id.: 54)<sup>15</sup>

While Borussia Dortmund already in 1978 had Samson as a shirt sponsor, Schalke 04 entered the field with blank jerseys. Only in 1979 could a company, the textile producer Trigema, first advertise on their “royal-blue”<sup>16</sup> sport dress.

In the midst of the commercialization of professional soccer, the 2019 marketing situation of Schalke stands out as a contrast: once again referring to the club’s website, eight main sponsors are placed above the coal massif. Such an emphasized position is also occupied by the Russian energy company Gazprom: “Since January 2007, the international company [Gazprom] has been a main sponsor and jersey partner of the Königsblauen [Royal Blues]”<sup>17</sup> (FC Gelsenkirchen-Schalke 04, 2016). The alliance with Gazprom – a company that also acts as one of the main sponsors of the UEFA Champions League (UEFA 2018) – marks the aspiration of the club to be perceived and to be able to act as a global player.

The ambivalence between imagined regional community and global behaviour may also be illustrated by means of the marketing trips of Schalke 04. During the summer preparations in 2016, 2017 and 2018 (the 2019 trip was called off due to organizational reasons), the club travelled to China. In 2018, a partnership was agreed with the club Hebei China Fortune FC (FC Gelsenkirchen-Schalke 04 2018) under the motto: “The miners’ spirit. The soccer’s soul. Along these lines that shall address more than two million Chinese S04-fans, (...) the vice champion Schalke 04 will travel this summer for the third time to China”<sup>18</sup> (Reviertport 2018)

---

dieser Vereinnahmung und Übernahme von Begriffen und Aspekten aus der Arbeits- und Lebenswelt der Bergarbeiter steckt.

15 “Schalke 04 – das ist heute ein Markenartikel. Der Schriftzug „Schalke 04“ wirkt umgeben von Campari, Jägermeister, Samson, Hitachi, adidas usw. anachronistisch und „zeitgerecht“ zugleich.“

16 The denomination “royal-blue“ (königsblau) is a specific term from the vocabulary of Schalke’s fans, alluding to the pride to be able to wear the club’s colors.

17 “Bereits seit Januar 2007 ist das Weltunternehmen Hauptsponsor und damit Trikotpartner der Königsblauen.”

18 “Der Geist der Bergleute. Die Seele des Fußballs. Unter diesem Motto, das [...] die

The motto integrates the local self-ascription into the global actions, bridging local branding with global commercialization, which directly impacts the reference to the worker world of the Ruhr region inasmuch as it has become a pure element of a marketing campaign. Consequently, the targeted Chinese fans have absolutely no relation to the region's historical coal mining industry. Criticism could be found: the weeks-long marketing trip to China during the summer preparations stay in the way of the club's training priorities that should be focussed on sporting success (cf. *Süddeutsche Zeitung* 2017).

Furthermore, it has been criticized that the social engagement financed by marketing trips (among others) should also have been directed to the club's local level. Since 2013 Schalke 04 has run a Corporate Social Responsibility (CSR) Department under the name "Schalke hilft!" (Schalke helps!). The department head, Sebastian Buntkirchen, points out the specific funding needs deriving from the economic structural changes in the region:

Concerning the particular situation of the Gelsenkirchen area, which has been constantly facing the big structural challenge to provide its people a sustainable perspective, such a self-understanding is the starting position of our work and lays the groundwork for the philanthropic approach, such as the one of FC Schalke 04. (Buntkirchen 2019, p. 125)<sup>19</sup>

Buntkirchen refers here to the following passage of the club's mission statement: "During all the pursuit of sports and economic success, the club shall always have in mind its roots and its meaning for the people in the region" (FC Gelsenkirchen-Schalke 04 e.V. 2015)<sup>20</sup>. Despite an increasing integration of the club into the international market and thus a defamiliarization of the target group of regional fans, the club attempts in this way to live up to its self-ascription as a workers' club in order not to lose their support.

Consequently, Schalke 04's relation between local identity and global acting proves to be quite ambivalent. To sum up, the self-presentation of the local

---

über zwei Millionen chinesischen S04-Fans ansprechen soll, reist Vizemeister Schalke 04 in diesem Sommer zum dritten Mal nach China."

19 "Rund um die spezielle Situation des Standorts Gelsenkirchen, der fortwährend vor der großen strukturellen Herausforderung steht, seinen Menschen eine zukunfts-fähige Perspektive zu geben, ist das folgende Selbstverständnis die Ausgangslage unserer Arbeit und liefert die Begründung für den philanthropischen Ansatz derselbigen am Beispiel des FC Schalke 04."

20 "Bei all seinem Streben nach sportlichem und wirtschaftlichen Erfolg hat der Verein die Wurzeln und seine Bedeutung für die Menschen in der Region stets vor Augen."

identity depicts a consciously chosen symbolic system when it comes to their direct relation to the mining culture, which has played an increasingly strong contribution to position the brand Schalke 04 on a global scale. At the same time, there is a real branding core that functions as a corporate sports team, as well as a positive feedback effect for the economy in the Ruhr region and within the sphere of action of the club's CSR department.

## **BORUSSIA DORTMUND**

Similarly as Schalke 04, Borussia Dortmund also has its origins in the workers' milieu. The club originated in the context and with the contribution of the steel workers from the company Hoesch, in the north of Dortmund: "Schalke 04 and Borussia Dortmund were in their formative years 'workers' club' in the sociological sense of the word", points out Siegfried Gehrman (1997, p. 87).

Although, as previously mentioned, the chance of a common team between Dortmund and Schalke on the occasion of the last closure of the coal mines was immediately rejected, the BVB, similarly as the aforementioned Schalke, carried out a campaign dedicating a special jersey to the coal mine Prosper-Haniel, in the city of Bottrop. Borussia's executive director Hans-Joachim Watzke emphasized in an interview the relation between the club and the traditional workers' world of the Ruhr region: "Every major traditional club in the Ruhr region was born upon coal and steel. Coal, steel, soccer and beer have always belonged together and they all coin our togetherness and our culture." (Ruhr 24 2018)<sup>21</sup> Remarkable here is the narrowing of BVB with other clubs from the region. Consistent with this argument is the fact that in the late 1990s, 80% of the BVB fans came from the region for the home matches, whereas Schalke had 90% of attendance of its fans coming originally from the region. The numbers suggest that both Schalke and Dortmund represent the region and constitute the polycentric structure of the Ruhr region (cf. Blotevogel 1998). However, as we shall point out, Borussia Dortmund has managed – to a much stronger extent than Schalke 04 – to bring itself since the last 20-25 years to the status of a global player.

When comparing the websites, it is possible to verify that Borussia Dort-

---

21 "„Jeder große Traditionsverein im Ruhrgebiet ist auf Kohle und Stahl geboren. Kohle, Stahl, Fußball und Bier gehören seit jeher zusammen und prägen unser Miteinander und unsere Kultur.“

mund has used none symbols regarding the coal mining whatsoever. The same applies for the steel industry. The only reference to the workers' culture of the Ruhr region is a cap with the label "Pöhler", a regional expression for street soccer (English: "sandlot soccer/football", Brazilian Portuguese: "bater uma pelada"). The former BVB trainer Jürgen Klopp, who made the cap famous, is quoted by Biermann as follows: "*Pöhlen* fits us, and I want us to keep this feeling that we have when we play. It doesn't matter how good you are, but rather that you use everything that you have." (Biermann 2014, p. 191)<sup>22</sup> Furthermore, Klopp associates the term *Pöhlen* with *Malochen* (regional expression for "work"): "*Malochen* means for me working with all you have. Nobody can achieve top performance out of the ordinary every-day mood" (Id., p. 190)<sup>23</sup>. Although these concepts are strongly used in the Ruhr region and are part of the BVB's self-image, they did not establish – such as Schalke 04 did – a continuous symbolic system. Furthermore, the BVB fans do not sing miners' or any similar regional worker's songs before their matches, but rather *You'll Never Walk Alone*, in the version of the German group *Pur Harmony*. In terms of a collective practice, the fans do express their attachment to the players, but they do not refer to the Ruhr region. The song, originally associated with Liverpool was offered by the group in the 1990s to several clubs, until it finally became a sort of anthem of the BVB (cf. Ruhrnachrichten 2016).

The reasons for the weaker relation to the region could be explained by two reasons. Firstly, the brand BVB, specially due to its sports success since the last half of the 1990s, is heavily concentrated on itself. In particular the successful period with the trainer Jürgen Klopp helped improve the international standing of the club:

In three fortunate years, between 2011 and 2013, he [Klopp] even managed to create a football that spoke to almost every football fan in the world, even in Pyongyang and Key West. (By the way, even in Gelsenkirchen, where a sponsor of Klopp enquired his sympathy value, it resulted in the fact that even in Schalke's hometown the numbers were predominantly positive). (Biermann 2014, p. 191)<sup>24</sup>

22 "Pöhlen passt zu uns, und ich möchte uns das Gefühl bewahren, das man beim Pöhlen hat. Es geht nicht darum, wie gut du bist, sondern dass du das ausreizt, was du hast."

23 "Malochen ist für mich arbeiten mit allem, was man hat. Aus einer Alltagslaune heraus kann niemand Höchstleistungen bringen."

24 "Er [Klopp] hatte in den drei glücklichen Jahren zwischen 2011 und 2013 sogar einen Fußball erschaffen, der zu fast jedem Fußballfan auf der Welt sprach, auch in

This observation also attests the brand ranking researches conducted in 2017 by University of Braunschweig through quantitative surveys on the German first and second division clubs. Borussia Dortmund occupies the top position as the most attractive brand, whereas Schalke 04 ranks the 17<sup>th</sup> place (cf. Woisetschläger et al. 2017, p. 8). The (re-)strengthening of the brand Borussia Dortmund may also be identified in the course of the club's shares. After the club was yearslong valued with weaker share values up to 0,84€, they value nowadays between 8-9€ (c. Aktie-BNB 2019).

The second reason for the weaker relation to the Ruhr region lies in the club's marketing strategy. Biermann explains that the BVB has positioned itself against a regional model, thus contrasting from Schalke 04 and other clubs of the region, but it highlights their brand essence, "das innere Feuer" (the inner fire) (Biermann 2014, p. 216), which is above the slogan "Echte Liebe" (true love). The path to this slogan was taken through scientifically analysed qualitative interviews conducted by an advertising agency with BVB staff: "Right at the outset there was the character question: 'how does the BVB feel?'" (Biermann 2014, p. 216)<sup>25</sup>. The slogan is followed by an additional text: „The BVB is a true football club with a 100-year-old tradition. Founded and rooted in Dortmund, coined by the Westphalian identity and the culture of the region. Proudly the BVB acknowledges its origins and history and is always genuine, consistent and faithful to itself and its character." (Biermann 2014, p. 217-218)<sup>26</sup>

Therefore, differently from Schalke 04, the self-image of the club does not primarily refer to the Ruhr region (cf. Lindner/Breuer 1978, p. 47), but rather to the bigger unity of the region of Westphalia. Due to this fact, the regional identification has always been associated with a topographical area that did not only included the Ruhr region, but also the cities of other regions, such as Münsterland and East-Westphalia. In an interview with the former BVB marketing director, Markus Rejek, who was awarded with the Marken-Award in 2012 for his concept in the sports category (cf. Borussia Dortmund 2012),

---

Pjüngjang und Key West. (Übrigens selbst in Gelsenkirchen, wo ein Sponsor von Klopp dessen Sympathiewerte abfragen ließ und zu dem Ergebnis kam, dass sie selbst in der Schalker Heimat überwiegend positiv waren). (Biermann 2014, p. 191)"

25 "Gleich am Anfang stand die Charakterfrage: „Wie fühlt sich der BVB an?"

26 "Der BVB ist ein echter Fußballverein mit 100-jähriger Tradition. Gegründet und verwurzelt in Dortmund, geprägt von der westfälischen Identität und der Kultur der Region. Stolz bekennt sich der BVB zu seiner Herkunft und Geschichte und bleibt sich und seinem Wesen treu, aufrichtig und beständig."



points out the difference between Westphalia and the Ruhr region: “We always say that the BVB is a typical club from the Ruhr region. But we refused to accept [this statement] because Dortmund is not a typical city from the Ruhr region.” (Biermann 2014, p. 220)<sup>27</sup> In fact, Dortmund could cope with its dependence of the coal and steel industry during the structural change much better than Gelsenkirchen and other Ruhr cities. In 2006, Klaus Dörre and Bernd Röttger already addressed this issue: “Meanwhile, the Ruhr region is no longer a homogeneous economic-structural unity. (...) In Dortmund, this change may be perceived in a particularly drastic manner. The old Dortmund has been successively suppressed to the benefit of a ‘new’ and ‘quick Dortmund’ that is built upon branches of an Informational Economy.” (Dörre, Röttger 2006, p. 38)<sup>28</sup>

In this regard, Jörg Bogumil et al. put forward the thesis that there is a social equator marked by the Autobahn 40 (A40). According to this, the regions in the north of this equator have more problems caused by the structural changes, such as unemployment, demographic decline and poverty. Dortmund is divided by the A40; on the other hand, Gelsenkirchen, which has been fighting against a strong decline of its population, is fully above the line of the highway (cf. Bogumil et al. 2012, p. 26).

In terms of the observation that the city of Dortmund nowadays sets apart from other cities in the Ruhr region through a stronger supraregional alignment and, among others, could be considered an internationally connected scientific pole, the self-image of the BVB could also be taken into consideration: it is characterized by a lower tension between local identity and global action than Schalke 04, which is explained by the club’s longer presence in the global market.

In another contrast with Schalke 04, BVB displays a more international alignment in its CSR department. Borussia Dortmund also has in its foundation „leuchte auf“ a locally-oriented CSR branch. Furthermore, social actions also belong to the club’s portfolio, such as the donation of millions of euros

---

27 “Man sagt immer, der BVB sei ein typischer Ruhrgebietsverein. Aber dagegen wehren wir uns, weil Dortmund keine typische Ruhrgebietsstadt ist.”

28 “Inzwischen ist das Ruhrgebiet längst keine homogene wirtschafts-strukturelle Einheit mehr. [...] In Dortmund macht sich dieser Wandel besonders drastisch bemerkbar. Das alte Dortmund wird sukzessive vom Leitbild eines „neuen“ und „schnellen Dortmund“ verdrängt, welches auf Branchen einer Informationale Economy aufbaut.”

for the Holocaust Memorial Yad Vashem in Israel in April 2019 (cf. Borussia Dortmund 2019).

All these were example of how the self-performance of BVB is associated with its roots in the workers' and regional culture, even though the employed symbolic system is, in contrast with Schalke 04, clearly less pronounced, which can be resorted to the fact that the brand BVB has been characterized since the 1990s by an international identity of the club.

## FINAL CONCLUSIONS

The presente contribution had the goal to delineate some brief theoretical considerations about the matter of regional identities in a context of rapid globalization and international embedding. By resorting to sociological publications about the Ruhr region in Germany, it was possible to identify some particular aspects of the area, such as the strong identification on a city level, the polycentrality of the region, as well as the socioeconomic and cultural impacts on the region since the reconstruction of the country after the Second World War. Anderson's concept of imagined communities emphasized the underlying internal and external ambivalences of the Ruhr region, which may be perceived in its representation practices and in the constitution of its regional identities. This ambivalence of the region's definition wields great impacts upon the social organization, which in turn has played an essential role for the German economic context on both federal and international levels.

## REFERENCES

- Anderson, B. 2006, *Imagined Communities*, Verso Books, New York.
- Biermann, C 2013, *Wenn wir von Fußball träumen. Eine Heimreise*, Kiepenheuer & Witsch, Köln.
- Blotevogel, H.H. 1998, Europäische Metropolregion Rhein-Ruhr - Theoretische. Empirische und politische Perspektiven eines neuen raumordnungspolitischen Konzepts; *Institut für Landes- und Stadtentwicklungsforschung (ILS) des Landes Nordrhein-Westfalen*, n. 135; Dortmund: ILS.

Bogumil, J., Heinze, R., Lehner, F., Strohmeyer, K. 2012, *Viel erreicht – wenig gewonnen. Ein realistischer Blick auf das Ruhrgebiet*, Klartext, Essen.

Dine, P. and Crosson, S. 2010, Introduction – Exploring European Sporting Identities: History, Theory, Methodology. In: Id. (ed.). *Sport, Representation and Evolving Identities in Europe*, Peter Lang, Bern.

Dörre, K, Röttger, B. 2006, *Im Schatten der Globalisierung. Strukturpolitik, Netzwerke und Gewerkschaften in altindustriellen Regionen*, Verlag für Sozialwissenschaften, Wiesbaden.

Egberts, L. 2017, *Chosen Legacies: Heritage in Regional Identity*, Routledge, London.

Eggers, E. 2006, All around the globus. A foretaste of the German football imagination c. 2006. In A. Tomlinson, & Chr. Young (Eds.), *German football. History, culture, society*, Routledge, London and New York, 225-236.

Featherstone, M. 1990, Global culture: An introduction. *Theory, Culture & Society*, 7(2-3), 1-14.

Gehrmann, S. 1997, Football Clubs as Media of Identity in an Industrial Region. “Schalke” and “Borussia” and the Ruhr Area. In: S. Gehrmann (Ed.), *Football and Regional Identity in Europe*, Lit, Münster, 81-92.

Giddens, A. 2003, *Runaway world: How globalization is reshaping our lives*, Taylor & Francis, London.

Inthorn, S. 2006, A game of nations? Football and national identities. In A. Tomlinson, & Chr. Young (Eds.), *German football. History, culture, society*. Routledge, London/New York, 155-167.

Prosek, A. 2009, *Bild-Raum Ruhrgebiet: zur symbolischen Produktion der Region*, Rohn, Lemgo.

Prosek, A., Schneider, H., Wessel, H. A., Wetterau, B., & Wiktorin, D. 2010, *Atlas der Metropole Ruhr. Vielfalt und Wandel des Ruhrgebiets im Kartenbild*, Emons, Cologne.

Ricoeur, P. 1991, Narrative Identity, *Philosophy Today* 35(1), 73-81.

Schmitt, P. 2007, *Raumpolitische Diskurse um Metropolregionen: Eine Spurensuche im Verdichtungsraum Rhein-Ruhr*, Rohn, Lemgo.

Woisetschläger, D., Backhaus, C., Hageböling, M., Jaensch, V. 2017, *Fußballstudie 2017. Die Markenlandschaft der Fußball-Bundesliga*, Technische Universität Braunschweig, Braunschweig.

Aktie-BVB (2019). Available from: <https://aktie.bvb.de/BVB-Aktie/Aktienkurs> (accessed 25 June 2019)

Borussia Dortmund (2012). Available from: <https://www.bvb.de/News/Hintergrund/Bestgefuehrte-Sportmarke-Deutschlands-Borussia-Dortmund-geinnt-den-Marken-Award-2012> (accessed 26 June 2019)

Borussia Dortmund (2019). Available from: <https://www.bvb.de/News/Übersicht/Borussia-Dortmund-unterstuetzt-Gedenkstaette-Yad-Vashem> (accessed 26 June 2019)

Der Westen (2015). Available from: <https://www.derwesten.de/sport/fussball/s04/grosse-emotionen-auf-schalke-kumpel-mit-steigerlied-geehrt-id11393993.html> (accessed 25 June 2019)

FC Gelsenkirchen-Schalke 04 e.V. (2015). Available from: <https://schalke04.de/verein/schalke-04-e-v/leitbild/> (accessed 25 June 2019)

FC Gelsenkirchen-Schalke 04 e.V. (2016). Available from: <https://schalke04.de/partner/s04-und-gazprom-verlaengern-partnerschaft-bis-2022/> (accessed 24 June 2019)

FC Gelsenkirchen-Schalke 04 e.V. (2017). Available from: <https://schalke04.de/inside/kumpel-und-malocherclub-unter-tage/> (accessed 24 June 2019)

FC Gelsenkirchen-Schalke 04 e.V. (2018). Available from: <https://schalke04.de/inside/s04-reist-im-juli-zum-dritten-mal-nach-china/> (accessed 24 June 2019)

Reviertag (2018). Available from: <https://www.reviertag.de/373182---schalke-china-sind-testspiel-gegner.html> (accessed 25 June 2019)

Rheinische Post (2014). Available from: [https://rp-online.de/sport/fussball/fc-schalke-04/fc-schalke-04-neuer-spielertunnel-beeindruckt-auch-bayern-muenchen\\_aid-20228851](https://rp-online.de/sport/fussball/fc-schalke-04/fc-schalke-04-neuer-spielertunnel-beeindruckt-auch-bayern-muenchen_aid-20228851) (accessed 25 June 2019)

Rheinische Presse (2019). Available from: [https://rp-online.de/sport/fussball/borussia-dortmund/uefa-bericht-borussia-dortmund-ist-der-zuschauermagnet-in-europa\\_aid-35729429](https://rp-online.de/sport/fussball/borussia-dortmund/uefa-bericht-borussia-dortmund-ist-der-zuschauermagnet-in-europa_aid-35729429) (accessed 23 June 2019)

Ruhrnachrichten (2016). Available from: <https://www.ruhrnachrichten.de/bvb/jubilaeum-20-jahre-youll-never-walk-alone-81591.html> (accessed 24 June 2019)

Süddeutsche Zeitung (2017). Available from: <https://www.sueddeutsche.de/news/sport/fussball-lohnende-strapaze-bayern-bvb-und-schalke-in-asien-dpa-urn-newsml-dpa-com-20090101-170713-99-227005> (accessed 25 June 2019)

UEFA (2018). Available from: <https://de.uefa.com/insideuefa/about-uefa/administration/marketing/news/newsid=2537629.html> (accessed 23 June 2019)

WAZ (2018). Available from: <https://www.waz.de/staedte/bochum/der-bergbau-feiert-und-noch-einmal-das-steigerlied-id214736223.html> (accessed 23 June 2019)

Westfälischer Anzeiger (2017). Available from: <https://www.wa.de/sport/borussia-dortmund/bvb-ultras-gegen-kohlespiel-fc-schalke-04-8723243.html> (accessed 24 June 2019)

## CAPÍTULO 5

# Esporte Contemporâneo e os Novos Desafios à Pedagogia do Esporte

*Thiago José Leonardi*

*Artur Goulart Berger*

*Riller Silva Reverdito*

O termo “disport” foi registrado pela primeira vez no século XV, na Grã-Bretanha (Melo & Fortes, 2010). Hoje, após mais de 500 anos, o termo esporte carrega significados que coletou através do tempo ao se relacionar com diferentes culturas pelo mundo. Estudiosos do esporte, o chamam de “fenômeno”, pois representa tudo “aquilo que está sujeito à ação dos nossos sentidos ou nos impressiona de um modo qualquer física ou moralmente [...] tudo o que é extraordinário, raro, novo ou surpreendente” (Aurélio, 2010). No entanto, os sociólogos Elias e Dunning (1992) nos alertam que estudar o esporte sem simultaneamente estudar a sociedade, acaba por ser uma “análise desprovida de contexto” (p.48). Com isso, propomos aqui apresentar a relação das Ciências do Esporte, mais precisamente de uma de suas disciplinas, a Pedagogia do Esporte, junto a uma breve história da evolução do esporte na sociedade.

O esporte enquanto fenômeno social é um acontecimento recente na história da huma-

nidade, mas as relações entre as pessoas, sobretudo em atividades e jogos, são elementos antigos. A título de exemplo, podemos citar o kemari, prática semelhante ao futebol atual, praticado no Japão no século X a.C. e o pok-ta-pok, jogo curiosamente parecido com o basquetebol, presente nas sociedades pré-colombianas (Bayer, 1994). Essas, dentre muitas outras vivências corporais, caracterizavam-se por serem práticas de determinadas culturas e que, ao longo dos anos, sofreram alterações ou deram origem a outros tipos de jogos que, culturalmente difundidos, culminaram ou não, nas modalidades esportivas que conhecemos hoje. Interessante refletir a esse respeito, que nem o futebol e nem o basquetebol contemporâneo, aparentemente, tiveram sua origem vinculada aos jogos antigos citados acima, mas é inegável algumas semelhanças dentre essas práticas, o que nos faz refletir acerca das práticas corporais enquanto elemento cultural difundidas de geração a geração.

Segundo Korsakas e De Rose Junior (2002), na Idade Antiga já se pensava no esporte [jogos] como elemento importante na educação do homem. “Nessa época, os gregos atribuíam um grande valor às atividades físicas e esportivas na formação física e moral de seus cidadãos” (p.84). Um importante marco foram os Jogos Olímpicos da antiguidade, evento caracterizado pela ligação com o sagrado, pelo vínculo com fundamentos religiosos e relacionado diretamente com interesses políticos. Segundo Cagigal (1996), durante as competições até guerras eram interrompidas.

Galatti (2010), para discutir a evolução do esporte, propõe uma divisão temporal em três fases: o período antigo, período moderno e período contemporâneo. Durante o Período Antigo, definido pela autora como ocorrido entre os séculos XVII e XVIII, encontra-se a Inglaterra como a primeira protagonista. Neste período o esporte era manifestado através de jogos populares, uma prática que era realizada de maneira informal (Bourdieu, 2000), com traços de manifestações espontâneas (Galatti, 2010) e sem um conjunto de regras definidas (Dunning & Elias, 1992). A regulamentação destes jogos populares originou as novas modalidades esportivas junto às classes mais altas na Inglaterra. A transição dos jogos populares para os esportes passou a estar vinculada com as classes mais altas da sociedade inglesa, servindo como uma marca de diferenciação social (Dunning & Elias, 1992).

O Período Moderno se inicia no final do século XVIII e se estende até o século XX. É nesse momento que a estrutura atual começa a ganhar forma (Ga-

latti, 2010). Um marco deste período são os Jogos Olímpicos da Era Moderna. A primeira edição aconteceu no ano de 1896, em Atenas, na Grécia. Estes jogos tiveram boa repercussão, principalmente entre os espectadores gregos, fazendo do evento um momento de destaque no processo de ‘internacionalização das regras, sendo mais um passo em direção à mundialização do esporte’ (Galatti, 2010, p. 46).

Nos primeiros anos deste período começava a revolução industrial. Esse movimento da sociedade modificou a vida dos trabalhadores e facilitou a difusão da prática esportiva para outros locais. A instalação de fábricas e produção de bens de consumo em massa, na segunda metade do século XVIII, teve início na Inglaterra e expandiu-se pouco depois para outros países da Europa e América. O processo crescente de industrialização impulsionou o desenvolvimento das cidades, influenciando diretamente a evolução do esporte (Galatti, 2010). Ao estimular o crescimento das cidades, a industrialização gerou um movimento da população do campo em direção aos centros habitacionais. Junto das pessoas os jogos populares do campo foram levados para o ambiente urbano. Entre o final do século XVIII e durante do século XIX, “o esporte se fortaleceu junto à aristocracia, que ia estabelecendo critérios, normas e formas de praticar esporte, reiterando esta prática como um diferenciador social [...] [momento que promove o surgimento de] uma nova classe detentora de dinheiro e poder: a burguesia” (Galatti, 2010, p. 39). Expandindo-se no tecido social, o esporte passa a ser apreciado cada vez por mais praticantes e, sobretudo, espectadores. Segundo Betti (1991), as escolas públicas inglesas facilitaram o processo de proliferação do esporte para outras camadas sociais, enfatizando a influência socializante dos jogos na promoção da lealdade, cooperação e iniciativa, entre outros valores, sugerindo uma atenção social na atuação do profissional que estivesse à frente do processo de iniciação ou treinamento. Ao final do século XIX e início do século XX, pode se dizer que o esporte estava definitivamente estabelecido. É neste período que as principais manifestações do esporte como o conhecemos hoje e o interesse na ciência começam a ocorrer.

Nesta fase o esporte transita dos ambientes informais, na forma de jogos populares, para alcançar pela primeira vez um local de educação formal, a escola, sob status de ‘sport’ (Galatti, 2010). A presença do esporte nas escolas foi motivada pela observação dos valores envolvidos na prática esportiva coletiva (Díaz, 2008). Com o esporte presente no ambiente escolar, surge a figura do



professor, alguém responsável pelo planejamento e organização das atividades. Bourdieu (2000) relata que foi intencional o estabelecimento de regras, visando diminuir os confrontos físicos, equiparar as condições de disputa e possibilitar a competição justa, para reforçar modos de comportamento e valores adequados aos jovens membros de uma elite burguesa emergente. Observamos nas palavras do autor francês a palavra “intencional”. A intencionalidade é atualmente um dos elementos centrais da Pedagogia do Esporte, na medida que se objetiva desenvolver algo pela prática, surge a necessidade de refletir os meios e métodos que possibilitem e potencializem o ensino. Galatti (2010) relata que o esporte se fortaleceu e se expandiu no momento que a sistematização da atividade esportiva se tornou necessária, iniciando um processo de padronização do ensino da prática.

Foi nas escolas que os jogos populares se transformaram em esportes. Porém, para Touraine (1999), durante a revolução industrial a preocupação das escolas não estava direcionada para a educação do aluno, mas sim para prepará-lo para o mercado de trabalho. Segundo Barroso & Darido (2009, p. 24), a “educação não era dirigida ao indivíduo, mas sim à sociedade, preservando os interesses da classe dominante, pois, dessa forma, os cidadãos estariam preparados para atuar em uma sociedade industrial, que se apresentava em grande desenvolvimento”.

Foi no contexto da industrialização que se deu a padronização dos jogos e suas regras a partir da institucionalização e a criação dos primeiros centros para prática esportiva. Buscando uma produção melhor, reestruturou-se o ambiente de trabalho, e a saúde do trabalhador passou a ser mais valorizada, pois se relacionava diretamente com a qualidade do serviço prestado (Almeida, 2005). As empresas começaram a destinar períodos para que os operários realizassem atividades físicas. Segundo Costa (1990), no Brasil o primeiro registro de atividades esportivas em empresas acontece em 1901, em uma fábrica de tecidos no Rio de Janeiro, em que seus funcionários, utilizando espaços internos, jogavam futebol. Nesse contexto, surgiu no país a necessidade de alguém com a responsabilidade na condução da prática esportiva, ocupando a função de “treinador”.

No início da transição do esporte moderno para o contemporâneo, tentava-se buscar equilíbrio entre a “educação” e o “rendimento”. Ao longo do século XX, viu-se necessário desenvolver uma compreensão mais ampla sobre o es-

porte como fenômeno sociocultural e que rompesse com a perspectiva única do rendimento. Foram identificados problemas geradores de importantes críticas que culminaram em uma revisão conceitual (Korsakas & Junior, 2002). Desde a década de 1960 foram várias as manifestações de intelectuais objetivando ampliar os conceitos das práticas corporais na sociedade, valorizando cada vez mais o potencial educativo do esporte. Segundo Guttman (2004), a partir da década de 1960 a preocupação da ciência com o esporte dá uma nova distinção social ao fenômeno. Um documento que ilustra essa valorização é a Carta Internacional da Educação Física e do Desporto da UNESCO (1978), que apresenta em suas páginas um grande reconhecimento da capacidade formativa e de promoção dos valores humanos através da educação física e do esporte. Segundo a Carta, a educação física e o esporte são um direito fundamental de todos, e deve ser utilizado na busca pelo desenvolvimento integral de seus praticantes.

Os estudos e reflexões realizados neste período e até os dias de hoje, modificaram conceitos e transformaram a relação do esporte com a sociedade. Ferreira (2009, p. 40), sustentado por uma compreensão contemporânea da Pedagogia do Esporte, relata que o educador tem função de “investigar possibilidades funcionais, intencionais e limitações da educação pelo movimento, considerando diferentes cenários, personagens e sentidos”.

O fenômeno complexo denominado esporte passou a aparecer em diferentes esferas da vida. Para Galatti, Paes, Collet, & Seoane (2018), no período contemporâneo, o esporte existe como um “fenômeno de múltiplas manifestações, alocadas em sete grupos: profissão, representação, saúde, estética, lazer, socialização e educação” (p.124). O esporte cresceu muito neste período na forma de espetáculo, atraindo olhares interessados pelo mundo todo, motivados pela consolidação de modalidades esportivas, organização de regras, surgimento de clubes e competições, e divulgação constante nas mídias. Representava, portanto, uma combinação de negócio, entretenimento, educação, treinamento moral, rituais, espaço para desenvolvimento de tecnologias e declaração de identidade (Coakley, 1990).

Com tantas formas, possibilidades e enorme interesse das pessoas, as práticas esportivas voltadas para as questões educacionais são ainda mais valorizadas. Porém, percebe-se que o que é realizado nestes espaços não considera a complexidade do que se propõe. As atividades físicas passaram a ganhar maior atenção por parte de psiquiatras, sociólogos, educadores, filósofos e políticos

(Medina, 1983). Surgiu a necessidade de considerar que o esporte e sua prática é muito mais do que a combinação de componentes físicos, técnicos e táticos, e o objetivo final do que se propõe não está na formação apenas do atleta, mas também do cidadão. Assim, novamente, se ampliam os estudos e discussões, considerando a complexidade do que se objetiva, se direcionam olhares para outros elementos da prática física. É a quebra de um paradigma, onde dentro desta nova realidade, os olhos observam o corpo, considerando não apenas seu movimento, mas sua capacidade de sentir e pensar.

Segundo Medina (1983, p. 13), “quando a evolução cultural do homem não pode seguir o seu caminho natural e efetivo, no sentido de uma promoção verdadeiramente humana, só uma revolução é capaz de fazê-la”. O autor realiza uma crítica sobre o que vem sendo produzido, com “superficialidade e pobreza” (p.11), no desenvolvimento da cultura física em nossa sociedade ao longo da história, relatando ser urgente “encontrar um sentido mais humano” (p.11) para as práticas corporais.

O esporte necessita ser compreendido em sua pluralidade, não somente de definições, mas também das funções e significados das ações nele envolvidas (Bento, Garcia, & Graça, 1999; Ferreira, 2009). É neste contexto que surge e cresce a Pedagogia do Esporte. Com objetivo de refletir, sistematizar, avaliar, organizar e criticar o processo educativo (Leonardi, 2013; Paes, Montagner, & Ferreira, 2009), são realizados cada vez mais estudos que procuram compreender o fenômeno complexo e aproximar a teoria da prática. Os valores observados nas atividades de lazer no século XVIII seguem presentes, porém agora tem-se a perspectiva de que a prática seja sistematizada, irá oferecer ao aluno/praticante possibilidade de perceber, pensar e sentir, tomando consciência da pluralidade de sentimentos e emoções inerentes à prática.

A partir deste novo paradigma, entramos no Período Contemporâneo. Segundo Coakley (Coakley, 1990, p. 85) “o fenômeno vive seu auge na história do homem, tendo grande influência em sua vida, estando intimamente relacionado com a construção do caráter, saúde e patriotismo”. O autor ainda relata que o esporte contemporâneo se tornou uma combinação de “negócio, entretenimento, educação, treinamento moral, rituais, espaço para desenvolvimento de tecnologias e declaração de identidade” (Coakley, 1990, p. 85). Heinmann (1999) destaca na contemporaneidade a imagem do esporte como produto a ser consumido, pois este vende a perspectiva de um estilo de vida saudável.

Galatti (2010) destaca que uma das características mais marcantes do esporte neste período é o fascínio que exerce sobre os espectadores e praticantes, e que para mantê-lo existe a necessidade de se preservar valores humanos com os quais as pessoas se identificam e admiram. Tal fascínio e interesse gera responsabilidades para a Pedagogia do Esporte, que nesta fase passa a ter que considerar que os “ambientes educacionais precisam responder pela ajuda ao fortalecimento da subjetividade dos alunos e desenvolver um sentimento de pertencimento à humanidade, à coletividade, implicando valores de compartilhamento e solidariedade” (Ferreira, 2009, p. 43).

Barroso & Darido (2009) concorda com as transformações contemporâneas do ensino, que transita de uma simples transmissão de informações “para um processo educacional, no qual o aluno exerça um papel determinantemente participativo, podendo, dessa forma, levá-lo à construção de significados e sentidos ao que for trabalhado durante as aulas” (p.49). Korsakas & De Rose Junior (2002) concluem que atualmente convivemos com a iminência das guerras, e, conscientes disso, relatam a importância do ser humano rever seu papel no mundo. Para os autores, por intermédio de uma prática esportiva pautada em valores éticos e humanos, podemos compreender “para que se deve educar nesse século” (p. 93). Portanto, conforme as informações apresentadas, na contemporaneidade não são poucas as responsabilidades sociais que podem ser desenvolvidas a partir do esporte. Além de identificar o que desenvolver, é preciso atentar-se aos métodos e técnicas de ensino que aproximam a teoria da prática, na busca de contribuir para a formação integral do indivíduo, sendo esse um dos aspectos a serem contemplados a partir da intervenção social do professor ou treinador no contexto do esporte contemporâneo, considerando-se a compreensão deste fenômeno.

### **ESPORTE CONTEMPORÂNEO: UM FENÔMENO COMPLEXO**

O esporte contemporâneo pode ser compreendido como um fenômeno social complexo, relevante e cada vez mais presente na sociedade (Paes & Balbino, 2009). Embora por vezes envolto em notícias de violência, corrupção, doping, dentre outros elementos, possui dentre suas características aspectos positivos como a lealdade, a fraternidade, a busca pelo êxito, dentre outros (Galatti et al., 2018). Isso corrobora com a perspectiva de que o esporte con-

temporâneo pode adquirir múltiplos objetivos e significados (Ferreira, 2009; Galatti et al., 2018). Nessa perspectiva, ele se associa às novas demandas da sociedade, às quais é preciso se atentar.

Uma das demandas está associada à lógica externa dos esportes, ou seja, relacionada às “características e/ou significados sociais que uma prática esportiva apresenta ou adquire em um contexto histórico e social” (González & Bracht, 2012, p. 19). Como exemplo a esse aspecto, destaca-se a recente busca pela igualdade entre gêneros no contexto esportivo, a qual foi acentuada no ano de 2019 com o marco da Copa do Mundo Feminina de Futebol, realizada na França. Desde a chuteira da jogadora brasileira Marta (Pires, 2019), à decisão da melhor jogadora do torneio, a atacante Rapinoe, a não ir à Casa Branca cumprimentar o presidente norte-americano por divergência política (Segurola, 2019), passando pelos gritos de “equal pay” nas arquibancadas (Verne, 2019) e pela decisão da FIFA em aumentar o investimento no futebol feminino e o número de seleções na próxima edição do evento (Kestelman, 2019), percebe-se que a lógica de desvalorização do futebol feminino está dando importantes passos para despertar o mundo para valorizar a sua causa.

Além da mudança política e ideológica, o esporte contemporâneo tem sofrido forte influência de outro importante agente social: a mídia. A mídia, ligada à lógica econômica capitalista, tem influenciado mudanças nos esportes tradicionais. A esse respeito podemos citar a mudança ocorrida no voleibol quanto à contagem dos pontos (Santos Neto, 2004). O jogo era disputado no sistema de vantagens, ou seja, cada equipe para concretizar o ponto tinha inicialmente que adquirir a vantagem, representada pelo direito de sacar e vencer o próximo rali. Esse sistema de pontuar, segundo Barroso & Darido (2009), gerava uma grande variação no tempo de duração das partidas, podendo estas acabar rapidamente, frente a superioridade de uma equipe sobre a outra, ou demorar horas, em um jogo equilibrado. “Para os canais de televisão aberta, tendo outras programações na sua grade horária, isso gerava um problema, pois eles não tinham como adequar as transmissões dos jogos ao seu tempo disponível” (Barroso & Darido, 2009, p. 55). Com o fim da “vantagem”, que começou a ser testada em 1998 (Santos Neto, 2004), além de ter um “controle” sobre a duração da partida, o jogo se tornou mais atraente para o público, sendo inclusive de mais fácil compreensão e, conseqüentemente, tornou-se um produto mais valioso para a mídia.

Um exemplo da mercantilização do esporte pode ser percebido nas transmissões esportivas americanas, como é o caso da NBA (National Basketball Association). O maior número de tempos técnicos em relação ao padrão estabelecido pela FIBA (Federação Internacional de Basquetebol) favorece maior exposição midiática, a qual é somada ao espetáculo no qual um jogo é transformado, com apresentações musicais, sorteio de brindes, “câmera do beijo”, dentre outras manifestações. Soma-se, ainda, a capacidade de venda de produtos, dentre eles itens esportivos, ingressos para os jogos e direitos de transmissão.

Ora, o esporte, para ser espetáculo precisa apresentar-se também internamente como tal. Para tanto, todas as modalidades coletivas possuem ciclos de mudanças, as quais são caracterizadas por alterações de regras, condutas, calendários, regulamentos de competições, como é o caso do basquetebol (Paes et al., 2009). Essas mudanças são proporcionadas com o intuito de tornar o jogo mais dinâmico e, conseqüentemente, mais imprevisível (Leonardi, 2017). As alterações nos campeonatos objetivam aumentar as sensações associadas ao torneio, e, com isso, gerar mais público e, conseqüentemente, mais renda. Às alterações de regras recentes podemos citar a alteração do local de saída do jogador de futebol no momento da substituição, a introdução do VAR (Video Assistant Referee) para julgar determinadas ações do futebol e com isso tentar minimizar os erros em lances capitais de uma partida, dentre tantas outras mudanças nas mais diferentes modalidades.

De maneira geral, as mudanças nas regras das modalidades por vezes influem em alterações na velocidade do jogo ou na maneira como o cumprimento da lógica interna da modalidade é dado. Por lógica interna entende-se o “sistema de características próprias de uma situação motora e das conseqüências que esta situação demanda para a realização de uma ação motora correspondente” (Parlebas, 2001, p. 302). Para se cumprir com a lógica interna há, portanto, a necessidade de determinados comportamentos estratégicos, táticos e/ou técnicos. Nesse sentido, a evolução da forma de se atuar nas diferentes modalidades tem evoluído constantemente. Como exemplo, os antigos pivôs do jogo de basquetebol, de grande porte físico, porém de pouca mobilidade e velocidade, estão sendo “extintos” do jogo formal, dando lugar para jogadores igualmente altos, porém mais atléticos, com técnica refinada e capacidade de atuar em mais de uma posição em quadra (ESPN, 2018). Percebe-se isso nas mudanças nas estratégias ofensivas e defensivas e na dinâmica do jogo, as quais tem muda-

do a fim de gerarem mais pontos, com arremessos de longa distância ou com penetrações na área restritiva (garrafão), jogadas que atraem mais o público.

O esporte contemporâneo, como reforço à sua identidade plural, possui ainda outro aspecto interessante: a capacidade de gerar novas modalidades esportivas. Com a ressignificação das atuais modalidades e frente à necessidade de adequar as práticas a diferentes realidades, surgem novas modalidades, as quais pouco a pouco vão sendo difundidas pela cultura local e, mais vagarosamente, por todo o mundo. Como exemplo, pode-se citar o Tchoukball, o Pato, o Bossabol, dentre tantas outras modalidades, surgidas durante o século XX e que vem se desenvolvendo pelo mundo.

Observadas em perspectiva unidirecional, essas dimensões do esporte contemporâneo, aqui simplificadas a apenas alguns fatores, podem assemelhar-se a uma simples “fotografia” da realidade. Todas essas alterações precisam ser percebidas por aqueles que atuam com o esporte e que o vivenciam em seu dia a dia, em distintos ambientes de prática com os mais diferentes objetivos e significados. Cabe ao professor ou treinador esportivo compreender o fenômeno e ser capaz de contextualizá-lo em sua prática cotidiana. Para esse fim, torna-se necessária sua atuação na interface com a Pedagogia do Esporte, compreendendo-a como uma das disciplinas das Ciências do Esporte; mas, simultaneamente, parte de um sistema que pode funcionar em perspectiva multidisciplinar.

### **DESAFIO ATUAL E FUTURO NA ATUAÇÃO DO(A) TREINADOR(A) NO ESPORTE CONTEMPORÂNEO: DA DISCIPLINARIDADE À MULTIDISCIPLINARIDADE**

Sendo, portanto, as características do esporte contemporâneo relacionadas a múltiplas áreas das Ciências do Esporte, quais são as demandas a serem atendidas por um profissional – e particularmente pelo pedagogo do esporte – para atuar nesse contexto? A resposta mais completa a essa pergunta exigiria uma reflexão mais aprofundada. Por isso, reconhecemos que lançamos a luz dessa reflexão apenas alguns aspectos os quais julgamos pertinentes.

Inicialmente, é preciso compreender que a atuação no esporte contemporâneo pode ocorrer a partir da ação de múltiplos profissionais, os quais, dentro de sua área de intervenção, podem colaborar significativamente para o desenvolvimento de um trabalho (Antonelli et al., 2016). Esses profissio-

nais, oriundos de diversas áreas específicas das Ciências do Esporte, por vezes retroalimentam de informações um sujeito central no processo: o(a) treinador(a). Ao(À) treinador(a) cabe a organização do processo pedagógico pelo qual a equipe passará, sendo responsável por planejar os conteúdos de treino a partir de três referenciais: técnico-tático, socioeducativo e histórico-cultural (Machado, Galatti, & Paes, 2014). Contudo, a atuação desse profissional vai além da organização de aulas, exigindo uma compreensão acerca de múltiplos elementos acerca do cenário, dos personagens, dos objetivos e da modalidade (Paes & Balbino, 2009).

Toda a intervenção do(a) treinador(a) é destinada à melhora da prática dos(as) atletas, e, sobre estes(as), aquele(a) precisa conhecer as principais características. Caso seja criança ou esteja em idade púbere, há diversas mudanças cognitivas, fisiológicas, maturacionais, psicológicas, dentre outras, ocorrendo ao mesmo tempo. Acerca disso, por exemplo, é preciso considerar a idade cronológica, a idade biológica (maturação) e a idade esportiva (tempo de prática) dos(as) atletas (Soares et al., 2016); é preciso observar as mudanças que ocorrem ao longo do tempo de treino em associação com os elementos maturacionais e funcionais (Carvalho et al., 2019; Leonardi, 2017; Leonardi et al., 2018); e identificar mudança na percepção de fatores psicológicos e cognitivos, dentre eles as respostas a questionários (Leonardi, Martins, Gonçalves, Paes, & Carvalho, 2018; Reverdito et al., 2017; Soares et al., 2019) e aplicação de testes tático-técnicos (Leonardi, 2017; Leonardi et al., 2018; Leonardi et al., 2016).

Frente às alterações na compreensão acerca do fenômeno esportivo e a partir da compreensão do esporte contemporâneo, constata-se a necessidade de compreender o esporte a partir de sua complexidade. Nesse cenário, a atuação do pedagogo do esporte continua a ter ênfase na relação direta com a práxis educativa e com a intencionalidade pedagógica, contudo deixa de ser meramente disciplinar. A compreensão da Pedagogia do Esporte, amplamente discutida nas últimas décadas na literatura, gera ao pedagogo do esporte a necessidade de dialogar com outras áreas do conhecimento, as quais acabam por complementar a sua atuação. Ao elaborar aulas/treinos e, principalmente, trabalhar com pessoas, a Pedagogia do Esporte cria interface com outras áreas do conhecimento em perspectiva humana, como a Psicologia, a História, a Sociologia, a Antropologia, a Filosofia, entre outras; ao considerar o ser humano como organismo vivo e visualizar sua intervenção também nos âmbitos da



saúde e do treinamento, a Pedagogia do Esporte precisa dialogar com a Fisiologia, a Bioquímica, a Anatomia, a Cinesiologia, a Gerontologia, entre outras; ao compreender sua interface com a mensuração dos movimentos, a Pedagogia do Esporte precisa dialogar também com a Biomecânica, a Estatística, entre outras. Observa-se, portanto, que a atuação de qualquer profissional no esporte requer um novo paradigma: a atuação frente às características multidisciplinares e, futuramente (embora ainda seja um conceito aparentemente utópico), a uma atuação transdisciplinar.

## REFERÊNCIAS

Almeida, M. A. B. (2005). Empresa e qualidade de vida: novos rumos e desafios. In R. Vilarta (Ed.), *Gestão da Qualidade de Vida na Empresa* (pp. 71-84). Campinas: IPES Editorial.

Antonelli, M., Leonardi, T. J., Tancredi, D. A. P., Castilho, V., Balbino, H. F., & Paes, R. R. (2016). Equipe multidisciplinar e centro de treinamento do esporte de alto rendimento: estudo de caso no voleibol brasileiro. *Coleção Pesquisa em Educação Física*, 15(1), 87-94.

Aurélio, D. (2010). Disponível em: <http://www.dicionariodoaurelio.com>. Acesso em, July 16 2019.

Barroso, A. L. R., & Darido, S. C. (2009). A pedagogia do esporte e as dimensões dos conteúdos: conceitual, procedimental e atitudinal. *Journal of Physical Education*, 20(2), 281-289.

Bayer, C. (1994). *O ensino dos jogos desportivos*. Lisboa: Dinalivro.

Bento, J. O., Garcia, R., & Graça, A. (1999). *Contextos da Pedagogia do Desporto: perspectivas e problemáticas*. Lisboa: Livros Horizonte.

Betti, M. (1991). Educação física e sociedade: a educação física na escola brasileira de 1o. e 2o. graus. São Paulo: *Movimento*, 1.

Bourdieu, P. (2000). *O poder simbólico*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Cagigal, J. M. (1996). *El deporte contemporáneo frente a las ciencias del hombre*, 1983. Martín Acero, R. *Educación física y deporte no século XXI*. La Coruña: Universidade da Coruña, 163-180.

Carvalho, H. M., Leonardi, T. J., Soares, A. L. A., Paes, R. R., Foster, C., & Gonçalves, C. E. (2019). Longitudinal Changes of Functional Capacities Among Adolescent Female Basketball Players. *Front Physiol*, 10, 339. doi:10.3389/fphys.2019.00339

Coakley, J. J. (1990). *Sport in society: Issues and controversies*: CV Mosby Company.

Costa, L. P., & Quintas, G. (1990). Fundamentos do Lazer e Esporte na Empresa. *Esporte e Lazer na Empresa*. Brasília: MEC/SEFD.

Dunning, E., & Elias, N. (1992). *A busca da excitação*. Lisboa: Difel.

Díaz, Á. R. (2008). *El deporte en la construcción del espacio social*: CIS.

ESPN. (2018). 'Nova NBA': especialistas da ESPN explicam as pontuações altas, o 'fim' do pivô e os exemplos para o futuro. ESPN.

Ferreira, H. B. (2009). *Pedagogia do esporte: identificação, discussão e aplicação de procedimentos pedagógicos no processo de ensino-vivência e aprendizagem da modalidade basquetebol* (Master). University of Campinas, Campinas.

Galatti, L. R. (2010). *Esporte e clube sócio-esportivo: percurso, contextos e perspectivas a partir de um estudo de caso em clube esportivo espanhol*. (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Galatti, L. R., Paes, R. R., Collet, C., & Seoane, A. M. (2018). Esporte contem-

porâneo: perspectivas para a compreensão do fenômeno. *Corpoconsciência*, 22(3), 115-127.

González, F. J., & Bracht, V. (2012). *Metodologia do ensino dos esportes coletivos*. Vitória: UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância.

Guttmann, A. (2004). *From ritual to record: The nature of modern sports*: Columbia University Press.

Heinemann, K. (1999). *Sociología de las organizaciones voluntarias*. El ejemplo del club deportivo. REIS-October/Diciembre 1999, 88(99), 297-342.

Kestelman, A. (2019). *Fifa apresenta cinco propostas para o futebol feminino, inclusive 32 seleções na Copa de 2023*. Retrieved from: <https://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo-feminina/noticia/fifa-apresenta-cinco-propostas-para-o-futebol-feminino-inclusive-32-selecoes-na-copa-de-2023.ghtml>

Korsakas, P., & De Rose Junior, D. (2002). Os encontros e desencontros entre esporte e educação: uma discussão filosófico-pedagógica. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, 1(1), 83-93.

Leonardi, T. J. (2013). *Sport pedagogy: presuppositions for a learning assessment theory*. (Master Dissertation). University of Campinas, Campinas.

Leonardi, T. J. (2017). *Assessment in Sport Pedagogy: validity and sensibility analysis of Team Sport Assessment Procedure (TSAP) and Game Performance Assessment Instrument (GPAI)*. (PhD). University of Campinas, Campinas.

Leonardi, T. J., Martins, M. C. S., Gonçalves, C. E. d. B., Paes, R. R., & Carvalho, H. J. G. M. (2018). Changes in tactical assessment and self-efficacy among young basketball players on 4-months of training. Paper presented at the *IX Congresso Ibérico de basquetebol, II Congresso Iberoamericano de basquetebol*, Florianópolis.

Leonardi, T. J., Paes, R. R., Breder, L., Foster, C., Gonçalves, C. E., & Carvalho, H. M. (2018). Biological maturation, training experience, body size and functional capacity of adolescent female basketball players: A Bayesian analysis. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 13(5), 713-722.

Leonardi, T. J., Soares, A. L. d. A., Brasil, D. V. C., Boscariol, M. C., Gonçalves, C. E. B., Carvalho, H. M., & Paes, R. R. (2016). Changes in Offensive Tactical Performance Among Under-13 Basketball Players During 4 Months of Training Paper presented at the 6th International Teaching Games for Understanding Conference, Cologne, Germany.

Machado, G. V., Galatti, L. R., & Paes, R. R. (2014). Pedagogia do esporte e o referencial histórico-cultural: interlocução entre teoria e prática. *Pensar a Prática*, 17(2), 414-430.

Medina, J. P. S. (1983). *Educação física cuida do corpo... e" mente"*: Papirus Editora.

Melo, V. A., & Fortes, R. (2010). História do esporte: panorama e perspectivas. *Fronteiras*, 12(22), 11-35.

Paes, R. R., & Balbino, H. F. (2009). A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. De Rose Junior, D. et al. *Esporte e atividade física na infância e adolescência: uma abordagem multidisciplinar*. Porto Alegre: Artmed, 73-83.

Paes, R. R., Montagner, P. C., & Ferreira, H. B. (2009). *Pedagogia do esporte: iniciação e treinamento em basquetebol*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Parlebas, P. (2001). *Léxico de praxiología motriz*. Paidotribo.

Pires, B. (2019). *A copa do despertar feminista de Marta: "O futebol feminino depende de vocês para sobreviver"*. Retrieved from [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/23/deportes/1561293444\\_607682.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/23/deportes/1561293444_607682.html)

Reverdito, R. S., Carvalho, H. M., Galatti, L. R., Scaglia, A. J., Gonçalves, C. E.,

& Paes, R. R. (2017). Effects of Youth Participation in Extra-Curricular Sport Programs on Perceived Self-Efficacy: A Multilevel Analysis. *Percept Mot Skills*, 124(3), 569-583. doi:10.1177/0031512517697069

Santos Neto, S. C. (2004). A evolução das regras visando o espetáculo no voleibol. *Lecturas: Educación física y deportes*, (76), 27.

Segurola, S. (2019). Os gols de Megan Rapinoe fora de campo. Retrieved from [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/01/deportes/1562009052\\_678507.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/01/deportes/1562009052_678507.html)

Soares, A. L., Mendes, F. G., Miguel, C. G., Palheta, C. E., Milan, F. J., Collet, C., . . . Carvalho, H. M. (2019). Variation in perceived collective efficacy among adolescent basketball players across 4-month competitive season. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 19(1), 283-290.

Soares, A. L. d. A., Leonardi, T. J., Reverdito, R. S., Gonçalves, C. E., Paes, R. R., & Carvalho, H. M. (2016). Variabilidade do desempenho no line-drill test em adolescentes jogadores de basquetebol. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, 22, 445-449.

Touraine, A., Clasen, J. A., & Alves, E. F. (1999). *Poderemos viver juntos: iguais e diferentes: Vozes*.

UNESCO. (1978). *Carta Internacional da Educação Física e do Esporte da UNESCO*. UNESCO

Verne. (2019). *Torcida reverbera grito de Rapinoe e promove coro histórico por igualdade salarial na final da Copa*. Retrieved from [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/08/deportes/1562571348\\_259519.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/08/deportes/1562571348_259519.html)

## CAPÍTULO 6

# O Que é o Desporto Para o Desenvolvimento e a Paz?

*Tegwen Gadais  
Ceu Baptista*

O Desporto para o Desenvolvimento e a Paz (DDP) não é um fenómeno novo, ao contrário do que se possa pensar. Já em 1894, Pierre de Coubertin havia considerado a reconstrução dos Jogos Olímpicos modernos para aproximar as nações em torno das modalidades desportivas. Ele disse sobre este assunto: “Fiquei convencido de que o desporto é um dos elementos mais fortes da paz e estou confiante na sua ação futura” (de Coubertin, 1894). A utilização do desporto para servir o desenvolvimento, a paz ou os interesses diplomáticos no mundo contemporâneo é antes um trabalho de Mandela, que disse: “O desporto tem o poder de mudar o mundo. Tem o poder de inspirar, tem o poder de unir as pessoas de uma forma que pouco mais faz” (Mandela, 2000). O líder sul-africano decidiu usar o poder unificador do desporto ao organizar a Copa do Mundo de Rugby em 1995 para combater o Apartheid e unir o povo sul-africano. De acordo com ele, “o desporto pode criar esperança, onde antes só havia desespero.

É mais poderoso do que os governos para derrubar barreiras raciais” (Mandela, 2000).

A Organização das Nações Unidas (ONU) deram mais um passo no sentido do reconhecimento do desporto e do seu potencial diplomático, integrador, educativo ou de construção da paz ao assinarem, em 2003, uma resolução a favor da utilização do desporto como instrumento de desenvolvimento e de construção da paz entre os povos, que foi adoptada pela Assembleia Geral das Nações Unidas. Essa votação também levou à reafirmação, em 2015, da Carta Internacional da UNESCO de 1978 para a Educação Física e Desporto. A prevalência de projetos DDP é tão elevada que a ONU reconheceu o seu potencial através da criação de um organismo específico entre 2008 e 2017 (Nações Unidas para o Desporto e Desenvolvimento e Paz; (United Nations Office on Sport for Development and Peace, 2017)) através do qual iniciou um grande número de projetos, particularmente na América Central e na África Ocidental (UNESCO, 2016). Este gabinete tinha três papéis principais: incentivar o diálogo, estabelecer colaborações e parcerias no âmbito do DDP e apoiar as organizações desportivas internacionais, a sociedade cívil, o sector privado e os meios de comunicação social.

Os projetos inseridos no DDP que foram desenvolvidos nos últimos anos em todo o mundo e no DDP foram definidos como “o uso intencional do desporto, da actividade física e do jogo para alcançar objectivos de desenvolvimento específicos em países de rendimento baixo e médio, em comunidades desfavorecidas e em áreas de rendimento elevado” (UN Inter-Agency Task Force on Sport for Development and Peace, 2003), que inclui “todas as formas de actividade física que contribuem para a aptidão física, bem-estar mental e interação social, tais como jogos, recreação, desportos organizados ou competitivos, desportos e jogos indígenas” (Richards et al., 2013, UN Inter-Agency Task Force on Sport for Development and Peace, 2003). Desde então, estas definições têm sido amplamente utilizadas por muitos atores do DDP e vários investigadores (Richards et al., 2013, Schulenkorf and Adair, 2014, Webb and Richelieu, 2015).

Nestas iniciativas, o desporto é apresentado como uma alavanca para a integração ou reintegração social nos países em desenvolvimento ou em zonas afetadas por conflitos ((Schulenkorf et al., 2016, Webb and Richelieu, 2015). Por exemplo, jogos de futebol entre dois lados inimigos são usados para ajudar a reconstruir laços. Além dos seus benefícios para a saúde, o desporto passou

a ser reconhecido como tendo uma série de benefícios, como a prevenção da violência ou do doping, a conscientização sobre doenças como o HIV/aids, mas também como forma de inculcar nos jovens o respeito pelos adversários e pelas regras, trabalho de equipa, fair play, determinação e disciplina (Schulenkorf et al., 2016, Webb and Richelieu, 2015). Estes princípios fundamentais também poderiam ser transferidos para a vida social dos indivíduos de acordo com algumas organizações que os valorizam (Levermore, 2008). O UNOSDP (United Nations Office on Sport for Development and Peace, 2017) indicou outros elementos relacionados ao uso do desporto como alavanca para o desenvolvimento e a paz, entre outros:

a) O desporto é uma ferramenta poderosa com poder único para atrair, mobilizar e inspirar;

b) O desporto encarna as questões de participação, inclusão e cidadania pela sua própria natureza;

(c) Representa valores humanos tais como respeito pelo adversário, aceitação de regras vinculativas, trabalho em equipa e justiça;

(d) O desporto é utilizado numa vasta gama de situações para servir o desenvolvimento e a consolidação da paz como um instrumento integrado em atividades de ajuda humanitária de emergência a curto prazo ou em projetos de cooperação para o desenvolvimento a longo prazo (Coalter, 2010, Darnell, 2010).

Finalmente, o desporto tem benefícios como o desenvolvimento individual, a promoção da saúde e a prevenção de doenças, a igualdade de género, a integração social, a construção da paz ou a prevenção/resolução de conflitos e a assistência pós-catástrofe/trauma (Chawansky and Holmes, 2015, Kidd, 2008). A UNESCO publicou em 2016 um relatório sobre o poder dos valores do desporto que reforça essa visão, e depois o UNOSDP publicou um documento que mostra a articulação lógica do uso do desporto para apoiar cada um dos novos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 2015-2030 (UNOSDP, 2017). Do ponto de vista do desenvolvimento, o foco está quase sempre no desporto de massas e não no desporto de elite (Black, 2010, Kidd, 2007). Em um contexto de desenvolvimento, o desporto geralmente inclui uma ampla gama de atividades adaptadas a pessoas de todas as idades e habilidades, com ênfase nos valores positivos do desporto (UNOSDP, 2017). O desporto é usado para alcançar os mais necessitados, incluindo refugiados, crianças soldados, vítimas de conflitos



e desastres naturais, os pobres, pessoas com deficiência, vítimas de racismo, estigma e discriminação (Hartmann and Kwauk, 2011, International Working Group Sport for Development and Peace, 2008, Kidd, 2008).

## INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA SOBRE O DDP

Para além das descrições dos programas do DDP e das contribuições das organizações internacionais, os investigadores que analisaram o campo do DDP para analisar os benefícios destes programas sobre, entre outras coisas, desenvolvimento individual, promoção da saúde e prevenção de doenças, promoção da igualdade de género, integração social, construção da paz ou prevenção e resolução de conflitos, e assistência após uma catástrofe ou trauma (Chawansky & Holmes, 2015; Kidd, 2008). Atualmente, podem ser identificados quatro principais tipos de investigação que os investigadores estão a realizar em torno do DDP: 1) estudos macrosociológicos sobre os atributos positivos do DDP; 2) estudos de caso de campo exploratórios; 3) estudos sobre a gestão e avaliação de programas do DDP; e 4) revisões da literatura sobre o DDP.

Em primeiro lugar, os pesquisadores estão a realizar um grande número de estudos macrosociológicos para questionar os chamados atributos positivos do desporto, levantando também suas potenciais derivas (Beutler, 2008, Coalter, 2010, Darnell, 2010, Darnell, 2013, Young and Okada, 2014). Kidd (Kidd, 2008, Kidd, 2013), por exemplo, realizou extensas revisões da literatura descrevendo a paisagem do movimento DDP. Segundo o autor, as iniciativas do DDP foram motivadas pelo ativismo dos atletas, pela reação à queda do Apartheid e viabilizadas pelas aberturas criadas pelo fim da Guerra Fria, pela ênfase neoliberal no empreendedorismo e nas mobilizações de massa para “Fazer da Pobreza História”, como parte de um grande foco de desenvolvimento político da ONU e do Grupo de Trabalho Internacional do DDP (Kidd, 2008, Kidd, 2013). Os resultados atuais desses estudos globais mostraram que, apesar dos potenciais benefícios do desporto, esses impactos sociais positivos não se acumulam automaticamente. Alcançar impactos positivos requer intervenções profissionais e socialmente responsáveis, adaptadas ao contexto social e cultural, que priorizem os objetivos de desenvolvimento e sejam cuidadosamente concebidas para serem inclusivas (Gardam et al., 2017, Hartmann and Kwauk, 2011, United

Nations Office on Sport for Development and Peace, 2017). No entanto, alguns autores notam a falta de literatura científica sobre a compreensão dos mecanismos específicos pelos quais o desporto pode promover o desenvolvimento e a paz entre os participantes (Green, 2008, Hartmann, 2003, Levermore, 2008).

Em segundo lugar, alguns pesquisadores têm utilizado várias metodologias mais exploratórias para conduzir estudos de caso de campo (Gadai et al., 2017, Oxford, 2017, Whitley et al., 2019). Por exemplo, Oxford (2017) focou na inclusão social de jovens colombianas através do futebol, um desporto tradicionalmente muito masculino. O investigador realizou um estudo etnográfico de 6 meses em bairros colombianos da organização DDP para explorar as complexidades sociais, culturais e históricas em torno da prática segura de desportos femininos. Whitley, Farrell, Wolff e Hillyer (2019) tentaram questionar os principais atores do DDP sobre as suas experiências e conhecimentos no campo. O estudo permitiu uma melhor compreensão dos apoios limitados, da falta de eficiência e equidade nas práticas, bem como de um impacto concreto que, na sua opinião, não era claro. O estudo conclui com uma lista de recomendações para melhorar o trabalho de campo do DDP, melhorar as parcerias de investigação e as colaborações em matéria de avaliação de uma forma mais rigorosa. Finalmente, alguns autores pretendem também desenvolver metodologias de investigação adaptadas ao terreno do DDP, que é frequentemente instável, complexo ou inseguro (Gadai, Webb & Rodriguez, 2017). Os autores procuraram implementar metodologias de análise remota e de campo para melhor compreender as organizações DDP e as suas necessidades, a fim de melhor as apoiar no seu trabalho.

Em terceiro lugar, os investigadores também estão interessados em questões de avaliação do programa e gestão das actividades do DDP. Por um lado, as organizações do DDP são frequentemente abordadas pelas agências financiadoras para realizar estudos de avaliação do programa do DDP. Esta é uma forma clássica de observar o impacto do desporto na mudança social (Kaufman et al., 2013, Levermore, 2011, Levermore and Beacom, 2009). Os estudos de avaliação examinaram vários aspetos das missões e paradigmas dos projetos DDP (Arellano et al., 2018, Arnold, 2014, Levermore, 2011, Simard, 2013): (a) a monitorização e a avaliação são insuficientes; (b) são realizadas com programas aclamados; e (c) tendem a utilizar um quadro lógico positivista (Levermore, 2011). Levermore concluiu a sua análise sublinhando a necessidade de ava-

liações que possam ter em conta a diversidade dos projetos do DDP, alguns dos quais têm objectivos pouco claros ou justificações em falta. De facto, os seus objetivos e estratégias permanecem pouco claros e questionáveis em relação aos protocolos de avaliação de programas plenamente implementados (Coalter, 2008, Levermore, 2011). Os programas devem ser avaliados utilizando documentação metodológica sólida sobre quadros lógicos e abordagens participativas críticas para tentar aplicar estas abordagens a estudos de caso específicos ou considerar a sua utilização no contexto de um evento desportivo particular (Levermore, 2011). Por outro lado, alguns pesquisadores visam fortalecer os aspectos gerenciais dos projetos DDP para melhorar seu funcionamento, gestão, gestão ou mecanismos de implementação (Coalter, 2008, Lyras and Welty-Peachey, 2011, Peachey et al., 2015, Schulenkorf, 2017). Muitas vezes, a idéia geral é construir conexões entre a teoria gerada por estudos macrossociológicos e estudos de caso de campo. Os especialistas em gestão do desporto começaram a rever e avaliar criticamente as iniciativas do DDP, e estão agora mais estrategicamente planeados e pedagogicamente sólidos do que antes. Por exemplo, Schulenkorf (2017) analisa as principais realizações da pesquisa em gestão desportiva e classifica a pesquisa atual em quatro títulos: (a) programação e projeto DDP; (b) gestão sustentável e capacitação; (c) criação e otimização de impactos e resultados; e (d) avanços conceituais/teóricos. Finalmente, ele sugeriu que pesquisas futuras poderiam focar nos conceitos gerenciais de liderança, empreendedorismo e pensamento de design para maximizar o potencial do esporte (gestão) para contribuir com resultados desejados, inovadores e sustentáveis para o desenvolvimento da comunidade.

Em quarto lugar, foram realizadas três revisões da literatura sobre o tema do DDP. Até 2016, havia pouca pesquisa para sintetizar a pesquisa sobre o DDP, não havia mapeamento para saber quais projetos existiam e para ter uma visão geral da situação em nível global. Em 2017, a revisão realizada por Svensson e Woods (2017) abordou essa lacuna, fornecendo uma visão geral sistemática do desporto para organizações de desenvolvimento e paz. Embora os locais exactos de acção das organizações do DDP permaneçam em grande medida desconhecidos, a presente análise centrou estes esforços e as atividades físicas e desportivas utilizadas nos programas. Proporcionou uma oportunidade para rever a prática dos DDP de forma a fornecer uma visão geral do estado actual do campo: 955 entidades envolvidas em práticas de DDP foram identificadas

com base numa revisão sistemática de 3.138 entradas organizacionais nas bases de dados do DDP. A maioria das organizações opera programas na África, mas muitas estão presentes na Europa, América do Norte, Ásia e América Latina, com mais de 80% delas com sede na mesma região. A educação, os meios de subsistência e a saúde surgiram como os temas mais comuns, enquanto a deficiência e o género estavam menos representados. Foram identificados 32 tipos de desportos, um terço dos quais se baseia exclusivamente no futebol. Em relação ao desenvolvimento positivo dos jovens *Positive Youth Development* (PYD) através do desporto, Jones et al. (2017) realizaram uma análise de como o desporto é um mecanismo para alcançar vários objetivos de desenvolvimento. A revisão mostrou que esta ligação entre desporto e desenvolvimento não é inerente e depende de uma variedade de programas e actividades, mas também de fatores contextuais. O potencial positivo do desporto não se desenvolve automaticamente. Exige uma intervenção profissional e socialmente responsável, adaptada ao contexto social e cultural (Gardam et al., 2017, Hartmann and Kwauk, 2011, Levermore, 2011). Finalmente, Schulenkorf, Sherry & Rowe (2016) realizaram uma análise integrada da literatura sobre o desporto para o desenvolvimento, a fim de proporcionar uma visão abrangente e holística do setor. Apesar do aumento significativo das pesquisas publicadas no campo do esporte para o desenvolvimento, não houve, até o momento, nenhuma tentativa de revisar e sintetizar rigorosamente as contribuições científicas nesse campo. A revista mostrou uma tendência ascendente nas publicações periódicas desde 2000, com ênfase nos resultados sociais e educacionais relacionados ao desporto juvenil e ao futebol sendo a atividade mais comum. A grande maioria da investigação do DDP foi realizada ao nível da comunidade, onde dominam as abordagens qualitativas (70% dos métodos conceptuais e qualitativos). Os autores também observaram um paradoxo interessante em relação aos contextos geográficos dos estudos: a maioria dos projetos é realizada na África, Ásia e América Latina, mas 74% dos campos de estudo e 90% dos autores do DDP estão baseados na América do Norte, Europa e Austrália

De acordo com o *Journal of Sport for Development*, vários temas de pesquisa foram identificados em relação ao DDP (Tabela 1).

**Tabela 1:** Temas de investigação relacionados com o campo DDP

<b>Temas</b>	<b>Descrições</b>
Desporto e deficiência	Desporto e deficiência centra-se na investigação relacionada com o desporto como veículo para o desenvolvimento, acesso, inclusão e direitos humanos das pessoas com deficiência. Esta secção incentiva o pensamento crítico e a diversidade de perspectivas, acolhendo a pesquisa na intersecção entre teoria e prática.
Desporto e educação	O tema desporto e educação apresenta pesquisas e estudos de caso relacionados a intervenções que utilizam o esporte para promover a educação, o desenvolvimento da juventude e as habilidades para a vida. Em vez de se concentrar na educação desportiva, esta secção discute o papel do desporto na consecução dos resultados académicos e sociais da juventude.
Desporto e gênero	O tema sobre desporto e gênero apresenta pesquisas e estudos de caso relacionados a intervenções usando o desporto para promover a igualdade de gênero, desafiar normas de gênero e empoderar meninas e mulheres em ambientes desfavorecidos.
Desporto e saúde	O tema do desporto e da saúde apresenta uma vasta gama de resultados associados ao bem-estar físico, mental e social. Esse é o efeito dos programas de DDP sobre os fatores de risco para doenças transmissíveis e não transmissíveis, incluindo o efeito direto dos programas desportivos sobre a atividade física. Examina igualmente o papel que o desporto pode desempenhar na educação preventiva e nas intervenções de promoção da saúde.
Desporto e Meios de Subsistência (Livelihoods)	O tema sobre desporto e meios de subsistência apresenta investigação e estudos de caso sobre intervenções que utilizam o desporto para melhorar os meios de subsistência das pessoas desfavorecidas, desde programas centrados na formação de competências profissionais até à reabilitação e à empresa social.

**Desporto e paz** Projetos de estudos de Desporto e Paz que utilizam o desporto como veículo de reconciliação e construção da paz. O conceito de paz é amplamente definido para incluir conotações de bem-estar pessoal, comunitário e social, bem como a ausência de conflitos e tensões entre grupos. Em particular, esta seção examina as possibilidades de criar paz entre indivíduos e grupos em sociedades social, cultural ou etnicamente divididas.

**Desporto e coesão social** O tema Desporto e Coesão Social inclui projetos nas áreas de capacitação comunitária, inclusão/integração social e gestão da diversidade. Centra-se nas avaliações de impacto social e nas iniciativas de reforço das capacidades que podem conduzir à coesão social, à melhoria das competências e ao desenvolvimento global da comunidade.

## ILUSTRAÇÕES DO DDP E PESQUISAS RELACIONADAS

*Educação, inclusão social e ambiente – Bel Avenir (Madagáscar) - <http://on-gbelavenir.org/>*

Bel Avenir (BA) é uma Organização Não Governamental (ONG) malgaxe que trabalha na região sul de Madagáscar, através de projetos sociais, com foco na “educação como motor do desenvolvimento”. A BA desenvolve atividades em vários campos da educação para jovens populações desfavorecidas em Madagáscar, particularmente em Toliara e Fianarantsoa. O domínio da educação inclui: (a) a educação formal em duas escolas, (b) a educação não formal, incluindo uma escola de desporto e um centro de música e artes, entre outros, (c) projetos de sensibilização, tais como intercâmbios interescolares internacionais ou publicações de histórias malgaxes. Assim, a organização oferece uma abordagem holística à educação para o desenvolvimento e ao DDP proposto pela sua escola de desporto, que é apenas um dos seus vários serviços. O país é gravemente afectado pela pobreza extrema, subnutrição, graves problemas de higiene e saúde, problemas de trabalho infantil (mineração ou prostituição), corrupção generalizada na sociedade e crises políticas frequentes. Neste sentido, BA trabalha em um contexto complexo, na maioria das vezes

difícil, muitas vezes instável e às vezes inseguro, onde a realidade poderia ser efêmera. A BA é finalmente membro da rede internacional Água de Coco, com sede em 8 países, e mobilizada em torno dos direitos das crianças.

Estão atualmente em curso dois projetos de investigação para apoiar e reforçar os projetos da BA. Um primeiro estudo tenta desenvolver uma metodologia que utiliza o modelo atual (Greimas, 1983) e as Serpentes e Escadas (Webb and Richelieu, 2015) para analisar e compreender a situação da ONG à distância (Gadais et al., 2019). Ao utilizar os relatórios anuais de atividades da ONG e depois compará-los com a realidade no terreno, os investigadores pretendem testar uma metodologia para verificar se uma investigação pode ser realizada com sucesso em colaboração com a organização local. Um segundo estudo, centrado nas necessidades da ONG, visa medir os efeitos das atividades desportivas (escola de desporto) e artísticas (centro artístico e musical) (Décarpentrie, 2019), a fim de compreender as suas consequências no bem-estar psicológico e social dos jovens beneficiários desfavorecidos. Esta investigação visa igualmente reforçar os instrumentos de acompanhamento e avaliação dos jovens e criar uma unidade psicológica para acompanhar os jovens no seu desenvolvimento.

*Formação de treinadores de vida e desportivos - Pour 3 points (Para 3 Pontos) (Canadá) <https://pour3points.ca/>*

A organização sem fins lucrativos Para 3 Pontos (P3P), estabelecida em 2013 em Montreal, Canadá, usa o desporto como uma ferramenta para promover o desenvolvimento da juventude em bairros socioeconomicamente desfavorecidos. Mais especificamente, a P3P oferece um programa de treinamento de coaching de vida de dois anos para jovens canadenses interessados em coaching e dispostos a assumir um compromisso de longo prazo com o programa e com comunidades carentes. O seu papel é aprender a apoiar melhor os jovens nas suas vidas, para que não fiquem para trás na escola primária ou secundária, não tenham problemas de aprendizagem ou não tenham problemas comportamentais graves. Ao serem bem formados, os formadores podem ajudar os jovens a desenvolver as competências de que necessitam para terem êxito na escola e na vida. Depois dos pais, os treinadores são os adultos mais influentes na vida dos jovens atletas. Esta influência é sentida no ensino do jogo, mas também no ensino da vida.

Os treinadores são recrutados no momento da inscrição no programa de treinamento, com base nas habilidades necessárias para se tornarem treinadores de vida enquanto treinam desportos numa das escolas parceiras da organização. A cada ano, o programa recruta aproximadamente 15 coaches (treinadores) que participam de um retiro de treinamento de quatro dias, cinco círculos de discussão entre pares, cinco sessões de treinamento formal e três avaliações pessoais por ano, todos sob a supervisão de um consultor de desenvolvimento.

Vários projetos de pesquisa foram conduzidos com P3P. Um primeiro estudo realizado no programa de treinamento P3P (Falcão et al., 2017), examinou as percepções dos coaches com base em uma oficina de coaching humanista que receberam em seu treinamento. Os resultados revelaram que os treinadores percebem resultados positivos em autonomia, comunicação, habilidades, motivação e disposição para ajudar os colegas de equipe de seus atletas. Um segundo estudo foi realizado para fortalecer o modelo lógico da organização e identificar indicadores para posterior avaliação do programa. Os resultados mostraram diferenças na compreensão do programa entre as principais partes interessadas e as sugestões permitiram que os administradores de P3P reformulassem a sua teoria de mudança (Gadais et al., in press). Este estudo foi desenvolvido em colaboração com administradores de P3P para ajudá-los a melhorar o seu modelo lógico. A ideia para esta pesquisa veio diretamente dos administradores da P3P e os pesquisadores atuaram como facilitadores.

#### *Projeto em Timor-Leste com modelo TPSR*

Sendo Timor-Leste um país ainda em fase de desenvolvimento, a capacidade das instituições responsáveis pela formação inicial e contínua de professores em responder às necessidades urgentes do sistema educativo é considerada insuficiente, sendo por isso necessárias mais investigações para auxiliar a identificação de respostas políticas adequadas. Deste modo, procurou-se realizar um estudo longitudinal com o objetivo de desenvolver uma intervenção pedagógica na formação de professores baseada no Teaching Personal and Social Responsibility (TPSR) (Hellison, 2011) para o ensino da disciplina de Educação Física em Timor-Leste.

No decorrer desse estudo realizou-se uma intervenção na formação de professores do 1.º e 2.º ciclos do ensino básico baseada no TPSR (Baptista



et al., 2019). Metodologias qualitativas foram utilizadas para monitorar todo o processo. Foram entrevistados 15 estudantes de formação de professores nos três semestres da aplicação do TPSR o que perfaz um total de 45 entrevistas. Nos resultados deste estudo, os participantes evidenciaram mudanças de aprendizagem e comportamentais. Os participantes apontaram a falta de teoria no ensino de Educação Física como uma fraqueza. Emergindo dos discursos dos atores, este estudo mostrou a importância desta intervenção em jovens e permitiu identificar os pontos fortes e fracos que os alunos sentiram quando experimentaram e aplicaram um modelo TPSR que recorre a diferentes dinâmicas e práticas.

Passados quinze meses sem contacto com o TPSR, outro estudo foi realizado (Baptista et al., in press) com os 15 ex-estudantes, agora professores foram observados a lecionar uma aula de Educação Física em Timor-Leste e, procurou-se nos recém professores (a) comparar o uso de estratégias para o ensino de responsabilidade pessoal e social, e (b) analisar os comportamentos dos professores em aulas de Educação Física do 1º e 2º Ciclo do Ensino Básico. A amostra foi composta por um grupo experimental (GE, n = 15) que envolveu professores com experiência no modelo TPSR e um grupo de controlo (GC, n = 15) que integrou professores sem experiência no modelo TPSR. Os dados foram recolhidos através de observações sistemáticas com recurso ao Tool for Assessing Responsibility-based Education (TARE 3.0).

Os resultados mostraram que, o GE, em média, usou as estratégias para o ensino de responsabilidade numa percentagem mais elevada, sendo que a utilização das estratégias “Atribui Tarefas” e “Promove a Avaliação” foram estatisticamente significativas. Pela análise dos comportamentos dos professores, o GE revelou diferenças estatisticamente significativas na “Integração”, “Transferir” e “Empowerment”. Por último, referiu-se um estudo realizado no âmbito do DDP em Timor-Leste em que se procurou o recurso ao TPSR para aumentar a percepção da responsabilidade pessoal e social dos alunos e mais tarde procurou-se comparar as estratégias para o ensino da responsabilidade pessoal e social destes ex-alunos, na qualidade de professores. A conclusão destes dois estudos comprovou que o TPSR quando aplicado de uma forma contínua no tempo durante a formação de professores torna-se uma experiência marcante com um impacto muito positivo na vida dos participantes mesmo em países pós-conflito como Timor-Leste.

## PERSPECTIVAS DE INVESTIGAÇÃO

Este capítulo teve como objectivo apresentar o campo do DDP, as suas origens, a sua evolução, a investigação que tem vindo a ser feita até agora, bem como ilustrações para dar ao leitor uma melhor ideia do que é “Desporto para o Desenvolvimento e a Paz”. Em conclusão, dois elementos principais podem ser identificados: 1) um grande número de projetos e programas foram desenvolvidos desde os anos 2000, principalmente na África, América Latina e Ásia, principalmente em torno do futebol (Schulenkorf et al., 2016, Svensson and Woods, 2017) e usando várias formas do uso desportivo (por exemplo, o uso do desporto), Desporto, Atividade Física, Educação Física) para alcançar o desenvolvimento ou a paz; 2) A pesquisa em PDS intensificou-se desde 2010 (Schulenkorf et al., 2016); e pode ser agrupada em quatro categorias principais de estudos: macrossociológicos, estudos de caso de campo exploratórios, avaliação gerencial e de programas, revisões de literatura.

No entanto, respondendo à pergunta “o que é o DDP?” não é fácil, dado que o campo da prática é vasto, complexo e em constante mudança. A pesquisa DDP oferece agora uma melhor compreensão do fenómeno, mas algumas questões permanecem pendentes neste momento. Em linha com os resultados dos últimos estudos actuais, propomos seis grandes áreas de trabalho para o futuro.

1) Proporcionar um espaço de reflexão (crítica vs. apoio): A investigação actual é frequentemente crítica em relação ao DDP e muito raramente apoia ou melhora a acção dos actores no terreno. No entanto, parece-nos importante reforçar o trabalho dos actores, continuando a questionar as suas acções e realizações. Neste sentido, o pesquisador deve oferecer um espaço de reflexão conjunta com os atores do campo;

2) Usar uma abordagem colaborativa ou de parceria para a pesquisa (facilitador): um dos papéis da pesquisa é ajudar a resolver os problemas dos profissionais. Especificamente no domínio do DDP, os intervenientes no terreno exprimem dificuldades e necessidades que devem ser ouvidas para a co-construção de projetos de investigação. Nesse sentido, o pesquisador deve atuar como um facilitador para apoiar e dinamizar os projetos e o trabalho dos atores enquanto continua a criticá-los no seu apoio;

3) Partindo do ângulo concreto do campo: para ser capaz de compreender as subtilidades do contexto e/ou ambiente dos atores do DDP, convidamos os in-

investigadores a estarem o mais próximo possível da realidade, e a porem os pés no chão o mais possível. Este elemento é essencial para construir uma relação de confiança com os actores para os ajudar a compreender o mais possível os seus prós e contras;

4) Procurar a interdisciplinaridade: Os temas do DDP são complexos e muitas vezes se sobrepõem ao conhecimento científico em vários campos de pesquisa (por exemplo, sociologia, psicologia, educação). Os investigadores de várias disciplinas científicas devem ser abertos e trabalhar em conjunto tanto quanto possível, a fim de terem uma compreensão o mais precisa possível, mas também a mais complexa possível, dos fenómenos que são difíceis de compreender de um único ângulo. A investigação deve proporcionar uma melhor compreensão das múltiplas questões e da complexidade das questões, problemas e realidades;

5) Propor uma investigação de melhor qualidade: parece-nos igualmente pertinente questionarmo-nos sobre a forma de realizar uma investigação de melhor qualidade em terrenos frequentemente efémeros ou instáveis, cujo acesso é considerado complexo e perigoso. Isso requer, entre outras coisas, o desenvolvimento de metodologias capazes de adaptar e responder às exigências do campo, bem como aos vários campos de investigação;

6) Esclarecer os usos do DDP: finalmente, parece-nos essencial questionar o tipo de desporto para o desenvolvimento e a paz que é utilizado nos vários contextos do DDP. Mais especificamente, é desporto de competição, educação física, actividade física, educação para a saúde ou qualquer outra forma? Sobre este tema, Hills, Gómez Velásquez e Walker (Hills et al., 2018) abriu interessantes pistas de reflexão ao apresentar o desporto mais e mais desporto (Coalter, 2009), o desporto para a inclusão social (Green, 2008), o desporto como língua universal (de Coubertin, 1894, Green, 2008), o desporto como diversão (Arnaud, 2002), como substituição ou alternativa (Bergsgard et al., 2007), como gancho (Walker et al., 2015, Walker Research Group, 2017) ou como forma de melhorar as competências para a vida (Danish and Nellen, 1997, Heere and James, 2007).

## REFERÊNCIAS

ARELLANO, A., HALSALL, T., FORNERIS, T. & GAUDET, C. 2018. Results of a utilization-focused evaluation of a Right To Play program for Indigenous youth. *Evaluation and program planning*, 66, 156-164.

ARNAUD, L. 2002. Sport as a cultural system: Sports policies and (new) ethnicities in Lyon and Birmingham. . *International Journal of Urban and Regional Research*, 26, 571-87.

ARNOLD, C. 2014. *Evaluation in Sport for Development: A Case Study of the Gansbaai Project, Football Foundation of South Africa, From A Critical Perspective*. M.A., Broke University.

BAPTISTA, C., DIAS, T., CORTE-REAL, N., DIAS, C., REGUEIRAS, L., PEREIRA, A., . & FONSECA, A. 2019. Constructing agents of change through the model of personal and social responsibility (TPSR): A study of physical education in East Timor. *International Journal of Sports Science*, 9, 8-16.

BAPTISTA, C., SANTOS, F., PEREIRA, A., CORTE-REAL, N., DIAS, C., DIAS, T., . & FONSECA, A. in press. *Formação de professores em Timor-Leste: Um modelo assente na responsabilidade pessoal e social através da educação física*. *Revista Portuguesa Ciências do Desporto*.

BERGSGARD, N. A., HOULIHAN, B., MANGSET, P., NØDLAND, S. I. & ROMMETVEDT, H. 2007. *Sport policy: A comparative analysis of stability and change*, Routledge.

BEUTLER, I. 2008. Sport serving development and peace: Achieving the goals of the United Nations through sport. *Sport in Society*, 11, 359-369.

BLACK, D. R. 2010. The ambiguities of development: implications for development through sport. *Sport in society*, 13, 121-129.

CHAWANSKY, M. & HOLMES, M. 2015. Sport, social development and peace. *Sport in Society*, 18, 752-756.

COALTER, F. 2008. *Sport-in-Development: A Monitoring and Evaluation Manual: The International Platform on Sport & Development*.

COALTER, F. 2009. *Sport-in-development: accountability or development?*. *Sport and International Development*. Macmillan UK: Palgrave.

COALTER, F. 2010. *Sport-for-development: Going beyond the boundary?* *Sport in Society*, 13, 1374-1391.

DANISH, S. J. & NELLEN, V. C. 1997. New roles for sport psychologists: Teaching life skills through sport to at-risk youth. *Quest*, 49, 100-13.

DARNELL, S. 2010. Power, politics and “sport for development and peace”: Investigating the utility of sport for international development. *Sociology of sport journal*, 27, 54-75.

DARNELL, S. 2013. *Sport for development and peace : a critical sociology*, London, Bloomsbury Academic.

DE COUBERTIN, P. 1894. Le rétablissement des Jeux olympiques. *Revue de Paris*, 15.

DÉCARPENTRIE, L. 2019. Les effets de la participation à des activités extrascolaires en contexte extrême de développement : le cas de jeunes à Madagascar. Université du Québec à Montréal, Montréal.

FALCÃO, W. R., BLOOM, G. A. & BENNIE, A. 2017. Coaches' Experiences Learning and Applying the Content of a Humanistic Coaching Workshop in Youth Sport Settings. *International Sport Coaching Journal*, 279-290.

GADAIS, T., BARDOCZ-BENCSIK, M. & FALCÃO, W. R. in press. Analyzing a SDP program's logical model with key actors' perceptions: The case of Pour

3 Points organization in Montreal.

GADAIS, T., DÉCARPENTRIE, L., AYOUB, M.-B., BARDOCZ-BENCSIK, M., ROUZAUT, M. & DALCOURT-MALENFANT, S. Understanding Sport for development and peace organisation and their context from a distance by using Actantial Model: The case of Bel Avenir (Madagascar). AIESEP, 2019 Adelphi University, NY, USA.

GADAIS, T., WEBB, A. & GARCIA, A. 2017. Using report analysis as a sport for development and peace research tool: The case of El Salvador Olimpica Municipal's programme. *Journal of Sport for Development.*, 6, 12-24.

GARDAM, K., GILES, A. R. & HAYHURST, L. M. C. 2017. Understanding the privatisation of funding for sport for development in the Northwest Territories: a Foucauldian analysis. *International Journal of Sport Policy*, 1-15.

GREEN, B. C. 2008. Sport as an agent for social and personal change. In: GIRGINOV, V. (ed.) *Management of sports development*. Oxford: : Butterworth-Heinemann.

GREIMAS, A. J. 1983. *Du sens II*. Paris: Seuil, 245.

HARTMANN, D. 2003. Theorizing sport as social intervention: A view from the grassroots. *Quest*, 55, 118-140.

HARTMANN, D. & KWAIK, C. 2011. Sport and development: An overview, critique, and reconstruction. *Journal of Sport and Social Issues*, 35, 284-305.

HEERE, B. & JAMES, J. D. 2007. Sports teams and their communities: Examining the influence of external group identities on team identity. *Journal of Sport Management*, 21, 319-37.

HELLISON, D. 2011. Teaching personal and social responsibility through physical activity Champaign, Human Kinetics.

HILLS, S., VELÁSQUEZ, A. G. & WALKER, M. 2018. Sport as an analogy to teach life skills and redefine moral values: A case study of the 'Seedbeds of Peace' sport-for-development programme in Medellín, Colombia. *Journal of Sport for Development*, 6.

INTERNATIONAL WORKING GROUP SPORT FOR DEVELOPMENT AND PEACE 2008. *Harnessing the power of sport for development and peace: recommendations to governments*. Toronto: Sport for Development and Peace International Working Group.

JONES, G. J., EDWARDS, M. B., BOCARRO, J. N., BUNDS, K. S. & SMITH, J. W. 2017. An integrative review of sport-based youth development literature. *Sport in Society*, 20, 161-179.

KAUFMAN, Z., ROSENBAUER, B. P. & MOORE, G. 2013. *Lessons learned from monitoring and evaluating sport-for-development programmes in the Caribbean*. Global Sport-for-Development. Springer.

KIDD, B. 2007. Literature reviews on Sport for development and peace. Toronto: Commissioned by SFD IWG Secretariat

KIDD, B. 2008. A new social movement: Sport for development and peace. *Sport in society*, 11, 370-380.

KIDD, B. 2013. A new social movement: Sport for development and peace. In: JACKSON, S. J. & HAIGH, S. (eds.) *Sport and Foreign Policy in a Globalizing World*. Taylor and Francis.

LEVERMORE, R. 2008. Sport a new engine of development? *Progress in development studies*, 8, 183-190.

LEVERMORE, R. 2011. Evaluating sport-for-development: approaches and critical issues. *Progress in development studies*, 11, 339-353.

LEVERMORE, R. & BEACOM, A. 2009. *Sport and international development*,

Basingstoke, UK, Palgrave Macmillan.

LYRAS, A. & WELTY-PEACHEY, J. 2011. Integrating sport-for-development theory and praxis. *Sport Management Review*, 14, 311-326.

MANDELA, N. 2000. Speech by Nelson Mandela at the Inaugural Laureus Lifetime Achievement Award. Inaugural Laureus Lifetime Achievement Award. Monaco: Monte Carlo.

OXFORD, S. 2017. The social, cultural, and historical complexities that shape and constrain (gendered) space in an SDP organisation in Colombia. *Journal of Sport for Development*, 6, 1-11.

PEACHEY, J. W., BORLAND, J., LOBPRIES, J. & COHEN, A. 2015. Managing impact: Leveraging sacred spaces and community celebration to maximize social capital at a sport-for-development event. *Sport management review* 18, 86-98.

RICHARDS, J., KAUFMAN, Z., SCHULENKORF, N., WOLFF, E., GANNETT, K., SIEFKEN, K. & RODRIGUEZ, G. 2013. Advancing the evidence base of sport for development: a new open-access, peer-reviewed journal. *Journal of sport for development*, 1, 1-3.

SCHULENKORF, N. 2017. Managing sport-for-development: Reflections and outlook. *Sport Management Review* 20, 243-251.

SCHULENKORF, N. & ADAIR, D. 2014. *Global sport-for-development : critical perspectives*, New York, Palgrave Macmillan.

SCHULENKORF, N., SHERRY, E. & ROWE, K. 2016. Sport for Development: An Integrated Literature Review. *Journal of Sport Management*, 30.

SIMARD, S. 2013. Le développement positif des jeunes en contexte sportif parascolaire : évaluation du programme d'intervention psychosociale Bien dans mes Baskets. Ph.D, Université de Montréal.



SVENSSON, P. & WOODS, H. 2017. A systematic overview of sport for development and peace organisations. *Journal of Sport for Development*, 5, 36-48.

UN INTER-AGENCY TASK FORCE ON SPORT FOR DEVELOPMENT AND PEACE 2003. *Sport as a Tool for Development and Peace - the United Nations*.

UNESCO. 2016. *Sport for development and peace* [Online]. Available: <http://www.unesco.org/new/en/social-and-human-sciences/themes/physical-education-and-sport/sport-for-peace-and-development/> [Accessed].

UNITED NATIONS OFFICE ON SPORT FOR DEVELOPMENT AND PEACE 2017. *Sport and Sustainable Development Goals*.

WALKER, M., HILLS, S. & HEERE, B. 2015. Evaluating a socially responsible employment program: Beneficiary impacts and stakeholder perceptions. *Journal of Business Ethics*, 1-8.

WALKER RESEARCH GROUP. 2017. *The Role of Boxing in Development* [Online]. Available: <http://www.abae.co.uk/aba/index.cfm/news/new-research-in-hackney-and-liverpool-details-how-and-why-boxing-combats-anti-social-behaviour-in-deprived-communities/> [Accessed].

WEBB, A. J. & RICHELIEU, A. 2015. Sport for development and peace snakes and ladders. *Qualitative Market Research*, 18, 278-297.

WHITLEY, M. A., FARRELL, K., WOLFF, E. A. & HILLYER, S. J. 2019. Sport for development and peace: Surveying actors in the field. *Journal of Sport for Development*, 7, 1-15.

YOUNG, K. & OKADA, C. 2014. Introduction: Sport, social development and peace: Acknowledging potential, respecting balance. *Research in the Sociology of Sport*. Emerald Group Publishing Ltd.

## Sobre os Autores

### **Arnošt Svoboda**

Arnošt Svoboda is an Assistant Professor at the Department of Social Sciences in Kinanthropology, Faculty of Physical Culture, Palacký University Olomouc, Czech Republic. He teaches courses in general sociology, sociology of leisure and sociology of sport together with the methodology of social research. His current research focuses on relations and differences between mainstream and lifestyle sports and sporting subcultures, and application of sociological theory on the field of sport.

### **Artur Goulart Berger**

Possui graduação em Educação Física Bacharelado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2019) e graduação em Educação Física Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2014).

### **Bernardo Borges Buarque de Hollanda**

Ph.D (2008) in Social History of Culture from the Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio de Janeiro). Post-doctoral degree from the Maison des sciences de l'homme de Paris (Bourse Hermès-2009) and from the University of Birmingham (Rutherford Fellowship – 2018).

### **Billy Graeff**

Billy Graeff is Lecturer at the Federal University of Rio Grande in Brazil, where he teaches courses on the sociology of sports and Olympic studies. He is part of the International Sociology of Sport Association (ISSA), the International Olympic

**Bruno Pedroso**

Doutor em Educação Física. Docente do Departamento de Educação Física e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa-PR.

**Camila Lopes de Carvalho**

Doutora em Educação Física (Atividade Física Adaptada), pela Universidade Estadual de Campinas. Pesquisadora de temáticas concernentes à Educação e à Educação Física, em relação com a pessoa com deficiência e o contexto inclusivo”

**César Teixeira Castilho**

Professor Adjunto A da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais (FCMMG) e da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG); Professor Visitante da *Université de Paris-Sud (Paris 11)* - França, no Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em *Management du Sport: Politiques Publiques et Stratégies des Organisations*.

**Ceu Baptista**

Universidade do Porto, Portugal

**Diego Monteiro Gutierrez**

Doutorando da Faculdade de Educação Física da Unicamp

**Fernando Toledo**

Bachelor of Arts in Modern Languages (Portuguese/German) and Master of Arts in Translation Studies at the University of São Paulo (USP, Brazil). Currently PhD candidate in German Studies at the Technical University of Dortmund (Germany).

**Gustavo Luis Gutierrez**

Professor Titular da Unicamp.

**Jano Sobottka**

PhD candidate and research assistant at the Technical University of Dortmund (Germany) with focus on Literature Studies.

**Jorge Knijnik**

Professor Associado na Western Sydney University (Austrália), onde é pesquisador do Institute for Culture and Society e Vice-Diretor do Centre for Educational Research. Recentemente publicou *The World Cup Chronicles: 31 days that rocked Brazil* (Fair Play) e *Gênero e Esporte: masculinidades e feminilidades* (Apicuri). J.knijnik@westernsydney.edu.au @JorgeKni

**José Roberto Herrera Cantorani**

Doutor em Educação Física. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo. Registro-SP.

**Leandro Martinez Vargas**

Doutor em Educação Física. Docente do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa-PR.

**Marco Bettine**

Professor Associado da Universidade de São Paulo. Pesquisador do Instituto de Estudos Avançados.

**Marina Brasiliano Salerno**

Professora Adjunto da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

**Myungsun Lee**

University of Korea, Lecturer in Communication and Mass Media.  
Kwangwon National University, Lecturer in Media and Communication.  
Thesis Title: “Global Sport, Nationalism and National Identity Construction:  
The case of Naturalised Chinese Table Tennis Players in South Korea.

**Paulo Ferreira de Araújo**

Professor Titular FEF/ Unicamp. Doutorado em Educação Física, Professor Permanente junto ao Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado). Atualmente é diretor de Relações institucionais da Fundação da Unicamp.-FUNCAMP.

**Renan Petersen-Wagner**

Renan Petersen-Wagner is a Senior Lecturer in Sport Business and Marketing at Leeds Beckett University. Previously, he was a Lecturer in Sport Management at Coventry University (2014– 2016). of Sport.

**Renato Francisco Rodrigues Marques**

Senior lecturer of the School of Physical Education and Sport of Ribeirão Preto – University of São Paulo, Brazil. General Secretary of The Latin American Association for the Sociocultural Studies of Sport – ALESDE. Coordinator of the Research and Study Group on Sociocultural and Pedagogical Aspects of Sport – GEPESPE-RP.

**Riller Silva Reverdito**

Docente da Faculdade de Ciências da Saúde (FACIS) e do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) e do Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGEF/UFMT).

**Roberto Rodrigues Paes**

Professor Titular da Unicamp

**Rohini Balram**

PhD student at Western Sydney University

**Tegwen Gadais**

Université du Québec à Montréal, Canada

**Thaiane Moleta Vargas**

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa-PR.

**Thiago José Leonardi**

Professor Adjunto da Escola Superior de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID), atuando nos cursos de licenciatura e bacharelado em Educação Física e no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

**Wanderley Marchi Júnior**

Professor Titular da Universidade Federal do Paraná. Atua nos programas de Pós-graduação, nível de Mestrado e Doutorado, respectivamente nos departamentos de Educação Física e de Ciências Sociais da Universidade Federal do Paraná. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq e pesquisador do Projeto Inteligência Esportiva/UFPR/Ministério do Esporte no Brasil.

Título	Esporte e sociedade: um olhar a partir da globalização
Coordenação	Marco Bettine
Projeto gráfico e capa	Clara Borges
Diagramação	Clara Borges
Revisão de Textos	Marco Bettine
Formato	E-BOOK
Número de páginas	276

